

O' nã, afundat o chepe
na l' venat em
cuzinheira...

En folles' an' den subject;
 I'm sure the same pleases
 to C. J. Allen.
 An, please to be
 the, in the, in the, in the
 I am, in the, in the, in the
 I am, in the, in the, in the

Prunella ² ~~from~~ from ~~the~~ and ~~Antony~~

Onésimo Almeida

Paulo de Medeiros

Jerónimo Pizarro

Table of Contents

Número 3, primavera de 2013

Issue 3, Spring 2013

Raul Leal e Fernando Pessoa

Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino1

[Raul Leal and Fernando Pessoa

A diabolically divine sublimated furor]

Rui Lopo

Pessoa vienés28

[Pessoa vienense]

[Viennese Pessoa]

Jordi Cerdà

Mar Salgado: Fernando Pessoa perante uma acusação de plágio.....46

[*Mar Salgado*: Fernando Pessoa facing an accusation of plagiarism]

José Barreto

Inéditos de Raul Leal56

[Unpublished texts by Raul Leal]

Rui Lopo

Oscar Wilde, Educação e Teoria Aristocrática:

Um texto que era três — adenda91

[Oscar Wilde, Education and Aristocratic Theory:

Three texts in one — an addendum]

Jorge Uribe

O Núcleo de Acção Nacional em dois escritos

desconhecidos de Fernando Pessoa.....97

[The *Núcleo de Acção Nacional* in two

unknown texts by Fernando Pessoa]

José Barreto

First International Symposium on Fernando Pessoa

Seven unpublished letters by Jorge de Sena.....113

[O primeiro “Simpósio Internacional sobre Fernando Pessoa”

Sete cartas inéditas de Jorge de Sena]

George Monteiro

A Ternura Lusitana ou a Alma da Raça	141
[<i>A Ternura Lusitana or a Alma da Raça</i>]	
Pauly Ellen Bothe	
 Presence of Islamic philosophy in unpublished writings by the young Fernando Pessoa	151
[Presença da filosofia islâmica em escritos inéditos pelo jovem Fernando Pessoa]	
Fabrizio Boscaglia	
 Paixões Pessoaanas	191
[Pessoan Passions]	
Onésimo Teotónio Almeida	
 Fernando Pessoa, “Poeta e Pensador”	193
[Fernando Pessoa, “Poet and Thinker”]	
Antonio Cardiello	
 O mito sebastianista revisitado.....	195
[The Sebastianist myth revisited]	
Miguel Real	

Raul Leal e Fernando Pessoa

Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino

Rui Lopo^{*}

Palavras-chave

Raul Leal, Fernando Pessoa, Vertiginismo, Vanguardas, Modernismos.

Resumo

Raul Leal (1886-1964), publicista, crítico musical e de artes plásticas, criador de obra filosófica original, poeta e dramaturgo é também autor de extensa obra dispersa sobre Fernando Pessoa, seu amigo e colaborador em diversas revistas e projectos culturais do chamado modernismo português (como *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Presença*, etc.). Para além de se assinalar a convergência de preocupações filosóficas e intelectuais entre os dois autores, mesmo antes de estes iniciarem a sua colaboração efectiva (e até antes de se conhecerem), este trabalho procura resumir o encontro entre os percursos dos dois autores, procedendo ao levantamento de referências a Leal que constam da obra de Pessoa (editada ou não em vida), assim como do considerável acervo de textos de Leal dedicados a Pessoa, especialmente após 1935 (visando a publicação nunca efectuada de uma ambiciosa obra).

Keywords

Raul Leal, Fernando Pessoa, *Vertiginismo*, Avant-gardes, Modernisms.

Abstract

Raul Leal (1886-1964) was a novelist, music and fine arts critic, author of an original philosophical work, poet and theatre author. Leal wrote also a great amount of essays about Fernando Pessoa, his friend and colleague in various magazines and cultural projects of the Portuguese Modernism (as *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Presença*, etc.). Besides pointing the convergence of intellectual and philosophical concerns between the two authors, even before they started to work together (and even before they met), this paper attempts to summarize the meeting between the paths of the two authors, proceeding to the survey of references to Leal in Pessoa's work (regardless edited or not in his life) as well as the considerable number of texts by Leal devoted to Pessoa, especially after 1935 (with the aim of publishing an ambitious essay about Pessoa, project that never succeed).

^{*} Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

É muita pena que o rapazinho seja um pouco Orpheu de mais.

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa,
Carta de 5-11-1915

E a pura Vertigem do Universo, do Espírito, cheia de ânsia, cheia de dor, quero que se personalize em mim.

Raul Leal, *O Incompreendido*

Tenho firme esperança que conseguiremos quebrar a conspiração de silêncio à volta de uma obra, como a sua, que tem sido como que o ignoto e invisível inspirador do que de mais audacioso se tem pensado entre nós.

Jorge de Sena a Raul Leal,
Carta de 23-7-57

I.

Este trabalho¹ tem como objectivo assinalar a necessidade de se vir a estudar exaustivamente a actuação e a obra de Raul Leal (1886-1964), autor insuficientemente atendido,² que acompanha Fernando Pessoa em diversos projectos comuns, com ele partilhando bem mais do que à primeira vista pode parecer, e que consideramos revestir-se de importância bem superior ao estatuto de mero personagem secundária do teatro de Orpheu que habitualmente lhe é concedido.³

¹ Actualizou-se a ortografia dos textos citados, com excepção da palavra *Orpheu*, por ser esse o título da publicação à data. Indicaram-se as cotas dos textos de Pessoa citados, sempre que tal foi possível. O subtítulo deste trabalho é uma citação da dedicatória manuscrita aposta por Raul Leal ao exemplar de *Sindicalismo Personalista* (Lisboa: Verbo, 1960) oferecido a Álvaro Ribeiro, que se encontra no fundo geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota S.A. 37551 P.

² Sobre Raul Leal constata José Augusto França possuir ele “um pensamento inspirado que se conhece ainda insuficientemente”. Sobre a abordagem lealina ao pensamento pessoano, diz-nos França, que, mais do que esclarecer o pensamento de Pessoa, ela é responsável por “um discurso paralelo, numa média de convergências e de divergências registável na mesma geração do primeiro modernismo nacional, considerado nas suas duas personagens mais ‘vertiginosamente astrais’” (França, 1987: 75).

³ Este trabalho só foi possível graças ao esforço divulgativo pioneiro de Pinharanda Gomes, que coligiu postumamente alguns textos de Leal como “O Sentido Esotérico da História” (1970) e “Sobre os problemas do desporto” (1970), e que tem sido responsável por diversos estudos sobre o autor de *Liberdade Transcendente*, dos quais destacamos o mais recente: “Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta” (2000). Neste estudo, o autor, de certa forma, sintetiza os seus ensaios anteriores em torno de Leal; cf., por exemplo, Gomes (1964, 1965, 1966a, 1966b, 1971 e 1972). Este trabalho é ainda devedor da publicação de várias peças da polémica em torno da *Sodoma Divinizada* por Aníbal Fernandes (edição Hiena, 1989; reed. Babel, 2011), assim como dos reparos e acrescentos a essa recolha feitos por José Barreto (2012). Queremos ainda expressar o nosso agradecimento a Joaquim Domingues, que estabeleceu uma bibliografia lealina bastante exaustiva (ampliando a anterior, da lavra de Pinharanda Gomes, inserta na sua obra *Filologia e Filosofia*, 1966) e que gentilmente nos

O que a seguir se apresenta é uma amostra de textos e um périplo pelos lugares que marcam, assinalam e constituem a ligação entre Pessoa e Leal. Pretendemos com isso não só dar conta da importância de Raul Leal no contexto do modernismo português, mas também alertar para a conveniência metodológica de estudar não só as obras de cada autor, mas também as intervenções de personalidades próximas – ainda que tidas por menores – nos movimentos em que se inserem, assim como as relações que entre si estabelecem, fazendo ressaltar as constelações que entre si estabelecem.

Iremos tentar estabelecer, desta forma breve e esquemática, um esboço bibliográfico de Raul Leal, em clave meramente indicativa e intenção antológica, não só apontando os seus contributos próprios e originais mais relevantes, mas sobretudo destacando os diversos momentos de encontro efectivo ou indirecto, biográfico ou hermenêutico, com Fernando Pessoa. Dado o peculiar estilo do autor, o seu generalizado desconhecimento⁴ e a difícil acessibilidade de muitos dos seus textos aqui referidos, optámos por citá-lo abundantemente, de forma a apresentá-lo na espessura da sua própria escrita. Registamos o facto de Leal se encontrar presente, como colaborador assíduo ou apenas ocasional, como poeta ou doutrinador, em diversas vanguardas estéticas e culturais do século XX português, do modernismo ao futurismo e ao chamado segundo modernismo, ao assim designado grupo *da filosofia portuguesa*,⁵ sendo ainda conhecido o seu intenso

facultou esse trabalho. Actualmente preparamos uma antologia de textos de Raul Leal referentes a Fernando Pessoa, de que este estudo constitui esboçada expressão.

⁴ Desconhecimento este que o autor presume ser devido a uma *incompreensão* e um esquecimento deliberados por parte da crítica. Já no fim da sua vida, em 1961, resumirá: “escreveram, há pouco, que os únicos sobreviventes de *Orfeu* são Almada Negreiros, Cortes Rodrigues e Alfredo Guisado, tendo eu, pois, sido acintosamente eliminado, como se já não vivesse ou nunca tivesse colaborado nessa revista, aleivosia que, aliás, nada me importa, visto que não é apoiado à muleta de *Orfeu* que pretendo alcançar a imortalidade, como parece insinuar o Prof. Prado Coelho, mas tão-sòmente pelo meu próprio valor pessoal, enfim, pelas minhas criações, o que não impediu que, após a morte trágica do Mário de Sá Carneiro, me tornasse eu o maior amigo de Fernando Pessoa, conforme tantas vezes me mostrou e principalmente pelo *manifesto* que publicou em *minha defesa e consagração*. Dessa verdade ninguém pode desmentir-me!” (Leal, 1970b: 43).

⁵ Essa colaboração está atestada pelo convívio com os membros do grupo filosófico, conforme o testemunho de Pinharanda Gomes. A este respeito lembremos a correspondência trocada entre Álvaro Ribeiro e Raul Leal (depositada na Biblioteca Nacional de Portugal, espólio 6) onde se encontram significativas referências a Pessoa por parte do autor de *Razão Animada*. Veja-se por exemplo a carta de 30 de Abril de 1955, onde Álvaro Ribeiro elogia Leal pelo seu contributo para uma renovação do paracletismo, do profetismo e do messianismo, temas caros ao seu próprio ideário, aproximando assim Leal do chamado *movimento da filosofia portuguesa*: “V. Excia muito tem contribuído para esse efeito, auxiliando e depois continuando os movimentos em que esteve interessado Fernando Pessoa. A sua visão mais alta torna-lhe difícil a expressão e a popularidade. No entanto, creia que as gerações mais novas, quer dizer, o escol das pessoas que nasceram já no segundo quartel do século XX, os homens que hoje contam de vinte e cinco a trinta anos, admiram em V. Excia a personalidade superior que não poderia ser reconhecida no tempo em que dominava o positivismo. Dos que foram educados pela Monarquia Positivista ou pela República Positivista,

convívio com o grupo surrealista de Lisboa, atestado pelo testemunho de Mário Cesariny (que lhe dedica o trabalho poético que apresentamos, a título meramente ilustrativo, como anexo a este trabalho) ou Luiz Pacheco (que reedita a *Sodoma Divinizada*, na sua editora Contraponto).

Procuraremos assim resumir o diálogo vivencial, cultural e filosófico travado entre Leal e Pessoa, anotando as diversas referências explícitas que um ao outro foram fazendo ao longo das suas vastas obras, ambas em grande parte padecentes de grande dispersão e, no caso de Leal, de uma muito limitada fortuna editorial.⁶

II.

Raul Leal nasce em 1 de Setembro de 1886, tem formação musical e frequenta a Universidade de Coimbra onde se forma como advogado em 1909, exercendo apenas durante poucos anos. Em 1910⁷ vai publicando diversos artigos de crítica musical, num dos quais, dedicado a Schumann, começa a expor a sua mundividência filosófica, o *Vertiginismo*.

Raul Leal logra publicar a sua obra especulativa maior, *A Liberdade Transcendente*, em Lisboa, em 1913, ano em que ainda não podemos provar que Leal e Pessoa já se conhecessem pessoalmente.⁸ Ora, esta obra é dada à estampa significativamente na mesma editora que irá encomendar a Pessoa as suas seis traduções teosóficas entre 1915-1916.⁹ Há nesta obra especulativa seminal uma

não estranhe V. Excia a incompreensão e a ingratidão. Espere e confie nos mais novos”. O reconhecimento de Raul Leal pelos membros do *movimento da filosofia portuguesa* manifesta-se ainda nas preciosas referências que lhe são feitas por outros autores deste círculo como Santana Dionísio e António Quadros e pelos diversos artigos que Pinharanda Gomes lhe dedicou.

⁶ Além de a obra lealiana se encontrar amplamente dispersa por publicações periódicas, importaria ainda estudar a sua obra inédita em arquivos particulares e públicos, que presumimos de grande quantidade, assim como a sua correspondência, cujos ricos trechos aqui recolhidos fazem entrever a existência de um muito vasto acervo de grande importância documental e valia histórico-cultural.

⁷ É deste ano também a publicação de uma conferência dada por Leal: “A Situação do estudante em Portugal”, conferência preparatória do Grande Congresso Nacional, realizado na “Liga Naval Portuguesa”, em 23 de Março de 1910, para apresentação do relatório da “Sociedade Científica de Lisboa”. É ainda de 1910 a redacção da peça de teatro “O Incompreendido”, que todavia só será publicada nas páginas da revista *O Tempo Presente* nos anos 60. Sobre esta peça leia-se de Márcia Seabra Neves (2009), “O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 actos e quatro quadros)”.

⁸ Saiu como introdução ao livro do divulgador da teosofia João Antunes, *A Hipnologia Transcendental*, pp. 9-132, num só volume e em separata (Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1913, Colecção “Psicologia Experimental”, III).

⁹ As traduções para a Livraria Clássica Editora, na sua colecção “Teosófica e Esotérica”, foram as seguintes: vol. I, C.W. Leadbeater, *Compêndio de Teosofia*, Lisboa, 1915; vol. II, Annie Besant, *Os Ideais da Teosofia*, Lisboa, 1915; vol III C.W. Leadbeater, *Auxiliares invisíveis*, Lisboa, 1916 [2.ª ed., 1921]; vol. IV, C.W. Leadbeater, *A Clarividência*, Lisboa, 1916; vol. V, *A Voz do Silêncio e outros fragmentos extraídos dos preceitos áureos*, ed. inglesa e notas de Helena Blavatsky, Lisboa, 1916; vol. VIII, M.C., *Luz sobre o Caminho e o Karma*, Lisboa, 1916.

reflexão sobre o que chama *sensacionismo* ou *sensualismo antigo*, definido como uma espécie de objectivismo rude, ainda falho daquilo que seria a contemporânea consciência da identidade *labiríntica* dos planos subjectivo e objectivo e da importância do vago, da divagação e da indefinição, conceitos cruciais do movimento reflexivo *vertiginista* proposto por Raul Leal, de indistinção de todas as definições e alargamento de todas as possibilidades cognitivas e existenciais:

Os velhos sensualistas ou sensacionistas procuravam sair dessa objectivação definida mas muito imperfeitamente o conseguiam, nunca deixando um definismo real em todas as suas concepções e em todos os fictícios objectos delas que nelas se não transcendentalizavam, espiritualizando-as bem. Limitavam-se a considerar impressões próprias, os objectos do exterior como os fenómenos do seu eu e não se introduziam nessas impressões num estudo profundamente analítico, numa verdadeira especulação. Eram vagas, superficiais as suas afirmações, nunca salientando bem numa escarpelização rigorosa a verdade que elas no fundo continham; nunca reduziam a axiomas, em si evidentes, as suas concepções, que eram impostas numa demonstração fria e lenta em que as ideias não surgiam numa continuidade íntima, essencial, delas transcendentalizadora, na continuidade perfeita da pura divagação.

(Leal, 1913: 13-14)

Esta obra de Leal, a mais extensa e ambiciosa da sua produção especulativa em livro, aguarda ainda pelo cuidado hermenêutico que, vencido o desafio do seu peculiar estilo *labiríntico* e da sua desconcertante e rebarbativa sintaxe, lhe reconheça, por um lado, a originalidade filosófica devida e, por outro, dê conta de como nela constam algumas das grandes preocupações filosóficas assumidas por Fernando Pessoa. Nesta obra encontramos ainda a assunção de uma espécie de messianismo artístico e filosófico, de consequências escatológicas todavia insuficientemente explicitadas, profetizando-se a vinda iminente de uma figura redentora designada como o *Hiperesteta*, por si preparado (numa hiperbólica e teatral assunção da sua importância pessoal, que sempre o acompanhará), propondo por intermédio dos:

[...] portugueses mais espiritualistas, elevar assim todo o Homem ao Transcendental Vertigico, à Vertigem Pura, é o destino sublime que a mim próprio impus!... E assim, prepararei o advento do Hiperesteta que a convulsão Pura, Abstracta, Transcendente se sentirá, sentindo-se então a Vertigem, prepararei enfim, a mais sublime morte para a Humanidade, a Morte transcendentemente Vertigica, preparando-a então, para mim!... O génio de Kant e Nietzsche transcendentalizado pelo espírito de Schumann elevado à Liberdade Pura dos portugueses animará o Futuro que se há-de abrir para a Humanidade!...

(Leal, 1913: 130)

Não podemos deixar de assinalar a coincidência temporal do anúncio lealino do *Hiper-Esteta* com o augúrio do *Super-Camões*, por parte de Fernando Pessoa, nos seus primeiros artigos publicados nas páginas de *A Águia* sobre a *Nova*

Poesia Portuguesa. Está ainda nesta obra apenas a florado o luso-centrismo que caracterizará o pensamento lealino mais tardio (de elogio das características fusionistas que estariam impressas no *carácter psico-étnico português*) – postura essa todavia de dentro contradita e implodida pelo próprio cerne especulativo do vertiginismo, como se verá –, embora seja já nítida a intencionalidade programática de *fusão* e hibridação de todas as ideologias e perspectivas filosóficas.

Apesar de, no decurso desta investigação, repita-se, não se terem encontrado registos de contacto entre os dois jovens autores antes de 1914, julgamos necessário confrontar os escritos teóricos e poéticos pessoanos dos primeiros anos com a proposta especulativa lealina. Desse cotejo muitas preocupações afins, paralelas ou convergentes se poderão encontrar.

Não deixa de ser digno de registo que seja Leonardo Coimbra ([1913] 2005), dirigente da *Renascença Portuguesa* e da revista *Águia*, o criador do *criacionismo* e autor de uma proposta de alargamento das possibilidades da filosofia, através da inspiração poética, a criticar violentamente Raul Leal, neste mesmo ano de 1913, na revista *Águia*, onde Pessoa colaborava e da qual se viria a afastar. As objecções da crítica de Leonardo Coimbra parecem centrar-se não só no estilo obscuro de Leal, mas sobretudo na sua pretensão megalómana de sintetizar e superar toda a tradição filosófica.

Sobre o problemático conceito de *filosofia* nas obras *teóricas* de Fernando Pessoa ou Raul Leal, que mereceria tratamento específico, constataremos aqui apenas a necessidade de se convocarem conceitos filosóficos não só para interpretar, mas até para integrar estas obras na história da cultura e atentemos igualmente no facto de os interesses culturais – e a própria inspiração – destes autores incidirem, para além do património ficcional e poético humano, e da teoria e estética da literatura, nas ciências humanas emergentes (sociologia, psicologia-psiquiatria, estudos de simbólica), no(s) esoterismo(s) e no fenómeno religioso em geral, (encarado, todavia, a partir de uma posição exterior às grandes religiões organizadas). Para além disso, estes autores tiveram também uma formação filosófica em sentido estrito que se manifesta nas suas obras (em notas de leitura ou reflexões fragmentárias mais desenvolvidas, em Pessoa; e em bizarras construções teóricas, publicadas em livro ou dispersas, no caso de Leal). A par destes dados contextuais e complexificadores, lembremos ainda que por estes anos se travou uma importante discussão sobre a relação entre poesia e filosofia para a qual contribuem autores tão diversificados como Teixeira de Pascoaes, António Sérgio e Leonardo Coimbra e, mais tarde, José Marinho e Álvaro Ribeiro.¹⁰

¹⁰ Veja-se o seguinte trecho de uma carta de Raul Leal a Adolfo Casais Monteiro, de 24 de Março de 1936, em que esta questão é especificamente tematizada: “No seu livro crítico mostra um fino espírito analítico e concordo absolutamente consigo quando caracteriza a poesia moderna como acentuadamente *subjectivista*, ao contrário da antiga. Hoje todo o mundo exterior passa pela alma que lhe dá o seu influxo particular e o seu colorido íntimo, não passando apenas, por assim dizer, à flor da pele como outrora. E isto é sobretudo verdadeiro no que respeita à poesia portuguesa, a

Assumindo pretender lançar um livro de filosofia, Leal afirma todavia que de “obras literárias poderá surgir o sublimismo da Vertigem melhor do que do mais perfeito tratado de filosofia” (Leal, 1913: 132).

Leal não dilata apenas os limites da discursividade filosófica, alargando e ampliando as possibilidades semânticas dos conceitos (o que coincidiria com o repúdio leonardino do *cousismo*, atitude que consistiria numa definição tão rigorosa que unívoca, tão fixadora que literalmente estática). O projecto aqui enunciado faz explodir completamente as palavras em convulsões de significação, transpondo para o campo da intencionalidade filosófica e do seu registo conceptual algo que correspondia então a alguma prática poética experimental de vanguarda. Leal assume-se como sujeito – porque ponto culminante – da expressão da totalidade (como conceito e experiência) almejada pela história da controvérsia filosófica de todos os tempos, afinal denunciada como conjunto de concepções *fictícias* estabelecidas por pensadores *fictícios*. Esta mesma denúncia também se revestirá, lógica, mas paradoxalmente, de um carácter *fictício*, pelo que neste texto que se pretende *filosófico* se afirma que a literatura poderá dizer melhor que a filosofia a noção de indefinição do mundo exterior e interior e o esmagamento provocado pela experiência disso mesmo.

Data de 1915 a participação de Raul Leal em *Orpheu*, n.º 2, com “Atelier. Novela Vertígica” (de tom simbolista). Também em 1915 publica o *Bando Sinistro*, manifesto político-literário e, em 1920, já assinando com o nome de Henoch¹¹, edita

partir de Antero que viveu emotivamente com toda a substância do eu o que os outros apenas profundamente pensavam. E por isso discordo no ponto em que levemente ataca a poesia filosófica, metafísica. Que obras poéticas tão grandes se têm feito com o pensamento filosófico! Os diálogos de Platão, repletos de emoção poética, os versos metafísicos e ocultos de Pitágoras, o justamente célebre poema didáctico de Lucrecio, *De rerum natura*, contém toda uma filosofia, enfim, Novalis, Antero, Pascoaes, Fernando Pessoa, nas suas melhores obras, e creio que eu! O que é necessário é viver com íntima emoção os mais altos pensamentos filosóficos, e hoje, mais do que nunca, isto se torna possível, mais do que possível, inevitável. O próprio José Régio, o próprio Adolfo Casais Monteiro que não admitem em teoria a aproximação da filosofia e da poesia, em muitos, em quase todos os seus poemas fazem não obstante verdadeira filosofia. E é insuflada por esta que a poesia se torna grandiosa, divina, sem se tornar inumana” (editado por França, 1987: 79).

¹¹ O profeta bíblico Henoch é apresentado como bisavô de Noé (*Génese* 5: 18-29). De acordo com a tradição presente em S. Paulo (*Hebreus*, 11: 5), Henoch teria sido “levado” por Deus, assim escapando à morte. Há uma escritura apócrifa que lhe é dedicada, a qual é muito comentada pela tradição cabalística. Segundo Helena Blavatsky (leitura muito provável de Leal), Henoch ou Henoichion significa “olho interno ou profeta”, pelo que “qualquer Profeta ou Adepto pode ser chamado Henoichion sem se tornar um pseudo-Henoch”. Julgamos não ser de todo despropositado pensar que Leal poderia ter em mente este passo blavatskyano quando assumiu este *pseudónimo* bíblico. Este nome dá conta não só de uma visão de si como profeta, no que o podemos aproximar de alguns passos de Pessoa, e do cultivo do esoterismo, mas também de um significativo gosto pela despersonalização. Para uma explicação mais desenvolvida deste nome, veja-se o nosso estudo, (in Xavier [coord.], 2008: 1043-1052, *esp.* p. 1044, nota 5).

Le Dernier Testament – I. Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit. Hymne-Poème sacré, também em Lisboa. Pessoa teve seguramente conhecimento destes textos.¹²

Neste ponto há a assinalar a polémica travada ao tempo nalguma imprensa republicana em torno de *Orpheu*, estimulando a quezília política entre os membros de um grupo que se assumia fundamentalmente como artístico. Raul Leal irá anos mais tarde recordar esta polémica relativa ao carácter republicano ou monárquico da revista do seguinte modo:

O que é uma refinadíssima mentira é que *Orfeu* tivesse sido uma revista republicana, conforme inventaram os senhores da *República*. Tratava-se de uma revista de arte e não política. Aliás, não só eu e Guilherme Santa Rita éramos monárquicos confessos (creio que também Sá Carneiro), mas igualmente o Fernando fez uma verdadeira ode a Sidónio-Rei e escreveu uma carta-blague contra Afonso Costa, a par do meu manifesto *O Bando Sinistro*, como complemento deste, enviando-a para o diário *Capital*, o que levou Guisado a desligar-se até de *Orfeu*. São esses os factos e muitos mais, nesta ordem de ideias, que eu podia citar, não valendo, porém, a pena).

(Leal, 1970b: 43)

O contacto de Leal com Pessoa foi, por estes anos, bastante intenso.¹³ Assistimos ao convívio dos dois atestado por referências feitas por Pessoa nos seus diários (no caderno «X», de Dezembro de 1915 consta até um mapa astrológico de Raul Leal),¹⁴ mas também os encontramos juntos nas revistas literárias que nos habituámos a associar ao modernismo, considerando-as até como seus órgãos. Por

¹² Veja-se o excerto de um texto intitulado *Bandarra: Curioso caso interpretativo* (R[aul] L[eal]): “considerar o Império do Espírito Santo como o da Morte, e seguido ao do AntiChristo, que por sua vez [se] segue ao do Verbo. Isto acomoda-se ao que vai dito, sobretudo se se reparar na palavra ‘morte’” (Fernando Pessoa, *Sebastianismo e Quinto Império*, 2011: 233; cota 125B-39^r). No acervo remanescente da biblioteca particular do escritor, hoje à guarda da Casa Fernando Pessoa, encontra-se um exemplar de *A Liberdade Transcendente* (bastante sublinhado e que tem a peculiaridade de apresentar a *lista de obras* do autor rasurada e corrigida, substituída por outra no verso dessa página), que traz a seguinte dedicatória autógrafa de Leal: “Ao Fernando Pessoa, Espírito cheio de Beleza, of[erece] êste livro | Raul Leal | para lhe provar uma grande simpatia”. Já no exemplar de *L’Antéchrist et La Gloire du Saint-Esprit* pode ler-se: “Ao meu querido Fernando Pessoa, para o seu Espírito Altíssimo de Pensador e Artista. | Raul Leal”. Já em *Sodoma Divinizada* constam as seguintes palavras: “Ao meu querido Fernando Pessoa, para o seu génio quasi divino”. Nenhuma das dedicatórias se encontra datada.

¹³ Para uma aprofundada e detida panorâmica contextual do que foi a campanha de alguma imprensa republicana contra *Orpheu*, e das consequências que isso veio a ter no grupo, como o citado excerto alude, veja-se a obra de Nuno Júdice (1986), *A Era do «Orpheu»*. Vejam-se também os anexos finais de *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009).

¹⁴ Na entrada do seu diário de 16 de Novembro de 1915, Pessoa regista a recepção das provas da sua tradução de *Ideals of Theosophy* e um encontro com Raul Leal: “Read Caeiro and R. Reis to Raul Leal: he seemed to like very much and understand: so good moments.” No mesmo mês, a dia 29: “Met Leal and was glad”. Excertos incluídos em *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003: 163 e 168). Também em *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009)

exemplo, na *Centauro*, em 1916, Leal publica o texto literário “A aventura dum Satyro ou a morte de Adónis”.¹⁵

Atestando este contacto próximo encontramos um esboço de *Manifesto*, redigido por Fernando Pessoa numa folha¹⁶ em que constam também os nomes de Raul Leal e Violante de Cysneiros (pseudónimo de Côrtes Rodrigues).¹⁷ Ora, apesar do estilo fluido e articulado, pouco habitual em Leal, o que aqui surge expresso coincide sintética e resumidamente com as teses especulativas fundamentais surgidas em *A Liberdade Transcendente*, tematizando a modernidade como época da (re)descoberta ontológica do sujeito, da conformidade da matéria e espírito, da visão da verdade em Arte associada a uma palingenesia, da Vertigem como conceito central superador da noção de espírito:

Antigamente os homens não tinham perfeita consciência de si-próprios. Só modernamente é que isso acontece. Só modernamente, portanto, pode haver uma arte verdadeira.

Antigamente existia mais o mundo exterior que o interior, que, hoje, desde Kant, reconhecemos como o único real. A arte grega é toda falsa.

Mediante as velocidades e as complicações materiais criadas pelos produtos da ciência, conseguimos que a Matéria nos fizesse compenetrados da vertigem, do Espírito, da actividade espiritual.

Pela Máquina, pela Ciência, a Matéria espiritualizou-se, porque a ciência é a espiritualização da Matéria, a imposição a ela, do Espírito. Por isso só modernamente começa a perfeita conformidade da Matéria com o Espírito, a Idade de Úrano que vai raiar.

(Pessoa, 2009: 130-131; cota 75-89)

Ainda em 1916, em carta a Cortes Rodrigues, Pessoa, respondendo ao pedido do seu amigo, promete que lhe tentará arranjar um volume de *A Liberdade Transcendente*, de Raul Leal. Como aquele lhe pedisse novas do amigo comum, Pessoa comunica-lhe que Leal estaria em Espanha¹⁸ em muito mau estado mental (tentou alegadamente suicidar-se e ponderava alistar-se no exército francês).

¹⁵ Conto incluído em *Centauro*, Lisboa, Out.-Dez. 1916, pp. 39-59 [reed. fac-similada, Lisboa: Contexto, 1982]. No prefácio à edição fac-similada, Nuno Júdice (1982: VII) escreve: “‘*Orpheu*’ 1 e 2 representam o ponto de confluência em 1915, de dois percursos diversos e formalmente antagónicos (embora não inconciliáveis) da modernidade: o que nasce da poesia simbolista [...] e o que bebe a sua revolta e o seu inconformismo no exemplo futurista que desembocará no gesto de ousadia que a publicação do Portugal Futurista representará em 1917. No meio termo não ficarão inactivos os homens do modernismo”.

¹⁶ Cf. nota a do editor, Jerónimo Pizarro, de *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009: 130). No verso deste documento surge a seguinte indicação tópica: *Interseccionismo analítico*.

¹⁷ Nessa folha encontram-se notas que parecem indicar as opiniões de Violante e de Leal sobre o número de páginas que *Orpheu* deverá ter, o que ajuda a datar este texto dos anos 14 ou 15.

¹⁸ Fernando Pessoa teria conhecimento destas circunstâncias da vida de Leal por uma carta que lhe fora enviada pelo seu amigo em Dezembro de 1916, a qual foi publicada a par de uma outra, dirigida a Mário de Sá-Carneiro, ambas de registo muito íntimo e que atestam uma amizade profundíssima, compiladas por Mário Cesariny em *O Virgem-Negra*. – *Fernando Pessoa explicado às Criancinhas Naturais e Estrangeiras* por M. C. V. 2ª edição revista e aumentada, 1996. Destacamos

Num outro documento do espólio pessoano, datável do mesmo período, provavelmente 1916, encontramos uma lista de *Opiniões da nova geração*:

1. O Saudosismo (L[eonardo] C[oimbra] ou T[eixeira de] P[ascoaes])
2. O Integralismo Lusitano (João do Amaral)
3. O Bizantinismo (Luís de Montalvor)
4. O Vertiginismo (Raul Leal)
5. O Futurismo (Almada [Negreiros])
6. O Sensacionismo (F[ernando] P[essoa])
7. O Neo-Paganismo ([António] Mora)
8. O Classicismo... (algum poeta ou crítico a descobrir).

(Pessoa, 2009: 227; cota 48B-78^r)

Esta lista é curiosa a vários níveis, não só por diagnosticar em lista concisa os novos movimentos culturais, mas também por nela Pessoa incluir correntes de opinião já socialmente apresentadas e estabelecidas (saudosismo e integralismo) a par de posições quase desconhecidas, como o vertiginismo de Raul Leal e o sensacionismo e neo-paganismo de sua autoria ou de seus heterónimos.

No caderno «X», que já referimos, datado de Julho a Dezembro de 1915, consta um texto que apesar de longo, vale a pena reproduzir, pela sua elevada qualidade especulativa e pelo seu objectivo de condensar teórica e concisamente a atitude *filosófica* de Leal:

A filosofia de Raul Leal

É um sistema que não é já, propriamente, uma filosofia: transcende a filosofia. Mas, como é, apesar de tudo, filosofia, é a filosofia transcendendo-se a si-própria.

E se se perguntar como é que a filosofia se transcende a si própria, a resposta será – transcendendo-a.

A própria incapacidade de se pensar este sistema é a capacidade de pensar este sistema. A impossibilidade de o explicar explica-o. Não se pode definir – e essa é a sua definição.

Ao contrário de Hegel, para quem os contrários se fundiam, no fusionismo transcendente, o idêntico desidentiza-se, auto-contrasta-se. Os contrários deixam de existir, não, como em Hegel, porque se fundam, mas porque eles não são senão a limitação visual da sua própria oposição. É a oposição que os realiza, mas, como ela os não realiza, e eles não existem senão por ela, ela a si própria se irrealiza, através de eles a si própria se transcende.

O sistema de Hegel é o materialismo do transcendente; o de Raul Leal é o transcendentalismo do Transcendente. Pelas próprias consequências doutrinariamente práticas do hegelianismo o seu íntimo carácter tanto “materialista” como estático se derrota.

dessa rica epístola a Pessoa o seguinte e significativo passo: “Promete-me o Fernando Pessoa um Triunfo Glorioso para daqui a nove anos; Sim, mas isso é se eu viver. O meu horóscopo não indicará agora uma época possível de crise que poderá ser mortal?”. Presumimos que mais cartas poderão existir, seguramente remetidas por Raul Leal e eventualmente também de Pessoa, a par destas que têm sido avulsamente divulgadas nos projectos editoriais aqui citados e cuja busca e levantamento faz urgir um esforço sistemático.

Envolto na linguagem confusa,¹⁹ perplexa, propriamente e explicavelmente *vertigica* do próprio sistema, o fusionismo transcendente revela contudo, aos espíritos que quiserem descer ao seu abismo através dos turbilhões de névoa da sua expressão, a sua íntima e original riqueza substantiva.

Era impossível que quem concebeu tal sistema o pudesse exprimir claramente. Exprimi-lo claramente, mesmo, é não o compreender.

A grande ficção vertigica, o grande Meio inestável das cousas, o abismo absoluto e ilocável do ser, o oceano sem praias do Absoluto Relativo.

Raul Leal: O seu espírito viveu demasiadamente o seu sistema.

(Pessoa, 2009: 319-320; cotas 144X-64^v e 65)

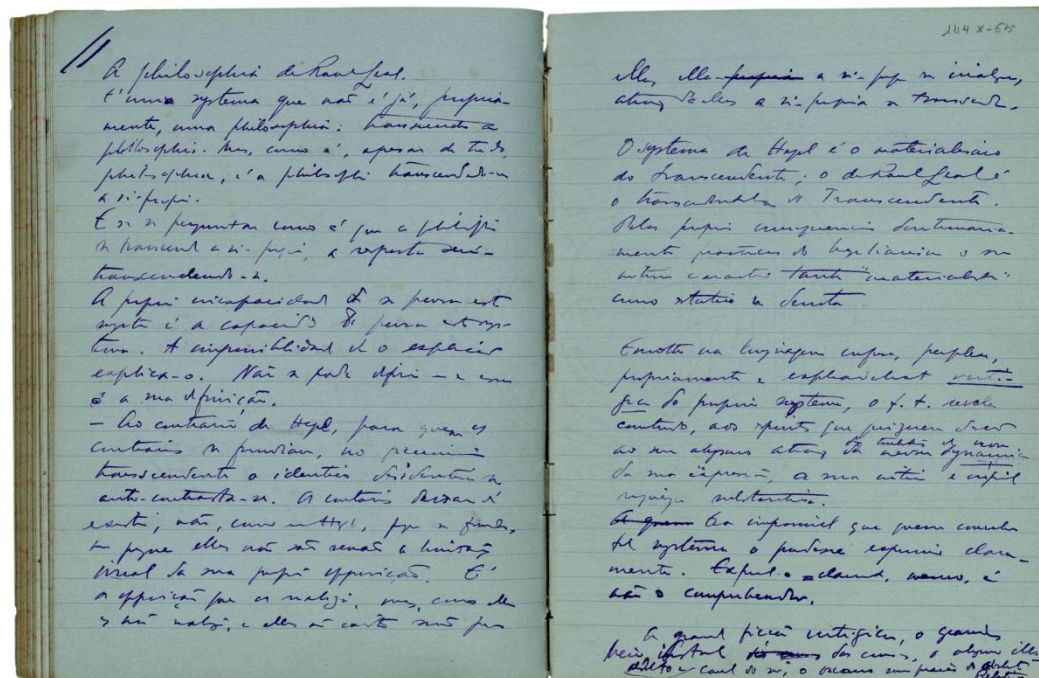


Fig. 1. BNP/E3, 144X-64^v e 65^r.

Não podemos deixar de referir a analogia que Pessoa estabelece entre a posição da teosofia, de aceitação integrativa de todas as religiões, e o seu próprio *sensacionismo*.²⁰ É neste sentido que entendemos a sua admiração pelo hegelianismo (embora por vezes o entenda de forma algo mecânica), e a afinidade relativa destas posições com o vertiginismo de Leal.

¹⁹ Cf. António Cândido Franco (2002), "Nota sobre a Obra de Raul Leal", onde se reflecte sobre as razões e intenções do peculiar estilo lealino. Também Cabral Martins (2008) se refere à Vertigem como um conceito obsessivo e ao estilo confuso de Leal como uma deliberada estratégia propiciatória da própria experiência da vertigem no leitor.

²⁰ Sobre esta relação, de analogia, consulte-se o nosso ensaio "Presenças do budismo na obra em prosa de Fernando Pessoa", onde ela se encontra mais desenvolvida e aprofundada, incluído nas actas do Colóquio Internacional "Pessoa, Nietzsche, Freud" (no prelo).

O primeiro parágrafo do próximo texto de Pessoa aqui apresentado, também postumamente editado, coincide em grande medida com a resposta à última pergunta (“O que calcula que seja o futuro da raça portuguesa”) da famosa entrevista de Alves Martins a Fernando Pessoa,²¹ publicada em 1923:

Quem pode viver a estreiteza extrema do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos – fundindo-os, portuguesmente, no Paganismo Superior. Não queiramos que fora de nós fique um único Deus. Absorvamos os Deuses todos! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade. Conquistámos já o Mar; resta-nos que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os europeus que não são europeus porque não são portugueses.

O anseio português actual atingiu o seu estado paroxístico no assombroso sistema filosófico de Raul Leal, tão profundamente mais especulativo e profundo que toda a filosofia alemã, incluindo a hegeliana. Discordo, porém, desse sistema por ele representar uma opinião. Um português não pode demorar-se numa fé, numa crença, numa opinião: tem que buscar imediatamente a contrária, para se libertar. Humanistas transcendentais – eis o que devemos ser.

(Pessoa, 2009: 334; cota 55F-41^r)

Encontramos ainda Leal a redigir um manifesto designado como *ultra-filosófico*, em língua francesa, que será depois reenviado para confrades de letras estrangeiros e publicado no primeiro número da revista *Portugal Futurista*, em 1917, intitulado “L’ abstractionisme futuriste – divagation outrephilosophique”,²² de que destacamos o passo final e conclusivo em que se coloca o futurismo como caminho para o vertiginismo (já havíamos visto como, para Leal, toda a história da filosofia ou da arte atinge a sua culminância no sistema vertiginista, que a tudo totalizante e teleologicamente logra integrar):

De cette façon Santa Rita Pintor fait que le futurisme donne le plus qu’il peut donner dans le plan que lui est propre, un pas de plus et il tomberait dans le **Vertiginisme** concevant alors parfaitement et non pas plus un peu vicieusement le concret-en-abstrait— **Vertige** où il n’y a rien de physique. Santa Rita Pintor est un futuriste outré, son génie est la quintessence du **GÉNIE FUTURISTE!**

(Leal, 1917: página15)

²¹ Editada no n.º 23/24 da *Revista Portuguesa*, de Lisboa, em 1923, com o título “As nossas entrevistas. O escritor Fernando Pessoa expõe-nos as suas ideias sobre os vários aspectos da arte e da literatura portuguesas”. A datação hipotética de Jerónimo Pizarro entre Julho a Dezembro de 1915 para este conjunto de apontamentos (cf. Pessoa, 2009: 305-307), indica-nos que Pessoa colheu em anteriores textos seus os elementos para compor a resposta a essa entrevista. O que aqui sublinhamos é que tão celebrado texto de Pessoa tenha sido originalmente composto pensando na obra filosófica de seu amigo Raul Leal.

²² O texto traz indicação de Leal de ter sido redigido em Julho.

É deste ano que data o projecto comum a Pessoa, Santa-Rita, Raul Leal e Mário de Sá-Carneiro de contactar Marinetti, iniciando-se uma correspondência entre Leal e o futurista italiano, no passado erroneamente atribuída a Pessoa,²³ onde Leal propunha a criação de uma nova religião, com base nos princípios futuristas.²⁴ Se bem que hoje esteja esclarecida essa peculiar paternidade autoral lealina, já vimos ser atribuída ao génio de Pessoa a originalidade criadora de *ismos* de lealino pendor como indefinismo, vertiginismo, fusionismo e hibridismo. Propomos aqui que a reflexão pessoana sobre o sensacionismo, o objectivismo e o subjectivismo dialoga com a teorização patente na obra *Liberdade Transcendente*, de 1913 (onde se anuncia a intenção de publicar um drama em cinco actos intitulado *Hibridismo fatal*).²⁵ Ora, se bem que não seja viável datar com precisão absoluta a primeira ocorrência destas noções, é claro que elas aparecem nos dois autores (embora bem diversamente tematizadas e elaboradas), revelando um intenso e duradouro diálogo filosófico cheio de afinidades, ressonâncias e pontos de contacto.

²³ No espólio pessoano veio a encontrar-se uma carta a Marinetti, de 1921, redigida em inglês e que lhe foi atribuída: ver *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* (1967: 164-174). Pinharanda Gomes (1969: 74-78), mostra, decisivamente, que a carta é da autoria de Raul Leal, e de 1921, sendo de Fernando Pessoa apenas a tradução para inglês (demonstração posteriormente aceite pelos editores das *Páginas de Estética*), o que pode indicar a intenção dos conviventes de revelar este diálogo entre futuristas a um público mais vasto, uma vez que Leal e Marinetti efectivamente se comunicaram em francês, língua comum aos dois. Atentando a comunhão de interesses dos dois autores, lembremos que há no espólio pessoano esboços de cartas a Marinetti, testemunhando a intenção (frustrada) de contactar o futurista italiano. Ver *Sensacionismo e outros ismos* (2009: 377-378), e especialmente a nota *a*. Na correspondência com Jorge de Sena, Raul Leal diz ter sido *larga* a troca epistolar entre os dois, mas desconhecemos o seu paradeiro. Uma das peças desse conjunto, uma carta de Marinetti a Leal, encontra-se transcrita por Raul Leal na revista *Tempo Presente*, n.º 5, Lisboa, Set. 1959, pp. 21-22.

²⁴ Na sua obra *Sindicalismo Personalista. Plano de Salvação do Mundo* (1960: 50), Leal recorda esta comunicação no seguinte passo vertiginisticamente memorial: “Que é preciso dinamizar convulsionalmente a vida religiosa para pô-la de acordo com os nossos tempos de febre, de delírio, de vertigem, não resta dúvida, e fui eu o primeiro a sustentar essa tese numa carta que escrevi há anos (1921) a Marinetti referindo-me à fundação de uma Igreja Futurista que mais não era do que a Igreja Paracletiana, por Mim anunciada aos Povos do Mundo, carta que numa outra que me escreveu ele considerou muito importante, sublinhando estas palavras e afirmando que o futurismo alarga de dia para dia o seu horizonte. Mas o dinamizar convulsionalmente a vida religiosa e todo o cerimonial respectivo não é tirar-lhes a mística espiritualidade que lhes é própria e que, pelo contrário, se intensificará extremamente desde que se torne assim febril, delirante, louca...”.

²⁵ São prolixas e significativas (e constituem outro característico ponto comum com Pessoa) as listas de intenções de obras a publicar que Leal vai divulgando. Uma futura edição de obras de Leal, incluindo os seus inéditos e dispersos, deverá ser organizada a partir destas sugestivas listas.

III.

Em 1921 começa a funcionar a editora Olisipo, de Fernando Pessoa, onde se publicam os seus *English Poems*. Em Maio de 1922, Pessoa faz publicar a segunda edição, muito aumentada, das *Canções*, de António Botto, nas vésperas da partida do seu autor para Cabinda. É deste ano que data a polémica travada entre Raul Leal e Mário Saa no jornal *A Palavra*,²⁶ que as observações de Pessoa sobre Saa parecem ter em conta.²⁷



Fig. 2. Mário Saa, em *A Invasão dos Judeus*.

²⁶ É efêmera se bem que intensa a colaboração de Leal nalguma imprensa monárquica (*O Liberal*, em 1917), de que destacamos, a título exemplificativo, a polémica com Mário Saa (*A Palavra*, em 1922), ou a extensa participação no *Correio da Noite* (em 1924).

²⁷ Mário Saa, em *A Invasão dos Judeus* (Lisboa: 1925: 268-288), dedica algumas páginas a Raul Leal, assim como aos seus companheiros modernistas e futuristas de *Orpheu*, como Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros ou Fernando Pessoa, todos eles agrupados – na sua originalidade e novidade estética – pela sua alegada ascendência judaica. Temos em preparação um estudo em que se coligem as posições de Saa sobre alguns modernistas avançadas neste volume (assim como no seu anterior opúsculo *Portugal Cristão-Novo ou os judeus na República*, de 1921), relacionando-as com a polémica travada com Leal e com os comentários de Pessoa a Saa que têm sido publicados (por ex. em Pessoa, 2006: 338-340). Recordemos ainda que, em 1925, na revista *Athena*, Mário Saa procura responder aos “Apontamentos para uma estética não-aristotélica”, antes apresentados na mesma revista, por Álvaro de Campos. A título ilustrativo, veja-se por exemplo, a p. 287 de *A Invasão dos Judeus*: “Raul Leal é um verdadeiro hebreu, e não apenas pelo aspecto psicológico, mas ainda pelo físico e ... metafísico! Ele pretende possuir espírito metafísico, quando, afinal, não possui mais que o delírio dos sentidos e a incapacidade de definir; à capacidade de definir chamará estreiteza de limites”.

Leal publica em Junho deste ano, na revista *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco, “A derrocada da técnica”.²⁸ É nesta mesma revista, no seu n.º 3, de Julho de 1922, que Pessoa publica “António Botto e o Ideal Estético em Portugal” – onde se defende que Botto, como esteta, substituiu a ideia de verdade e de bem pela de beleza e, guiando-se “só pela beleza, canta de preferência o corpo masculino” –, o que receberá violenta réplica de Álvaro Maia, no n.º 4 da revista, de Outubro de 1922, intitulada “Literatura de Sodoma. O Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal”, em que não só desqualifica o talento poético de Botto, mas também assume que o que tem a “dizer abonam-no a voz de Deus, a prosa candente e viril do Apóstolo das Gentes, a saúde do corpo e do Espírito; estão comigo as regras invioláveis da natureza e os ensinamentos inflexíveis da razão humana quando despida de romantismos de qualquer espécie, a Razão que actua sobre a sensibilidade e dela é capaz de se tornar absoluta dominadora”.²⁹

Raul Leal, em 16 de Novembro deste ano, redige também um artigo intitulado “António Botto e o sentido do Ritmo”, em referência à polémica em curso a propósito da Obra de António Botto, no jornal *O Dia* (16-11-1922), onde considera que Botto é “uma das mais altas descobertas do nosso século glorioso e uma natureza universal, mas universalmente portuguesa”. Já no n.º 5 da *Contemporânea*,

²⁸ Veja-se o n.º 2 da revista *Contemporânea*, pp. 60-63. “A derrocada da técnica” e “Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa” de Leal constituem dois dos 13 textos de uma lista, elaborada por Pessoa, de *documentos do neo-simbolismo, do futurismo e do sensacionismo portugueses* (cf. Pessoa, 2009: 439 e também Pessoa, 2012: 283), a par dos ultimatos e manifestos de Álvaro de Campos e Almada Negreiros e de outros textos de Luís de Montalvor, António Botto e do Pessoa ortónimo. Da mesma lista consta ainda um *Manifesto sobre Mário Eloy e Alb[erto] Cardoso*, já atribuído por José Barreto a Raul Leal: “Em 1924 Alberto Cardoso e Mário Eloy expuseram juntos no Salão da Ilustração Portuguesa do jornal *O Século* [...] Sobre esta exposição existia no espólio da família de Pessoa um texto de Raul Leal, de 18 páginas manuscritas, intitulado ‘La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d’une exposition de peinture. Les salons de l’Illustration Portugaise viennent de s’ouvrir pour deux artistes: Albert Cardoso et Marius Eloy’ (vd. O catálogo *The Fernando Pessoa Auction*, Lisboa: P4 Photography, 2008, lote n.º 34). O ‘manifesto’ a que a lista acima se refere é certamente, esse texto” (cf. Pessoa, 2012: 283, nota a). Este *Manifesto* de Leal deverá ser cotejado com o texto que Leal publicará mais tarde na *Presença*: “Mário Eloy: le grand évocateur d’incubes”, n.º 16, Coimbra, Nov. 1928, p. 6. Para uma visão panorâmica da importante polémica em torno desta exposição, e do papel da revista *Contemporânea*, consulte-se de Daniel Pires (pesquisa e coordenação editorial) e António Braz Oliveira, *Pacheco, Almada e “Contemporânea”* (1993). Neste álbum incluem-se ainda muitas peças da polémica, da responsabilidade de autores tão variados como José Pacheco, Raul Leal ou António Ferro.

²⁹ *Sodoma Divinizada*. Lisboa: Olisipo, 1923; 2 ed., Lisboa: Contraponto, 1961, com gravuras de João Rodrigues; 3.ª ed., Lisboa: Hiena, 1989, com organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes; esta edição, de 1989, foi reeditada pela Babel em 2010. Neste artigo servimo-nos da 3.ª ed. Para este passo, ver a p. 53. A esta polémica acrescentam-se outras peças, como por exemplo, a de Marcello Caetano, “Arte sem moral nenhuma”, *Ordem Nova*, n.º 5, Lisboa, 1926. José Barreto (Barreto 2012) republicou recentemente quatro peças da polémica, não só revelando textos que não constam da recolha de Aníbal Fernandes, como corrigindo-a significativamente e fazendo-a acompanhar de um estudo de enquadramento.

quem esperasse uma resposta de Pessoa a Maia é desiludido, pois Pessoa apenas lhe sugere uma irónica rectificação gramatical numa discreta nota aí incluída.

Sai depois, em 1923, já não na revista *Contemporânea*, mas em opúsculo, editado pela Olisipo, *Sodoma Divinizada, leves reflexões teometafísicas sobre um artigo*, assinado por Raul Leal – Henoch. Nele pode ler-se o seguinte passo:

A propósito da bela individualidade de António Botto, o Sr. Maia ataca a luxúria e a pederastia, Obras Divinas. Incapaz de sentir os prazeres altíssimos da Carne-Espírito que o Verbo consagrou, ataca-os numa forma vil e tola. Como a Razão herética, filha da Serpente e do Anticristo, contraria o delírio da carne divinizada que é uma expressão de loucura bestialmente espiritual a negar a Razão, sacrílega anti-Loucura, anti-Vertigem, o Sr. Maia, esquecendo-se que o racionalismo é filho dos últimos séculos de heresia e livre exame, enaltece-o encomiasticamente só para satisfazer a sua bília contra a vertigem luxuriosa na Vida, antítese da Razão. Ora fique sabendo, Sr. Maia, que esta, procurando sempre determinar, delimitar precisamente tudo, a tudo põe limites, sendo a consagração herética do Limitado. Deus é o Infinito e impor o Limitado, como o impõe a sacrílega Razão, é negar Deus! Se o Infinito não vai contra limites é que ultrapassa metafisicamente todos os limites, obra da Razão que determina, que delimita, que *limita* tudo. O Infinito ultrapassa pois a Razão, é Ultra-razão em Vertigem. O que tem por essência o Infinito é, por natureza, indeterminável por ser indelimitável, é enfim, Indefinido Absoluto, que exprime pura Vertigem na Vida. Tudo é infinito, só o Infinito existe, só existe Deus, nada se pode pois determinar, possuindo pois tudo uma natureza imprecisa que se escapa de nós quando a procuramos agarrar pela razão determinadora, e deste modo se tudo é metafisicamente ou teometafisicamente impreciso, incerto, é que tudo tem a Vertigem por essência. A Vertigem é com efeito a suprema imprecisão anti-racional ou, antes, ultra-racional, das cousas mergulhadas no infinito de Deus. E é por mergulharem no infinito de Deus que as cousas são imprecisas, incertas, vertigicas. Logo, a Vertigem é sagrada, é divina. O infinito é o Indefinido Absoluto, é a própria Vertigem que é assim Deus.

(Leal *et al.*, 1989: 74-75)

A polémica é intensa e dá azo à publicação de diversos textos e à proibição das obras de Botto e Leal. Álvaro de Campos publica o famoso “Aviso por causa da moral” e Leal a sua “Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o descaramento da Igreja Católica”, 1923. Fernando Pessoa responderá à polémica com o artigo intitulado “Sobre um manifesto de estudantes”:

Há três cousas com que um espírito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com elas é um dos sinais distintivos da baixeza da alma: são elas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o autor do manifesto o escreveu a sério, ou crê louco o doutor Raul Leal, ou não crendo, usa o parecer crê-lo para o conspurcar. Só a última canalha das ruas insulta um louco, e em público. Só qualquer canalha abaixo dessa imita esse insulto, sabendo que mente.

(Leal *et al.*, 1989: 121)

Os jovens são qualificados como

[...] o resultado da Monarquia dos Braganças e da República Portuguesa, produto de uma sociedade preparada em vários séculos de educação fradesca e jesuítica, pela anulação do espírito crítico e científico, [...]

(Leal *et al.*, 1989: 122)

E finalmente:

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais – porque não posso desejar melhor – de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amizade, que não tem limites, mas também da minha admiração pelo seu alto génio especulativo e metafísico, lustre que será da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tê-lo por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, diferentes e sozinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

(Leal *et al.*, 1989: 125)

No rescaldo da polémica, que terá deixado marcas bem fundas, permanece o interesse destes autores pelo tema filosófico da loucura, que dá azo à publicação de diversos textos, de que destacamos, de Raul Leal, na revista *Athena*, “A loucura universal”, de 1924.³⁰

Com muita razão escreveu Fernando Pessoa: “...é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heróis, loucos os santos, loucos os génios, sem os quais a humanidade é uma mera espécie animal, cadáveres adiados que procriam”. É assim mesmo! Na loucura, qualquer que ela seja, sobretudo no seu período agudo, exprime-se admiravelmente toda a vida convulsiva do Universo e do Infinito.

(Leal, 1924: página47)

São pois diversas as colaborações de Leal em revistas nas quais Pessoa também participou, como, por exemplo na *Sudoeste*, de Almada Negreiros, onde publica “Super-Estado”.

³⁰ É provavelmente do mesmo ano, 1924, o texto *A visão de dois artistas e a luxuriosa loucura de Deus. Apelo às gerações novas a propósito duma exposição de pintura*, Lisboa, Imprensa Lucas & C^a.



Fig. 3. "Os precursors do modernismo em Portugal".
O Noticias Illustrado, n.º 37, 2.ª série, 24 de Fevereiro de 1929.

Em 1936, na *Presença*,³¹ (no número especial – o 48 – dedicado a Pessoa, por ocasião da sua morte), Leal edita “Na glória de Deus” apresentado como primeiro capítulo do livro em preparação, *Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império*”³² (mais tarde, na correspondência mantida com Jorge de Sena depois de 1957,³³ Leal dirá que este seria o subtítulo do livro *A Idade Paracletiana*, que só poderia publicar-se depois da sua morte). O plano desse livro, segundo confidencia em carta a António Pedro, à data editor, a quem pede ajuda na sua publicação (assim como de uma obra de teoria política – a propósito do conflito italo-etíope – em que pretendia fundir todas as ideologias) era o seguinte:

Quero referir-me a um estudo que estou fazendo sobre o nosso querido Fernando Pessoa, estudo que pelo título geral e dos capítulos se vê claramente que é sensacionalíssimo, devendo mesmo causar um enorme escândalo [...] Vou-lhe dizer *muito confidencialmente* quais os títulos a que acabo de aludir. O estudo intitula-se: Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império, e os capítulos: I. Na Glória de Deus; II. Fernando Pessoa, um dos Oito Maiores de Portugal; III. A dupla personalidade do Artista-Pensador; IV. A legenda de Henoch; V. «A hora das chaves», VI. Como se exprimem as relações substanciais entre as duas personalidades de Fernando Pessoa; VII. Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Eu; VIII. Os Cinco Impérios. IX. Os fundamentos satânicos e divinos, astralmente carnaís e sinistramente pomposos do Quinto Império; X. O Quinto Império e a Igreja Católica, os Templários, a Companhia de Jesus e a Ordem do Divino Paracleto.

(Cf. França, 1987: 76-77)

³¹ Antes disso, é de assinalar a longa participação que manteve na *Presença*, onde, com Pessoa, assegurava a continuidade do legado do chamado *primeiro modernismo*: “Le Dernier Testament. II - Messe noire. Poème sacré” (inédito) (Final), *Presença*, n.º 4, Coimbra, 8 Maio 1927, pp. 4-5; “A criação do futuro. A organização bolchevista pelo fascismo através da acção norte-americana e sob o regimen duma monarquia libertária”, *Presença*, n.º 8, Coimbra, 15 Dez. 1927, p. 4; “Psaume”, *Presença*, n.º 10, Coimbra, 15 Mar. 1928, p. 5; “Lamentations de Henoch (do poema inédito Messe Noire)”, *Presença*, n.º 12, Coimbra, 9 Maio 1928, p. 7; Psaume, *Presença*, n.º 13, Coimbra, 13 Jun. 1928, p. 3; “Psaume”, *Presença*, n.º 14-15, Coimbra, 23 Jul. 1928, p. 11; “Mario Eloy, le grand évocateur d’incubes”, *Presença*, n.º 16, Coimbra, Nov. 1928, p. 6; “Psaume”, *Presença*, n.º 19, Coimbra, Fev., Mar. 1928, p. 3; “O incompreendido”, [peça dramática em 3 actos e 4 quadros, primeiro acto, scena VI], *Presença*, n.º 23, Coimbra, Dez. 1929, p. 3 [com ligeiras alterações, saiu no *Tempo Presente*, n.º 15, Jul. 1960, pp. 81-82, como ‘Sétima cena’]; “Excerto do drama metafísico em 3 actos e 4 quadros, O incompreendido, (terceiro ato, segundo quadro)”, *Presença*, n.º 25, Coimbra, Fev., Mar. 1930, pp. 9-15 [com ligeiríssimas alterações, corresponde às pp. 57 (fim) a 74 do n.º 20 de *Tempo Presente*, Dez. 1960]; “Messe noire, poème sacré (excêrto)”, *Presença*, n.º 31-32, Coimbra, Mar.-Jun. 1931, pp. 24-25; “A virgem-besta”, *ibidem*, p. 25 (como já acima se creditou, este levantamento exaustivo é da responsabilidade de Joaquim Domingues).

³² Data de 12 de Fevereiro de 1936.

³³ Ver uma carta a Jorge de Sena de 18 de Maio de 1958, em *Jorge de Sena – Raul Leal. Correspondência 1957-1960* (2010: 74). Um pequeno excerto desta correspondência havia já sido dada a conhecer em “Uma carta de... a Jorge de Sena”, *Nova Renascença*, n.º 18, Porto, Primavera de 1985, p. 148-160 [de Abr.-Maio 1959, apresentada por Mécia de Sena]; Jorge de Sena irá valorizar Leal, incluindo alguns “Excertos poéticos” da sua lavra na antologia que organizou, *Antologia das Líricas Portuguesas*, 3.ª série, Lisboa, 1959.

Um outro excerto deste projecto foi publicado com o título: “O ‘Telesma’ ou da Origem da Existência” na revista *Itinerário*, n.º 3, Coimbra, Set.-Out. 1965, pp. 9-10, como pertencente ao inédito *A Idade Paracletiana – Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império* (o qual foi apresentado por Pinharanda Gomes, pouco depois da morte de Leal).

Contamos futuramente apresentar de forma mais exaustiva e sistemática mais textos de Leal dedicados a Pessoa, cuja referência aqui meramente se anota.³⁴

Já nos últimos anos de sua vida, Raul Leal é acolhido pela revista *Tempo Presente*, que lhe irá publicar diversos textos literários e teóricos, de que aqui destacamos apenas os textos em que Pessoa e o *Orpheu* são expressamente tematizados, nomeadamente o ensaio “As tendências orfaicas e o saudosismo”,³⁵ onde procura sintetizar a sua memória vivencial do grupo de conviventes de *Orpheu* e apresentar o seu projecto de renovação da literatura em clave anti-academista:

[...] o movimento ultramodernista de Orfeu – à frente do qual estavam, como indiquei já, o meu Grande Amigo Fernando Pessoa, a Quem o culto desmedido de Dioniso deu uma morte prematura, Mário de Sá Carneiro, que convulsionantemente se suicidou em Paris, e o malogrado poeta Luís de Montalvor, que um espantosamente trágico desastre no Tejo para sempre arrancou à vida, - não surgiu, de modo algum, para destruir propriamente o que de mais grandioso apareceu no passado, mas apenas a mumificação académica das criações antigas.

(Leal, 1959a : 17-18)

Ao arrepio de certas visões do grupo que mais valorizam a sua feição estética, Leal apresenta a atitude metafísica como central ao movimento, distinguindo-a todavia do espírito saudosista, por si superado:

O que dominava em quase toda a colaboração literária de Orfeu era o espírito metafísico e a mais poderosa astralidade.

(Leal, 1959b: 42)

³⁴ Listemos, na impossibilidade de aqui sobre todo este manancial nos debruçarmos detidamente, logo na década de 40, “Trinta anos do *Orpheu*. Excertos de um estudo”, *República*, Lisboa, 20 Maio 1945. Há significativa referência a Pessoa, mais tarde, no artigo, “O Quinto Império Bíblico”, *Tempo Presente*, n.º 17-18, Lisboa, Set.-Out. 1960, pp. 85-107, e em “As criações metapsíquicas de Fernando Pessoa”, *Diário da Manhã*, Lisboa, 4 Dez. 1960. Lembremos ainda a “Carta de Raul Leal a João Gaspar Simões a propósito de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* e de Aleister Crowley”, de Junho 1950, publicada na revista *Persona*, n.º 7, Porto, Ago. 1972, pp. 54-57; e lembremos ainda que João Gaspar Simões irá incluir um poema de Leal, “Psaume”, na sua *História da Poesia do Século XX*, p. 561, e dedicar-lhe-á um capítulo do seu livro memorial *Retratos de Poetas que conheci – autobiografia*, já de 1974, onde dedica capítulos a autores como António Ferro, Mário Saa ou Raul Leal.

³⁵ *Tempo Presente*, nn. 5 e 7, Lisboa, Set. e Nov. 1959, p. 17-24 e 39-48 [transcreve uma carta de Marinetti para Raul Leal]: n.5, pp. 17-18.

[...] as tendências orfaicas e o saudosismo de Teixeira de Pascoais, que aquelas ultrapassaram, que transcenderam em genial delírio.

(Leal, 1959b: 44)

Segundo a postura omni-abarcante a que já nos habituou, Leal relaciona então o movimento de *Orpheu* com a sua concepção paradoxal, *vertiginista* do mundo:

Os fundadores de *Orfeu*, sem terem ainda absoluta consciência de tudo o que acabo de expor, sentiam, porém, no íntimo mais remoto de si próprios essas verdades delirantes apesar de só as notarem e apenas subconscientemente, não procurando encontrar a sua profunda explicação metafísica que é então dada pelo Vertiginismo Transcendente, de que, no entanto, abriram o caminho sinistramente esplendoroso que conduz, por fim, ao Paracletianismo – religião do Espírito Santo ou Divino Paracleto – que Deus-Satã quer que Eu anuncie, o qual é daquela minha concepção filosófica a Alta expressão diabólica e Mística. Com estas criações do meu Espírito Transcendente ultrapasso então sistematizadamente as tendências órficas como estas ultrapassaram o saudosismo. Sempre para além...

(Leal, 1959b: 48)

Merece-nos especial atenção o facto de Leal, no tom ostensivamente provocador que já lhe conhecemos, definir os principais heterónimos pessoanos não como meras personagens literárias, mas como

[...] verdadeiras personalidades fantásmicas em que Fernando Pessoa se integrava absolutamente, que vivia integralmente, que substancialmente se tornava, criando-a[s] metapsiquicamente em si próprio, não se tratando pois de simples produtos objectivados de imaginação e análise moldados fora do seu criador à maneira do Primo Basílio, Conselheiro Acácio ou Pacheco, com os quais, porém, Álvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis foram para aí comparados por um crítico idiota.

(Leal, 1959b: 42)

Em constante diálogo com a obra de Pessoa, sobre a qual estaria escrevendo uma obra ambiciosa, da qual ia publicando estes extractos, Leal publica o artigo: “A profunda ética espiritual de Fernando Pessoa”, em 1960³⁶. Neste artigo, Pessoa é sempre designado como *Artista-Pensador* e incisivamente defendido contra a acusação de Álvaro Salema que teria alertado para um mero *formalismo* ou *academismo* de Pessoa:

O seu estilo, quando se assina Fernando Pessoa e não com heterónimos, é dum seiscentismo actualizado, então extremamente requintado, tendo, pois, um esplendor espiritual um tanto gongórico, e, assim repleto duma simbologia anímica que o arrasta, como verdadeiro *Orfeu*, às profundezas alucinantes do Ser.

[...]

³⁶ *Praça Nova*, n.º 5, Porto, Nov. 1960, pp. 1-2.

Fernando Pessoa na sua profundidade subtilizadora e esplendorosa, atinge o verdadeiro mundo astral, também alcançado ainda com maior esplendor delirante mas de uma forma menos profunda e subtil, por Mário de Sá Carneiro. Foi essa astralidade, por vezes espasmódica, do grupo de Orfeu, o que eu salientei no meu estudo publicado na revista *Tempo Presente*, que intitulo *As Tendências Orfaicas e o Saudosismo*, o qual serve de introdução à minha Obra *A Idade Paracletiana*.

De facto, Fernando Pessoa aprofunda tanto o Ser que atinge o seu espírito quase em abstracto [...].

Em artigo de 1961, intitulado “A monadologia discriminatória de Fernando Pessoa”,³⁷ Leal contrasta a heteronímia pessoana com a monadologia leibniziana num ensaio que ecoa o texto da entrevista a Alves Martins (acima referida), em que Pessoa propõe uma síntese de todas as religiões e irreligiões:

O Paracletianismo (Religião do Espírito Santo ou *Divino Paraclete*) que é o fundamento espiritualista, mesmo tradicionalmente português deste é, pelo contrário, a *fusão absoluta*, pura, verdadeiramente *substancial* de todas as crenças religiosas, contendo até em si próprio o espírito feiticista, ainda que sublimado, enfim, purificado como tudo.

(Leal, 1970: 36)

No mesmo espírito *fusionista*, mas desta vez em enfoque mais propriamente ideológico (se bem que em Leal o fito seja sempre ontológico) em 1960, publica o livro *Sindicalismo Personalista. Plano de Salvação do Mundo*³⁸ dedicado “À memória sagrada do meu grande amigo Fernando Pessoa, alto espírito que trago sempre na minha alma criadora, iluminando-me o pensamento, o sonho e a vida”. Com essa inspiração sempre presente, nesta obra pode ler-se:

Aliás, o meu Pensamento Filosófico e Místico é já de si a fusão absoluta, substancial de todos os pensamentos do Passado e do Presente, nada estando fora dele, que portanto, acabará por substituir e dissipar qualquer filosofia exclusivista unilateral que nunca mais poderá vingar por si só, tendo que se integrar fatalmente no meu Pensamento Universal. JÁ É TEMPO DE DESAPARECER PARA SEMPRE A FRAGMENTAÇÃO DISPERSADORA DA VERDADE que tantas lutas fanáticas, muitas vezes sanguinárias, tem gerado implacavelmente!

(Leal, 1960a: 58-59)

O registo profético e escatológico é exaltado e o tom é altissonante, anunciando-se uma nova era espiritualizadora do mundo e redentora da humanidade:

O que será essa Nova Era, espero dizê-lo em breve, amplamente na minha obra, quase concluída, que intitulo *A Idade Paracletiana*, a qual tem o subtítulo de *Fernando Pessoa*,

³⁷ *Diário da Manhã*, 9 Dez. 1961, incluído em *O Sentido Esotérico da História*, ed. cit., p. 31-39.

³⁸ Uma das obras inéditas cuja publicação nesta obra se anuncia é justamente *La création de L'avenir, Fusion Absolue de Toutes les Ideologies Dominantes*.

precursor do Quinto Império ou Terceiro Reino Divino (Paracletianismo, título de uma outra obra que estou organizando, é a Religião do Espírito Santo ou Divino Paracleto que Deus Quer que Eu anuncie ao Mundo).

(Leal, 1960a: 15)

Afirmando inequivocamente a presença inspiradora de Pessoa:

Ora, todo esse *processus* labirinticamente contrástico do Além, através de que se exprimem em estado de extrema sublimação divinizante e astralizadora – *esplendorosamente* divinizante e *abismicamente* tanto como *sombriamente* astralizadora – todas as mais variadas e opostas tendências psíquicas, em busca dessa *mesma sublimação espiritual* exprime-se com força e poder no Génio *multiformemente* Criador de Fernando Pessoa, que, numa revoada vertiginificante de Sonho, vive na Alma todos os contrásticos fantasmas do Mundo Astral, expressão sublimada, *que o Génio também vive*, do nosso mundo ainda impuro de contrásticas tendências psíquicas, quase tão complexas como esses fantasmas *infinítuplos* do Além. Com o seu Espírito subtilíssimo de Artista-Pensador, Fernando Pessoa, a quem consagro todas as minhas obras numa Alta Homenagem feita de profunda Admiração Suprema e de uma Grande Saudade que não tem limites nem fim, consegue, na realidade, visionar e viver inteiramente através de todo o Seu próprio EU e como um verdadeiro Sonho Astral, impregnado de Além, a nebulosa e perturbante contrastogenia fantásmica em que transcendemos do nosso próprio Ser. Esse tão profundo e subtil Génio Criador, absolutamente multiforme através de uma unidade psíquica fundamental que eu saliento fortemente na minha obra *A EDADE PARACLETIANA*, é um Mundo Imenso de Espírito, é o Universo, é o Infinito!

E na Cidade Astral do Divino Paracleto que toda a minha Alma concebe em Delírio e em Vertigem, esse Imenso Mundo Espiritual, que é Fernando Pessoa, surge num Arrebatamento Puríssimo, repassado de Glória, inundado de Além...³⁹

(Leal, 1960a: 179-180)

No final do livro, parafraseando Wagner, que teria afirmado crer *em Deus como em Beethoven*, ele assume por igual a sua crença em Deus a par da repetição saudosa da dedicatória inicial, re-lembrando o *Amigo* em quem profundamente crê: “o alto espírito que trago sempre na minha alma criadora, iluminando-me o pensamento, o sonho e a vida!” (cf. Leal, 1960a: 180).

IV.

Lançamos neste texto um florilégio de *presenças* de Raul Leal na obra de Fernando Pessoa a par de diversos textos e passos que o autor de *Liberdade Transcendente* dedica ao poeta dos heterónimos propondo-nos futuramente vir a desenvolver a hipótese hermenêutica segundo a qual seria conveniente para os estudos pessoanos que se aprofundassem os nexos implícitos e indirectos entre os dois autores. Do levantamento e análise desses nexos revelar-se-ão fundas afinidades ainda impensadas, tanto ao nível da concepção da arte e, especialmente, da literatura, em tensão latente ou conflito aberto com o pensamento filosófico;

³⁹ *Sindicalismo Personalista*, ed. cit., pp. 179-180.

nexos ainda se encontrariam ao nível da noção de arte como agência de libertação, do aristocratismo ético - manifesto na noção de actuação moral individual como território de expansão da Liberdade -, ou na concepção do mundo como totalidade devenida e processual em que tudo em tudo se contém, realiza, funde e indetermina, que se articula com o interesse que ambos manifestam pela mística da *coincidência dos opostos* e pela estrutura do *paradoxo* como figura apta a dizer verdades complexas, relativas a níveis de realidade distintos, ainda que complementares. Em Raul Leal, a teorização filosófica da *unidade dos contrários* é obtida na prática da luxúria, na criação artística ou na política utópica, desde que alimentadas pela *loucura universal*, pelo *furor diabólico-divino*, pela *Vertigem*, conceito central na sua obra e que designa simultaneamente a participação de Deus na matéria e o resultado final (e apenas ante-visto por profetas e artistas) desse processo.

Segundo a hipótese aqui meramente enunciada, o Vertiginismo de Leal pode ser visto como um contributo de grande valia para a interpretação filosófica da heteronímia, até pelo peso que nele tem a discussão do estatuto do sujeito individual, a partir de uma muito pessoal apropriação reelaboradora da monadologia de Leibniz, da ética de Espinosa e do idealismo kantiano e posterior.

Destacáramos ainda o interesse quase obsessivo que os dois acalentam pelo tema da *loucura* em suas várias acepções. Comum às obras teóricas dos dois autores é também o desenvolvimento dos tópicos escatológicos, do messianismo e do profetismo.

ANEXO

O Raul Leal era
O único verdadeiro doido do "Orpheu".
Ninguém lhe invejasse aquela luxúria de fera?
Invejava-a eu.

Três fortunas gastou, outras três deu
Ao que da vida não se espera
E à que na morte recebeu.

O Raul Leal era
O único não-heterónimo meu.

Eu nos Jerónimos ele na vala comum
Que lhe vestiu o nome e o disfarce
(Dizem que está em Benfica) ambos somos um
Dos extremos do mal a continuar-se.

Não deixou versos? Deixei-os eu,
Infelizmente, a quem mos deu.

O Almada? O Santa-Ritta? O Amadeo?

Tretas da arte e da era

O Raul Leal era
Orpheu.

Cesariny (1996: página 79)

Referências

- BARRETO, José, (2012) “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923” in *Pessoa Plural* nº 2, pp. 240-270.
- Centauro*, número único, 1916. Reeditado em fac-símile com um prefácio de Nuno Júdice: Lisboa, Contexto, 1982.
- CESARINY, Mário (1996) *O Virgem-Negra. – Fernando Pessoa explicado às Criancinhas Naturais e Estrangeiras por M. C. V.* Lisboa: Assírio e Alvim, 2ª edição revista e aumentada, Col. Peninsulares Especial, nº 31 [inclui cartas de Raul Leal dirigidas a Pessoa e a Leal].
- COIMBRA, Leonardo (1913). “A Liberdade Transcendente de Raul de Oliveira Leal”, *A Águia*, nº 23, Porto, p. 160; incluído em *Obras Completas (1913-1915)*, vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005, p. 138-139.
- FRANÇA, José Augusto (1987). “Duas cartas inéditas de Raul Leal”, *Colóquio Letras*, nº 95, Lisboa: FCG, pp. 75-79.
- FRANCO, António Cândido (2000). “Nota sobre a Obra de Raul Leal”, em *Poesia Oculta (estudos sobre a moderna lírica portuguesa)*. Lisboa: Vega, pp. 61-65.
- GOMES, Pinharanda (2000). “Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta”, em *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 1. Lisboa: Caminho, pp. 263-272.
- ____ (1972). “Vocabulário filosófico (contribuição), 2. Raul Leal”, em *Pensamento Português – II*. Braga: Pax, pp. 38-40;
- ____ (1971). “Leal (Raul Oliveira de Sousa)”, em *Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, vol. XI. Lisboa: Verbo, col. 1589.
- ____ (1966a). *Filologia e Filosofia (temas de filologia e filosofia portuguesas)*, Braga: Livraria Pax, pp. 23-56.
- ____ (1966b). “Raul Leal”, *Itinerário*, nº 7, Coimbra, [incluído em *Pensamento Português – I*. Braga: Pax, 1969, pp. 63-67].
- ____ (1965). “Um d’Orpheu – Raul Leal”, *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, nº 34, Lisboa [aperfeiçoado, foi incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 23-45].
- ____ (1964). “O Incompreendido – por ocasião da morte de Raul Leal”, *Espiral*, nº 3, Lisboa, Outono, pp. 59-64 [incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 47-56].
- JÚDICE, Nuno (1986). *A Era do “Orpheu”*. Lisboa: Teorema. Coleção “Terra Nostra”.
- LEAL, Raul (1970a, ed.). “A monadologia discriminatória de Fernando Pessoa”, *Diário da Manhã*, 9 Dez. 1961 [incluído em *O Sentido Esotérico da História*, Pinharanda Gomes (org.). Braga: Pax, pp. 31-39].
- ____ (1970b). “O sentido esotérico da História”, *Diário da Manhã*, 28 de Maio de 1962, [incluído em *O Sentido Esotérico da História*, (ed. cit.) p. 41-46].
- ____ (1960b). “A profunda ética espiritual de Fernando Pessoa”, *Praça Nova*, nº 5, Porto, Nov., pp. 1-2.
- ____ (1960a). *Sindicalismo Personalista. Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo. Coleção ensaio nº 2.
- ____ (1959b). “As tendências orfaicas e o saudosismo”, *Tempo Presente*, nº 7, Lisboa, Nov., pp. 39-48.
- ____ (1959a). “As tendências orfaicas e o saudosismo”, *Tempo Presente*, nº 5, Lisboa, Set., pp. 17-24.
- ____ (1936). “Na glória de Deus” [primeiro capítulo do livro em preparação, *Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império*], *Presença*, nº 48, Coimbra, Jul., pp. 4-5.
- ____ (1924). “A loucura universal”, *Athena* nº 2, Lisboa, Nov. pp. 47-49
- ____ (1920). *L’Antéchrist et La Gloire du Saint-Esprit*. Lisboa e Rio de Janeiro: Portugália.
- ____ (1917). “L’abstractionisme futuriste – divagation outrephilosophique”, *Portugal Futurista*, nº 1, Lisboa, pp. 13-14.
- ____ (1913). *A Liberdade Transcendente*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Coleção “Psicologia Experimental”, nº 3.

- LEAL, Raul; PESSOA, Fernando & MAIA, Álvaro (1989). *Sodoma Divinizada*, Aníbal Fernandes (org. e edição). Lisboa: Hiena.
- LOPO, Rui (2008), "A Ideia e a visão de Deus de Raul Leal: introdução às dificuldades do seu estudo", in *A questão de Deus na História da Filosofia*, Vol II – *A Questão de Deus, História e Crítica*, Coord. Maria Leonor Xavier, Sintra: Zéfiro e FCT/CFUL, pp. 1043-1052.
- MARTINS, Fernando Cabral (2008) "Raul Leal", em *Dicionário de Fernando Pessoa e o modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- NEVES, Márcia Seabra (2009). "O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 actos e quatro quadros)", pp. 125 a 137 [Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/240/210>. Acesso em: 13 Maio 2013.]
- PESSOA, Fernando (2012). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello, colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. "Obras de Fernando Pessoa", Nova Série, coordenadas por Jerónimo Pizarro.
- _____. (2011). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática. "Obras de Fernando Pessoa", Nova Série, coordenadas por Jerónimo Pizarro.
- _____. (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", Série Maior, Volume X, coordenadas por Ivo Castro.
- _____. (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", Série Maior, Volume VII, coordenadas por Ivo Castro.
- _____. (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith, com colaboração de Manuela Parreira da Silva e traduções de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PIRES, Daniel (pesquisa e coordenação editorial); OLIVEIRA, António Braz (1993). *Pacheko, Almada e "Contemporânea"*. Lisboa: Bertrand. Apresentação de Helena Vaz da Silva.
- SAA, Mário (1925). *A Invasão dos Judeus*. Lisboa: s.l., s.n., [Libânio da Silva].
- SENA, Mécia (2010). *Jorge de Sena – Raul Leal. Correspondência 1957-1960*. Lisboa: Guerra e Paz. Prefácio de José Augusto Seabra.

Outras fontes

Correspondência de Álvaro Ribeiro e Raul Leal (depositada no Espólio de Álvaro Ribeiro, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 6).

Pessoa vienés

Jordi Cerdà*

Keywords

Fernando Pessoa, Ernst Mach, analysis of sensations, Diego Ruiz, Sigmund Freud, Adolfo Bonilla.

Abstract

This paper aims to relate Pessoaan *sensacionismo* to the analysis of sensations in the Vienna of the early twentieth century. It focuses on the figure of Ernst Mach and the consequences of his studies for science, humanities or creation. The dissolution of the self, linguistic scepticism or mental health all meet in this Austrian scientist who attempted an epistemological shift in the thinking of his time.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Ernst Mach, análise das sensações, Diego Ruiz, Sigmund Freud, Adolfo Bonilla.

Resumo

Este trabalho tem como objectivo pôr o sensacionismo pessoano em relação com a análise das sensações na Viena do início do século XX. Centra-se na figura de Ernst Mach e as consequências que os seus estudos tiveram na ciência, nas humanidades ou na criação. A dissolução do eu, o cepticismo linguístico ou a saúde mental têm um ponto de encontro neste científico austríaco que tentou uma mudança epistemológica no pensamento do seu tempo.

* Universitat Autònoma de Barcelona.

Fue a propósito de un trabajo que realicé sobre el interés de Fernando Pessoa por la obra de Diego Ruiz cuando tropecé, por así decirlo, con Ernst Mach. Diego Ruiz pretendió, sin demasiada fortuna, difundir las ideas de quien por aquel entonces era la “figura central de la de la vida cultural austriaca de fin de siglo” (Stadler, 2010: 116), la etapa preliminar del Círculo de Viena. La obra más ambiciosa del pensador español, *Genealogía de los símbolos* (Barcelona, 1905), está dedicada Mach. La referencia a ésta y a otras obras de Ruiz esta anotada entre los papeles de Pessoa, sin que podamos, con certitud, saber si dispuso o no de algunas de ellas.¹

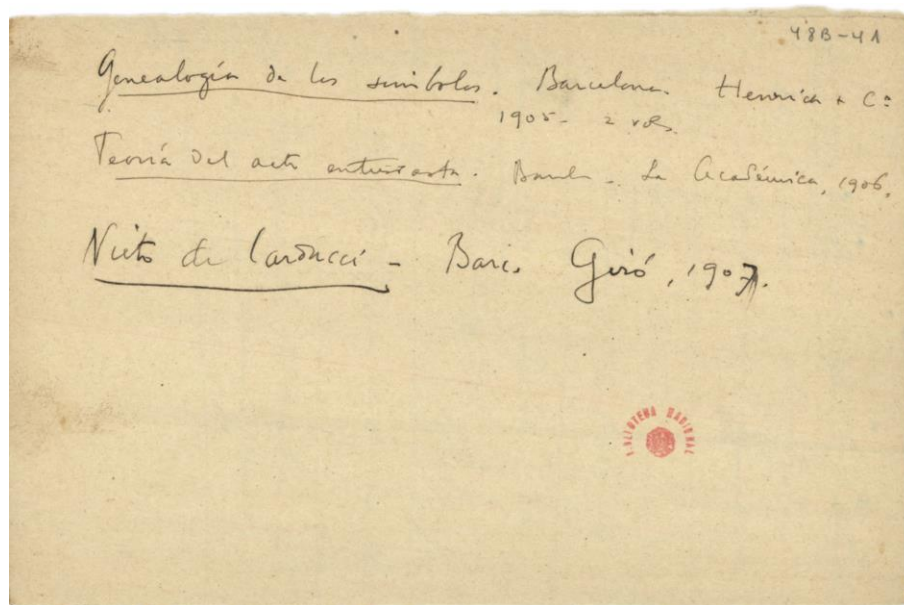


Fig. 1. Lista manuscrita conservada en la Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), en el espólio de Fernando Pessoa (E3, cota 48B-41). Figuran tres obras de Diego Ruiz: *Genealogía de los Símbolos* (1905), *Teoría del acto entusiasta* (1906) y *Nieto de Carducci* (1907).

De entrada constato que la mención de Ernst Mach no la he encontrado ni en el espólio de Fernando Pessoa ni tampoco en el *milieu* cultural portugués coetáneo al escritor, aunque, más allá de Ruiz, su obra y su renombre dispone en la

¹ Ruiz dedica con estas palabras su obra: “A Ernesto Mach, en quien revive hoy la vocación científica del siglo XVII”. Y aún en el prólogo, nos indica que ha tenido un contacto personal con el científico austriaco: “Y cuando la amistad fue necesaria a esas ideas, la hallé en mis viajes y en la misma ciudad donde residía [Bolonia]. A una de esas amistades debí la ocasión de consultar con el escritor extraordinario de la *Mecánica* y del *Análisis de las sensaciones*, a quien, por reconocimiento, va dedicado este libro” (Ruiz, 1905: x). Ruiz refiere, por tanto, las dos obras fundamentales de Mach: la *Mecánica*, (*Die Mechanik in ihrer Entwicklung historisch-kritisch*, 1883) y el *Análisis de las sensaciones* (*Beiträge zur Analyse der Empfindungen*, 1886). Esta última obra aludida tuvo más tarde su traducción al español: *Análisis de las sensaciones*, Madrid: Daniel Jorro Editor, 1925, a cargo de Eduardo Ovejero y Maury. Existe edición facsímil, Barcelona: Editorial Alta Fulla, 1987. Sobre la obra de Ruiz en relación a la de Pessoa, y su *trait d’union* con Mach, me he ocupado en Cerdà (2010).

Península Ibérica de una recepción contrastada durante la segunda década del siglo XX. También he de decir que este hilo tan frágil que intento repuntar es fruto de cierto cansancio por las enésimas aproximaciones sobre los relatos de los grandes ismos europeos y la literatura pessoana. Trabajos de marquetería filológica que ponen en evidencia la irresoluble centralidad vanguardista de París, Milán o Berlín, y el carácter epigonal de Lisboa, Madrid o Barcelona. Ciertamente es un trabajo que se debe hacer, sin duda. Pero también teniendo siempre presente sus límites y sus limitaciones. Pessoa en un “epitaphio em prosa” constató: “Alvaro de Campos | Foi o unico Grande Resultado do Futurismo. Não foi um resultado do Futurismo” (133I-2; cf. Pizarro, 2013: 249). Más allá de unas corrientes estéticas o unas tendencias literarias epocales, la lectura de Pessoa nos exige miradas amplias, acordes a la ambición de quién dijo no tener ambiciones. Lo mejor de Pessoa no está en la emulación o superación de la modernidad literaria, sino en la síntesis que su literatura representa del pensamiento y del arte de la primera mitad del siglo XX. Esta voluntad sintética el mismo autor portugués la atribuyó al sensacionismo.²

A través del sensacionismo tenemos quizás la vía de acceso más eficiente para una lectura comprensiva de Pessoa. Es el ismo que sostiene el “drama em gente” y que despliega con más convencimiento el pensamiento filosófico, religioso o estético del escritor portugués. Lo dije en el trabajo sobre Diego Ruiz y Pessoa (Cerdà, 2010), el sensacionismo no puede tener una explicación a partir de unas ideas pilladas al vuelo de alguna revista de moda, un fruto reactivo de intención original frente algún ismo. La reflexión a partir del análisis de las sensaciones y su desarrollo estético, filosófico o nacional merecen aproximaciones que tengan en cuenta contextos no estrictamente literarios o artísticos. El sensacionismo plantea una unidad empírica de la física, de la fisiología o de la psicología en un marco evolucionista del mundo. Retomo, pues, el concepto de unidad para abordar la obra de Pessoa, porque no creo que haya en toda su obra algo de excéntrico que nos aparte de este marco: ni en su obra poética, ni en su teoría sobre el comercio o en su propuesta sebastianista.

Ernts Mach ha sido reconocido como uno de los padres intelectuales de la epistemología evolucionista, considerado uno de los teóricos de la física actual, precursor de la teoría de la relatividad y de la teoría de los juegos, y un filósofo que por derecho propio debe inscribirse en el espíritu de la modernidad. También, en la Viena de su tiempo, su influencia se extendió en la escuela de historia del arte, la psicología de la forma (*Gestalttheorie*), en la teoría económica o en la teoría positivista del derecho. El deseo de síntesis entre las humanidades, las ciencias, el

² Los estudios de António Sousa Ribeiro han apuntado con provecho las posibilidades del trabajo comparatístico entre la obra de Pessoa y la de algunos creadores de la Viena de principios de siglo XX. Así mismo, ha señalado la problemática inherente a Pessoa (y la modernidad portuguesa) sobre su “ex-centric position” en el relato canónico de la modernidad (Ribeiro, 2011: 250-251).

arte o las diversas manifestaciones de la cultura animaron la efervescencia intelectual vienesa. En su seno se retroalimentaron las corrientes más rabiosamente modernas con las más conservadoras, las más anti-modernas (otra manera de entender la modernidad). Mach es un destacado representante de esta mezcla de géneros, materias e intereses tan característica de la Viena a caballo de los siglos XIX y XX (Stadler, 2010: 115-146 y Casals, 2003: 39-56).

Mach me llamó la atención por su teoría de la fisiología de los sentidos, seguramente uno de los aspectos de su pensamiento que mayor impacto tuvo en su época. La influencia de su análisis de las sensaciones se verifica entre las corrientes artísticas que privilegiaban la atmósfera y la percepción visual. Es por ello que le ha valido el título (reductivo) del filósofo del impresionismo, *l'art des nerfs*, si bien su influjo se extiende entre creadores de las más diversas tendencias, como los expresionistas. Pronto esta teoría irá de la mano de una epistemología: la conexión entre física, fisiología y psicofísica será uno de los rasgos distintivos del monismo machiano. El propio filósofo afirmó:

Esta dependencia representa la vida y las vivencias del ser humano en su totalidad, es decir, específicamente la vida externa o vida física o vida de sensaciones, por una parte, y, por la otra, la vida interna o vida psíquica como vida de representaciones [...] El asunto aquí no es que se trate de dos mundos diferentes, sino sólo de subrayar el tipo de dependencia que existe en uno y en el otro. He llegado también a este monismo imaginándome la unidad de la vida antes de la separación de propio yo y del yo ajeno.

(*Apud* Stadler, 2010: 124)

Como no podía ser de otra manera, el análisis de los sentidos ha tenido su peso en la lectura pessoana. José Gil (1988), por ejemplo, elaboró toda una teoría *ad hoc* en que, precisamente, reforzaba desde esta perspectiva el carácter unitario de la obra de Pessoa. Quisiera, no obstante, situar este interés en un tiempo y espacio concreto, no sin antes incorporar algunos apuntes sobre la antropología de los sentidos. Fundamentalmente, los sentidos encargados de hacer operativa la presencia del ser humano en su mundo son tres: la vista, el oído y el tacto. Pero es sobre todo la vista el sentido que ha mantenido la primacía en nuestra cultura en su doble sentido, como índice ontológico y paradigma epistemológico. Y, Alberto Caeiro, no es una excepción. Lo visible es la copia o imagen de lo inteligible y, en este sentido, lo visible debe ser considerado una especie de vasallo de lo invisible. De modo tradicional, la vista ha sido considerada el sentido de la simultaneidad o de la coordinación instantánea de los datos percibidos. “La vista nos lo presenta todo de golpe”, dijo Herder, mientras que el resto de sentidos construyen perceptivamente las “unidades de lo que es múltiple” (*apud* Duch y Mèlich, 2003: 199-200). No sorprende, pues, que Caeiro (o el resto de voces pessoanas) otorguen una preeminencia a la visión, precisamente por esta búsqueda de síntesis a través de este acceso inmediato al mundo en su espacialidad tridimensional. La visibilidad parte siempre de uno mismo, el yo se constituye centro de la

observación visual. Ver es un movimiento, mandado por la propia voluntad, que va de dentro a fuera. Se pretende ser, por tanto, sujeto activo y con un determinado grado de autonomía. La audición, al contrario, va de fuera a dentro. Escuchar siempre implica una mayor dependencia del mundo exterior, exige cierta pasividad, en la medida que los sonidos provienen de una fuente externa y ajena a nuestra voluntad. El oído es primordialmente el sentido corporal del tiempo, es decir, de la procesualidad auditiva con las correspondientes fases, aceleraciones, pausas o intensificaciones. La vista, por el contrario, es el sentido corporal del espacio. El tacto constituye la parte más difícil y compleja de los análisis fenomenológicos de la percepción sensible. No es instantáneo, como la vista, pero posee buena parte de su condición activa. Su carácter procesual y la temporalidad sensitiva son compartidos con el oído.³

Mi cuerpo, mi percepción: Las ideas que hasta ahora he expuesto no tendrán más convencimiento y evidencia, si se expresan de un modo meramente abstracto, sino abordándolas directamente así como los hechos de dónde proceden. Si, por ejemplo, estoy tumbado en un canapé y cierro el ojo derecho, la imagen representada por la ilustración siguiente será la que ofrecerá mi ojo izquierdo:

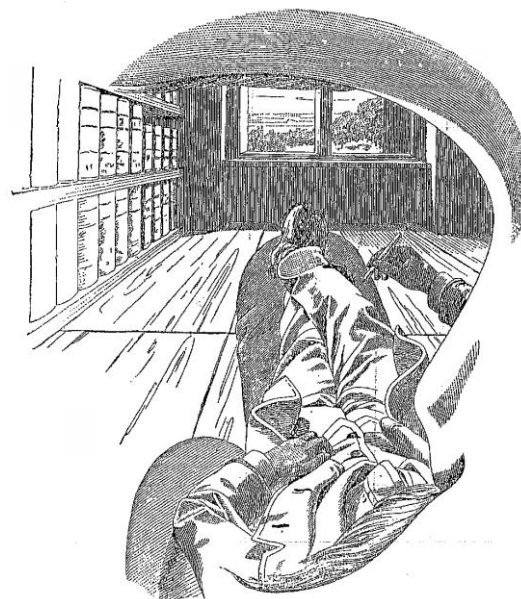


Fig. 2. Ernst Mach, *Analyse der Empfindungen*. Iena: Fischer, 1911: 15.

³ Caeiro, que también oye el ruido de los cencerros, prioriza sin lugar a dudas su visión que es también convocatoria y centralidad espacial; por eso, sigue y mira: “Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéas” (“O Guardador de Rebanhos”, I; cf. a página web da BNP: <http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/index.html>). Sin pretender hacer ningún análisis exhaustivo al respecto, parece evidente que el Pessoa más vinculado al saudosismo o el autor de “Ó sino da minha aldeia”, por ejemplo, sitúan el oído como eje de su exploración, la cual traducen a la corporalidad del tiempo: “E é tão lento o teu soar, | Tão como triste da vida, | Que já a primeira pancada | Tem o som de repetida. [...] A cada pancada tua, | Vibrante no céu aberto, | Sinto mais longe o passado, | Sinto a saudade mais perto” (Pessoa, 1995: 93). Los objetos se presentan más que se describen. La interacción de sensaciones, sobre todo –insistimos– las auditivas y visuales, es común entre los escritores de la modernidad. Una consecuencia lógica de esta interacción es el empleo de la sinestesia. Llegar a alcanzar, en definitiva, lo que el mismo Buda consiguió como un signo inequívoco de sensibilidad extrema: ver con el oído o oír con la nariz.

Ernts Mach hizo célebre su fórmula del “yo insalvable” (*das unrettbare Ich*) que utilizaba en su *Análisis de las sensaciones*.⁴ El reduccionismo sistemático de Mach rebaja el yo y el mundo a “complejas sensaciones” analizables bajo la forma de procesos bio-físicos elementales. Se propone fundamentar el conocimiento a partir de unidades mínimas que no son otra cosa que sensaciones. La sensación constituye el único contenido real de la experiencia. No existe diferencia entre apariencia y realidad, entre fenómeno y cosa; todo es apariencia, todo es fenómeno.⁵ Aquello que denominamos “cosas” o “cuerpos” no son otra cosa que “haces de sensaciones”. Es así como conceptos como “cuerpo”, “substancia” o “materia” son, a lo sumo, “supuestas unidades” o “símbolos”, constructos “auxiliares para fines prácticos”. En este “mundo sin substancia” no cabe ninguna diferencia entre lo objetivo y lo subjetivo, lo físico y lo psíquico. Concebimos un yo que nos sirva “como unidad práctica para una observación provisional orientadora” y, por tanto, descartamos el yo “unidad inmutable determinada y precisamente delimitada”, una ilusión inútil y “insalvable” (Casals, 2003: 39-56). El yo es insalvable, *Das Ich ist unrettbar*, y “se disuelve en todo lo que puede experimentar, ver, oír o tocar”.⁶

La intelectualidad vienesa del momento interpretará este “fenomenismo integral” como la más cruel de las desmitificaciones de todas las certidumbres identitarias. Pero también existe una solución, dionisiaca, para resolver este “yo insalvable” y que pasa por poner en contacto el yo con el todo, en un desplazamiento de la extrema fragilidad de lo individual al intento de una

⁴ En esta obra leemos: “El yo es insalvable. En parte, esta idea, en parte, el temor a la misma, conduce a los más extraños absurdos pesimistas y optimistas de índole religiosa y filosófica. A la larga, uno no puede evitar abrirse a la sencilla verdad que resulta del análisis psicológico. Entonces ya no otorga al yo un gran valor; a un yo que varía muchas veces durante la propia vida individual; que puede estar parcial o totalmente ausente durante el sueño y al abismarse en la contemplación de algo, en un pensamiento, en los momentos más felices. Se renuncia entonces, con gusto, a la inmortalidad individual y no se concede ya a lo secundario el valor de lo primario. Gracias a esto puede alcanzarse una concepción más libre y radiante de la vida que excluye el desprecio del yo ajeno y la sobrestimación del propio yo” (*apud* Stadler, 2010: 128).

⁵ Para una útil aproximación sobre las relaciones entre física y psicología, ver Mach (1905), en donde intenta precisar el concepto de cosa y fenómeno: “La *chose* est ainsi une formation intellectuel (complexe représentatif ou concept scientifique); le *phénomène*, au contraire, est une *formation sensible*, qui peut correspondre à cette formation intellectuelle, coïncider avec elle, réaliser plus ou moins les attentes auxquelles il donne lieu, mais parfois aussi les décevoir complètement. Ces exemples suffisent. Voir dans la chose plus qu’un ensemble cohérent d’expériences sensibles, arrêté par la pensée, est absolument oiseux, superflu et erroné. On pensera peut-être encore à des événements à venir, se rattachant à ceux qui ont été vécus. Là où l’expérience prend fin, la chose a perdu sa signification” (Mach, 1905: 310)

⁶ Diego Ruiz debe a Mach, entre otras muchas cosas, el concepto de símbolo o la misma definición de cuerpo como: “conjunto relativamente constante de sensaciones táctiles y visuales, ligado a las sensaciones de espacio y de tiempo” (Ruiz, 1905: II, 83).

reconciliación en la totalidad.⁷ La mística, Narciso y el genio son tentativas para reconstruir una identidad sobre las ruinas del sujeto (Le Rider, 2000: 60-61).⁸ El poeta se convierte en el desvelador de la gran unidad de la diversidad del mundo, en particular, entre el sujeto y los objetos, entre lo interior y lo exterior, entre la vida y la muerte.

El fisiologismo penetra la modernidad y influye, y de qué modo, en la disolución del sujeto. “Porque la esencia de la modernidad” defendía Georg Simmel “es el fisiologismo, el hecho de experimentar y de interpretar el mundo según las reacciones de nuestra interioridad, como un mundo interior; es la disolución de los contenidos estables en la subjetividad” (*apud* Le Rider, 2000: 42). Una lección que Pessoa podía haber incorporado, de entre otros autores, de su querido Cesário Verde. ¿O no es “Contrariedades”, primeramente titulado “Nevroses”, un poema que pone a prueba precisamente el fisiologismo, el mundo interior – la habitación – frente una realidad a través de una ventana tan subjetiva

⁷ Como se ha reconocido, Mach dota a la ciencia de su época no sólo de una gran interdisciplinaridad, sino también de un profundo humanismo. Su anti-metafísica no está reñida, al contrario, con un vivo interés por la espiritualidad oriental, es decir, por aquella que pone en suspenso el concepto de individualidad: “To Mach, it is imperative to overcome any idea of fundamental privacy of the individual ego: “...I no more draw an essential distinction between my sensations and the sensations of another person.” And immediately he added: “The same elements cohere at a number of points of combination, which are selves.” [...] Through Schopenhauer, through the Upanishads, through Buddhism, the theme of such transcendent unity has served to dissolve both intellectual and personal problems of individual consciousness [...] Regressive, as it idealizes all reality backwards into the *Urzeit* of psycho-genesis and bio-genesis, to the pre-individuated fluid of ocean and womb. Metaphysical, as it articulates a profound feeling of tranquil self-absorption in the vastly larger world, the deadly “oceanic feeling” of mystical religion. And it carried out this articulation solely as feeling, without cognitive criteria or practical test –as all mysticism finally must. It will not do. Life is individual, and science is a property of human life. Mach knew this of science, but his vision of the human spirit, though it leaves no room for death, does so at the enormous cost of denying life itself. And thus Mach returned humanity to pre-existence or to lifelessness” (Cohen, 1970: 154-156).

⁸ Hugo von Hofmannsthal escribió *Ein Brief* [La carta de Lord Chandos] bajo la influencia del físico después de asistir a sus clases. El escritor austríaco tildó de conversión su “misticismo sin Dios” (*apud* Le Rider, 2000: 67). El sujeto accede al bienestar de la sensación auténtica cuando sitúa el yo al unísono del mundo y así acaba con los facticios cortes sujeto/objeto asimilados por el lenguaje. En otro lugar, Le Rider describe otra vez este recorrido de Chandos que va de la anti-metafísica más radical al sentimiento del sagrado: “La langue que découvre Chandos dans la deuxième partie de sa *Lettre*, sous le coup d’un phénoménisme radical dont Ernst Mach est le modèle pour Hofmannsthal, se caractérise par une immédiateté empirique irréductible au concept, en micro-éléments, en atomes qui, chacun, contiennent une plénitude de sens. Les choses ne renvoient plus qu’à elles-mêmes, ne sont plus que le signe d’elles mêmes. Les épiphanies qui se révèlent à Chandos relèvent de la “tautologie mystique”. De l’immédiat de la perception émane un sentiment du sacré” (Le Rider, 1995: 74). En relación a otro poeta, Octavio Paz afirmó: “La tautología es, quizás, la única afirmación metafísica al alcance de los hombres. Lo más que podemos decir del ser es que es” (Paz, 2000: 925). En definitiva, el recorrido por la anti-metafísica, la de Caeiro o la Hofmannsthal, nos conduce a su sobre-afirmación metafísica (Cerdà, 2010: 36).

(y patológicamente voluble) como la que relata la voz del poema? Luego llegará “Tabacaria”, su fulgurante vuelta de tuerca. Las intuiciones de este poema pessoano sobre algunas de las teorías físicas más destacadas del siglo XX siguen asombrando. El ingeniero Álvaro de Campos relaciona física, fisiología y psicofísica, y sentimos vértigo de ver que el universo se reconstruye cuando el cliente del estanquero, “o Esteves sem metafísica”, reconoce el yo, “como coisa real por dentro”, y éste es reconocido “como coisa real por fora” (Pessoa, 2012: 70-83).

La ventana al mundo exterior agranda la soledad de muchos creadores, también entre los vieneses de principios de siglo XX.⁹ El género del diario personal es muy presente en la cultura vienesa: las individualidades agudizan la singularidad, su propio genio. La soledad irremediable del individuo también nos conduce a dudar de la aptitud del lenguaje como instrumento útil de comunicación. La *Sprachskepsis*, el escepticismo lingüístico, impregna un pensamiento que es ante todo una crisis de conciencia en la Viena de por aquel entonces. Pero más allá de esta capital imperial, también emerge, por ejemplo, en el teatro de Maeterlinck. El silencio es elemento constitutivo de su dramaturgia: hablar es decir menos; algo que Pessoa y, en concreto, en *O Marinheiro*, supo emplazar con maestría.

Otro aspecto que nos pondría en relación Mach y Caeiro es su beligerancia anti-metafísica. Las fenomenologías de Berkeley y de Hume (a las cuales Pessoa tuvo acceso y conformaron su formación filosófica y británica) nos llevan irreversiblemente a una teoría anti-metafísica. La defensa, desde el empirismo, del realismo, de la crítica del lenguaje y de la filosofía de la ciencia, inscribe Mach (y con él, el pensamiento filosófico vienés de finales del siglo XIX) en la estela de Leibniz, de Locke o de Hume, y contra el idealismo alemán, sobre todo contra Hegel y los hegelianos.

El silencio al que antes aludía puede revestirse, como mucha crítica ha hecho, de mística, de un orientalismo difuso. Pero, también, era un lugar de encuentro de los itinerarios anti-metafísicos de algunos pensadores europeos y tuvo su alcance en la vanguardia literaria de su tiempo. De Mach derivan dos temas fundamentales como son los límites (morales) del lenguaje y el dualismo entre lenguaje y realidad (Stadler, 2010: 135). En *El hombre sin atributos* de Robert Musil encontramos una serie de variaciones respecto al concepto del yo, así como una transformación de la economía del pensamiento en el modelo del sentido de la posibilidad.¹⁰ Preocupaciones también compartidas por el asistente de comercio

⁹ Podemos consultar unos apuntes a cerca de la ventana y el individualismo como enfermedad moderna de la cultura en Le Rider (2000: 46-49).

¹⁰ La pretensión de Robert Musil de crear una nueva moral a partir de la crisis de identidad y de la insuficiencia del lenguaje han sido diversas veces señalado; véase Le Rider (2000: 9-69). Recordemos que Musil presentó en 1908 la tesis: *Beitrag zur Beurteilung der Lehren Machs* [Por una evaluación de las doctrinas de Mach].

Bernardo Soares y registradas en el *Livro do Desassossego* (o “Desasocego”, como escribió Pessoa).¹¹

No puedo desarrollar ahora esta tendencia, pero sí quisiera señalar una particular consecuencia en la estilística. La ciencia (o la filosofía o la literatura) debe limitarse a una representación sinóptica de los hechos. Seguramente ésta es una de las principales herencias que Wittgenstein asumió de Mach: su modo de presentación simple y fácilmente comprensible de fenómenos, de la manera en la que vemos las cosas. Todo aquello que no controlemos a través de la experiencia debe ser eliminado, especialmente la tradicional metafísica, borrada como un molesto pseudo-problema.

El afán por despojarse de toda parafernalia poética es una de las características más pertinaces de Alberto Caeiro. Es algo que, en relación a toda la órbita creativa pessoana, causa entusiasmo por su economía de expresión pero no se reviste de ejemplaridad. Caeiro recurre a unos medios deliberadamente “pobres”, utilizando palabras en su significado más primario.¹² De este modo, el “azul como o céu” o las “flores belas” tienen el mismo efecto que “levar um copo à água das fontes.” Pessoa/Caeiro es consciente que el lenguaje no es un instrumento de cognición sino de asimilación, y que el ser humano emplea el lenguaje. Pone de relieve que la poesía, precisamente, es la única arma capaz de vencer el lenguaje, utilizando los mismos medios que éste. Estos recursos “pobres” establecen cierta tautología mental y también el efecto paradójico de desarrollar la imaginación del lector. Tal vez unas imágenes o símiles más sofisticados cautivarían nuestra imaginación, pero la acabarían confinando dentro de sus logros.

El resultado que nos ofrecen todos los maestros de la sospecha no es ni puede ser nunca un sistema de filosofía ni ninguna concepción totalizadora del mundo. No se busca una solución de todos los problemas, sino lo que Mach (y

¹¹ Me remito una vez más a las aportaciones de Ribeiro (1997 y 2011), especialmente centradas en la perspectiva comparativista entre creadores vieneses y el *Livro do Desasocego*. Entre las páginas de Claudio Magris dedicadas a Musil, el escritor de Trieste señala su dualismo sobre lo real, su sentido de la posibilidad o su particular espiritualismo, y apunta su temprana y fundamental formación con Ernst Mach: “La réalité devient prétexte à l'exercice de l'activité spirituelle, et en vient à dépendre en quelque façon de l'esprit qui lui donne son empreinte, qui choisit au sein de son enchevêtrement confus de nœuds et des relations les possibilités qui à ce moment donné répondent à ses exigences. Musil avait fait sa thèse sur Mach, spécialiste de la sensation et des rapports entre l'élément physique et l'élément physique. La pensée de Musil oscille, come Ulrich dira à Diotime, entre âme et exactitude, entre une rigueur mathématique parfaitement lucide et une ardente aspiration à la liberté surhumaine de l'extase surplurinationale, entre le calcul intégral et le Règne Millénaire. Et lui est au contraire un démolisseur impitoyable et sarcastique de l'idéalisme et de l'humanisme bourgeois libéral” (Magris, 1991 : 338).

¹² Utilizo el adjetivo “pobre” en la acepción que Joseph Brodsky aplicó a la poesía extremadamente sensualista de Cavafis en el ensayo “La canción del péndulo” (1986: 29-42).

buena parte de sus seguidores) llamaron un giro epistemológico.¹³ Como en su día ya sugirió Lourenço a propósito de Caeiro, en esta línea de comprensión estaría el apotegma del *Tractatus* de Wittgenstein: “toda filosofía es crítica del lenguaje”. El sensacionismo de Caeiro indica la enfermedad del pensamiento, es decir, del lenguaje. Y propone, no tanto un modelo (o tratamiento), como sobre todo, y para tomar prestada la expresión que acabo de utilizar, un giro epistemológico en las poéticas del siglo XX.¹⁴

Sigmund Freud fue otro vienés que puso bajo sospecha la noción de permanencia, de continuidad, de cohesión que tradicionalmente vinculamos a la idea de identidad del sujeto. El entramado a finales de siglo XIX en Viena entre filosofía y psicología con fisiología ha sido subrayado. La génesis del psicoanálisis no puede ocultar su raíz científico-natural. Freud estaba al corriente de las investigaciones sobre la fisiología de los sentidos de Mach, aunque nunca existió sintonía entre los dos autores. Sí, en cambio, Mach mantuvo excelentes relaciones con algunos de los colaboradores y discípulos de Freud. El influjo del análisis de las sensaciones de Mach en el concepto de salud y enfermedad mental ha sido demostrado (Stadler, 2010: 136-137 y Casals, 2003: 45-46).¹⁵ Tanto Freud como Mach estuvieron atraídos por las formas extremas de alteración del yo: la

¹³ Mach que no aspiraba a ser filósofo, sí que propuso insistentemente este giro epistemológico tanto en la investigación científica como en la humanística, porque en definitiva, constituyen una sola: “Nuestras consideraciones no aportan prácticamente nada al filósofo. Ellas no se proponen resolver ni uno ni siete ni nueve enigmas del universo. Solamente inducen al sabio a apartar aquellos pseudo-problemas que le desconciertan, dejando el resto como objeto de la investigación positiva. Lo que nosotros ofrecemos de modo inmediato no es sino una regla negativa para la investigación científica, una regla de la que no debe preocuparse ningún filósofo que posea o crea poseer las bases seguras de una concepción del mundo [Weltanschauung]”. Extraído de *Erkenntnis und Irrtum: Skizzen zur Psychologie der Forschung* (1905), apud Casals (2003: 42). Pessoa utiliza dos veces el término *Weltanschauungen* (visión del mundo), sospecho que por influencia del autor que puso en boga este concepto, Wilhelm Dilthey, *Einleitung in die Geisteswissenschaften* (1914).

¹⁴ En este sentido traigo a colación un comentario de un discípulo de Mach, Josef Popper-Lynkeus (1838-1921): “Cuando uno dice el mundo me parece así y no el mundo es así, hay allí una hipótesis implícita. La filosofía no debe ir más allá del terreno de lo vivido. El resto es silencio. Con ello se acota el escepticismo. Aprender a soportar la idea de una concepción incompleta del mundo, como me dijo en alguna ocasión tan agudamente Mach. Esto se podría expresar así: cerrar la boca y seguir viviendo” (apud Stadler, 2010: 133). Incluyo este comentario, a riesgo de una comparación banal, teniendo presente el poema de Alberto Caeiro “Ha metaphysica bastante em não pensar em nada” (“O Guardador de Rebanhos”, V; cf. a página web da BNP: <http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/index.html>).

¹⁵ El paso por París y su contacto con Jean Martin Charcot, introducen a Freud de lleno en la neurología y también en la psiquiatría y en la hipnosis. Su tratado sobre la histeria, redactado a dos manos junto Josef Breuer (1895) – y no su fundamental interpretación de los sueños, es decir, la base del psicoanálisis –, fue lo que le valió su plaza en la Universidad de Viena (Springer, 2005: 371-379). Tal vez este Freud más oficioso, reputado especialista en histerismo, fuese también reconocido por Pessoa.

emergencia del doble (*Doppelgänger*), experiencias extáticas o hipnóticas, o cualquier situación patológica en que el yo se viese enajenado.¹⁶

Pessoa conocía, no sé si se podría determinar hasta qué punto, la obra de Freud. En cualquier caso, suficientemente como para poderla enjuiciar como “*systema imperfeito, estreito e utilissimo*” (Pessoa, 2006: I, 404). Lo hace, y con una perspicacia genial, en una famosa carta a João Gaspar Simões (11-XII-1931). El interés por la psiquiatría de Pessoa merecería algo más que un comentario. No se trata de investigar al escritor como sujeto clínico (algo que tiene un interés relativo cuando cae en el mero biografismo), sino discernir sobre el acopio de información que sobre psiquiatría hizo a lo largo de toda su vida (ver Pizarro, 2007). No es sólo un recurso para su tratamiento personal, su persistente auto-auscultación. Debemos también encontrar una epistemología, la que conlleva necesariamente relatar el sujeto diagnosticado. Se trata, en definitiva, de incorporar el singular concepto de psiquiatría de Pessoa, este tesón, a la lectura de su obra.

Por poner un ejemplo: entre los destinatarios (si es que llegaron a recibir la carta) de Pessoa se encuentra Hector y Henri Durville de París. Como es sabido, los Durville tenían un gabinete de estudios sobre magnetismo personal y de medicina psico-naturista. Su éxito fue sorprendente a tenor de la cantidad de traducciones de sus folletos. Merecería el esfuerzo integrar este interés pessoano en el sensacionismo. Un fenómeno físico, el magnetismo, era estudiado en relación con la fisiología y su efecto, según sostenía Durville, permitía un control sobre la salud mental. Pura patraña, otro contacto estrafalario, dirán algunos, del aprendiz de brujo que fue Pessoa. Pero si dedicamos un tiempo a ojear los folletos de Durville veremos una pretendida fisiología de los sentidos, una terapia que se reivindica como anti-metafísica.¹⁷ Como sostuvo un discípulo de Freud y disidente del

¹⁶ Uno de los más aventajados discípulos de Mach, el físico Richard von Mises -y que más tarde se convertiría en un prestigioso especialista de Rilke-, sintetizaba el “yo insalvable” no sin someterlo a pruebas extremas para mostrar su irremisible debilidad: “One frequently cited phrase from the *Analysis of Sensations*, which many have disputed and others have quoted in a tone of slight horror, is the sentence: “The Ego cannot be saved.” What is meant by that? Only that what we call the Ego is a totality of sensations continuously flowing, continuously enlarging itself or narrowing, changing in every respect at all times, a thought symbol for a sum total without definite limits and without exact definition of content. We should say “it thinks” and not “I think” as Lichtenberg already argued concerning Descartes “je pense, donc je suis.” It is true that no-one in possession of his sense confuses his own hunger, his own pain, and his own joy with the hunger, the pain, the joy of another individual. But how about the Ego in dreamless sleep? Who acts in the state of hypnosis, one’s own or another’s Ego? Where is the boundary between hypnotic and other form of transfer of the will to act –a transfer which may take kinds of forms, from simple persuasion and intellectual deception to criminal use of drugs” (Mises, 1970: 262-263).

¹⁷ En un folleto consultado, podemos leer “La Fondation Henri Durville offre aux malades de toutes les catégories les moyens naturistes et psychiques de retrouver rapidement la santé par un traitement rationnel et efficace. La médecine qui drogue a fait faillite! [...] La vraie médecine est celle qui sait remonter aux origines de la maladie pour pouvoir en combattre efficacement les effets [...] La Fondation Henri Durville lutte contre les maladies organiques, nerveuses et morales en

freudismo, Victor Frankl, no puede existir una psicoterapia sin una teoría sobre el hombre y una filosofía subyacente a ésta. Es a esa unidad implícita a la que debemos remitirnos en la lectura de Pessoa.



Desarrollo de la mirada ante un espejo



La mirada magnética

La mirada hipnótica

Fig. 3. Ilustración sobre la tipología de miradas, magnética e hipnótica, y el desarrollo de la mirada ante un espejo. A partir del folleto de Henri Durville, *Le Regard magnétique*. Paris: Bibliothèque Eudiaque, s.p.

Ernst Mach tuvo un gran interés por la infancia. Mucho antes de la epistemología genética de Jean Piaget, el desarrollo intelectual del niño tiene un papel decisivo para su formulación filosófica. La comprensión histórico-genética, a la vez que evolucionista, de los problemas, debe remontarse indefectiblemente a la infancia (Stadler, 2010: 117-118).¹⁸ No dudo del peso del modelo estético, a lo

provoquant des réactions salutaires. A cet effet, elle a recours aux agents physiques (massage, lumière, air chaud, gymnastique, magnétisme humain) et à une psychothérapie entièrement nouvelle (mentale et émotionnelle)" (Durville, s.d: s.p.). En el mismo folleto – un capítulo extracto del *Cours de Magnétisme personnel* del que pretendía información Pessoa –, se refieren otras publicaciones como: *La science secrète* o *Mystères initiatiques*, aproximaciones pretendidamente científicas a "le Mystère qui nous entoure; mystère de la Vie et de la Mort".

¹⁸ El propio Mach atribuyó al marco evolucionista el progreso de sus teorías, tanto a lo que respecta a la unidad empírica de la física o de la psicología, como a su posición respecto a la metafísica: "Les

António Nobre, que configura la imagen del niño que fue (y que ya no es) está muy presente en Pessoa. También que existió algo de epocal en el tratamiento de la infancia y que nos lleva irreparablemente, por vía retrospectiva, a la disolución del yo. En este sentido ya se ha comparado, y con provecho, Antonio Machado y la compañía heteronímica.¹⁹ Pero Pessoa insiste como nadie en este marco evolucionista, histórico-geneticista, por explicarse “*ele próprio*” y los problemas que le salen al paso. Véase, sino, su relato sobre “*a origem organica do meu heteronimismo*”, o de la heteronimia en las cartas a Adolfo Casais Monteiro y aquel remoto y, a la vez, vivísimo, juego de infancia que fue su Chevalier de Pas (Pessoa, 2006: I, 459).

Creadores de la Viena de comienzos de siglo XX (Mahler, Weininger, Freud, Hofmannsthal o Klimt) experimentaron una severa crisis de identidad. Su concreción se evidencia en la insuficiencia e insatisfacción del lenguaje consagrado y convencional, el cual les resultaba inadecuado y desorientador para expresar su necesidad de sentido. Hay también en esta constatación otro elemento que parece repetirse y, por lo que respecta a Pessoa, me parece relevante: la necesidad de enfrentarse de modo teatral a la realidad apocalíptica de principios de siglo XX. La “teatromanía”, según expresión de Stefan Zweig, va más allá de una valoración del género dramático o de su espacio social, es un modelo de vida. Arte y vida se confunden (Casals, 2002: 38-39).²⁰ Como he comentado, la fisiología replantea el

progrès éclatants des sciences biologiques et le développement de la doctrine de l'évolution ne tardèrent pas à modifier cette vue [respecto a las relaciones de dependencia mutua de los enunciados sobre la realidad], et me conduisirent à envisager la vie psychique tout entière et, en particulier, le travail scientifique, comme un aspect de la vie organique. La valeur purement économique que j'attribue aux théories et, en même temps, la position que j'ai prise en face de la métaphysique trouvent leur justification profonde dans les exigences biologiques. Saisir, avec toute l'économie de pensée possible et sur la base de recherches exactes, la dépendance mutuelle des expériences internes et externes de l'homme: tel devient alors l'idéal de la science prise dans son ensemble” (Mach, 1905: 304)

¹⁹ La bibliografía sobre la relación entre Pessoa y Machado es prolija y muy centrada en el ejercicio comparatístico, no siempre ajustado, de la heteronimia. Como oportunamente se ha señalado: “Machado cria os seus precursores, enquanto Pessoa cria os seus contemporâneos” (Pizarro, 2012: 175, *apud* para una actualización bibliográfica sobre la relación de estos dos autores). Con todo, lo que ahora pretendo resaltar en Machado es el tema de la niñez y su maduración como origen de la otredad. La ruptura entre “niño que soñaba un caballo de cartón” y “el niño se despertó”.

²⁰ Ciertamente, esta “teatromanía” no debe asimilarse sólo a un esteticismo *fin de siècle* a la que tantas veces se ha reducido determinada modernidad vienesa. Ribeiro (1997) establece una interesante comparación entre Karl Kraus y Bernardo Soares en que se señala precisamente el carácter dramático, no sólo alejado de cualquier tentación esteticista, sino más bien como afirmación ontológica. Esta dramatización debe fundamentarse en una relación distinta sobre el lenguaje convencional porque, en definitiva, como comenta Ribeiro a propósito de Soares: “The “intimate theatre” is clearly the theatre of language” (Ribeiro, 1997: 76). Le Rider en su monografía sobre Hofmannsthal, relaciona el desdoblamiento de la personalidad, tan presente en la psiquiatría como en la literatura de la época, con Mach y un oportuno apunte de Taine respecto a lo que venimos observando: “Bien avant *L'analyse des sensations* d'Ernst Mach, qui concluait que le moi était

hecho de experimentar e interpretar el mundo, y de modo más específico, modifica el modo de abordar la estética. La *Einfühlung*, empatía, de Theodor Lipps o Wilhelm Womringer están presentes en la cultura y el arte de la primera mitad del siglo XX.

Traigo a colación, por último, un texto de unos de los críticos literarios mejor informados en la España de las dos primeras décadas del siglo XX, Adolfo Bonilla y San Martín. Su nombre figura entre los lusófilos españoles, alguien a quien quizás el nombre de Pessoa le pudo sonar de algo. En la misma ficha en que el escritor portugués anotó hasta ocho obras de Diego Ruiz, añadió una referencia de Eugenio d'Ors (*El Glosario*, en la edición de 1908) y otra, precisamente, de Adolfo Bonilla (*El mito de Psiquis*, Barcelona, 1907).²¹

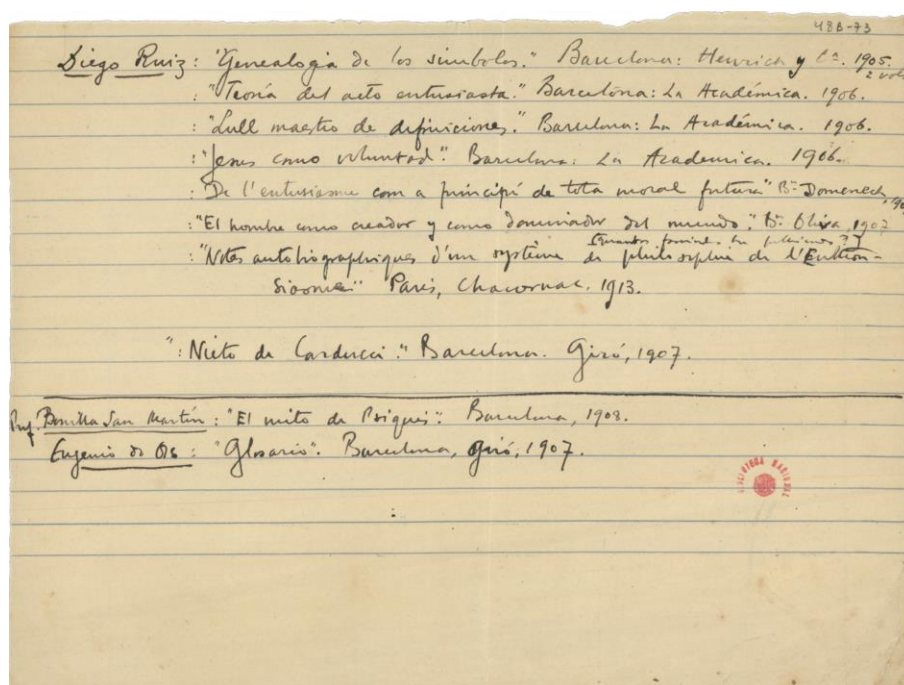


Fig. 4. BNP/E3, 48B-73. Referencias bibliográficas de Diego Ruiz.

"irrecuperable", Hippolyte Taine, dans *De l'intelligence*, en 1870, écrivait: "Le cerveau humain est un théâtre où se jouent plusieurs pièces différentes, sur plusieurs plans dont un seul est en lumière. Rien de plus digne d'étude que cette pluralité foncière du moi; elle va bien plus loin qu'on ne l'imagine." " (Le Rider, 1995: 112).

²¹ *El mito de Pyquis* (editado en 1908 y no en 1907, como anota Pessoa) contiene dos partes muy diferenciadas. La primera es básicamente una descripción histórico-descriptiva de los testimonios del ciclo de Eros y Psique con un especial detenimiento en los peninsulares. La segunda parte, por el contrario, es una suerte de filosofía natural, del sentido del mito y de sus aproximaciones contemporáneas. En el intento de clasificar las distintas tendencias filosóficas que han pretendido abordar el "problema del conocimiento de lo íntimo de las cosas", cita al "distinguidísimo pensador español contemporáneo: Diego Ruiz" y su "profunda *Genealogía de los Símbolos*". Para Bonilla, como para Ruiz, la sensación "en lo que parece ofrecernos de más aparente, es numérica" (Bonilla, 2001: 208).

Entre las referencias figuran: *Llull, maestro de definiciones* (1906), *Jesus como voluntad* (1906), *De l'entusiasme com a principi de tota moral futura* (1907) – seguramente una de las pocas referencias bibliográficas en catalán del *espólio pessoano* –, *El hombre como creador y como dominador del mundo* (1907) y *Notes autobiographiques sur un système de philosophie de l'enthousiasme* (1913), único título, según nos consta, que formaba parte de la biblioteca particular de Pessoa (Cerdà, 2010: 28).

En un prefacio de Bonilla a las traducciones de Fernando Maristany, el poeta español más cercano a Pascoaes, escribió lo siguiente:

Los antiguos griegos llamaron poeta a todo autor, creador o hacedor de algo. El sentido del vocablo se restringió luego, y este concepto, nuestro candoroso lexicógrafo Covarrubias escribe “que es propio de los poetas fingir”, de donde vino a resultar que la función del poeta consistía en crear o producir ficciones, o, como dijo Cervantes, “cosas soñadas y bien escritas para entretenimiento de los ociosos, y no verdad alguna.” Conviene rectificar semejante noción, porque la Poesía puede ser más verdadera que lo juzgado vulgarmente como realidad. Al fin y a la postre, para los más excelsos pensadores, el mundo viene a ser nuestra representación [...] un versificador meramente descriptivo, por hábil y aun portentoso que sea, no es, a mi juicio, un verdadero poeta. Y al decir descriptivo, no me refiero únicamente a la personal traducción de impresiones recibidas de la Naturaleza, sino también a la expresión, más o menos intensa y veraz, de fenómenos de conciencia. El poeta, propiamente tal, en verso o en prosa, por escrito o de palabra (orador), es un creador de estados de espíritu en los que le leen o escuchan [...] puede haber algo poético, si su contemplación coloca al espectador u oyente en un estado espiritual de carácter estético, o lo que es lo mismo, afectivo y antiegoísta. Claro es que, en parte, semejante estado depende de las condiciones del sujeto; pero la actividad de éste se desarrolla merced a la sugestión, excitación o impresión producida por la obra artística. De ahí que Lipps estime como elementos integrantes de su concepto fundamentalmente estético (la *Einfühlung*), al dato sensible y la actividad aperceptiva (Bonilla, 1920: 8-9).²²

Merecía la pena este *excursus*, para mostrar hasta qué punto la estética estaba fundamentada en la actividad “aperceptiva” y en la auto-alienación.²³ Para un crítico peninsular, el poeta era un fingidor, alguien capaz de (re)presentar realidades más auténticas que la mera realidad.

²² Bonilla anota a pie de página: “W. Worringer: *Abstraktion und Einfühlung*. München, 1919, pág. 5.” Se trata, pues, de *Abstracción y Empatía* una de las obras que mayor influencia ha ejercido en las artes en la primera mitad del siglo XX.

²³ Esta relación que pone en evidencia Bonilla entre la actividad “aperceptiva” y la auto-alienación creo que debería tenerse presente en la “búsqueda de una nueva objetividad”, tal y como ha señalado Jerónimo Pizarro (2012). No sólo grandes nombres de la literatura peninsular ibérica de las primeras décadas del siglo XX, sino también académicos o estudiosos debatieron sobre la *Einfühlung* y el “no yo”, para utilizar la expresión de Pedro Font Puig (1927). Debe valorarse la hegemonía que por aquel entonces disponían los estudios estéticos germánicos. Si bien no todos los autores pudieron acceder a fuentes directas del centro irradiador, a través del tamiz francés o británico, estas teorías llegaron a la Península Ibérica. Con mucha probabilidad, también al autor de “Autopsicografía”.

La cultura de la Viena de comienzos del siglo XX forma parte de la arqueología de nuestra postmodernidad. No fue mera coincidencia la revaloración de esta cultura vienesa con el llamado *boom* Pessoa, dos fenómenos en que se planteó la crisis de identidad como denominador común. La simpatía que uno de los pensadores más influyentes de estas últimas décadas, Paul K. Feyerabend, mostró por la figura de Mach, nos pone sobre la pista de hasta qué punto es ineludible el autor del *Análisis de las sensaciones* en el relato de la modernidad (Feyerabend, 1995: XXV). No he pretendido hablar de influencias (Pessoa desconocía seguramente la mayoría de obras y autores austriacos que he mencionado, a excepción de Freud); sin embargo, temas, planteamientos de problemas, marcos o estrategias de solución pudieron ser comunes. Se trata de una propuesta que parte del convencimiento de que se debe situar el sensacionismo en un contexto -el del análisis de las sensaciones- indispensable para la comprensión y valoración de su alcance. Si Pessoa es uno de los escritores más representativos de la Europa de la primera mitad del siglo XX, el diálogo con uno de los focos de pensamiento más importantes de nuestra contemporaneidad, la Viena *fin de siècle*, merece al menos nuevas aproximaciones.

Bibliografía

- BONILLA Y SAN MARTÍN, Adolfo (1920). "Prefacio", en: Fernando Maristany, *Florilegio*. Barcelona: Cervantes, pp. 7-18.
- BONILLA Y SAN MARTÍN, Adolfo (2001). *El mito de Psyquis. Un cuento de niños, una tradición simbólica y un estudio sobre el problema fundamental de la filosofía*. Barcelona: MRA.
- BRODSKY, Joseph (1986). *La canción del péndulo*. Barcelona: Versal.
- CASALS, Josep (2003). *Afinidades vienesas. Sujeto, lenguaje, arte*. Barcelona: Anagrama.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi (2010). "Fernando Pessoa ¿lector de Diego Ruiz?", en: Xosé Manuel Dasilva (ed.), *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa, III*. Vigo: Academia del Hispanismo, pp. 25-43.
- COHEN, Robert S. (1970). "Ernst Mach: Physics, Perception and the Philosophy of Science", en: *Ernst Mach Physicist and Philosopher*, edited by R. S. Cohen and R. J. Seeger. Dordrecht: D. Reidel, pp. 126-164.
- DUCH, Lluís; MÈLICH, Joan Carles (2003). *Escenaris de la corporeïtat. Antropologia de la vida quotidiana*, 2.1. Barcelona: PAM.
- DURVILLE, Henri (s. d.). *Le Regard magnétique*. Paris: Bibliothèque Eudique / Henri Durville éditeur.
- FEYERABEND, Paul K. (1995). *Matando el tiempo. Autobiografía*, introducción de José M. Sánchez Ron. Madrid: Debate.
- FONT PUIG, Pedro (1927). "El sentimiento de comunión desinteresada con el no yo como fuente de placer estético", en: *Estudios eruditos in memoriam de Adolfo Bonilla y San Martín*. Madrid: Jaime Ratés, tomo I, pp.13-25.
- GIL, José (1988). *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Lisboa: Relógio d'Água.
- LE RIDER, Jacques (1995). *Hugo von Hofmannsthal. Historicisme et modernité*. Paris: PUF.
- MACH, Ernst (1905). "Sur le rapport de la physique avec la psychologie", en : *L'année psychologique*, n.º 12, pp. 303-318.
- MAGRIS, Claudio (1991). *Le Mythe et l'empire dans la littérature autrichienne moderne*. Paris: Gallimard.
- MISES, Richard von (1970). "Ernst Mach and the empiricist conception of science", en: *Ernst Mach Physicist and Philosopher*. Edited by R. S. Cohen and R. J. Seeger. Dordrecht: D. Reidel, pp. 245-270.
- PAZ, Octavio (2000). *Fundación y Disidencia*. Barcelona: Galaxia Gutenberg / Círculo de Lectores. Obras Completas, tomo II.
- PESSOA, Fernando (2012). *Todos Os Sonhos do Mundo | Todos los sueños del mundo*. Medellín: Tragaluz.
- (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edición de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edición Crítica de Fernando Pessoa, Serie Mayor, vol. X
- (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edición de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edición Crítica de Fernando Pessoa, Serie Mayor, vol. VII, 2 tomos.
- (1995). *Poesias*. Lisboa: Ática, 1995.
- PIZARRO, Jerónimo (2013). *Alias Pessoa*. Valencia: Pre-Textos.
- (2012). "Machado e Pessoa: a procura de uma nova objectividade", en: *Suroeste*, n.º 2, pp. 175-185.
- (2007). *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Coleção "Estudos", vol. III.
- RIBEIRO, António (2011). "Modernist Confluences: Comparative Perspectives on Portuguese Modernism", en: *Portuguese Modernisms. Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*. Edited by Steffen Dix and Jerónimo Pizarro. Oxford: Legenda, pp. 250-263.
- (1997). "Metamorphoses of the Flâneur. From Ringstrasse to Rua dos Douradores", en: *New Comparison*, n.º 21, pp. 65-77.

- RUIZ, Diego (1905). *Genealogía de los símbolos (Principios de una ciencia deductiva)*. Barcelona: Henrich. Tomos I y II.
- SPRINGER, Käthe (2005). "Le mystère du rêve et le développement de la psychanalyse", en: *Vienne fin de siècle*. Paris: Hazan, pp. 371-379.
- STADLER, Friedrich (2010). *El Círculo de Viena. Empirismo lógico, ciencia, cultura y política*. México: Universidad Autónoma Metropolitana / Fondo de Cultura Económica.

Mar Salgado: Fernando Pessoa perante uma acusação de plágio

José Barreto*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, *Mar Português*, Plágio, António Correia de Oliveira, *Mensagem*, Salazar, Tomás Ribeiro Colaço.

Resumo

Partindo da análise de um pequeno poema de Fernando Pessoa revelado em 2000, no qual o escritor reage a uma acusação de plágio relacionada com alguns versos do seu famoso poema *Mar Português*, este artigo situa cronologicamente o caso, revela a origem dessa acusação e enquadra historicamente o episódio, sublinhando o simbolismo político de que se revestiu. Pessoa foi acusado em Março de 1935 por um correspondente do semanário literário *Fradique* de se ter apropriado de expressões de uma velha quadra de António Correia de Oliveira, que nos anos 30 se estava a consagrar como o poeta oficial do regime de Salazar. Isso aconteceu no seguimento da inesperada ruptura pública de Pessoa com o Estado Novo, que ocorreu apenas um mês depois de o livro *Mensagem*, integrando o poema *Mar Português*, ter recebido um prémio governamental. O caso da acusação de plágio opôs assim não só dois poetas destacados como também duas atitudes muito diferentes em relação ao regime de Salazar.

Keywords

Fernando Pessoa, *Mar Português*, Plagiarism, António Correia de Oliveira, *Mensagem*, Salazar, Tomás Ribeiro Colaço.

Abstract

Setting out from the analysis of a little poem by Fernando Pessoa revealed in 2000, in which the writer responds to an accusation of plagiarism related to some verses of his famous poem *Mar Português*, this paper gives the chronology of the case, reveals the origin of the accusation, and draws the historical background of the episode, stressing its political symbolism. Pessoa had been accused in March 1935 by a correspondent of the weekly literary newspaper *Fradique* of having appropriated some expressions of an old quatrain from António Correia de Oliveira, who in the middle 1930s was establishing himself as the official poet of the Salazar regime. This happened in the wake of Pessoa's unexpected public clash with the regime, just one month after he had received a government award for his book *Mensagem* integrating the poem *Mar Português*. Thus the case of the plagiarism accusation opposed not only two prominent poets but also two very different attitudes towards the Salazar regime.

* Instituto de Ciências Sociais — Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Fernando Pessoa ter-se-á inspirado num poema de António Correia de Oliveira para escrever dois versos do poema *Mar Português*. O assunto já foi abordado por vários estudiosos, como Arnaldo Saraiva e J. C. Cruz Pontes.¹ De há muito conhecido é o facto de Pessoa ter apontado em 1914, numa nota para Armando Côrtes-Rodrigues, a influência de Correia de Oliveira, que situou em 1908-1909, na sua formação poética, juntamente com outros poetas portugueses e estrangeiros.² Pessoa conheceu e teve vários contactos com o nove anos mais velho António Correia de Oliveira (1879-1960), embora em 1912 este tivesse deixado Lisboa e ido viver para a sua quinta de Belinho, perto de Esposende. Foi sobretudo com o seu irmão, o também escritor João Correia de Oliveira, que Pessoa mais se deu, como o atestam páginas do diário de 1913 e outros trechos.

Mais recentemente foi divulgado um poema de Fernando Pessoa relacionado com uma acusação de plágio de que foi alvo por causa dos ditos versos. A estrofe inédita, procedente de um caderno usado pelo escritor em 1935,³ foi publicada em *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935* (Pessoa, 2000: 244), por Luís Prista, de quem se transcreve:

Eu falei no “mar salgado”,
Disseram que era plagiado
Do Corrêa de Oliveira.
Ora, plagiei-o do mar.
Eu sou tal qual Portugal
Faz-me sempre mal o sal
E ando sobretudo com azar.

Na imagem abaixo reproduz-se a página do caderno com o original do poema antecedido de dois outros textos.

¹ Arnaldo Saraiva, em várias obras, fez alusão á possível influência colhida por Pessoa na quadra de Correia de Oliveira, nomeadamente na crónica “As ‘ondas do mar salgado’ e as ondas da poesia”, publicada no *Jornal de Notícias* de 27 de Dezembro de 1986, p. 36, a que adiante voltaremos. J. M. da Cruz Pontes (1984: 9), opina que nos primeiros versos do *Mar Português* Pessoa “parafraseia” a quadra de Correia de Oliveira.

² Nota publicada em *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues*, 2.^a ed. (1959: 76-77).

³ BNP/E3, 144F-9v.

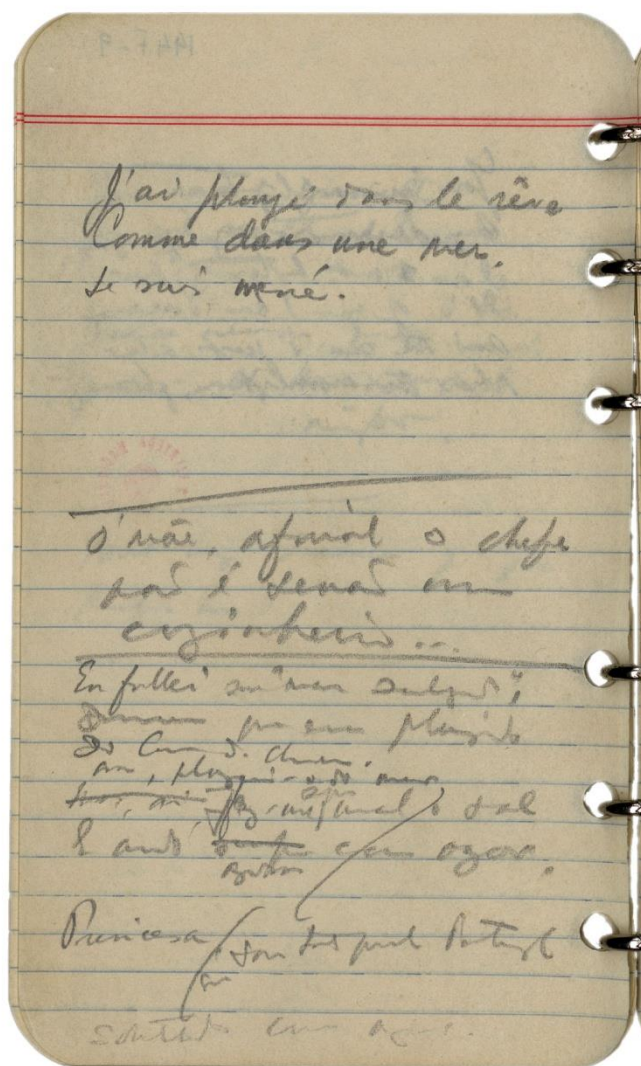


Fig. 1. BNP/E3, 144F-9^v. Manuscrito do poema, antecedido de dois outros textos.

Com toda a probabilidade, Pessoa reage neste poema a uma carta de um correspondente que se qualifica como “anónimo” e assina José Elísio da Fonseca, publicada no semanário *Fradique* de 14 de Março de 1935, p. 8., sob o título “O Mar Salgado”. O autor da carta aponta dois versos que tinham sido citados por um colaborador no penúltimo número do *Fradique* como sendo de Fernando Pessoa (“Ó mar salgado, quanto do teu sal | São lágrimas de Portugal!”) e afirma julgar que essa atribuição de autoria é fruto de um engano. O correspondente, que diz não conhecer o livro de Fernando Pessoa (*Mensagem*, publicado meses antes), pensa que os versos citados pelo jornal teriam sofrido uma deturpação “por erro de memória” e contrapõe-lhes uma quadra de António Correia de Oliveira, muitos anos antes publicada num livro deste poeta. Afirmando não se recordar do título do livro em causa, o correspondente cita a quadra de Correia de Oliveira, segundo diz, de memória: “Ó ondas do mar-salgado, | De onde vos vem tanto sal? | – Das

ondas que não chorado | Em praias de Portugal.” O autor da carta pretende que se dê “o seu a seu dono”, apelando ao “respeito pela propriedade intelectual”. A redacção do *Fradique*, comentando a carta, exime-se de responsabilidades no caso, declara que os versos citados no jornal “figuram no livro de Fernando Pessoa”, acrescentando que a semelhança constatável entre os dois poemas em causa se trataria de “um encontro de Fernando Pessoa com o grande poeta do *Elogio dos Sentidos*”. A redacção do *Fradique* (talvez o próprio director, Tomás Ribeiro Colaço) declara também não conhecer o signatário da carta, deixando-nos assim a possibilidade de conjecturar. Seria o signatário José Elísio da Fonseca uma pessoa real ou alguém que vestiu a pele de um correspondente “anónimo” para fazer valer os supostos direitos de autor de António Correia de Oliveira – eventualmente ele próprio? Provavelmente nunca se saberá, mas o correspondente parece ter-se esmerado em persuadir os leitores de que não se tratava do próprio Correia de Oliveira sob um nome falso, pela maneira como citou a sua quadra “de memória” (com discrepâncias) e disse não lembrar-se do título do livro em que ela tinha sido publicada.

A quadra de Correia de Oliveira foi publicada no livro *Cantigas* (Lisboa: Férin, 1902) e a sua transcrição fiel deveria ser, em lugar daquela que o correspondente deu no *Fradique*, a seguinte: “Ó ondas do mar salgado, | D’onde vos vem tanto sal? | Vem das lágrimas choradas | Nas praias de Portugal.” Interessantemente, Arnaldo Saraiva, na crónica atrás citada, revela que esta mesma quadra figura na obra do poeta Afonso Duarte *Um Esquema do Cancioneiro Popular* (Lisboa: Seara Nova, 1948, p. 17), onde o autor afirma tê-la recolhido em Beduíno, Estarreja. Como a data da obra de Afonso Duarte é muito posterior ao livro *Cantigas*, de Correia de Oliveira, não se pode concluir que a quadra seja de origem popular. E Arnaldo Saraiva informa ainda que o brasileiro Afrânio Peixoto, no livro *Trovas Populares Brasileiras* (Lisboa, 1908, p. 24), transcreve a mesma quadra sem nomear o autor, chamando-lhe “quadrinha que merecia ser popular”. Se “merecia ser”, era porque o não seria... Os dois versos de Fernando Pessoa – inspirados numa quadra popular ou, mais provavelmente, na quadra inserta no livro de 1902 de Correia de Oliveira ou no livro de Afrânio Peixoto de 1908 – eram o dístico de abertura de *Mar Português*, publicado pela primeira vez na *Contemporânea* n.º 4, de Outubro de 1922, p. 13, republicado no jornal *Revolução* de 16 de Junho de 1933 e posteriormente integrado no livro *Mensagem*, de 1934. No aparato crítico de *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935* (*op. cit.*, p. 497), Luís Prista diz não ter conseguido situar cronologicamente o episódio da acusação de plágio de que o poema de Pessoa dá testemunho.

Na imagem seguinte, obtida do exemplar do jornal conservado no espólio de Fernando Pessoa, reproduz-se a carta do correspondente conforme publicada no *Fradique* de 14 de Março de 1935, seguida da referida nota da redacção.

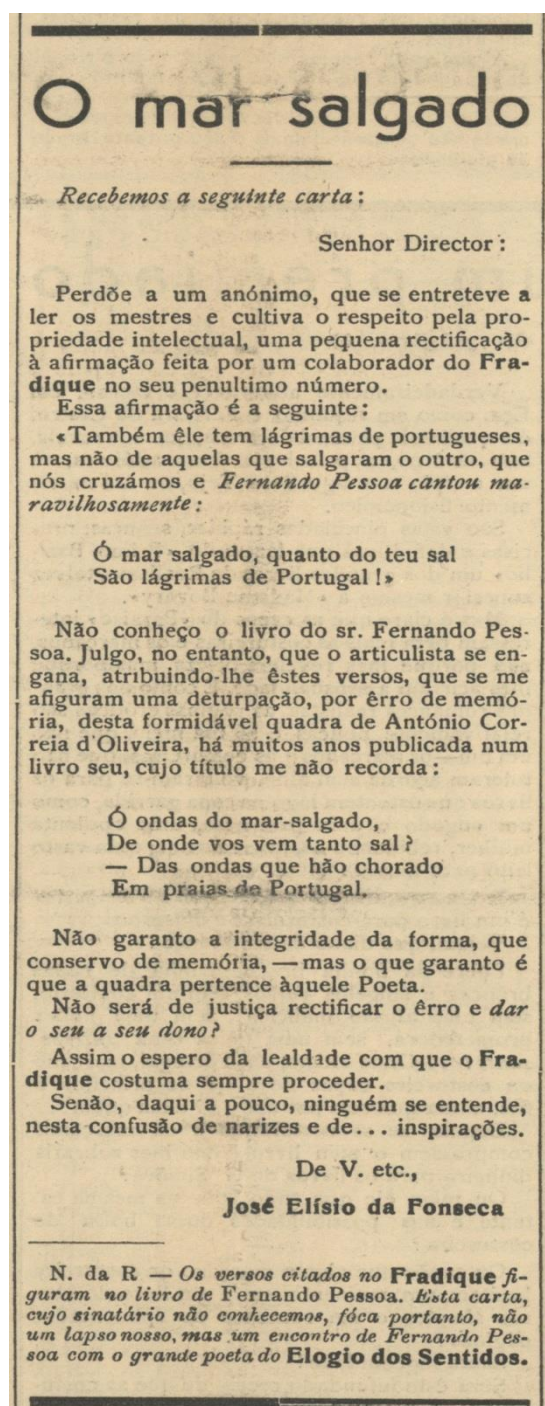


Fig. 2. BNP/E3, 135C-81b^v (pormenor).
"O mar salgado", *Fradique*, 14 de Março de 1935, p. 8.

O poema que Pessoa escreveu plausivelmente em reacção a esta carta não está datado no caderno do escritor, mas, devido a essa circunstância muito plausível, poderá situar-se com bastante probabilidade em meados de Março de 1935 ou dias seguintes.

Outra questão relacionada com o poema-resposta de Pessoa tem a ver com a referência algo críptica dos seus três últimos versos: "Eu sou tal qual Portugal !

Faz-me sempre mal o sal | E ando sobretudo com azar.” Como entender esses versos no contexto da reacção à acusação de plágio? Sabemos, por outro lado, que no conhecido “tríptico” de poemas satíricos de Fernando Pessoa sobre Salazar, de que os dois primeiros estão datados pelo autor de 29 de Março de 1935, o segundo poema utiliza a dupla sal e azar para aludir, desta vez expressamente, a Salazar:

Este senhor Salazar
É feito de sal e azar.
Se um dia chove,
A agua dissolve
O sal,
E sob o céu
Fica só o azar, é natural.

Oh, c’os diabos!
Parece que já choveu...⁴

Sem que seja possível estabelecer qual dos dois poemas foi escrito primeiro, se o poema-resposta à acusação de plágio, se o segundo poema do “tríptico”, resta que os dois poemas são do mesmo período e que a referência a sal e azar no primeiro resulta perfeitamente clara com a identificação expressa do visado no segundo.

Mas uma questão persiste: a que propósito ou com que intenção aludiria Pessoa a Salazar no poema em que reagia a uma acusação de plágio? Uma hipótese é que Pessoa tenha pretendido sugerir que a denúncia de plágio divulgada no *Fradique* tinha uma motivação política, na sequência do seu artigo “Associações Secretas”, publicado no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro desse ano, que causou sensação pela sua defesa da Maçonaria e desencadeou reacções escandalizadas nos arraiais dos apoiantes do regime de Salazar. Após ter recebido instruções de Salazar, o director da censura tinha ordenado que se abafasse a polémica e não se fizessem mais referências ao artigo de Fernando Pessoa.⁵ O próprio *Diário da Manhã*, órgão da União Nacional, tinha publicado um ataque chocarreiro a Fernando Pessoa na sua primeira página, em 5 de Fevereiro.⁶

Outra hipótese, menos vaga, é que Pessoa tenha suspeitado que o autor da carta ao *Fradique* era o próprio António Correia de Oliveira, ou alguém por ele. Correia de Oliveira desempenhava já então o papel de poeta oficial do regime. Na sessão plenária de encerramento do I Congresso da União Nacional, em 28 de Maio de 1934, Correia de Oliveira, que era o presidente da 3.^a secção do congresso, tinha

⁴ BNP/E3, 63-7^r (manuscrito datado dos dois primeiros poemas) e 92U-31^r e 32^r (dactiloscritos com os três poemas, não datados).

⁵ Veja-se a directiva da censura, com data de 8 de Fevereiro de 1935, reproduzida em *Fotobiografias século XX – Fernando Pessoa* (2008: 164).

⁶ Ver o posfácio a Fernando Pessoa, *Associações Secretas e outros escritos* (2011: 253-254).

recitado o seu poema *Patria Nostra*, que viria a ser publicado pelo Secretariado da Propaganda Nacional em 1935. À cabeça do livrinho Correia de Oliveira inscreveu a seguinte declaração: “O manuscrito original deste poemeto foi oferecido pelo autor ao Senhor Doutor António de Oliveira Salazar” (Oliveira, 1935: 5). O poema fazia várias referências laudatórias ao chefe do Estado Novo, o “sereno escultor” da raça lusitana:

Senhor!
 Bendito sejas tu, porque nos deste
 (Depois da injúria e mal que recebeste...)
 O Sereno Escultor
 Que modelando vai na brônzea raça
 E pedra lusitana
 A Imagem de Hoje em que se espelha a antiga
 Mas toda se refaz, adestra e obriga
 Aos novos fastos da calenda humana.

(Oliveira, 1935: 14)

Obedecei.
 Um Chefe? tem de havê-lo!
 O Chefe que nos ame e nos comande,
 Ao ser – e ele é! – virtuosamente belo,
 Espiritual, portuguesmente grande.

(Oliveira, 1935: 79)

Em 1938 Correia de Oliveira publicaria o *Auto das Oferendas*, que foi declamado diante de Salazar, a quem era dedicado (*apud* Viana, 1977: 19).

*

Uma última observação em torno do poema-resposta de Fernando Pessoa. Na página do caderno em que o poema foi escrito, pode ler-se imediatamente antes, separado apenas por um traço, o seguinte texto:

Ó mãe, afinal o chefe não é senão um cozinheiro...

Esta frase sarcástica joga com a ambiguidade do termo *chefe* que, podendo significar um cozinheiro, um chefe de cozinha, também era usado na época – incluindo, como vimos, por Correia de Oliveira – para designar o ditador Salazar.

*

Não sabemos como encarou Pessoa o facto de o *Fradique* ter aberto as suas colunas à acusação de plágio e de, em nota da redacção, ter classificado o caso como “um encontro de Fernando Pessoa com o grande poeta do *Elogio dos*

Sentidos". Fernando Pessoa e Tomás Ribeiro Colaço trocaram alguma correspondência em 1934 e 1935. Pessoa tinha colaborado no segundo número do *Fradique* (15 de Fevereiro de 1934) com o texto "O homem de Porlock", a respeito do qual existem duas cartas de Pessoa para Colaço.⁷ Numa carta posterior, que possivelmente se quedou como rascunho inacabado, Pessoa discordava de um artigo de Colaço sobre a poesia de António Botto⁸ (artigo que ocasionou, aliás, uma longa polémica que opôs José Régio ao director do *Fradique* nas páginas do semanário entre Agosto de 1934 e Fevereiro de 1935). Na sequência da publicação de "O homem de Porlock", texto que Colaço elogiou, mas considerou situar-se no limite de "dificuldade" para um jornal como o seu, o director do *Fradique* pediu mais colaboração a Pessoa, mas este, confessando-se desabitado de escrever com simplicidade, depois de prometer mais artigos, nunca cumpriu a promessa. Em 1935 o *Fradique* falou repetidas vezes de Pessoa, sobretudo a propósito dos prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional, em que *Mensagem* foi contemplada, e do já aqui referido artigo "Associações Secretas". Tomás Ribeiro Colaço, em particular, tomou posição contrária ao artigo de Pessoa em defesa da Maçonaria, com um artigo subtítuloado "Carta aberta a Fernando Pessoa" (Colaço, 1935), e meses depois, a 6 de Junho, publicou no seu semanário uma severa crítica da *Mensagem* (Colaço, 1935a). Sobre ambas as críticas, tal como sobre a carta do correspondente que o acusava de plágio, Pessoa manteve-se longos meses num silêncio absoluto. Enfim, numa conhecida carta datada de 10 de Outubro de 1935, Pessoa pedia desculpa a Colaço por há muito não lhe escrever, falta de que se penitenciava, atribuindo-a ao seu corte de relações com "a mais elementar decência social". Abordava nessa carta vários temas de possível melindre, como as críticas que Colaço entretanto fizera no *Fradique* ao artigo "Associações Secretas" e ao livro *Mensagem*. Pessoa declarava não ter percebido nem o teor nem a razão de ser da primeira crítica e elogiava o profissionalismo crítico e jornalístico (mas não o conteúdo) da segunda. Não tocava, porém, no assunto "mar salgado", que o *Fradique* divulgara entre as duas críticas, a 14 de Março. Pessoa afirmava não estar zangado com as críticas de Colaço e novamente prometia colaboração para o *Fradique*, jornal que elogiava por ser a "única publicação jornalística literária que temos" e pelo modo como tinha aberto as portas à polémica sobre o artigo "Associações Secretas".⁹ Sabemos, porém, que Pessoa detestou a crítica que Colaço fizera ao seu artigo sobre a Maçonaria e também não gostou da crítica à *Mensagem*. Em notas que escreveu a propósito da primeira, classificou Colaço como um

⁷ Cartas de Fernando Pessoa a Tomás Ribeiro Colaço de 8 e 15 de Fevereiro de 1934, em Fernando Pessoa, *Correspondência* (1999: II, 324-326).

⁸ Carta de Fernando Pessoa a Tomás Ribeiro Colaço, sem data, em *Correspondência* (1999: II, 333-334).

⁹ Carta de Fernando Pessoa a Tomás Ribeiro Colaço de 10 de Outubro de 1935, publicada após a morte de Pessoa no *Fradique* n.º 97, de 12 de Dezembro de 1935, e republicada em Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966: 80-83).

homem “de vaidade patológica”, invejoso, “reaccionário a fingir”, “inteligente às manchas” e entendido “na arte de falar do que não percebe” (Pessoa, 2011: 98-102). Pessoa falava da inveja de Colaço em relação com o impacto junto do grande público que o artigo “Associações Secretas” alcançara, algo que o director do *Fradique*, embora esforçando-se muito, nunca teria conseguido. A respeito da crítica à *Mensagem*, em que Colaço acusava o autor de ser inteligente em excesso, frio e ininteligível, Pessoa pouco deixou escrito, mas esse pouco é revelador do seu desagrado e perplexidade (Pessoa, 2011: 99-100). É tentador conjecturar que Pessoa também sentiria que Colaço lhe invejava o prémio da *Mensagem*.

O facto de o assunto “mar salgado” não ter sido abordado na última carta de Pessoa para Tomás Ribeiro Colaço é susceptível de diversas interpretações. Como Pessoa não reagiu publicamente à acusação de plágio, para o que obviamente poderia ter utilizado as páginas do *Fradique*, é possível que não lhe tenha desagradado a nota da redacção que acompanhava a transcrição da carta acusadora, dando-se por satisfeito com o teor dessa nota e decidindo dar o assunto por encerrado. Em todo o caso, Colaço – que considerava Pessoa um poeta demasiado inteligente e hermético – era consabidamente um grande admirador de Correia de Oliveira (ver Colaço, 1934). Ora esta circunstância pode ter suscitado em Pessoa alguma suspeição sobre o possível papel de Colaço na origem da carta do correspondente. Se suspeitou do “vaidoso” e “invejoso” Colaço, não o deixou transparecer naquela carta, a que deu um tom conciliador.

*

Concluindo, Pessoa interpretou aparentemente o episódio da acusação de plágio como um ataque político, eventualmente movido por um apoiante do regime de Salazar descontente com a posição que no mês anterior ele tinha tomado contra a lei que extinguiu a Maçonaria, inimiga número um do regime. No episódio “mar salgado” encontraram-se frente a frente dois poetas, mas não dois poetas quaisquer, disputando simplesmente a autoria de uma imagem poética. De um lado estava Fernando Pessoa, o poeta em ruptura pública com o Estado Novo, recém-galardoado pela *Mensagem*, mas desde então caído em desgraça aos olhos do governo; do outro lado, o tradicionalista e fervoroso salazarista António Correia de Oliveira, já com estatuto de poeta oficial do regime. À luz do simbolismo político de que esta história se reveste, os poemas satíricos que Pessoa então escreveu contra Salazar poderão também ser lidos como um contraponto mordaz à apologia do ditador por Correia de Oliveira.

Bibliografia

- COLAÇO, Tomás Ribeiro (1935). “O elogio da Maçonaria. Carta aberta a Fernando Pessoa”, in *Fradique*, n.º 54, 14 de Fevereiro, p. 1.
- ____ (1935a). “Mensagem – de Fernando Pessoa” (secção “Anotações Literárias”), in *Fradique*, n.º 70, 6 de Junho, p. 5.
- ____ (1934). “O colégio de Belinho”, in *Fradique*, n.º 32, 4 de Outubro, p. 1.
- DUARTE, Afonso (1948). *Um Esquema do Cancioneiro Popular*. Lisboa: Seara Nova.
- PESSOA, Fernando (2011). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição e posfácio de José Barreto. Lisboa: Ática.
- ____ (2000). *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I, t. 5.
- ____ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio e Alvim.
- ____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Edição de Jacinto Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Ática.
- ____ (1959). *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues*. Prefácio de Joel Serrão. 2.ª ed. Lisboa: Inquérito (1.ª ed. Lisboa: Confluência, [1945]).
- ____ (1935). “Uma carta inédita de Fernando Pessoa”. Carta a Tomás Ribeiro Colaço, de 10 de Outubro de 1935, in *Fradique*, n.º 97, 12 de Dezembro, p. 1.
- OLIVEIRA, António Correia (1938). *Auto das Oferendas*. S.l.: s.n. [Viana do Castelo: Tip. Gutenberg].
- ____ (1935). *Patria Nostra: discurso em verso, pronunciado pelo autor, presidente da 3.ª secção do Congresso da União Nacional, na sessão plenária de 28 de Maio de 1934*. Lisboa: SPN.
- PEIXOTO, Afrânio (1908). *Trovas Populares Brasileiras*. Lisboa: s.n.
- PONTES, J. M. da Cruz (1984). “Dizeres do Povo de Corrêa d’Oliveira e uma carta inédita de Fernando Pessoa”, in *Prelo*, n.º 5, Outubro/Dezembro, pp. 7-18.
- SARAIVA, Arnaldo (1986). “As ‘ondas do mar salgado’ e as ondas da poesia”, in *Jornal de Notícias*, 27 de Dezembro, p. 36.
- VIANA, Maria Manuela Couto (1977). “Encontro com Salazar”, in *A Rua*, n.º 56, 28 de Abril, pág. 19.
- ZENITH, Richard (2008). *Fotobiografias século XX – Fernando Pessoa*. S. l.: Círculo de Leitores.

Inéditos de Raul Leal

Rui Lopo*

Palavras-chave

Raul Leal, Fernando Pessoa, Gabriele d'Annunzio, Mário Eloy e Alberto Cardoso, *Presença*.

Resumo

Apresentam-se neste dossier alguns textos inéditos ou pouco acessíveis de Raul Leal, encontrados no espólio de Fernando Pessoa, assim como as dedicatórias que Leal colocou nos livros que ofereceu ao seu Amigo. Entre estes textos conta-se um poema dedicado a Pessoa, um relato dedicado a d'Annunzio, uma experiência literária de tipo sugestivo e encantatório lavrada em folhas do Manicómio Bombarda e um longo ensaio metafísico redigido a propósito de uma exposição dos pintores Mário Eloy e Alberto Cardoso.

Incluiu-se ainda neste conjunto um artigo de Leal publicado na revista *Presença*, apresentado pelo autor como excerto de uma obra inédita dedicada a Pessoa *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*, e que haveria que tentar reconstituir.

Keywords

Raul Leal, Fernando Pessoa, Gabriele d'Annunzio, Mário Eloy e Alberto Cardoso, *Presença*.

Abstract

We present here some unpublished (or quite unknown) texts by Raul Leal, found in Pessoa's Archive, as well as some hand-written dedications on his books directed at Pessoa. In these files, we have a poem dedicated to Pessoa; a small memory of d'Annunzio; a very enchanting literary experiment written on sheets of the Psychiatric Hospital Miguel Bombarda; and a long metaphysical essay concerning an art exhibition of Mário Eloy and Alberto Cardoso.

In these files, we also found an article published in *Presença*, presented by the author as an excerpt of a project dedicated to Pessoa, *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*. We hope that one day we would be able to reconstruct this project based on this and other fragments.

* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A História do *Orpheu* não estará completa sem a consideração atenta do contributo (não só literário) de Raul Leal, que é mais conhecido pela polémica com os estudantes de Lisboa a propósito da defesa de António Botto, publicado por Fernando Pessoa na sua editora Olisipo, e a subsequente edição de *Sodoma Divinizada*, mas que é prolixo autor de ensaios filosóficos, novelas, poesias (quase todas em francês) e diversos artigos de crítica literária e cultural de importância ainda por aferir.

Neste sentido, iniciamos nesta secção documental a publicação de alguns materiais de Raul Leal, quase todos encontrados no espólio de Fernando Pessoa, antecipando desde já que preparamos uma sua edição anotada mais sistemática e exaustiva, incluindo outros materiais lealinos directamente respeitantes a Fernando Pessoa, ao *Orpheu* e a outros projectos comuns ao grupo¹.

Em primeiro lugar apresentamos neste dossier as imagens e transcrições das dedicatórias que Leal colocou nos exemplares dos seus livros oferecidos a Pessoa e consultados na sua biblioteca, hoje parcialmente disponível na Casa Fernando Pessoa.²

No caso da primeira obra editada em livro por Leal, *Liberdade Transcendente*, incluímos também alguns exemplos de sublinhados no livro, assim como de um acrescento autógrafo de Leal, que rasura a lista de obras do autor, constante do final do volume e a substitui por outra. A *Liberdade Transcendente* é um ensaio filosófico original, publicado em 1913 como prefácio à obra de João Antunes *Hipnologia Transcendental* e que conheceu também edição especial, em separata, cuja capa aqui se reproduz (cf. Fig. 1). Tem na dita biblioteca, a cota CFP 1-87. A sua dedicatória é a que se segue (cf. Fig. 2):

Ao Fernando Pessoa, Espírito cheio de
Belêza, of. êste livro
Raúl Leal
pâra
lhe provár uma grande simpatia

Apresentamos também a reprodução da referida lista de Obras manuscrita, que consta do final do volume, que corrige a que vem impressa na página anterior e que nos surge rasurada por Leal (cf. Figs. 3 e 4):

Óbras do autor:
Devaneios e Alucinações... (estúdos de literatúra e filosofia)
Eutérpe... (estudos de critica e estética musicál)

¹ Nas transcrições que aqui apresentamos não procedemos a qualquer actualização ortográfica nem a qualquer correcção, mesmo quando os desvios à norma então vigente são patentes, facto de que damos conta mais abaixo no texto.

² Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento a Ana Maria Santos, da Casa Fernando Pessoa, pelo apoio prestado.

Esboços d'álma... (artigos, cartas e estudos léves)
Primeiras tentativas d'um pensadôr... (estudos filosóficos)
Aspiration Suprême...! Pièce en un acte et un prologue
Une bacchanale étrange... pièce en trois actes
Paixões etéreas... peça em três atos

Em preparação:

Raffinements passionnels... pièce en trois actes (tradução da peça "Paixões etéreas...")
À travers la Vie!... pièce em cinq actes
Prince de la Mort... Confessions d'Abdali
Le Vertige Transcendental (oeuvre philosophique)

Apesar de a dedicatória não vir datada, somos levados a crer que a oferta deste livro a Pessoa pelo autor se situará pouco depois da sua edição. O gosto por *listas* é muito cultivado por Leal (como por Pessoa, aliás) e temos encontrado diversas enumerações de projectos, os quais ou se perderam ou nunca chegaram a concretizar-se. Registe-se ainda o facto de Leal se querer assumir e impor como um autor de língua francesa, porventura por imaginar que a sua obra deveria dialogar necessariamente com os movimentos de vanguarda internacionais então actantes. De facto, Leal irá redigir grande parte da sua obra poética em francês e corresponder-se com diversos autores europeus nessa língua (enviou os seus livros a Marinetti e a Gabriele d'Annunzio, como se verá abaixo).

Nesta lista não deixa também de ser curioso atentar no adjectivo "primeiras", no projecto de tentativas filosóficas do autor, mostrando como Leal se via como um pensador não só jovem, mas até precoce (em 1913 Leal faz 27 anos). A presença da crítica musical também não é ignorável. Na verdade, a primeira publicação de temática filosófica, onde as ideias fundamentais de Leal surgem explanadas, é justamente a pretexto de um concerto de Viana da Mota (Leal, 1909).

A segunda das dedicatórias surge no livro de poesia *Antéchrist et la gloire du Saint-Esprit*, de 1920 (Biblioteca da Casa Fernando Pessoa, cota 8-311) e tem o seguinte teor (cf. Figs. 5 e 6):

*Ao meu querido Fernando Pessoa,
 para o seu Espirito Altissimo
 de Pensador e Artista.*

Raul Leal.

Este é infelizmente o único volume de poesia (género quase sempre cultivado em francês) que o autor consegue publicar em vida. Conhecemos pelo menos mais duas obras poéticas que o autor só conseguiu divulgar publicando excertos em revistas, e que urgiria reconstituir. São elas os *Psaumes* e a *Messe Noire*, de que o autor foi divulgando fragmentos na sua correspondência e de que foram saindo trechos especialmente na revista *Presença*.

A terceira obra dedicada encontrada nesta biblioteca merece aqui poucos comentários, dado que tem sido mais estudada. Trata-se de *Sodoma Divinizada*, editada por Pessoa em 1923, (com a cota CFP 1-88) que tem a seguinte dedicatória (cf. Figs. 7 e 8):

*Ao meu querido Fernando Pessoa, para
o seu genio quasi divino*

Raul Leal

Apresentamos ainda neste dossier a transcrição de alguns textos autógrafos e dactiloscritos, da autoria de Raul Leal, encontrados no espólio de Pessoa, atestando a forte relação de amizade e partilha literária dos dois autores. O primeiro é um breve poema manuscrito, sem data, dedicado a Fernando Pessoa e que acompanha um recado pessoal, numa pequena folha com frente e verso (cf. Figs. 9 e 10). Este texto parece estatuir-se como uma dedicatória, que não encontramos publicada em mais lado nenhum. Nele constam algumas das ideias fortes da escrita de Leal, a conjunção das imagens de paixão e crime, a repulsa pelo nascimento, e a apresentação de si como um abandonado e um incompreendido, um ser, de alguma forma, estranho a este mundo. Voltamos a encontrar estes tópicos não só na já conhecida correspondência de Leal, como na peça dramática *O Incompreendido*, escrita por estes mesmos anos, embora só tardiamente publicada, assim como na longa produção poética em língua francesa (especialmente nos *Psaumes*).

O segundo texto que apresentamos, um dactiloscrito, *L'homme aux favoris noirs*, versa sobre um recontro com Gabriele d'Annunzio durante o período de permanência em Paris (cf. Figs. 11, 12 e 13). Apesar de o texto ser referente a uma memória dos tempos passados em França, em 1914, ele tem de ter sido redigido depois de 1920 (e presumivelmente, antes de 1935, por se encontrar no espólio de Pessoa) uma vez que, no último parágrafo, ele dá conta do envio a Gabriel d'Annunzio do seu livro *Antéchrist et la Gloire du Saint Esprit*, que foi editado em 20. Na bibliografia estabelecida por Pinharanda Gomes (1966) surge este mesmo título como publicado em 4-11-1948 no jornal *Ecos da Amadora*. Não lográmos todavia encontrar o referido jornal para proceder ao seu cotejo com esta peça, pelo que não podemos aqui afirmar que se trate do mesmo.

Neste dossier incluímos ainda a transcrição de um breve excerto de um outro conjunto de folhas manuscritas não datadas encontradas no espólio, um texto aparentemente truncado, bastante longo (e cuja paginação começa na página vinte e muitos) redigido em folhas oficiais ou de carta, com o cabeçalho do "Serviço da República" e timbradas com a chancela do Manicómio Bombarda, o que pode indicar uma passagem de Leal por esse hospital (hipótese que não conseguimos apurar) (cf. Figs. 14 e 15). O texto tem características que o aproximam de um exercício literário, apresentando desvios ortográficos algo

forçados e pouco verosímeis (por ex., a insistência nas consoantes mudas, mesmo quando elas não se aplicavam, nem na escrita comum do século 19 nem na raiz latina), o excesso de maiúsculas e uma acentuação extravagante, que ocorre também noutros documentos aqui reproduzidos e transcritos. Esta grafia parece intentar por um lado uma berrante abertura sonora, e por outro uma arcaização deliberadamente artificial e excessiva deste texto, que se torna assim quase ininteligível de tão exageradamente *visionário* e carregado de associações de imagens e ideias, que se diriam geradas por uma espécie de "automatismo psíquico", à maneira de um Ângelo de Lima, com quem tantas semelhanças assume. É verosímil que Leal pretendesse perturbar e desconcertar o leitor com estas *experiências* literárias como se lhe fosse necessário transgredir a sintaxe, a ortografia e a lógica (mesmo a arquitectura metafórica, alegórica ou simbólica da raiz mito-poética ocidental) para sugerir as suas próprias *experiências* interiores. Não é por acaso que Cesariny e outros surrealistas o vão considerar como um seu pioneiro. Quisemos neste dossier dar uma visão panorâmica dos documentos encontrados no espólio de Fernando Pessoa, reservando para ocasião oportuna a apresentação integral não só deste texto como do outro de que aqui oferecemos apenas um excerto introdutório, *La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture. Les salons de l'Illustration Portugaise viennent de s'ouvrir pour deux artistes: Albert Cardoso et Marius Eloy*³ (cf. Fig. 16 e 17). Trata-se de um longo ensaio, de dezoito páginas, redigido a propósito da exposição destes dois pintores no salão do jornal *O Século*, em 1924, onde se procede à confrontação das suas obras com as correntes estéticas em discussão na Europa de então a partir de critérios filosóficos criados pelo próprio Leal, os quais decorrem dos conceitos de *teometáfísica*, *vertiginismo* e *Vazio-Abstracção*. Encontrámos ainda a referência a uma folha de jornal inteiramente impressa de ambos os lados intitulada *A visão de dois artistas e a luxuriosa loucura de Deus. Apelo às gerações novas a propósito duma exposição de pintura*, (da Imprensa Lucas & C.^a, [de Lisboa?], do mesmo ano de 1924, e que presumimos ser, parcialmente ou quanto ao conteúdo, de alguma forma coincidente com esta peça. Haveria que compilar toda a obra de crítica estética, musical ou pictórica, de Leal, para verificar de que modo ele utilizou esse registo específico como pretexto ou circunstância oportuna – no quadro do seu projecto de renovação metafísica e religiosa a partir da prática artística – para expor e desenvolver as suas próprias concepções filosóficas. Recorde-se que, Leal volta a escrever sobre Eloy, nessa década, nas páginas da *Presença* (Leal, 1928).

Para além destes materiais encontrados no espólio de Pessoa e compilados por Jerónimo Pizarro, a quem prestamos o nosso agradecimento pela colaboração

³ Este texto de 18 páginas manuscritas existia no espólio da família de Pessoa e consta do catálogo *The Fernando Pessoa Auction* (Lisboa: P4 Photography, 2008, lote n.º 34) [informação colhida em Pessoa, (2012)].

neste projecto de estudo, incluímos ainda neste dossier, com o mesmo espírito panorâmico e não exaustivo, um texto que Raul Leal publicou no número especial da revista *Presença* dedicado a Pessoa, em Julho de 1936, “Na Glória de Deus”, e que seria parte de uma obra nunca publicada, com o título de *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império*, a qual estamos intentando reconstituir a partir de uma já considerável quantidade de materiais a si destinados (cf. Figs. 18 e 19).

Por último, incluímos uma lista já anteriormente publicada (Pessoa, 2009: 87) (Fig. 20), intitulada *Orpheu do Vigésimo Anno*, numerada de 1 a 5, cujos primeiros números se encontram em branco, sendo os últimos dois preenchidos pelos nomes de Ângelo de Lima e Raul Leal. O que seria o vigésimo ano? Provavelmente o ano de 1935, em que a revista *Orpheu* comemorava vinte anos do seu aparecimento. Saliente-se que este documento foi manuscrito por Fernando Pessoa; é só um anexo dos anexos.

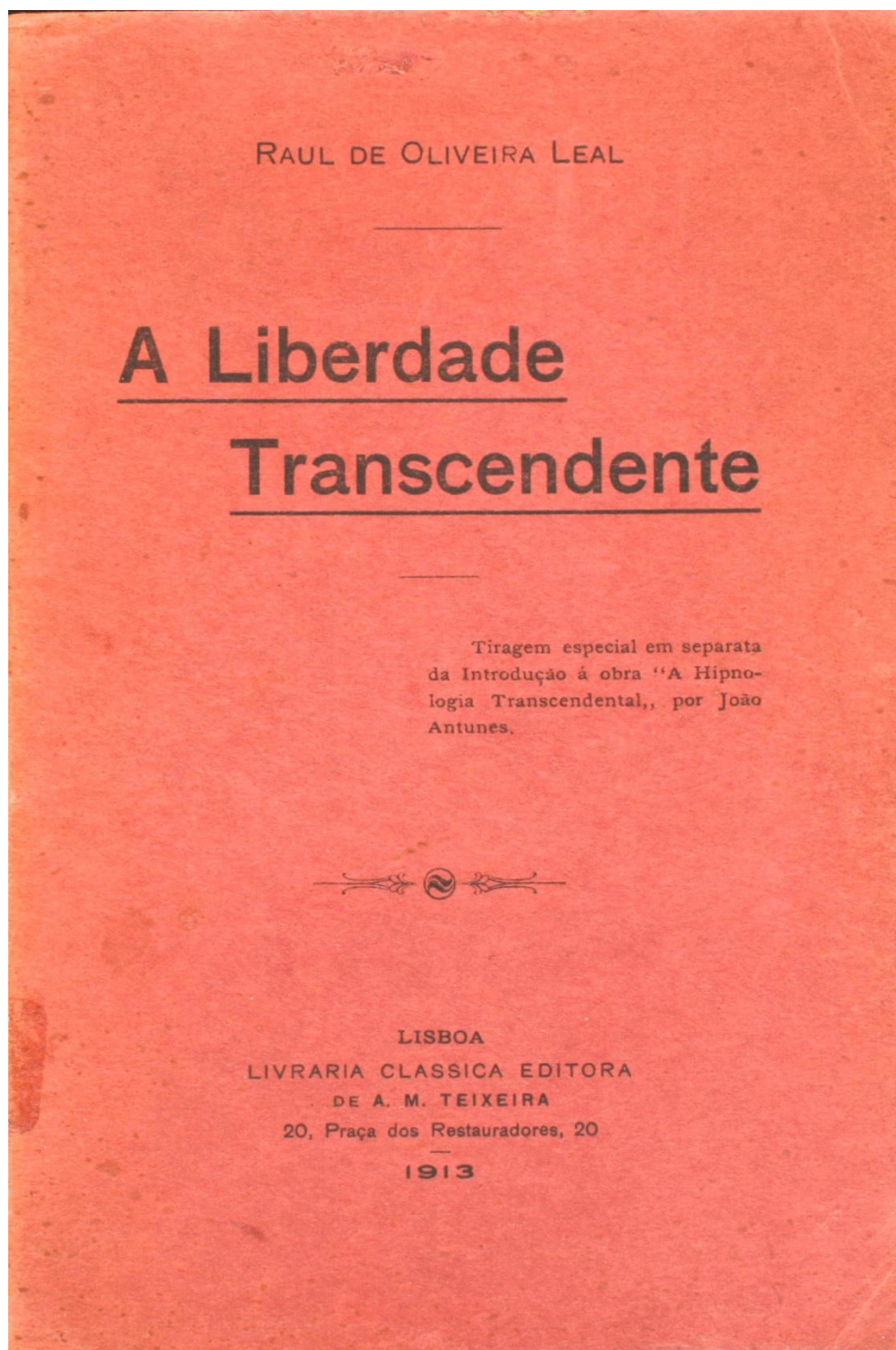


Fig. 1. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente*, 1913. (Capa).

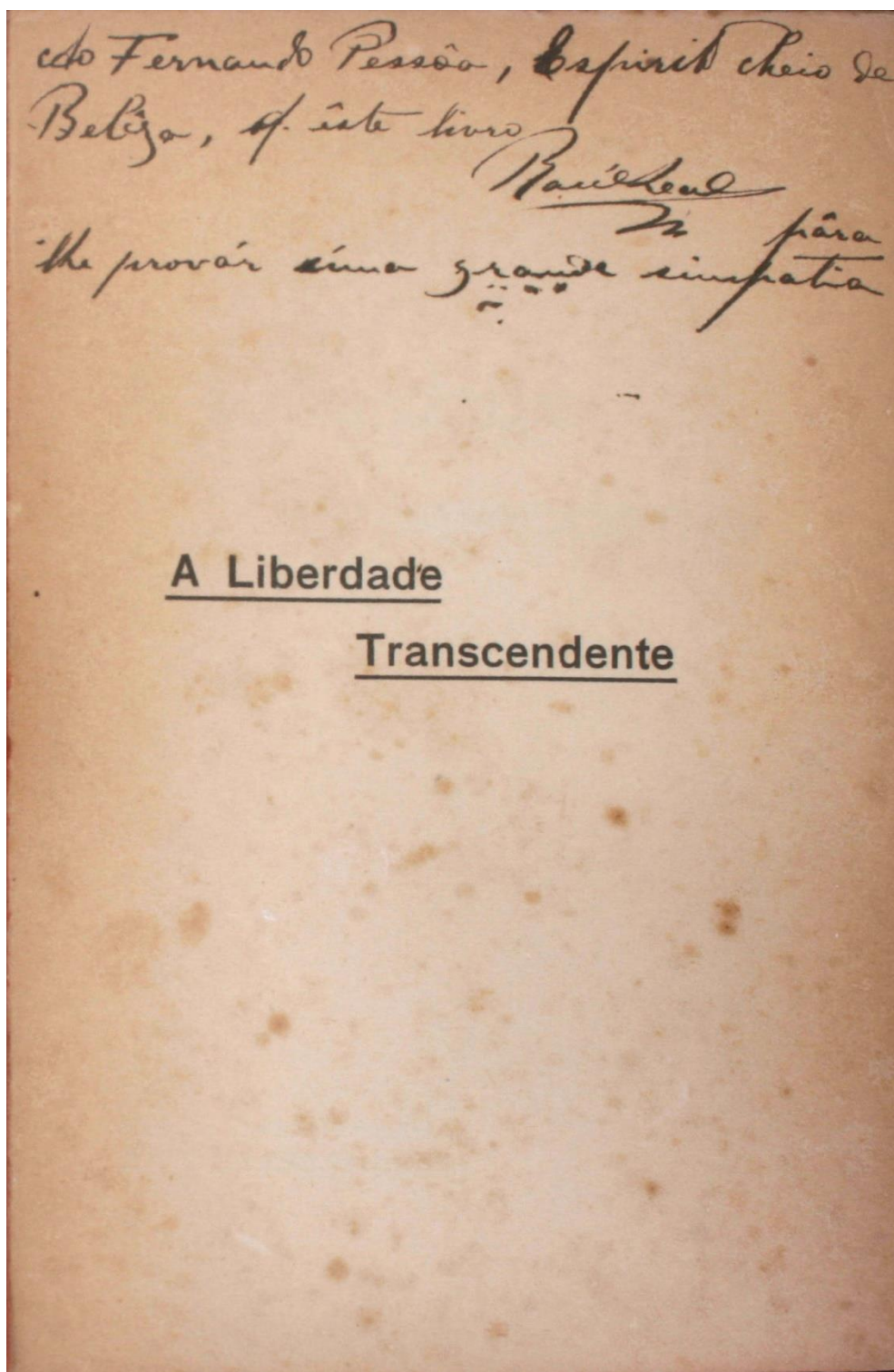


Fig. 2. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente*. (Dedicatória.)

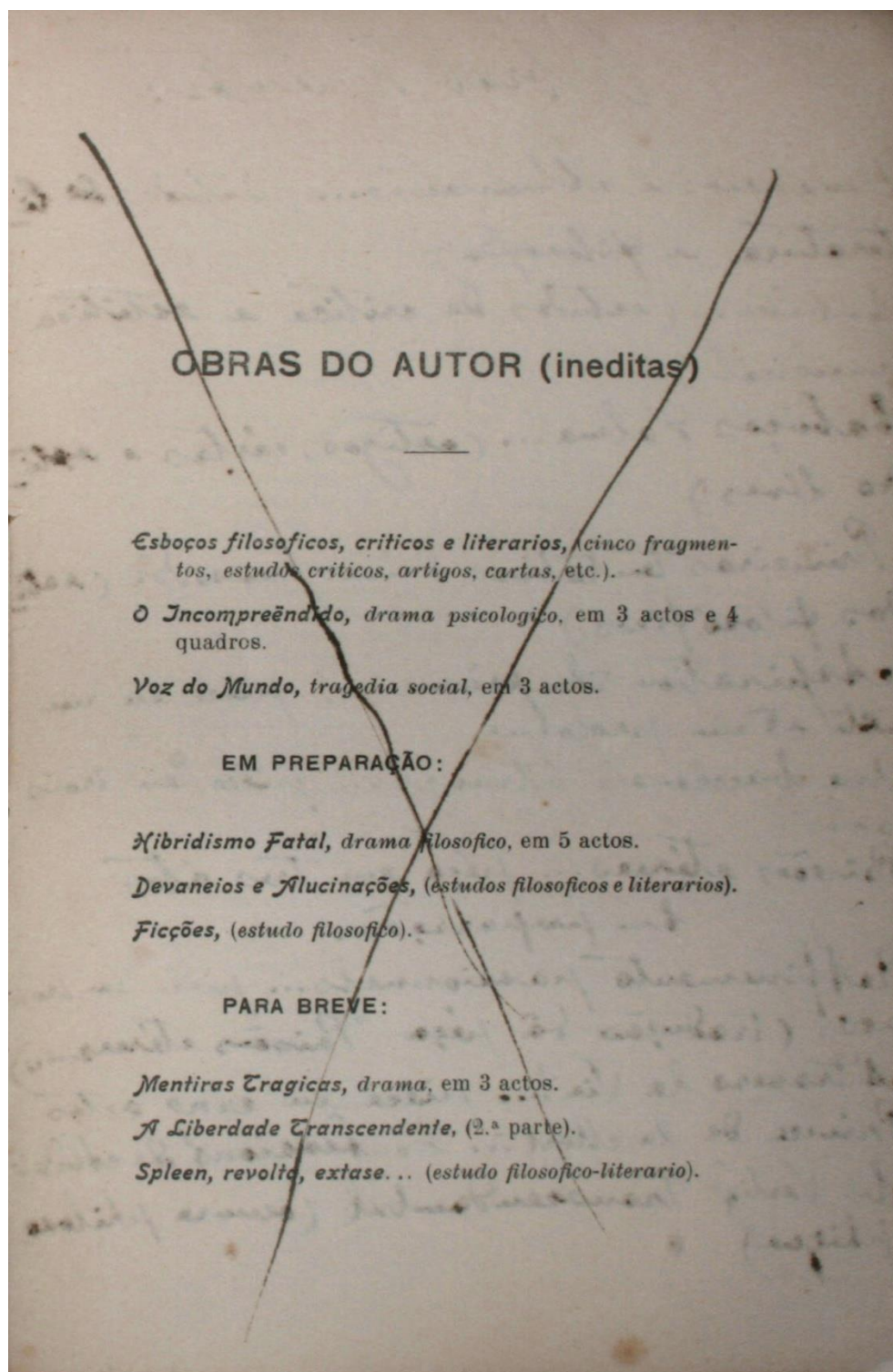


Fig. 3. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente*, [p. 133]
(Obras do autor – impresso.)

Obras do autor:

Devaneios e elucubrações... (estudos de literatura e filosofia)

Entérpe... (estudos de crítica e estética musical)

Labírios d'álma... (artigos, cartas e estudos de livros)

Primeiras tentativas d'um pensador (estudos filosóficos)

Aspiration Suprême...! pièce en un acte et un prologue

Une bacchanale étrange... pièce en trois actes

Prisonniers éternels... pièce en trois actes

Um preparação:

Raffinement passionnells... pièce en trois actes (tradução da peça "Prisonniers éternels...")

à travers la Vie!... pièce en cinq actes

Prince de la Mort... Confessions de l'abbé de Vertige Transcendental (œuvre philosophique)

Fig. 4. Raul Leal, *A Liberdade Transcendente* [p. 134]
(Obras do autor – manuscrito.)



Fig. 5. Raul Leal, *Antéchrist et la gloire du Saint-Esprit*, 1920. (Capa).

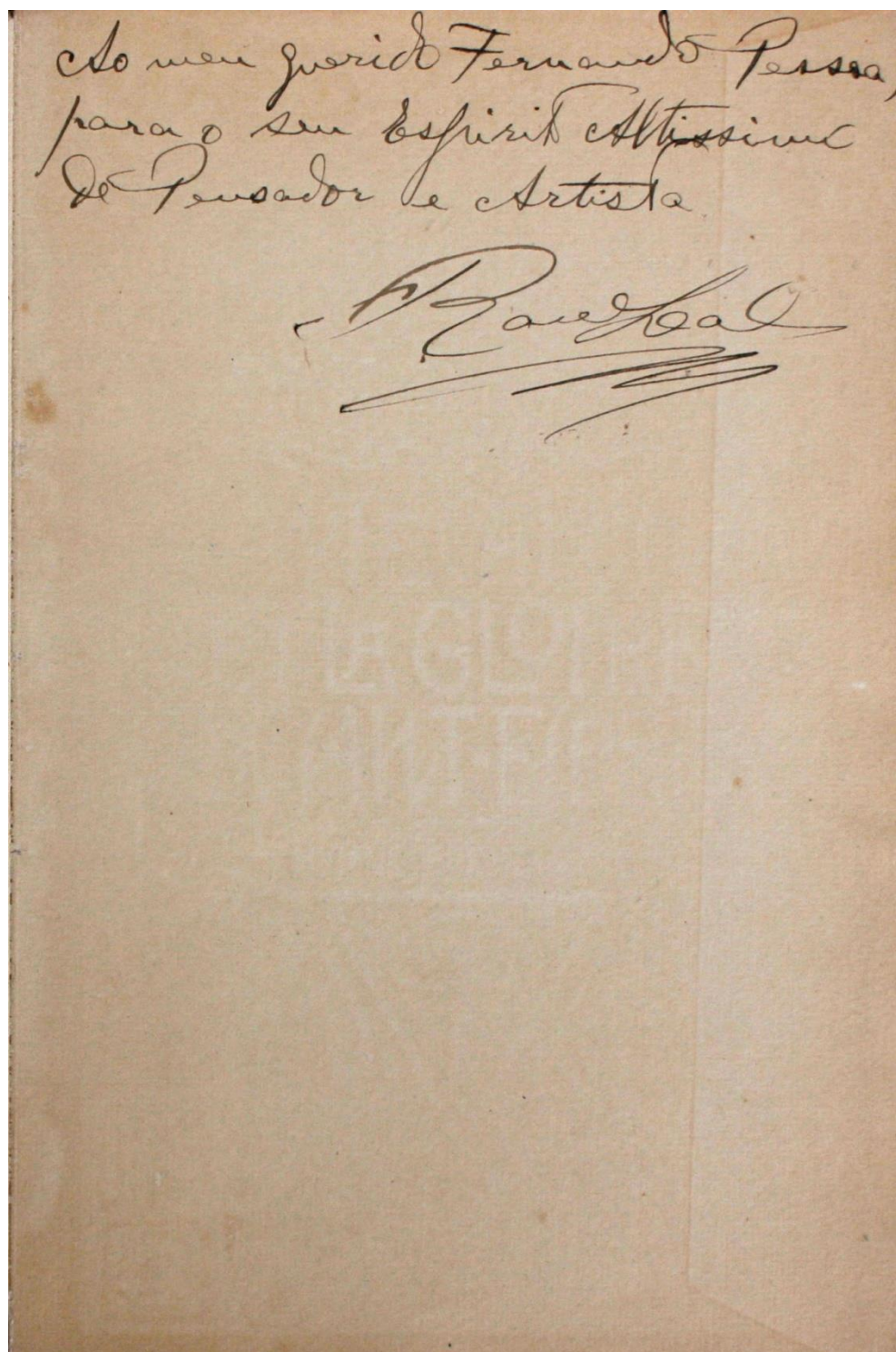


Fig. 6. Raul Leal, *Antéchrist et la gloire du Saint-Esprit*. (Dedicatória.)



Fig. 7. Raul Leal, *Sodoma Divinisada*. 1923. (Capa)

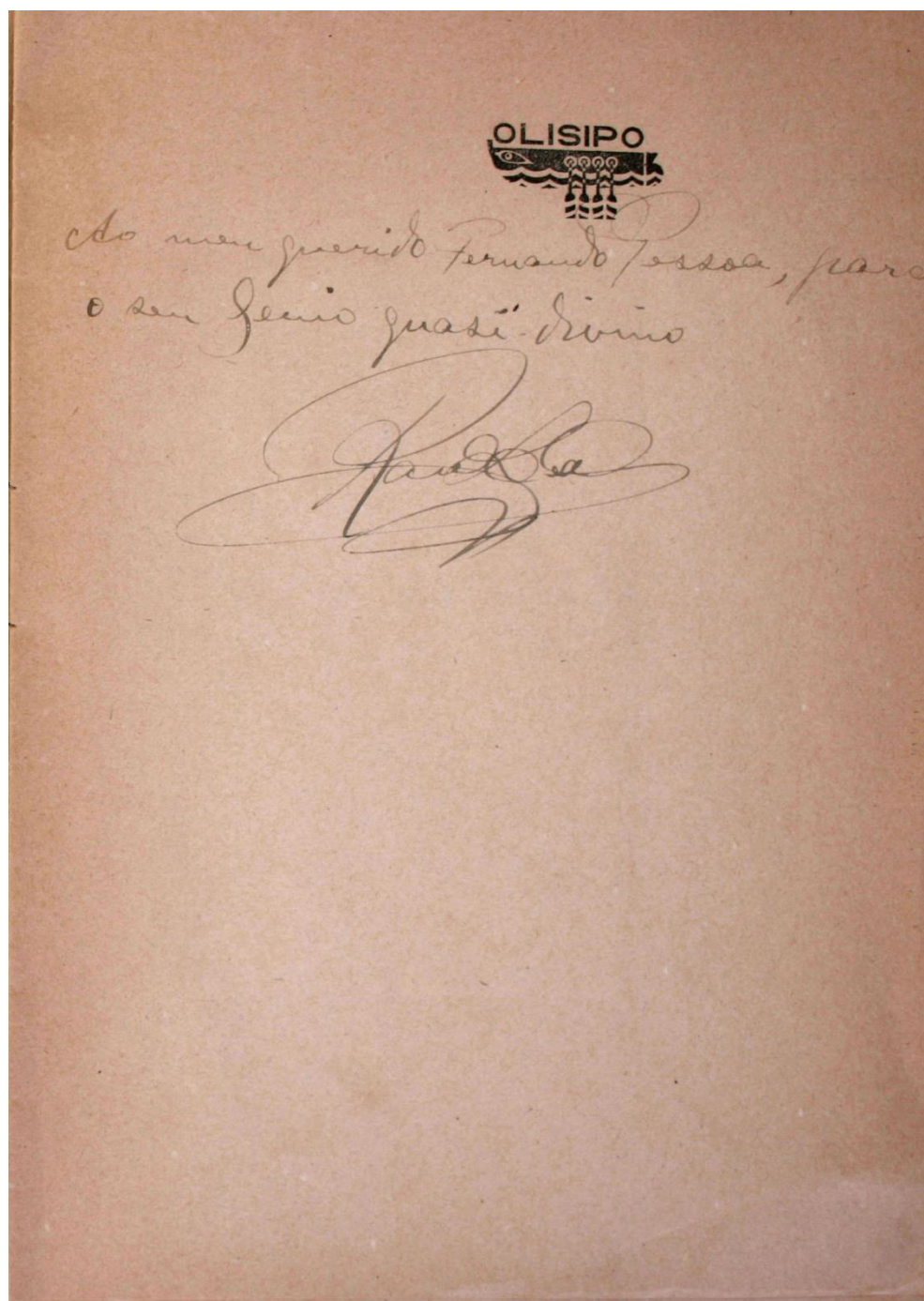


Fig. 8. Raul Leal, *Sodoma Divinisada*. (Dedicatória.)

Quem sou ?
 O meu pedregoso amigo quando
 Aves de um bico ardente e erminoso
 Vivia em quanto dançava a amareladinha
 Que tem o vilão, sem o cida de
 Meus olhos e com ela a vida e gozo
 Ompreço o recibo o voluntoso
 Enino do dourado e a infimidade
 De misteis sagrada nua e da de
 Em que tudo sorri tudo é formoso

Quem sou?

Ao meu fidalgo amigo Fernando Pessoa

Nasci de um beijo ardente e criminoso:
Havia em quem o deu a ansiedade
Que têm os velhos, a mocidade
Fugia-lhe e *com ela*, a *vida* e gozo.
Em quem o recebeu, o voluptuoso
Enleio de donzela, e a ingenuidade
Do mistério sagrado nessa idade
Em que tudo sorri, tudo é formoso.

Um dia... a flôr caiu e o zangão voou
E, do seu cálice eu nasci sosinho,
E assim fiquei, na terra, aonde estou

Abandonado e só sem ter mais nada
Sem ter mais quem sem ter mais nada
Mas sem mais nada no caminho

Abandonado e só sem ter um ninho
Sem ter ninguém, sem ter amor, quem sou?
Só o semen caído no caminho.

Figs. 9 e 10. Poema para Fernando Pessoa.

L'HOMME AUX FAVORIS NOIRS

se turbilhonantes

Foi no outono de 1913 que cheguei a Paris. À hora crepuscular a atmosfera enchia-se então de um vermelho nublado e pardacento, como sangue de cadáveres apodrecidos, lugubres emanções nauseabundas da Grande Tragédia que as correntes impetuosas do Sena funebremente vomitam em noites outomnaes. A minha imaginação exaltada perdia-se nesse labirinto nevoento e tragico de Paris, visioando a cada passo crimes hediondos e soberbos, do mesmo modo que vícios sangrentos e infernaes, repassados de Mystério, repassados de Além.

E era envolvido em pompa, feita de sedas e de pelles raras, que eu me imaginava, sedento de luxuria perturbante e espiritual, errando pelas mais sinistras viellas do Paris desconhecido, qual duque de Prénseuse opiado e delirante... Por isso, esbanjando perdidamente o ouro que me restava das minhas viagens de Sonho e Altura, no Charvel procurei as malhas de seda cara, os linhos finissimos, os pyjamas e chambrés de setim azul, que, envolvendo-me, carregados de perfume, como a um principe de lenda, me imprimiam voluptuosidades extranhas, ansias inquietantes de noctivago elegante e sombrio. No celebre Debaker e na casa Cumberland, onde se vestem os primeiros actores de Paris, eu cobri-me de tecidos lindissimos e opulentos, que os perfumes de Coty ainda mais impressionantes tornavam.

Usava eu então espessos favoritos á Francisco José, que, dando-me o aspecto brilhante d'um moço grão duque, provocavam os olhares cheios de curiosidade do mundo elegante de Paris, que vivamente se impressionava com a minha physionomia extranha e bella, onde quer que eu me encontrasse.

O luxo louco e as requintadas aventuras de amor e vicio acabaram por me arruinar no curto espaço de dois meses, e então, preocupado com a critica situação que eu proprio estava creando, resolvi vir a Lisboa, por volta do Natal, na esperança de encontrar ainda uma giota capaz de satisfazer os meus caprichos de principe decadente e luxurioso. Aqui estive uns dias inuteis, nada tendo conseguido.

Um reviravolta brusca se da pois no meu espirito, e, enchendo-me de um novo entusiasmo juvenil, resolvi heroicamente regressar de qualquer forma a Paris, ~~na intenção de~~ ^{na intenção de} trocar ~~as~~ as sedas do Charvel e os perfumes de Coty pela grosseira blusa do operario e pelo cheiro acre e masculino da hulha incendiada das fabricas ou officinas. Decidia-me a isso sobretudo porque me queria tornar nos meus febris um propagandista revolucionario para quem o ideal monarchico era apenas o primeiro passo, a ponte magica, de uma ~~amarchia~~ ^{amarchia} pura, feita só de espirito, liberto das paixões da vida que opprimem e esmagam, indo de encontro aos altos principios de um libertario divino. E a minha propaganda teria principalmente por fim mostrar ao povo que as liberdades exteriores nada são se não houver, antes de tudo, liberdade de alma, expressa na maior nobreza espiritual que o Rei ~~provi-~~ ^{provi-}soriamente pode imprimir em nós, expressa emfim no esmagamento

Fig. 11. L'Homme aux Favoris Noirs (1)

L'Homme aux Favoris Noirs - (2)

/de Janeiro

mento total das paixões plebeias, anímas, que aviltam, despersonalizam, oprimindo esmagadoramente o Eu.

Não consegui realizar este bello ideal de um anarchista puro, mas consegui ao menos voltar a Paris, levando comigo apenas cem francos no bolso e um bilhete da Opera, já adquirido anteriormente, para a primeira representação do Parsifal, que se realizou no principio/de 1914.

Quando eu, até essa noite memoravel, em que pela primeira vez a obra prima de Wagner sahiria do templo majestoso de Bayreuth, despedir-me berrantemente da vida elegante e requintada de Paris, começando logo em seguida a nova vida de energia e trabalho. Para isso tinha que me hospedar por uns dias num dos melhores hotéis da capital do mundo, e, como o dinheiro que trazia de Lisboa não me permitteria que fôsse para o Bristol, para o Ritz, ou mesmo para o Maurice, resolvi hospedar-me então no Hotel Terminus, da Gare St. Lazare, considerado a casa de passe mais chic de Paris. E, com effeito, nota-se nelle um ~~xxxxxxx~~ vae-ven constante de cortezas elegantissimas e financeiros opulentos. Aliás nelle se hospedava sempre o velho Conde de Burnay.

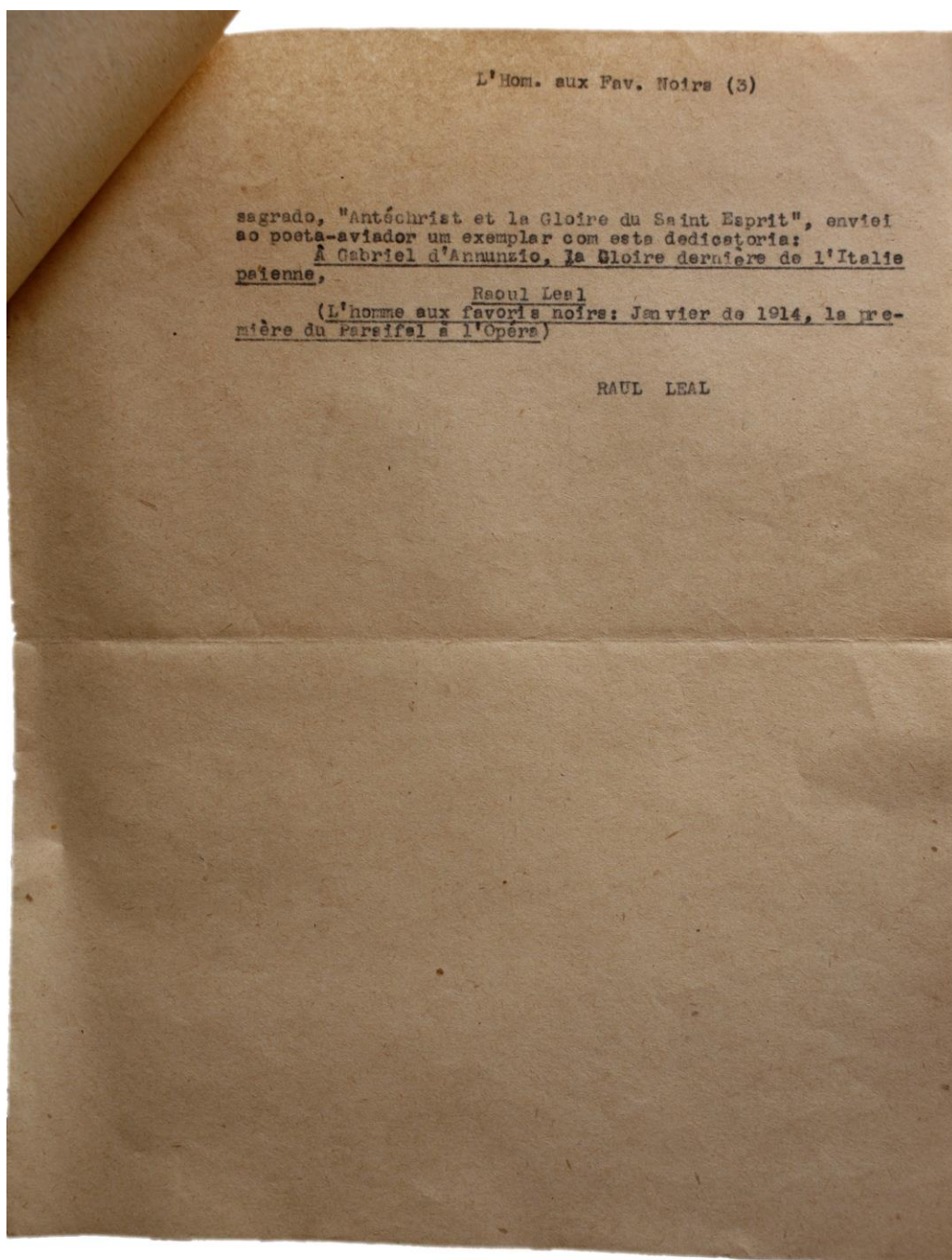
Foi pois ahi que aguardei a noite memoravel do Parsifal, que seria a ultima da minha vida de mundano e voluptuoso. Mas então já me encontrava exaustado de recursos, e fui á Opera, envolvido na minha linda capa 1830 que o Debaker tinha talhado para mim, trazendo apenas no bolso dois ou tres francos em prata, que deixei no vestiarío.

Como a grande criação de Wagner é extensissima e fatigante para naturezas superficiaes, o espectáculo começou muito cedo e os intervallos duravam mais de uma hora, para que se pudesse jantar no proprio bufette da Opera, transformado em restaurant luxuosissimo. Para mim, que tinha apenas dois ou tres francos, isto era impossivel, e então enchi-me de raiva e de angustia por tão incompleta ser a minha ultima noite de requintado mundano. Evdquei em seguida a figura prodigiosa de Wagner, que tantas misérias soffreu, tendo sido apodado de louco e imbecil; pelo que se apoderou de mim uma revolta torrencial feita de orgulho e odio perante a visão horrorosa do destino tragico e sinistro dos genios.

Foi nesse instante de suprema altivez que Gabriel d'Annunzio, saltitando e contorcendo-se em gestos de ridiculo arlequin, se sentiu vivamente impressionado pelo meu porte majestoso de principe astral; e, por entre criticas irritantes ao Genio que a grande Opera imperfeitamente estava consagrando, o futuro heroe bulesco de Piume, que talvez esativenessse preferindo Offenbach, permittiu-se olhar-me escandalosamente de alto a baixo como a um objecto raro, perdido num museu de provincia, em terra estrangeira. Perante essa impertinencia o meu orgulho explodiu então vivamente, e, com o olhar brilhante de colera, sobranceiramente o fixei, envolvendo-o no meu desprezo arrogante de gran senhor como num torvelinho que esmigalha e aniquila para sempre.

.....
Passados annos, quando publiquei o meu hymno-poema

Fig. 12. L'Homme aux Favoris Noirs (2)

Fig. 13. *L'Homme aux Favis Noirs (3)*

L'Homme aux Favis Noirs

Foi no outomno de 1913 que cheguei a Paris.

Á hora crepuscular a atmosphaera enchia-se então de um vermelho nubloso e pardacento, como sangue de cadaveres apodrecidos, lúgubres emanações nauseabundas da Grande Tragedia que as correntes impetuosas e turbilhonantes do Sena funebremente vomitam em noites outomnaes. A minha imaginação exaltada perdia-se nesse labyrintho nevoento e trágico de Paris, visionando a cada passo crimes hediondos e soberbos, do mesmo modo que vícios sangrentos e infernaes, repassados de Mysterio, repassados de Além.

E era envolvido em pompa, feita de sedas e de pelles raras, que eu me imaginava, sedento de luxúria perturbante e espiritual, errando pelas mais sinistras viellas do Paris desconhecido, qual duque de Fréneuse opiado e delirante...

Por isso, esbanjando perdidamente o ouro que me restava das minhas viagens de Sonho e Altura, no Charvel procurei as malhas de seda cara, os linhos finíssimos, os pyjamas e chambres de setim azul, que, envolvendo-me, carregados de perfume, como a um principe de lenda, me imprimiam voluptuosidades extranhas, ansias inquietantes de noctivago elegante e sombrio. No celebre Debaker e na casa Cumberland, onde se vestem os primeiros actores de Paris, eu cobri-me de tecidos lindissimos e opulentos, que os perfumes de Coty ainda mais impressionantes tornavam.

Usava eu então espessos favoritos á Francisco José, que, dando-me o aspecto brilhante d'um moço grão duque, provocavam os olhares cheios de curiosidade do mundo elegante de Paris, que vivamente se impressionava com a minha physiognomia extranha e bella, onde quer que eu me encontrasse.

O luxo louco e as requintadas aventuras de amor e vicio acabaram por me arruinar no curto espaço de dois meses, e então, preocupado com a critica situação que eu próprio estava creando, resolvi vir a Lisboa, por volta do Natal, na esperança de encontrar ainda um agiota capaz de satisfazer os meus caprichos de principe decadente e luxurioso. Aqui estive uns dias inuteis, nada tendo conseguido.

Uma reviravolta brusca se dá pois no meu espirito, e, enchendo-me de um novo entusiasmo juvenil, resolvi heroicamente regressar de qualquer fórma a Paris, na intenção de trocar ahi as sedas do Charvel e os perfumes de Coty pela grosseira blusa do operario e pelo cheiro acre e masculino da hulha incendiada das fabricas ou officinas. Decidia-me a isso sobretudo porque me queria tornar nos meios fabris um propagandista revolucionario para quem o ideal monarchico era apenas o primeiro passo, e ponte magica, de uma anarchia pura, feita só de espirito, liberto das paixões da vida que opprimem e esmagam, indo de encontro aos altos principios de um libertario divino. E a minha propaganda teria

principalmente por fim mostrar ao povo que as liberdades exteriores nada são se não houver, antes de tudo, liberdade de alma, expressa na maior nobreza espiritual que o Rei provisoriamente pode imprimir em nós, expressa emfim no esmagamento total das paixões plebeias, animaes, que aviltam, despersonalizam, opprimindo esmagadoramente o Eu.

Não consegui realizar este bello ideal de um anarchista puro, mas consegui ao menos voltar a Paris, levando commigo apenas cem francos no bolso e um bilhete da Opera, já adquirido anteriormente, para a primeira representação do Parsifal, que se realizou no principio de Janeiro de 1914.

Queria eu, até essa noite memoravel, em que pela primeira vez a obra prima de Wagner sahiria do templo majestoso de Bayreuth, despedir-me berrantemente da vida elegante e requintada de Paris, começando logo em seguida a nova vida de energia e trabalho. Para isso tinha que me hospedar por uns dias num dos melhores hotéis da capital do mundo, e, como o dinheiro que trazia de Lisboa não me permittiria que fosse para o Bristol, para o Ritz, ou mesmo para o Maurice, resolvi hospedar-me então no Hotel Terminus, da Gare St. Lazare, considerado a casa de passe mais chic de Paris. E, com effeito, nota-se nelle um vae-vem constante de cortezãs elegantissimas e financeiros opulentos. Aliás nelle se hospedava sempre o velho Conde de Burnay.

Foi pois ahi que aguardei a noite memoravel do Parsifal, que seria a ultima da minha vida de mundano e voluptuoso. Mas então já me encontrava exausto de recursos, e fui á Opera, envolvido na minha linda capa 1830 que o Debaker tinha talhado para mim, trazendo apenas no bolso dois ou trez francos em prata, que deixei no vestiario.

Como a grande criação de Wagner é extensissima e fatigante para naturezas superficiaes, o espectáculo começou muito cedo e os intervallos duravam mais de uma hora, para que se pudesse jantar no proprio bufette da Opera, transformado em restaurant luxuosissimo. Para mim, que tinha apenas dois ou três francos, isto era impossivel, e então enchi-me de raiva e de angustia por tão incompleta ser a minha ultima noite de requintado mundano. Evoquei em seguida a figura prodigiosa de Wagner, que tantas misérias soffreu, tendo sido apodado de louco e imbecil; pelo que se apoderou de mim uma revolta torrencial feita de orgulho e odio perante a visão horrorosa do destino tragico e sinistro dos genios.

Foi nesse instante de suprema altivez que Gabriel d'Annunzio, saltitando e contorcendo-se em gestos de ridiculo arlequim, se sentiu vivamente impressionado pelo meu porte majestoso de principe astral; e, por entre criticas irritantes ao Genio que a Grande Opera imperfeitamente estava consagrando, o futuro heroe burlesco de Fiume, que talvez estivesse preferindo Offenbach, permittiu-se olhar-me escandalosamente de alto a baixo como a um objecto raro, perdido num museu de provincia, em terra estrangeira. Perante essa impertinência o meu orgulho explodiu então vivamente, e, com o olhar brilhante de colera, sobranceiramente o

fixei, envolvendo-o no meu desprezo arrogante de gran senhor como num torvelinho que esmigalha e aniquila para sempre.

.....

Passados anos, quando publiquei o meu hymno-poema sagrado “Antéchrist et la Gloire du Saint Esprit”, enviei ao poeta-aviador um exemplar com esta dedicatória:

*À Gabriel d’Annunzio, la Gloire dernière de l’Italie paienne,
Raoul Leal
(L’homme aux favoris noirs: Janvier de 1914, la première du Parsifal à l’Opéra)*

RAUL LEAL

27#

Serviço da República

Qual-Or

Circula a Função do Cosmos, Cujas eseci-
 -onacão Positiva Definida Terhamos Desenvol-
 -vida na Tradicção Científica, como Inspiri-
 -mentalista, ~~dos~~ e Inspirados, nas ~~Attingencias~~
 da Sua Maior Intelligencia ~~Pontificia~~ ~~Supra-~~
 -liminos Pontifices Observadores das Zignatões
 Sabias... - para a Conclusão da Phylosophia...
 - Maior que ~~as~~ de Ghana, e ~~ainda~~ Mais Santa
 e Melhor que ~~as~~ de Benarés, Cujas Biblias
 e Sermones ~~entresourem~~ ~~os~~ ~~her~~ ~~teiros~~ da
 Sabedoria dos ~~Reis~~ ~~Synnaes~~ ~~na~~ ~~Ulti-~~
 -mas Thebaidas Syriacas dos Conventos
 por quasi Inaccessiveis do Monte
 Athos!...
 - E de, Sabios, Meditantes e Observam
 em Torres Astronomicas, - ou de, Reis
 Gloriosos, Paradeam Faustuosos Corteges
 Resplendentes Sob Porticos Altos e Dou-
 -rados, Fulgentes a Outros ~~does~~, por Ou-
 -tros Mundos... - ou de, Torso Collean-
 -tes de Animales Primitivos, Cardume-
 -am em os Lagos Bethunes dos Mares
 Lamacentos das Epochas Primarias, ~~são~~
 o Resplendente Vulcão da ~~Atmosfera~~
 de Ines Taes ~~Outros~~ ~~does~~... - Como a
 Onda da Soga em Relacção, Atravez

Fig. 14. Excerto de texto encontrado incompleto e de título desconhecido redigido em folhas do Manicómio Bombarda

do Intermundio, entre os Corpos Astraes,
-o Magnetismo-Creio-n: Ene sua Complexa
que Chamoater-Magneta --- Ene-~~no~~-n: O-
-L' O Diva' --- na sua Ondulacao sobre
Aquelle Retina Disposta Comprehenso-
-ra em Magneta Placa....

- Como, em Sim Magnetismo, Doua a Terra, Casulo da Chrysalida Vestal, na Sua Forma de Ovo - como a Esthetica Estranha do Vivente que Contem o Seu Corpo na Funcao S' Aquella Pro-
- grems que Abrange as Trêz Espheras, Com Passado e Futuro, do Estado Pre-
- sente Principal, que Domine Conjugação e o Termo de Minimo Raiz Anterior, ao Maximo Ultimante, n'uma Tal Pro-
- grems, de Passado com os Trêz... - Prova-
- velmente até Puro-Magnete, Simples Foco de ~~Força~~ Força - como é que Intervencido como Aluno se Resolve em Todo o Or-
- gaõ - já Liberto o Seu Deio Mais Intime-
- o Palacio do Seu Lume Transcendente das Sombras da Materia Duvidosa, ~~Puro~~ Puro At...

- Voltando Centenecida na Palpitacao
que ~~se~~ em que, dysrtematizando, erecta
positiva, ou Mais Feitada em li, horizon
- tal-a relectre metteora clima —

Fig. 15. Excerto (Continuação)

Transcrição de um excerto (E se, sabios, medictam...)

[...]

– E se, sabios, medictam e observam em Torres Astronomicas... – ou se, Reis Gloriosos, paradeam Faustosos Cortejos Resplendentes sôb Porticos Altos e Dourados, Fulgentes a Outros Soes, por outros mundos... – ou se, Torsos Coleantes de Animaes Primictivos cardumeiam em os lagos Bethumes dos Mares Lamacentos das Epochas Primarias, sôb o Esplendente Vulcão da Athmosphera de êsses taes Outros Soes... – como a Onda da Vaga em Relação, através [28] do Intermundo, entre os Corpos Astraes – o Magnetismo – creio – n’Essa Sua complexa que chamo a Per-Magneta ... Êsse n’O-I’O dirá... na sua ondulação sôbre Aquella Retina Disposta Compreensôra em Magnetica Placa...

– Como, em sêu magnetismo, Doura a Terra, Casulo da Chrysalida vestal, na sua Forma de Ôvo – como a Esthetica Extranha do Vivente que contem o sêu Corpo na Funcção daquella Progressão que abrange as Trêz Esferas com Passado e Fucturo, do Estado Presente Principal, que domine conjuga desde o Têrmo de Minimo Raiz Anterior, ao Maximo Ultimante, n’uma Tal Progressão, de Rasão como os Trêz... – provavelmente até Puro-Magnete, Simples Foco de Fôrça – como é que – enternecida como Alma se resolve em Todo o Orgão – já liberto o sêu Seio Mais Intimo – Palacio do sêu Lume Transcendente das Sombras da Materia Duvidosa – Puro Ar...

[...]

La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu
appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture

Les salons de l'Illustration Portugaise viennent de s'ouvrir pour
deux artistes: Albert Cardoso et Elmarino Slay.
Le peintre Albert Cardoso que le public connaît déjà, est une rare
sensibilité qui sait très bien combiner l'esprit de l'art européen
et l'âme portugaise. La Vie Pour cet artiste, ^{la vie} se développe comme
un magnifique de soi-même, un décor merveilleux qu'elle,
seule, utilise et vit. Il ne s'agit pas d'éléments décoratifs de
quelques choses qui ne soient ^{plus que} éléments décoratifs; ~~une même~~
~~Celle-ci~~ ne se développent pas pour un extérieur, ^{mais} seulement
pour elle-même et alors il s'agit bien d'un décor absolu,
d'un décor en soi et qui n'est destiné que pour soi-même.
^{C'est comme ça} ~~la vie est que de cette façon~~ que Albert Cardoso voit la vie.
Quelques impressionnistes étrangers ^{dans les pays} qui d'ailleurs, ont inspiré
notre artiste ^{et inspire} de même la vie comme un décor pur,
une robe de parade ^{qui} surgit en abstrait et ^{qui} se développe
comme suspendue en vide-^{pour une} abstraction. Cependant ces impressions
décoratives qui forment ^{la vie} selon leur vision ne possèdent ^{pas} ~~pas~~
que ^{une} ~~un~~ intérieur, n'ont pas de substance, ne sont que de l'éther
pur. Or la puissante décoration vitale recrée par Albert Cardoso
bien qu'elle ne possède pas une substance très profonde et pro-
fondément animique, a pourtant une véritable substance et
avec une vibrante essence animique. Selon les impressionnistes
étrangers il n'y a pas le moindre animisme intérieur dans les
impressions de la vie, elles ne sont donc que des vibrations de
l'éther ^{qui est} d'une nature purement physique. Et c'est parce

Fig. 16. *La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture.*

2

qu'elles sont physiques qu'elles ne possèdent pas presque un intérieur, ne possédant jamais de substance propre: tout ce qui est d'une nature physique n'a pas de substance, n'est que vide pur, le grand Vide de la dynamique et non pas proprement animique civilisation moderne.

Albert Barboza est un peintre portugais et alors il ne pourrait jamais vivre la vie sans substance animique, sans l'âme pour la consubstancer intérieurement. De cette façon, ~~la~~ ^{bien que} la vie ~~soit~~ ^{est} pour l'artiste un décor pur, elle ne laisse pas pour cela d'être un décor essentiellement animé, n'ayant pas donc seulement une nature toute physique. Ce qui ^{constitue} pour les étrangers ~~constitue~~ ^{des impressions} sensations étranges sans substance, pour le peintre Albert Barboza constitue vraiment des impressions animiques avec une vaine essence, alors spirituelle. Et pourtant je ne veux pas dire ^{par cela} que l'artiste que je cherche étudier, ne vive pas une décoration souvent brutale dans la vie puisque, de fait, la spiritualité, au lieu de l'amoindrir le brutalisme, l'accroît même puissamment. Sans elle, le brutalisme ~~serait~~ ^{sera} si superficiel qu'il surgirait tout impuissant, tout faux comme s'il n'était que celui de ^{quelques} ~~nombre~~ déchirés. Il faut l'animisme pour que la brutalité, en se nourrissant de lui, venant ^{de} de l'intérieur, de l'essence des choses, puisse totalement s'emplier de cette force intérieure qui la fait devenir magnifiquement explosive. C'est pour cela que les natures les plus profondément mystiques, spirituelles, animiques, ~~sont de la~~ ^{sont de la} ~~plus~~ ^{plus} celles qui possèdent ~~la~~ ^{la} plus pure, la plus intense, la plus profonde et convulsive sensualité. La bête, en elle, est l'explosive manifestation bestiale de l'esprit. Sans celui-ci, il n'y

Fig. 17. La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture.

La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture

[Transcrição do excerto inicial]

Les salons de *L'Illustration Portugaise* viennent de s'ouvrir pour deux artistes: *Albert Cardoso* et *Marius Eloy*.

Le peintre *Albert Cardoso* que le public connaît déjà, est une rare sensibilité qui sait très bien combiner l'esprit de l'art européenne et l'âme portugaise. Pour cet artiste la vie se developpe comme un magnifique de soi-même, un décor merveilleux qu'elle, seule, utilise et vit. Il ne s'agit pas d'éléments décoratifs de quelques choses qui soient plus que ces éléments décoratifs: Ceux-ci ne se developpent pas pour un extérieur quelconque, mais seulement pour eux-mêmes et alors il s'agit bien d'un décor absolu, d'un décor *en soi* et qui n'est destiné que pour soi-même. C'est comme ça que *Albert Cardoso* visionne la Vie.

Quelques impressionnistes étrangers dans lesquels, d'ailleurs, nôtre artiste s'est inspiré, sentent de même la Vie comme un décor pur, une robe de parade qui surgit en abstrait et qui se developpe donc toute suspendue en pur Vide-Abstraction. Cependant ces impressions décoratives qui forment pour eux la Vie, ne possèdent pas plus que son véritable intérieur, n'ont pas de substance, ne sont que de l'éther pur. Or, la puissante décoration vitale vécue par *Albert Cardoso* bien qu'elle ne possède pas une substance très profonde et profondément animique, a pourtant une véritable substance, avec une vibrante essence animique. Selon les impressionnistes étrangers il n'y a pas la moindre animisme intérieur dans les impressions de la Vie, elles ne seront donc que des vibrations de l'éther qui est d'une nature purement physique. Et c'est parce qu'elles sont phisiques qu'elles ne possèdent pas presque un intérieur, ne possédant jamais de substance propre: tout ce qui est d'une nature physique n'a pas de substance, n'est que vide pur, le Grand Vide de la dynamique et non proprement animique civilisation moderne.

[...]

publica-se o primeiro capítulo do livro em preparação

Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império

NA GLÓRIA DE DEUS

Morreu um Gênio! Mas só o seu corpo se despedaçou, mantendo-se intacto, ou antes, purificando-se cada vez mais o seu Espírito quasi divino que por fim, de perfeição em perfeição através da Morte, acabará por se identificar inteiramente com a Essência de Deus... Glória ao Gênio que assim puramente se divinizará!...

Uma Missão altíssima lhe está confiada no Além pelo Supremo Criador do Mundo, a de governar espiritualmente a Vida por entre os turbilhões de Vertigem-Sonho que sem mesmo o saber êle derramou exuberantemente na Terra.

Nos capítulos seguintes deste estudo mostro que realmente o Poeta genial que acaba de perecer em corpo, jamais em espírito, esboçou a criação duma atmosfera vertigica de Sonho Astral juntamente com Mário de Sá Carneiro que a imaginou torrencialmente pela força duma intuição poderosíssima que em Fernando Pessoa se tornou gigantesca Inteligência, duma subtilidade magistral. Não é que o grande Artista-Pensador tivesse uma consciência plena da Vertigem-Sonho cuja criação esboçou na Vida, mas o facto é que dentro dela, e sem mesmo saber que estava dentro dela, o seu pensamento subtilíssimo se debatia continuamente, acumulando metafísicas incertezas de tudo que o faziam levar para a consideração dum mistério universal quando é certo que a Incerteza não surge apenas para nós por supostamente não atingirmos a compreensão, assim misteriosa, das coisas, pertencendo antes substancialmente à Vida, à Existência Pura — tão pura, tão sublimada que é só Essência, não propriamente Substância Existente, que é só enfim espírito abstracto de Existência, vazio dela e por a exprimir excessivamente, absolutamente, derivando deste facto contraditório, estonteante, vertigico a natureza e realidade incertas, con-

fusas, emaranhadas, vertigicas da pura Existência —, e quando é certo também que a compreensão referida das coisas se pode tornar um facto, vivendo nós com a razão transcendida a natureza substancialmente, ontologicamente incerta, confusa, contraditória, labirinticamente emaranhada, estonteante, vertigica de tudo que existe, natureza real-irreal de Sonho-Fantasma em que se exprime o Absoluto através do Vácuo!

O que Fernando Pessoa esboçou na Terra, vive ou vai viver agora absolutamente no Além, e arrastado por uma Força Sobrenatural que o vitaliza enormemente na Eternidade, através duma semi-consciência de Sonho que a Morte sempre nos dá em febre delirante, o Artista cumpre a alta Missão de governar a Vida, procurando pelos meus esforços que êle cada vez mais inspira, intensificar a atmosfera labirintica de Vertigem Pura cuja criação com Mário de Sá Carneiro esboçou, para que a Vida se erga connosco progressivamente até Deus que essa Vertigem turbilhonária, convulsiva de Vácuo-Espírito substancialmente anima, sendo o próprio furor criativo do Poder Divino que não conhece limites determinadores, que se debate pois eternamente na febre, no delírio dum Indefinido Absoluto — o mesmo que Infinito —, o qual tem por essência o Vácuo-Fantasma de Sonho a que aludi, êsse Vácuo astral da Morte em que tudo é confusa Indecisão, em que tudo é realmente Divina Vertigem!...

Não há muito, quando uma doença abominável me aproximou também súbitamente da morte, eu vendo-me perdido para a vida terrestre mas sempre confiado no meu Destino Sobrenatural, pensei escrever uma carta-testamento ao Fernando Pessoa, o meu maior Amigo, a qual devia terminar por estas palavras Aparecidas no meu espírito como um relâmpago, como uma Revelação Oculta do Além e em

Fig. 18. Na Glória de Deus, primeiro capítulo do livro em preparação Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império (artigo publicado na Presença, 1936)

que se exprimia a minha derradeira Esperança: «Talvez Deus queira que do Astral o Profeta Henoch comande o Mundo!...»

Mas não sou eu afinal Aquêlê que profundamente tem que cumprir essa Missão altíssima através da Morte! O meu grande Amigo que me despedaçou o coração na sua Divina Subida por ela me afastar d'êla enquanto eu viver, por ela me tornar agora absolutamente solitário na vida que arrasto pesadamente como forçado glorioso e maldito, êsse grande Amigo que só em espirito, só em sonho alucinatório trago continuamente presente na minha alma e na minha acção esforçada com a qual fundarei definitivamente na Terra o Reino astral da Vertigem que há de constituir o Quinto Império, duma natureza mística, espiritual, divina, êsse grande Amigo que inspira, que anima assim do Além os meus esforços sobrenaturais mas que eu sinto perdido para a minha existência terrestre de que careço para só através dela poder convulsionar vertigentemente o Mundo, erguendo-o em espasmos delirantes de Ascese e Loucura ao Furor Criativo de Deus, êsse grande Amigo que apenas na minha alma vive, deixando-me sôzinho na luta tremenda que através da Terra audaciosamente tenho que travar, é que possui o Destino maravilhoso de governar os homens só do Além, devendo eu então, excitado ocultamente por ele, realizar em absoluto o seu sonho puríssimo de Vertigem Divina por entre sórdidos suplicios que a vida terrestre, hoje feita de lama, continuamente impõe aos Grandes Realizadores, para ela profundamente odiosos, para ela abominavelmente malditos!...

Sem o meu companheiro de Infortúnio e Glória, tendo perdido Aquêlê que sempre pronto estava a defender-me com suprema elevação dos ataques vilíssimos da canalha e comprometendo até o seu alto prestígio que lhe era dado por uma força magnética poderosíssima — pois a Grandeza que possuía, sem êsse forte magnetismo pessoal só o prejudicaria de certo —, tenho com efeito que travar sôzinho uma luta estúpida durante dezóito anos amargurados que o Destino quer que eu viva ainda para cumprir absolutamente na Terra o que Deus me impõe dura e maravilhosamente entre os relâmpagos astrais da cataclísmica criação.

Agora, perdida a mocidade e enfraquecido pela doença que me devasta a carne, é que tenho forçadamente que exprimir uma suprema audácia numa luta despedaçadora. Quatro grandes Provas o meu Destino glorioso e maldito me impôs: a da nobreza de alma que eu dei na minha adolescência, quando mais difícil era exprimir-se visto que, adolescentes, somos quasi sempre passionais, vivendo demasiadamente dos sentidos para podermos ser superiormente nobres; a da grandeza de carácter a qual suporrei estáticamente na minha juventude, quando era pois maior, mais delirante a ambição do luxo e da luxúria que porém esmaquei dentro de mim para não poluir a minha vida visto que só por meios impuros a conseguiria satisfazer, não estando outros ao meu alcance por incapacidade, então absoluta, no domínio das coisas práticas, terrenas, a qual me trouxe a fome e a miséria, sofridas com ascé-

tica resignação; a prova da força de espirito, a mais estúpida de tôdas e que dei tumultuariamente numa ocasião difficilíssima em que me julgava esgotado pela dor que constantemente a vida me oferecia e que se multiplicou intensamente depois, durante êsse período terrível de abominação e grandeza que eu canto em versos dilacerantes na primeira parte do meu poema apocalítico, em preparação, *Dieu-Satan*, intitulada *Le Prophète Sacré De la Mort-Dieu*, e também nos onze poemas psálmicos que constituem a obra *Martyr De l'Occulte*, assim como nalgumas passagens do meu poema sagrado e maldito que eu intitulo *Messe Noire*, dedicado a Gilles de Rais cujo espirito tenebroso e santo eu faço surgir numa *Invocação* que precede esta obra, da série *Le Dernier Testament* a que as outras também pertencem; enfim, a prova da vitalidade e da audácia que começo a dar muito em breve, quando a velhice e a doença a deviam contrariar em absoluto por ela exigir uma energia de alma que só na mocidade se pode ter mas que eu mantive intacta através de tudo! Nas piores, nas mais difíceis situações é que as minhas Provas deviam ser dadas para mostrarem bem ao mundo a minha força sobrenatural, que outra não poderia triunfar gloriosamente no martírio estúpido que como eleito de Deus eu tinha e terei ainda que suportar.

Através dessas horribes provações, cada uma das quais tem durado doze anos — doze, o número do sacrifício, segundo o tarot e portanto a kabala —, e nos seus curtos intervalos de dois anos — dois, o número fantástico e místico da separação ou divisão — eu tenho manifestado uma intensidade de vida interior e exterior verdadeiramente formidável e portanto rio-me daqueles artistas intelectuais que dizendo-se exaltadamente modernistas, sem saberem porém o que é, no fundo, Viver, substância de todo o modernismo, me acusam de falta de vida já porque tenho os meus olhos constantemente voltados para a Morte! É para Ela com efeito que eu vivo, intensamente, fêrricamente, mas porque a Morte, quando divina, é intensificação pura, abstracta, espiritual da Vida, tornada Sonho torrencial em Vertigem Criadora, porque a Morte enfim, galgando por sobre o tempo, é o espasmo eterno de Luxúria astral com que Deus continuamente cria, num arranco soberbo que jamais perece, a Existência, o Ser que a Sua Grandeza Incomensurável procura com ânsia feroz! O Vácuo da Morte provém do seu purismo vaziamente abstraccionizador de Vida, é o reflexo do excesso de Vertigem que como Loucura Espiritual — Vida intensíssima, absoluta — se debate, eternamente aniquilando para eternamente criar de novo o Ser que traz em si própria, com fúria espasmódica, cataclísmica, divina!...

É de dessa Vertigem torrencialmente destrutiva e criadora de Deus que Fernando Pessoa cada vez mais se aproxima através duma morte cada vez mais pura, e é essa Vertigem que êle Quer lançar absolutamente na vida através da minha acção prodigiosa que do Além inspira e anima num labirintizar de Sonho impetuoso e bravo... Glória ao Génio que no Nosso Ser Quer arrebatar o Mundo para a Vertigem de Deus!...

RAUL LEAL (HENOCH)

5

Fig. 19. Na Glória de Deus, primeiro capítulo do livro em preparação Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império (artigo publicado na Presença, 1936) [Continuação]

Publica-se o primeiro capítulo do livro em preparação
Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império

Na Glória de Deus

Morreu um Génio! Mas só o seu corpo se despedaçou, mantendo-se intacto, ou antes, purificando-se cada vez mais o seu Espírito quási divino que, por fim, de perfeição em perfeição através da Morte, acabará por se identificar inteiramente com a Essência de Deus... Glória ao Génio que assim puramente se divinizará!...

Uma Missão altíssima lhe está confiada no Além pelo Supremo Criador do Mundo, a de governar espiritualmente a Vida por entre os turbilhões de Vertigem-Sonho que sem mesmo o saber êle derramou exuberantemente na Terra.

Nos capítulos seguintes dêste estudo mostro que realmente o Poeta genial que acaba de perecer em corpo, jamais em espírito, esboçou a criação duma atmosfera vertigica de Sonho Astral juntamente com Mário de Sá Carneiro que a imaginou torrencialmente pela fôrça duma intuição poderosíssima que em Fernando Pessoa se tornou gigantesca Inteligência duma subtilidade magistral. Não é que o grande Artista-Pensador tivesse uma consciência plena da Vertigem-Sonho cuja criação esboçou na Vida, mas o facto é que, dentro dela, e *sem mesmo saber que estava dentro dela*, o seu pensamento subtilíssimo se debatia continuamente, acumulando metafísicas incertezas de tudo que o faziam levar para a consideração dum mistério universal quando é certo que a Incerteza não surge apenas *para nós* por supostamente não atingirmos a compreensão, assim misteriosa, das coisas, pertencendo antes *substancialmente* à Vida, à Existência Pura – tão pura, tão sublimada que é só Essência não propriamente Substância Existente, que é só enfim espírito abstracto de Existência, *vazio* dela e por a exprimir excessivamente, *absolutamente*, derivando dêste facto contraditório, estonteante, *vertigico* a natureza e realidade incertas, confusas, emmaranhadas [sic], *vertigicas* da pura Existência –, e quando é certo também que a compreensão referida das coisas se pode tornar um facto, vivendo nós com a razão transcendida a natureza *substancialmente*, *ontològicamente* incerta, confusa, contraditória, labirinticamente emmaranhada, estonteante, *vertigica* de tudo que existe, natureza real-irreal de Sonho-Fantasma em que se exprime o Absoluto através do Vácuo!

O que Fernando Pessoa esboçou na Terra, vive ou vai viver agora absolutamente no Além, e arrastado por uma Fôrça Sobrenatural que o vitaliza enormemente na Eternidade, através duma semi-consciência de Sonho que a Morte sempre nos dá em febre delirante, o Artista cumpre a alta Missão de governar a Vida, procurando pelos meus esforços que ele cada vez mais inspira, intensificar a atmosfera labirintica de Vertigem Pura cuja criação com Mário de Sá Carneiro

esboçou, para que a Vida se erga connosco progressivamente até Deus que essa Vertigem turbilhonária, convulsiva de Vácuo-Espírito substancialmente anima, sendo o próprio furor criativo do Poder Divino que não conhece limites determinadores, que se debate pois eternamente na febre, no delírio Indefinido Absoluto – o mesmo que Infinito –, o qual tem por essência o Vácuo-Fantasma de Sonho a que aludi, êsse Vácuo astral da Morte em que tudo é confusa Indecisão, em que tudo é realmente Divina Vertigem!...

Não há muito, quando uma doença abominável me aproximou também subitamente da morte, eu vendo-me perdido para a vida terrestre mas sempre confiado no meu Destino Sobrenatural, pensei escrever uma carta-testamento ao Fernando Pessoa, o meu maior Amigo, a qual devia terminar por estas palavras Aparecidas no meu espírito como um relâmpago, como uma Revelação Oculta do Além e em que se exprimia a minha derradeira Esperança: “Talvez Deus queira que do Astral o Profeta Henoch comande o Mundo!...”

Mas não sou eu afinal Aquê! que profundamente tem que cumprir essa Missão altíssima através da Morte! O meu grande Amigo que me despedaçou o coração na sua Divina Subida por ela me afastar dêle enquanto eu viver, por ela me tornar agora absolutamente solitário na vida que arrasto pesadamente como forçado glorioso e maldito, êsse grande Amigo que só em espírito, só em sonho alucinatório trago continuamente presente na minha alma e na minha acção esforçada com a qual fundarei definitivamente na Terra o Reino astral da Vertigem que há de constituir o Quinto Império, duma natureza mística, espiritual, divina, êsse grande Amigo que inspira, que anima assim do Além os meus esforços sobrenaturais mas que eu sinto perdido para a minha existência terrestre de que careço para só através dela poder convulsionar vertigicamente o Mundo, erguendo-o em espasmos delirantes de Ascese e Loucura ao Furor Criativo de Deus, êsse grande Amigo que apenas na minha alma vive deixando-me sòsinho na luta tremenda que através da Terra audaciosamente tenho que travar, é que possui o Destino maravilhoso de governar os homens só do Além, devendo eu então, excitado ocultamente por ele, realizar em absoluto o seu sonho puríssimo de Vertigem Divina por entre sórdidos suplícios que a vida terrestre, hoje feita de lama, continuamente impõe aos Grandes Realizadores, para ela profundamente odiosos, para ela abominavelmente malditos!...

Sem o meu companheiro de Infortúnio e Glória, tendo perdido Aquê! que sempre pronto estava a defender-me com suprema elevação dos ataques vilíssimos da canalha e comprometendo até o seu alto prestígio que lhe era dado por uma força magnética poderosíssima – pois a Grandeza que possuía, sem êsse forte magnetismo pessoal só o prejudicaria decerto –, tenho com efeito que travar sòsinho uma luta estupenda durante dezóito anos amargurados que o Destino quer que eu viva ainda para cumprir absolutamente na Terra o que Deus me

impõe dura e maravilhosamente entre os relâmpagos astrais da cataclísmica criação.

Agora, perdida a mocidade e enfraquecido pela doença que me devasta a carne, é que tenho forçadamente que exprimir uma suprema audácia numa luta despedaçadora. Quatro grandes Provas o meu Destino glorioso e maldito me impôs: a da *nobreza de alma* que eu dei na minha adolescência, quando mais difícil era exprimir-se visto que, adolescentes, somos quási sempre passionais, vivendo demasiadamente dos sentidos para podermos ser superiormente nobres; a da *grandeza de carácter* a qual suporrei estáticamente na minha juventude, quando era pois maior, mais delirante a ambição do luxo e da luxúria que porém esmaguei dentro de mim para não poluir a minha vida visto que só por meios impuros a conseguiria satisfazer, não estando outros ao meu alcance por incapacidade, então absoluta, no domínio das coisas práticas, terrenas, a qual me trouxe a fome e a miséria, sofridas com ascética resignação; a prova da *fôrça de espírito*, a mais estupenda de todas e que dei tumultuariamente numa ocasião difícilíssima em que me julgava esgotado pela dor que constantemente a vida me oferecia e que se multiplicou intensamente depois, durante esse período terrível de abominação e grandeza que eu canto em versos dilacerantes na primeira parte do meu poema apocalíptico, em preparação, *Dieu-Satan*, intitulada *Le Prophète Sacré de la Mort-Dieu*, e também nos onze poemas psálmicos que constituem a obra *Martyr de l'Occulte*, assim como nalgumas passagens do meu poema sagrado e maldito que eu intitulo *Messe Noire*, dedicado a Gilles de Rais cujo espírito tenebroso e santo eu faço surgir numa *Invocação* que precede esta obra, da série *Le Dernier Testament* a que as outras também pertencem; enfim, a prova da *vitalidade* e da *audácia* que começo a dar muito em breve, quando a velhice e a doença a deviam contrariar em absoluto por ela exigir uma energia de alma que só na mocidade se pode ter mas que eu mantereí intacta através de tudo! Nas piores, nas mais difíceis situações é que as minhas Provas deviam ser dadas para mostrarem bem ao mundo a minha fôrça sobrenatural, que outra não poderia triunfar gloriosamente no martírio estupendo que como eleito de Deus eu tinha e terei ainda que suportar.

Através dessas horríveis provações, cada uma das quais tem durado doze anos – *doze*, o número do *sacrifício*, segundo o *tarot* e portanto a *kabala* –, e nos seus curtos intervalos de dois anos – *dois*, o número fantásmico e místico da *separação* ou *divisão* – eu tenho manifestado uma intensidade de vida interior e exterior verdadeiramente formidável e portanto rio-me daquêles artistas e intelectuais que dizendo-se exaltadamente modernistas, sem saberem porém o que é, no fundo, Viver, substância de todo o modernismo, me acusam de falta de vida já porque tenho os meus olhos constantemente voltados para a Morte!

É para Ela com efeito que eu vivo, *intensamente*, *feèricamente*, mas porque a Morte, quando divina, é intensificação pura, abstracta, espiritual da Vida, tornada Sonho torrencial em Vertigem Criadora, porque a Morte enfim, galgando por sôbre

o tempo, é o espasmo eterno de Luxúria astral com que Deus continuamente cria, num arranco soberbo que jamais perece, a Existência, o Ser que a Sua Grandeza Incomensurável procura com ânsia feroz! O Vácuo da Morte provém do seu purismo *vaziamente* abstraccionizador de Vida, é o reflexo do excesso de Vertigem que como Loucura Espiritual – Vida intensíssima, absoluta – se debate, eternamente aniquilando para eternamente criar de novo o Ser que traz em si própria com fúria espasmódica, cataclísmica, divina!...

E é dessa Vertigem torrencialmente destrutiva e criadora de Deus que Fernando Pessoa cada vez mais pura, e é essa Vertigem que ele Quer lançar absolutamente na vida através da minha acção prodigiosa que do Além inspira e anima num labirintizar de Sonho impetuoso e bravio... Glória ao Génio que no Nosso Ser Quer arrebatrar o Mundo para a Vertigem de Deus!...

Raul Leal
(Henoch)

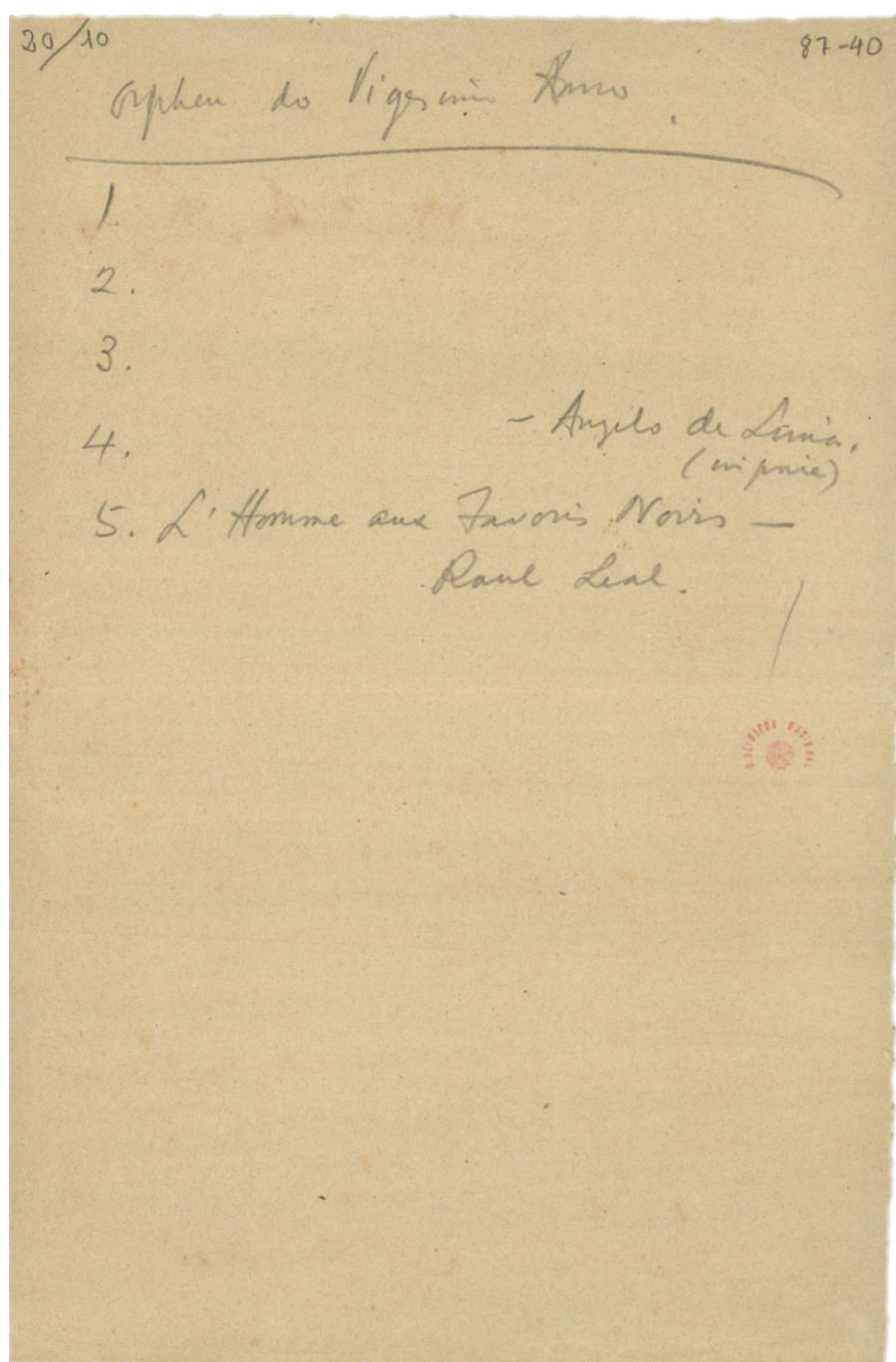


Fig. 20. BNP/E3, 87-40.

Bibliografia

- LEAL, Raul (1936). “‘Na glória de Deus’”, primeiro capítulo do livro em preparação ‘Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império’”, in *Presença*, n.º 48, Coimbra, Julho, pp. 4-5.
- ____ (1928). “Mario Eloy, le grand évocateur d’incubés”, in *Presença*, n.º 16, Coimbra, Novembro, p. 6.
- ____ (1924). *Sodoma Divinisada*. Lisboa: Olisipo.
- ____ (1920). *L’Antéchrist et La Gloire du Saint-Esprit*. Lisboa e Rio de Janeiro: Portugália.
- ____ (1913). *A Liberdade Transcendente*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Colecção “Psicologia Experimental”, n.º 3.
- ____ (1909). *Estudos de critica psicologica – I. A “Apassionáta de Beethoven e Viãna da Móta*. A propósito da audição da “Apassionáta” no Teatro-Circo Principe Real de Coimbra, em 7 de Junho de 1909. Coimbra.
- GOMES, Pinharanda (1965). “Um d’Orpheu – Raul Leal”, in *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 34, Lisboa. [Revisto, foi incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 23-45. Inclui bibliografia activa de Raul Leal].
- ____ (1964). “O Incompreendido – por ocasião da morte de Raul Leal”, in *Espiral*, n.º 3, Lisboa: Outono, pp. 59-64 [Incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 47-56].
- JÚDICE, Nuno (1986). *A Era do “Orpheu”*. Lisboa: Teorema. Colecção “Terra Nostra”.
- PESSOA, Fernando (2012). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello; colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. Colecção “Obras de Fernando Pessoa”, Nova Série, coordenadas por Jerónimo Pizarro.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X. Colecção coordenada por Ivo Castro.

Oscar Wilde, Educação e Teoria Aristocrática: Um texto que era três — adenda

Jorge Uribe*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Oscar Wilde, Max Nordau, Teoria Aristocrática, Educação, Diário.

Resumo

Como continuação da reconstrução do documento redigido por Fernando Pessoa sobre Wilde, Educação e Teoria Aristocrática (*cf. Pessoa Plural*, nº 2), apresenta-se agora um acrescento ao conjunto, identificado recentemente no espólio. O novo trecho vem corroborar a proximidade que estes três assuntos tiveram para Pessoa, num momento específico da sua vida como leitor-escritor no qual estavam a ser definidos os princípios estéticos que posteriormente modelariam a sua escrita.

Keywords

Fernando Pessoa, Oscar Wilde, Max Nordau, Aristocratic Theory, Education, Journal.

Abstract

As part of the reconstruction of the document written by Fernando Pessoa about Wilde, Education and Aristocratic Theory (*cf. Pessoa Plural*, nº 2), I present here yet another piece of the supposed whole, recently identified in Pessoa's archive. This new document verifies the contiguity that those three different matters had for Pessoa at a precise moment of his life as reader-writer, in which the aesthetic principles of his own works were acquiring those forms that became characteristic of his writing.

* Programa em Teoria da Literatura — Universidade de Lisboa.

Pouco tempo após a publicação, no segundo número de *Pessoa Plural*, do conjunto de documentos que apresentei sob o título “Oscar Wilde, Educação e Teoria Aristocrática; um texto que era três”, recebi a sugestão, da parte do investigador Richard Zenith, de considerar um documento que até então tinha escapado à minha atenção. Efectivamente bastou um primeiro olhar ao documento conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3 (Fernando Pessoa), 55L-86, para ter a certeza de que a sua inclusão no conjunto de textos publicados no número anterior não só era possível, mas necessária. Este documento constitui de facto o elo de passagem entre as considerações sobre Oscar Wilde e uma reflexão tematicamente orientada a respeito da organização social e do valor de uma distinção hierárquica entre indivíduos, reflexão, esta, que Pessoa reiterativamente refere como “princípio aristocrático”. O novo documento tem as mesmas características materiais das peças do conjunto anterior, tendo sido também redigido a lápis numa folha impressa (inteira) de um formulário de “Proposta para Hypotheca”. Não menos importante é o facto de o documento apresentar o título “Aristocracia”, rubrica que sugere uma relação directa com um dos documentos antes publicados, o 75A-22, o único do conjunto que se encontrava escrito em português. O título referido indica a existência de uma «coordenação» entre os dois documentos, e, de facto, a reflexão começada em 55L-86 adquire um desenvolvimento coerente em 75A-22. Assim, no primeiro documento – tomando por primeiro aquele que apresenta o título, 55L-86 – existe um esboço geral de um argumento que no documento seguinte adquire maior concreção, e se aproxima tendencialmente ao argumento específico sobre Wilde, comum ao resto do conjunto.

Não obstante, existe um ponto problemático na adequação de este novo material àquilo que foi antes publicado, e que levanta dúvidas sobre a estabilidade da ordem que optei por dar inicialmente ao conjunto, embora esta fosse necessariamente hipotética. A relação agora evidente entre os documentos 55L-86 e 75A-22 pareceria exigir um possível isolamento de ambos em relação ao resto dos documentos. Estas duas folhas redigidas em português poderiam considerar-se como uma unidade “completa”, que, embora tenha sido escrita na mesma madrugada de Fevereiro de 1913 – “das 0 as 4” – dos outros documentos em inglês, poderia ser colocada antes ou depois deste conjunto documental, e não inserida no meio do mesmo, atendendo ao desenvolvimento de certas temáticas. Esta reorganização apresentar-nos-ia um Fernando Pessoa mais metódico e menos “interseccionista”. Resulta impossível resolver esta questão, mas tendo a imaginar uma leitura intercalar do conjunto sobre “Oscar Wilde, Educação e Teoria Aristocrática”, já que o título “Oscar Wilde” reaparece por três vezes nos documentos, facto que sugere a recuperação de um fio temático presumivelmente abandonado aquando do desenvolvimento das outras ideias. Baseado neste raciocínio, eu proporia, simplesmente, antepor o novo documento a 75A-22, no

lugar em que foi publicado no número anterior. Ora, com respeito à questão linguística, isto é, à passagem de português para inglês – ou vice-versa –, basta reiterar que este tipo de mudança repentina é característica dos escritos pessoanos (às vezes acontece de uma frase para outra num mesmo texto), pelo qual não considero este pormenor como uma dificuldade real. A ordem que proponho, claro, é só uma hipótese de trabalho, susceptível, como é todo o trabalho editorial, de ser modificada frente ao crescente conhecimento que a comunidade de estudiosos da obra pessoana tem, a cada dia, do espólio do escritor português.

Agradeço a Richard Zenith pelo envio da cota do documento que permitiu esta adenda, e pela sua leitura inicial do manuscrito; tal como a Jerónimo Pizarro pelo seu contributo na leitura final e na revisão geral do texto agora apresentado.

Anexo

1. [55L-86]

Aristocracia.

O povo é o *compellido*¹ pelas leis – só assim é moral.

O burguez é o *compenetrado* das leis – é moral assim.

O aristocrata é o creador das leis e director da sua alma – assim é que é moral.

Ter verdadeiras convicções e agir contra ellas – eis uma cousa aristocratica. Não é como os modernos “crentes”² *esquecem* as crenças. É tel-as presentes e agir contra ellas. – Como os Barões³ que desafiam o Papa, e ganham conscientemente o inferno.

—

O aristocrata *quér sempre a moral* nos outros, nas outras classes, na sociedade. Elle por aristocrata, outras vezes⁴ vae contra isso.

[86v] A sociedade mais aristocratica – a ingleza – tem isso precisamente. E a Grecia antiga.

—

O aristocrata sente-se sempre superior ás leis, porque elle é que cria as leis. D’ahi o impol-as e o violal-as.

¹ O povo é o <*ex> *compellido*] um pequeno segmento foi riscado.

² “crentes”] *leitura conjectural*.

³ Barões] *sobre um sinal de hesitação*.

⁴ <*que> <t>/o\ outras vezes] *com uma ligeira alteração*.

55L-86

Aristocracia.

O povo é o compilado pelos leis -
 Si omni e' munda.

O Imprey é o compensado do lei -
 e munda.

O aristocrata é o criador das leis e munda
 do munda - omni e' quasi munda

Tem verdades camufladas e opri contra
 elles - eis uma lucra aristocrata - há
 é como a munda "aristocrata" apre o
 leu. E' filos presente e opri contra
 elles. - Com Barão pre don
fin o Papa, - gamban convicente
mente o inferno.

O aristocrata quer unpre a munda un
atras, nos atras clon, no munda. Elle
he aristocrata, o filos un un un.

Fig. 1. BNP/E3, 55L-86r.

PROPOSTA PARA HYPOTHECA

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. _____

morador na _____ N.º _____ andar _____ propõe para hy-
 potheca pela quantia de _____ rs., ao juro de _____ % annual pago adeantada-
 mente, o seu predio sito na _____ N.º _____
 e composto de _____ andares e _____ loja, com o rendimento total de _____
 rs., e valor venal approximado de _____ rs., e que deseja
 hypothecar pelo praso de _____ annos, correndo todas as despesas de registo, tabellião, commissões, etc.,
 por sua conta.

Lisboa, _____ de _____ de 191 _____

O Agente, _____ O Proponente, _____

Observações

*A arrendatária mais amantada a arrendatária tem
 um preceito. Eu aqui antigo*

*O arrendatário sente o corpo superior os leis,
 para elle e para arrendatário os leis. D'ahi o
 ingratidão e o vitalismo.*

Fig. 2. BNP/E3, 55L-86v.

O Núcleo de Acção Nacional em dois escritos desconhecidos de Fernando Pessoa

José Barreto*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Núcleo de Acção Nacional, Ditadura Militar, Ideologia Anti-Partidos, Política Anti-Nacional.

Resumo

O autor revela dois textos desconhecidos de Fernando Pessoa relacionados com o Núcleo de Acção Nacional – o grupo político cujo órgão foi o jornal *Acção* (1919-1920) e que em 1928 figurou como editor de *O Interregno* de Pessoa. O primeiro texto é o programa de cinco pontos do NAN, que tinha sido publicado no jornal sidonista *Acção* em Maio de 1919 e que, segundo o autor, foi redigido por Fernando Pessoa. O segundo texto é um manifesto político assinado pelo NAN, datado de 8 Julho de 1926, na fase inicial da Ditadura Militar instaurada em 28 de Maio desse ano. O manifesto, que muito provavelmente não chegou a ser publicado, expõe as ideias do NAN, mais precisamente de Pessoa, num momento crítico da situação política, na véspera da chegada ao poder do general Óscar Carmona, em substituição do general Gomes da Costa. Pessoa critica a ideologia anti-partidos e anti-política dos governantes militares e enumera as forças “antinacionais” em presença na arena política, dos políticos corruptos aos comunistas, dos católicos organizados aos políticos “pseudo-nacionais” (os seguidores dos ultranacionalistas franceses Charles Maurras e Georges Valois e de Mussolini). O manifesto lança uma luz nova sobre as ideias políticas de Pessoa durante a Ditadura Militar e sobre a própria génese de *O Interregno*.

Keywords

Fernando Pessoa, *Núcleo de Acção Nacional*, Military Dictatorship, Anti-Party Ideology, Anti-National Politics.

Abstract

The author reveals two unknown texts by Fernando Pessoa related to the *Núcleo de Acção Nacional* – the political group whose organ was the *Acção* newspaper (1919-1920) and which would be the publisher of Pessoa's *O Interregno* in 1928. The first text is the NAN's five point program, which was published in the Sidonista newspaper *Acção* in May 1919 and, according to the author, was written by Fernando Pessoa himself. The second text is a political manifesto signed by the NAN and dated July 8, 1926, in the beginnings of the Military Dictatorship established on 28 May of that year. The manifesto, which very probably never got published, exposes the ideas of the NAN, or more precisely those of Pessoa, in a critical moment of the political situation, on the eve of the arrival to power of General Oscar Carmona, replacing General Gomes da Costa. Pessoa criticizes the anti-party and anti-political ideology of the military rulers, and lists the “anti-national” forces in presence on the political arena, from corrupt politicians to communists and from organized

* Instituto de Ciências Sociais — Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Catholics to “pseudo-national” politicians (the followers of French ultranationalists Charles Maurras and Georges Valois and of Mussolini). The manifesto sheds a new light on Pessoa’s political ideas during the Military Dictatorship and on the genesis of *O Interregno* itself.

Apresentam-se aqui dois escritos políticos de Fernando Pessoa relacionados com o Núcleo de Acção Nacional, até agora desconhecidos e recentemente encontrados e identificados no espólio do escritor.

1. BNP/E3, 92I-17^r

Trata-se uma cópia dactilografada dos cinco pontos programáticos do Núcleo de Acção Nacional (adiante: NAN), grupo político nacionalista e sidonista aparentemente criado na primavera de 1919, no contexto do pós-sidonismo, na sequência também das tentativas frustradas de restauração monárquica (Monarquia do Norte e Revolta de Monsanto) e do regresso do Partido Democrático ao poder. O documento intitula-se NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL | OS SEUS FINS e coincide integralmente, tanto no título como no conteúdo com o programa do NAN publicado no órgão do mesmo grupo político, o jornal *Acção* (n.º 2, de 19 de Maio de 1919, p.2). Esse texto, eventualmente conhecido de quem tenha folheado a colecção do dito jornal, não tinha sido até agora identificado como obra de Fernando Pessoa. O facto de uma cópia a químico se encontrar no espólio do autor na Biblioteca Nacional de Portugal não bastaria, por si só, para estabelecer a sua autoria, sabendo-se que vários manuscritos e dactiloscritos não assinados ali existentes são de autoria alheia. Examinada a forma e o conteúdo do documento, constata-se todavia que a linguagem em que se encontra redigido e o seu conteúdo coincidem caracteristicamente com o modo de expressão e com o pensamento político coevo de Fernando Pessoa – necessidade de criação de uma opinião pública em Portugal, apartidarismo, promoção do desenvolvimento comercial e industrial através de planos de fomento específicos, acento posto na valorização do indivíduo, orientação da política externa portuguesa mais de acordo com os interesses comerciais do país do que com interesses puramente políticos. Inclusive a ortografia usada, como era regra em Fernando Pessoa, é a anterior à reforma de 1911. Não é de excluir que esses pontos programáticos do NAN tenham sido debatidos, ou pelo menos acordados, entre os componentes desse grupo político, em particular Geraldo Coelho de Jesus, o engenheiro e administrador de empresas que figura como director do jornal *Acção* no cabeçalho dos quatro únicos números publicados entre Maio de 1919 e Fevereiro de 1920. É também conhecido que em 1927 o Núcleo de Acção Nacional pediria a Fernando Pessoa que redigisse o panfleto *O Interregno*, segundo afirmação do próprio na página 5 deste polémico texto publicado em 1928.

A declaração dos “fins” do NAN é o único documento programático conhecido dessa organização que, como se disse, se situava no quadrante político sidonista do período pós-Sidónio. Da relação de Fernando Pessoa com o NAN pouco se sabe, para além da afirmação de não pertencer ao grupo (*O Interregno*, 1928: 5) e de ter sido o principal redactor e colaborador da *Acção*, se não o seu

virtual director na ausência frequente de Geraldo Coelho de Jesus, ao tempo administrador das Minas de Porto de Mós.¹ Seria também com a chancela do NAN que se publicaria em Março de 1928 o folheto *O Interregno*, antecedido por uma versão muito idêntica em folha volante (mas sem a autoria expressa de Fernando Pessoa), que a censura não deixou circular (cf. Barreto, 2012). Deste grupo político algo fantasmagórico o pouco que se sabe está relacionado com publicações e edições a que ligou o seu nome: foi seu órgão o jornal *Acção*, em cujo cabeçalho se declarava ser propriedade do NAN, o que permite apenas presumir que o grupo teria existência como pessoa jurídica; editou em 1919, em folheto, as *Bases para um Plano Industrial*, de Geraldo Coelho de Jesus, texto que fora publicado antes no jornal *Acção* (n.º 1, de 1 de Maio de 1919, pp. 4-6); editou o livro de poesia de Augusto Ferreira Gomes *Procissional* (Leiria, 1921); editou por fim, em 1928, *O Interregno* de Fernando Pessoa. Não há qualquer registo de actividade do NAN, tanto no plano político como no editorial, posterior à publicação de *O Interregno* em Março de 1928. Pode conjecturar-se que Geraldo Coelho de Jesus terá sido membro ou líder do NAN, ao qual poderá ter pertencido também Augusto Ferreira Gomes e, eventualmente, o editor de *Acção*, Carlos de Noronha. Mas também é possível que o NAN não passasse de um grupo informal, sem direcção, ou de uma organização meramente nominal. O jornal *Acção*, com efeito, nunca se refere à actividade do NAN, apenas se limitando a publicar a declaração dos seus “fins” adiante reproduzida. Do citado folheto de Geraldo Coelho de Jesus, *Bases de um Plano Industrial*, sabe-se que foi distribuído gratuitamente e que em 1920 ia já na 3.^a edição (anúncio em *Acção*, n.º 4, 27 de Fevereiro de 1920, p. 3). O texto terá sido originalmente publicado no jornal *O Tempo* (apud Villaverde Cabral, 1977: 145).² Para a sua redacção o autor pode ter contado com a colaboração de Fernando Pessoa, que também escreveu umas “Bases para a formação de uma empresa ou companhia de productos portuguezes” (BNP/E3, 137-83^r a 90^r), umas “Bases para a organização de uma empresa exportadora portuguesa” (dactiloscrito assinado por F.P., BNP/E3, 137-80^r a 82^r) e umas “Bases para dois projectos de concentração industrial”, estas últimas datadas de 26 de Fevereiro de 1922 (dactiloscrito assinado por F.P., BNP/E3, 137C-46^r a 57^r), tendo todas aparentemente ficado inéditas em vida do autor. Em notas manuscritas de Pessoa aparece ainda o título de um outro projecto: “Bases para um Estatuto Industrial” (BNP/E3, 137-2^v-2a^v).

¹ Veja-se a carta de Fernando Pessoa para Geraldo Coelho de Jesus de 10 de Agosto de 1919 (BNP/E3, 114²-36^r a 38^r), publicada pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Correspondência Inédita* (1996: 106-108).

² O autor não indica a data em que tal publicação pelo *Tempo* terá ocorrido. Este “diário republicano conservador” apoiante do governo de Sidónio Pais, era dirigido por Simão Laboreiro, também das relações de Fernando Pessoa. Em 13 e 17 de Outubro de 1918 Pessoa publicou nesse jornal dois artigos políticos: “Falência?” e “Falta de lógica... passadista”.

2. BNP/E3, 92I-15^r a 16^r

O segundo escrito desconhecido aqui apresentado, conservado no espólio pessoal, é uma cópia a químico de um dactiloscrito de duas páginas, com alterações ao primeiro parágrafo feitas posteriormente a lápis na margem superior, intitulado O NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL DIRIGE-SE TERMINANTEMENTE Á NAÇÃO, datado de 8 de Julho de 1926 e assinado pelo NAN. Este texto, que se apresenta como um manifesto plausivelmente destinado a publicação (de que não há notícia), tem o mesmo título que o panfleto *O Nucleo de Acção Nacional dirige-se terminantemente á Nação*, subtulado *Primeiro Manifesto – O Interregno*, impresso plausivelmente em fins de 1927, que foi inicialmente proibido de circular pela censura e posteriormente publicado (Março de 1928) em folheto, com um título diferente: *O Interregno. Defeza e Justificação da Dictadura Militar em Portugal*.³ Além do título, o primeiro parágrafo do texto de 1926 que aqui se revela tem grandes semelhanças, sobretudo após as alterações nele feitas a lápis, com dois parágrafos do primeiro capítulo do panfleto de 1927 e do folheto de 1928. Assim, podemos afirmar que o autor aproveitou o título e um trecho do manifesto de 1926 para a redacção, em 1927, de um outro manifesto, *O Interregno*. Entre os dois manifestos, de dimensão e propósitos muito diferentes, não há mais semelhanças formais ou de conteúdo a registar, senão o comum intuito de o NAN se fazer escutar pelos responsáveis militares da Ditadura. Não se pode, pois, considerar este escrito como uma primeira versão ou um esboço de *O Interregno*, mas apenas como um seu antecessor remoto. Entre Julho de 1926 e finais de 1927 a situação política, liderada pelo general Óscar Carmona, evoluíra no sentido da sua consolidação e, por via disso, os aspectos em que Fernando Pessoa põe a ênfase nos dois manifestos são muito diferentes.

O manifesto que aqui se apresenta é datado de 8 de Julho de 1926, um dos momentos mais críticos da conjuntura política pós-revolução de 28 de Maio. Desde o dia 7 de Julho que se esboçava um movimento militar contra o governo do general Gomes da Costa, que subira ao poder com o golpe de Estado que em 17 de Junho depusera o governo do comandante Mendes Cabeçadas. Ao tomar conta do poder em Junho, Gomes da Costa publicara uma proclamação contra os políticos e os partidos (*Anais da Revolução Nacional*, vol. I, *Diário da Revolução Nacional*, p. 179) e multiplicara-se depois em declarações no mesmo sentido (desde 1925 que Gomes da Costa chamava “quadrilhas” aos partidos da República). A crítica que Fernando Pessoa faz neste manifesto ao discurso anti-políticos e anti-partidos revela claramente uma opinião contrária às posições de Gomes da Costa sobre esses precisos temas. Além disso, o manifesto redigido por Pessoa assume uma posição muito crítica dos católicos, dos monárquicos integralistas e dos simpatizantes do fascismo italiano – ou seja, daqueles quadrantes políticos mais à direita que se

³ Ver Barreto (2012: 175-176).

escudavam em Gomes da Costa, numa tentativa de assalto ao poder. Na madrugada de 8 para 9 de Julho eclodiu um golpe de Estado em Lisboa que depôs Gomes da Costa e colocou o general Óscar Carmona, que contava com o apoio de muitos militares republicanos, à frente de um novo governo da Ditadura Militar. Em consequência disso, o manifesto “O Núcleo de Acção Nacional dirige-se terminantemente à Nação” foi, de certo modo, ultrapassado pelos acontecimentos.

*

Transcreve-se adiante em primeiro lugar o texto *Núcleo de Acção Nacional - O seus fins* conforme publicado em Maio de 1919 no jornal *Acção*, seguido da reprodução do dactiloscrito original encontrado no espólio de Fernando Pessoa.

Em segundo lugar, transcreve-se o manifesto *O Núcleo de Acção Nacional dirige-se terminantemente à nação* conforme a cópia do dactiloscrito original existente no espólio, seguido da reprodução do documento. Na sua transcrição, repete-se entre parênteses rectos o primeiro parágrafo com a redacção resultante das alterações a lápis. Não sabemos quando é que o autor introduziu estas alterações, mas elas podem ter sido feitas só em 1927, dadas as semelhanças resultantes com dois trechos do primeiro capítulo de *O Interregno*.

Anexos**1. Jornal *Acção*, n.º 2, 19 de Maio de 1919, p. 2.****Nucleo de Acção Nacional****Os seus fins**

1. Promover em Portugal o estabelecimento de uma opinião publica de accordo com as necessidades primarias do paiz neste momento, e destinada, pela fôrça que adquira, a crear uma atmospheria pouco propicia á politica meramente partidaria.

2. Crear essa opinião publica em volta da necessidade immediata da organização commercial e industrial do paiz, e da effectivação de planos definidos e concretos visando, acima de tudo, a nossa reconstrucção economica e a nossa revitalização financeira.

3. Promover a coordenação de competencias em todos os ramos da actividade nacional, fazendo com que uma constante intenção patriotica seja a fôrça intima de que resulte essa coordenação.

4. Promover a valorização profissional do individuo portuguez, e, ao mesmo tempo, a valorização patriotica das classes organizadas que resultem d'essa intensificação do valor practico do individuo.

5. Pugnar por a effectivação de uma politica internacional que se coadune com o estado de cousas que uma reorganização assim feita realize, ou tenda a realizar, isto é, uma politica internacional que estude mais a nossa valorização externa como entidade commercial do que a nossa valorização puramente politica, que não pode ser senão a de subserviencia perante umas nações e de inutil antagonismo perante outras.

Para a plena e intensa realização d'esta attitude, o NUCLEO entende não dever deixar que a sua actividade exceda os limites rigorosamente practicos que este programma impõe, não lhe cabendo, portanto, occupar-se d'estes problemas no seu sentido propriamente intellectual, nem de qualquer problema de tal modo que possa servir os interesses estreitos de determinado partido ou de determinada corrente politica.

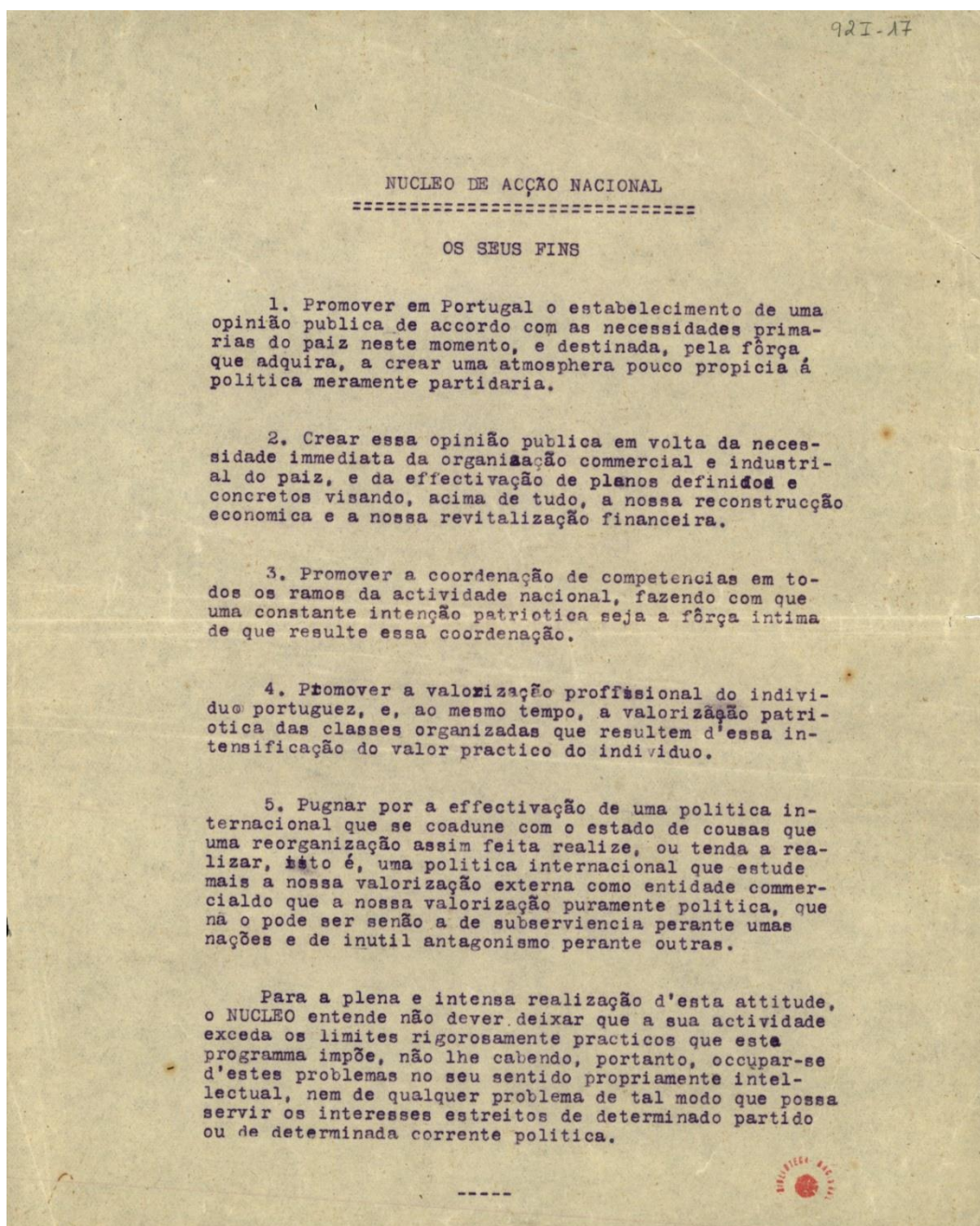


Fig. 1. BNP/E3, 92I-17.
Dactiloscrito original (cópia a químico).

2. BNP/E3, 92I-15^r a 16^r

O NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL
DIRIGE-SE TERMINANTEMENTE Á NAÇÃO

O Nucleo de Acção Nacional, que em determinadas horas tem intervindo – suavemente, como é seu modo; obscuramente, como é seu mistér – na vida da Nação, julga de seu dever dizer, aos que saibam ouvir, aquellas breves palavras que nem politicos, nem fingidos anti-politicos, poderiam proferir, porque não conhecem a linguagem em que devem ser dictas.

[O Nucleo de Acção Nacional, que em varias horas necessarias tem intervindo⁴ (suavemente, como é seu modo; obscuramente, como é seu mistér)⁵ na vida da Nação, julga ser chegado o momento de affirmar as palavras que só a elle compete dizer, e que só elle tem condições para proferir.⁶ Escravos da mentalidade estrangeira, uns, escravos da falta de mentalidade propria, outros – nenhuns, politicos ou não politicos – teem podido fallar superiormente aos portuguezes. Fal-o hoje, pela primeira vez desde 1578, o Nucleo de Acção Nacional.⁷]⁸

Fez-se um movimento militar com um character nacional. É preciso que se lhe mantenha esse character nacional, tendente a afundar-se, em novas areias movediças de politica, logo desde a primeira hora. O que importa, acima de tudo, é que sejam nacionaes as forças que mantenham e dirijam o movimento na sua

⁴ que <em determinadas horas> [↑ <nas> [↑ a varias] horas necessarias] tem intervindo

⁵ <-->(suavemente, como é seu modo; obscuramente, como é seu mistér<-->)

⁶ julga <de seu dever dizer, aos que saibam ouvir, aquellas breves palavras que nem politicos, nem fingidos anti-politicos, poderiam proferir, porque não conhecem a linguagem em que deveriam ser dictas.> [↑ ser chegado o momento de <dizer> [↑ affirmar] as palavras que só [↑ a] elle compete dizer, e que só elle tem condições para proferir.]

⁷ [← Escravos da mentalidade estrangeira, uns, escravos da falta de mentalidade propria, outros – nenhuns, politicos ou não politicos – teem podido fallar superiormente aos portuguezes. Fal-o agora, pela primeira vez desde <o +++> [↑ 1578], o Nucleo de Acção Nacional.]

⁸ Compare-se este parágrafo, que é a versão alterada a lápis do primeiro, com dois parágrafos do primeiro capítulo de *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal* (Lisboa: Núcleo de Acção Nacional, 1928), abaixo transcritos: [primeiro parágrafo, p. 5] “O NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL, que em varias horas necessarias tem intervindo – suavemente, como é seu modo; obscuramente, como é seu mistér – na vida da Nação, pediu-nos, que todavia a elle não pertencemos, que escrevessemos, por ser a ocasião de o fazer, um esboço ou breve formulario do que, em nosso entender, poderia ou deveria ser o Portugal futuro em as varias manifestações da sua vida collectiva. A esta incumbencia aggregou o NUCLEO a condição, a si mesmo imposta, de que accitaria por bom o que escrevessemos, e com tudo, o que isso fôsse, se conformaria, tendo-o por proprio.”; e [sétimo parágrafo, p. 6] “Escravos da mentalidade estrangeira, uns; escravos da falta de mentalidade propria, todos – nenhuns Portuguezes, politicos ou não-politicos, teem podido fallar nacional ou superiormente a este Paiz. Fal-o hoje, pela primeira vez desde 1578, e por nosso intermedio, o NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL”.

sequencia governativa. E para isso importa distinguir quaes são as forças anti-nacionaes. São de trez ordens.

1.^a – Os elementos corruptos da politica, quer estejam ou não filiados em partidos politicos. A campanha contra os partidos politicos, como taes, tal qual a tem feito alguns elementos pseudo-affectos á situação presente, é digna só de idiotas ou de dementes senis.⁹ Politico é todo individuo que se occupa de politica, superior ou inferior. Partidos politicos formam-se naturalmente em toda a parte onde ha politica. O que ha é que distinguir, nessa politica e nesses partidos politicos, os elementos que estão nelles por servir uma idéa, errada ou certa, por servir a Nação atravez de um ou de outro criterio, e os elementos que constituem clientellas, parasitas, meros funcionarios da politica. Todos os partidos¹⁰ politicos tem elementos sãos e aproveitaveis. Não o deve esquecer o politico verdadeiro e o verdadeiro cidadão.

2.^a – Os ideologos anti-nacionaes. Temol-os de varias ordens. Os mais evidentes dos anti-nacionaes são os bolchevistas, usando d’este termo, por conveniencia, para designar os anarcho-syndicalistas e os communistas. Estes individuos – e alguns typos de socialista tambem – são inimigos organicos da Nação, pois obedecem primariamente a correntes e doutrinas não só inimigas d’ella, mas inimigas do proprio espirito do nacionalismo. Ha, porém, outros ideologos anti-nacionaes¹¹, mais velados e mais hypocritas: são todos os catholicos organizados, ou catholicos politicos. Isto para não dizer todos os catholicos, se é que o são sinceramente. Um catholico tem, por um motivo religioso, que obedecer, primeiro e antes de mais nada, ao Papa; só depois poderá obedecer aos fins da Nação a que pertence. Todo o catholico é portanto um traidor virtual. É esta a razão porque Locke, fundador doutrinal do liberalismo e da tolerancia, excluia os catholicos das funcções do Estado inglez; não podia, allegava, admittir-se como funcionario um homem que servia outro soberano além do Rei de Inglaterra. A nossa historia antiga está cheia de exemplos d’esta acção anti-nacional. Mas elles são ainda mais evidentes – se tivermos olhos para os vêr – na nossa historia menos antiga. Grande parte da nossa decadencia se deve á nossa intoxicação catholica. Lembram todos o Dominio Hespanhol; quantos lembram o Dominio Papal? O Dominio Hespanhol tirou-nos durante sessenta annos a independencia; durante mais de trezentos nos tirou o Dominio Papal a intelligencia, a cultura e a individualidade.

3.^a – Os ideologos pseudo-nacionaes. Estes são quasi todos os que em Portugal se preoccupam com politica do ponto de vista doutrinal. E são quasi todos porque quasi todos só o fazem plagiando e macaqueando doutrinas estrangeiras. Nasce lá fóra uma corrente radical; apparecem entre nós

⁹] este período foi posteriormente demarcado a lápis por parênteses rectos

¹⁰ <elementos> partidos

¹¹ <inim> anti-nacionaes

“pensadores” políticos com a mesma theoria. Um charlatão como Maurras consegue erigir em pseudo-systema francez¹² a doutrina politica do inglez Thomas Hobbes? Cá os temos a copial-o, e são os integralistas monarchicos. Separa-se de Maurras um outro imbecil, não menos charlatão que elle, Georges Valois? Cá temos integralistas sem regimen – imbecilidade dupla, pois a doutrina é incomprehensivel se lhe fôr retirado o fundamento monarchico. Surge em Italia um Mussolini? Funda-se entre nós uma corrente mussolinica. E assim¹³ com tudo e com todas as nações. O plagio tornou-se a essencia da nossa vida mental. Somos incapazes de pensamento original, somos incapazes de pensamento nacional. Ninguém ainda se lembrou de ser portuguez com a cabeça.

Haveria talvez que citar, tambem, como força desnacionalizante, a finança internacional. Esta, porém, não tem em Portugal um dos grandes campos de operação; nem ha governo portuguez sufficientemente elucidado para poder competentemente arcar com ella, se entre nós se installasse *directamente*. Indirectamente já cá a temos ha muito tempo; porém opera atravez de outros elementos. Se jugularmos a estes, teremos jugulado com isso mesmo (tanto quanto pode ser) a influencia d’ella.

São estas as breves palavras que levamos aos ouvidos da Nação e do novo Governo, se elles puderem, ou quizerem, ouvir-nos. Se não formos ouvidos já, não nos desconsolaremos, nem cahiremos em desesperança. Tempo virá em que nos oiçam os que tiverem verdadeiramente que nos ouvir.

Não temos, por ora, mais nada a dizer.

Lisboa, 8 de Julho de 1926.

NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL¹⁴

¹² pseudo-systema [← francez] *no original*: rancez

¹³ <O plagio torno> E assim

¹⁴ No verso da segunda página acha-se o seguinte trecho a lápis, da mão de Pessoa (vd. no final a reprodução do original): “Pergunte o publico a si mesmo se já leu, em linguagem portugueza, uma affirmação da ordem d’esta – positiva e superior.” Esta observação auto-elogiosa evoca o célebre parágrafo de *O Interregno* em que Pessoa dizia não haver nem em Portugal nem no estrangeiro quem tivesse “alma e mente” para produzir um escrito comparável ao seu.

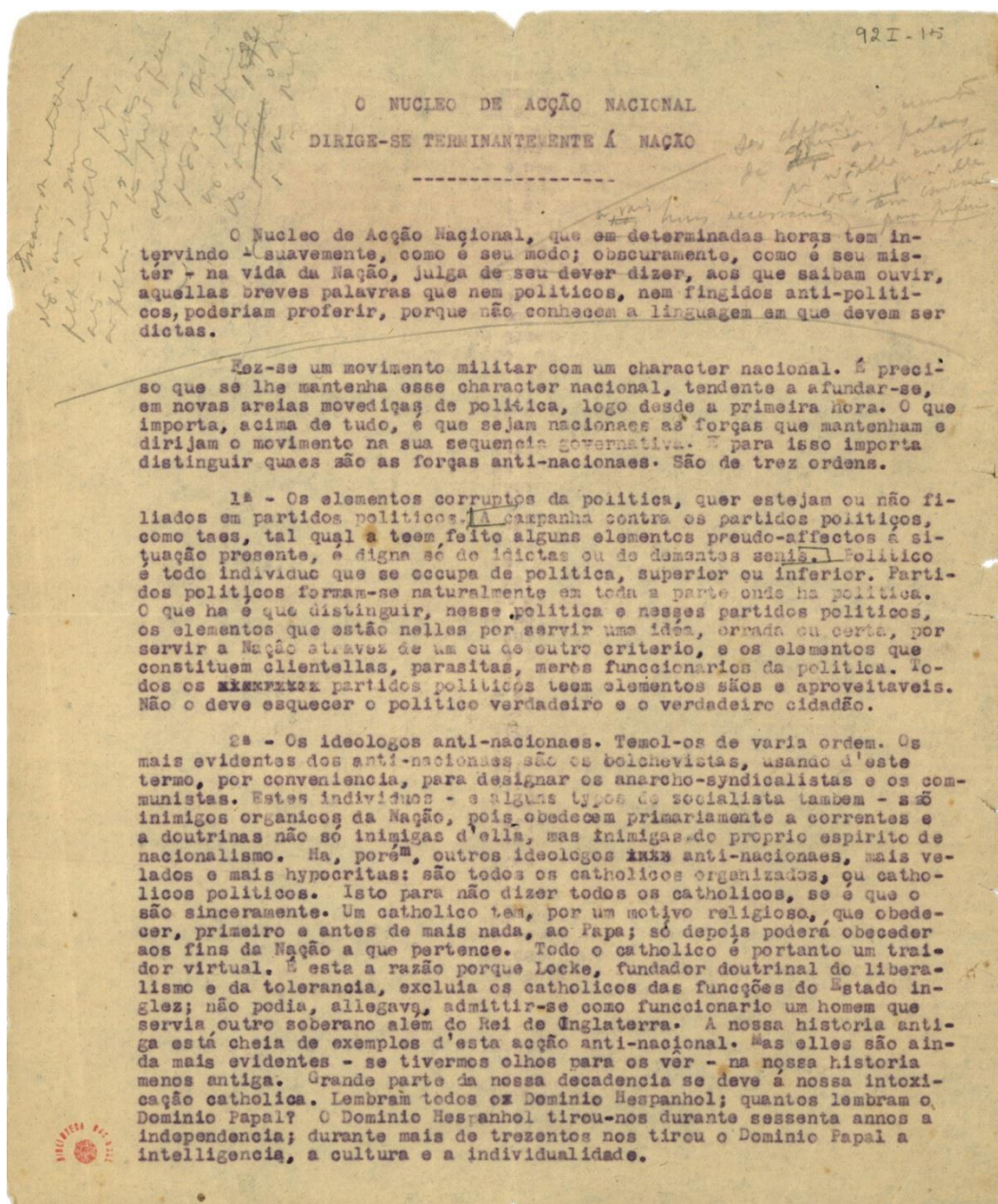


Fig. 2. BNP/E3, 92I-15.

O NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL
DIRIGE-SE TERMINANTEMENTE Á NAÇÃO.

92I-16

-2-

3ª - Os ideólogos pseudo-nacionais. Estes são quasi todos os que em Portugal se preoccupam com politica do ponto de vista doutrinal. E são quasi todos porque quasi todos só o fazem plagiando e macaqueando doutrinas estrangeiras. Nasce lá fora uma corrente radical; apparecem entre nós "pensadores" politicos com a mesma theoria. Um charlatão como Thomas Hobbes? Cá os temos a copiar-o, e são os integralistas monarchicos. Separa-se de Maurras um outro imbecil, não menos charlatão que elle, Georges Valois? Cá temos integralistas sem regimen - imbecillidade dupla, pois a doutrina é incomprehensivel se lhe for retirado o fundamento monarchico. Surge em Italia um Mussolini? Funda-se entre nós uma corrente mussolinica. ~~Expurgia-se~~ E assim com tudo e com todas as nações. O plagio tornou-se a essencia da nossa vida mental. Somos incapazes de pensamento original, somos incapazes de pensamento nacional. Ninguém ainda se lembrou de ser portuguez com a cabeça.

Haveria talvez que citar, tambem, como força desnacionalizante, a finança internacional. Esta, porém, não tem em Portugal um dos grandes campos de operação; nem ha governo portuguez sufficientemente elucidado para poder competentemente arcar com ella, se entre nós se installasse directamente. Indirectamente já cá a temos ha muito tempo; porém opera através de outros elementos. Se jugularmos a estes, teremos jugulado com isso mesmo (tanto quanto pode ser) a influencia d'ella.

São estas as breves palavras que levamos aos ouvidos da Nação e do novo Governo, se elles puderem, ou quizerem, ouvir-nos. Se não termos ouvidos já, não nos desconsolaremos, nem cahiremos em desesperança. Tempo virá em que nos ouçam os que tiverem verdadeiramente que nos ouvir.

Não temos, por ora, mais nada a dizer.

Lisboa, 8 de Julho de 1926.

NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL.



Fig. 3. BNP/E3, 92I-16.

O NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL
DIRIGE-SE TERMINANTEMENTE Á NAÇÃO.

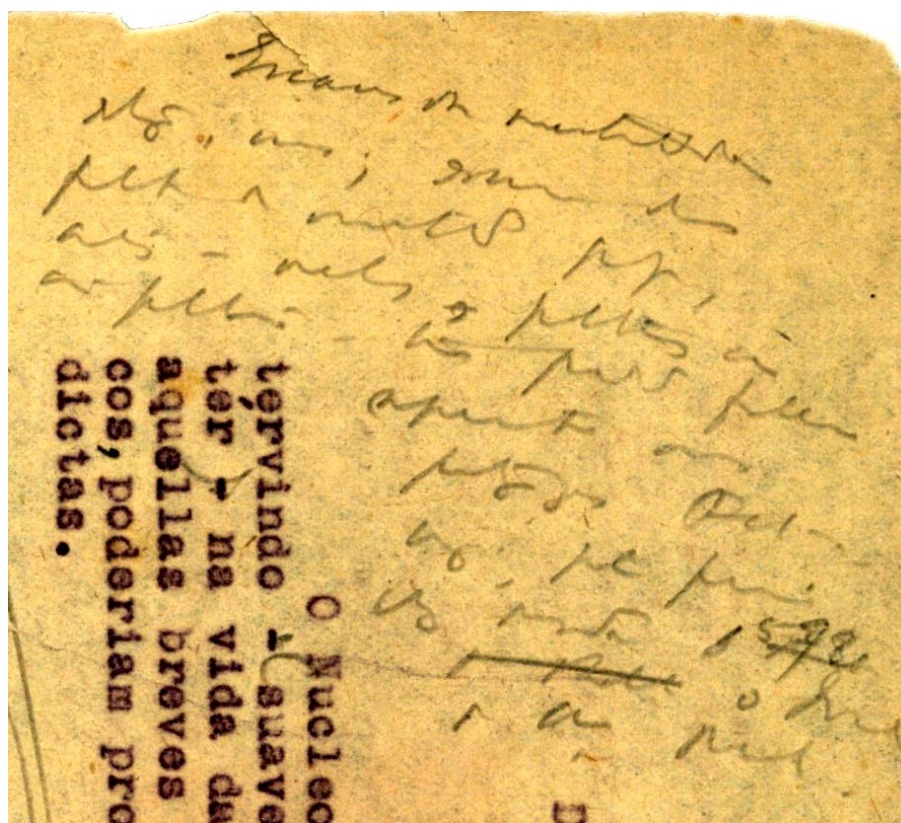


Fig. 4. BNP/E3, 92I-15^r.

Canto superior esquerdo da primeira página.

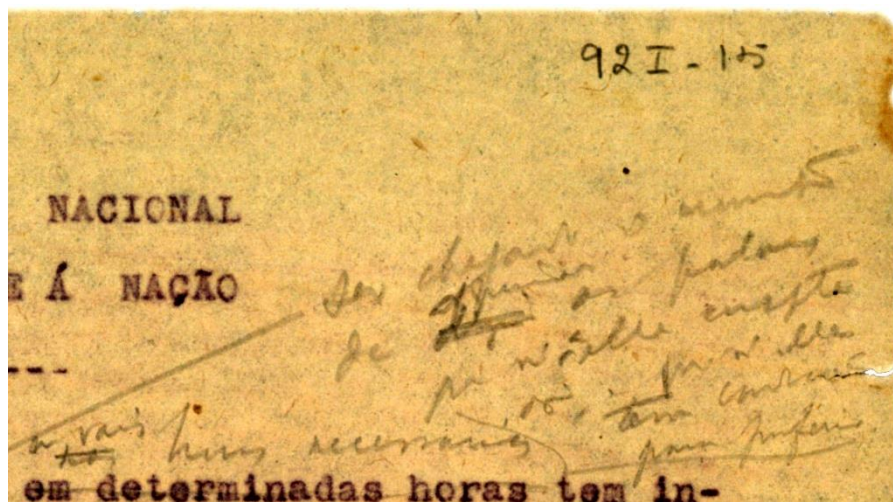


Fig. 5. BNP/E3, 92I-15^r.

Canto superior direito da primeira página.

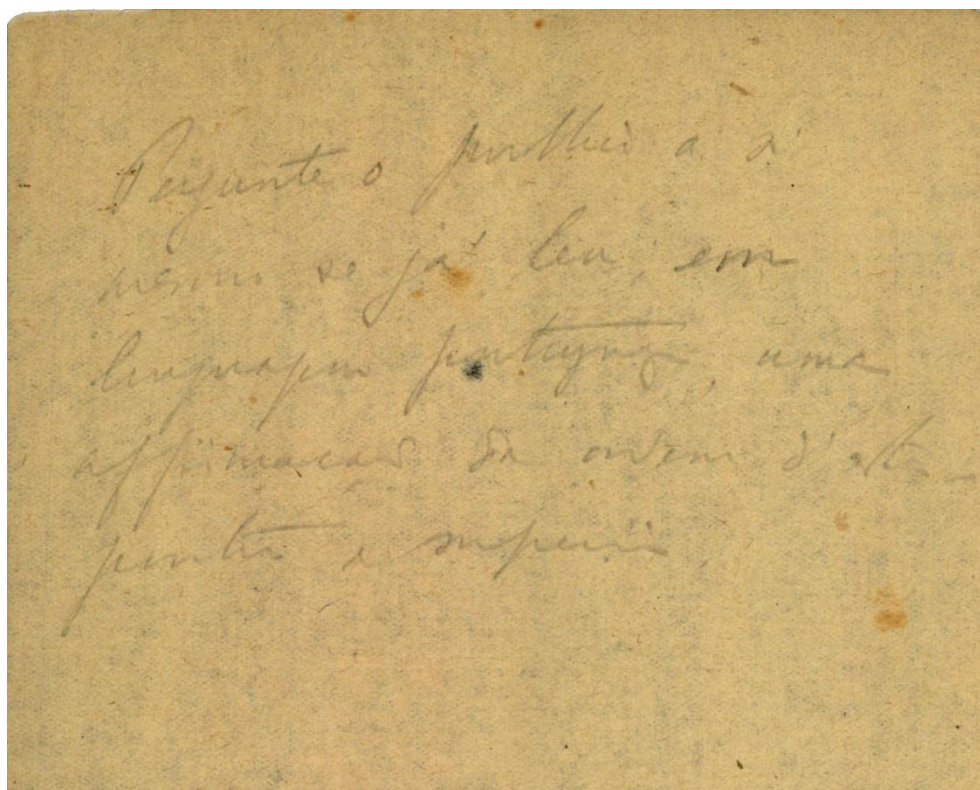


Fig. 6. BNP/E3, 92I-16^v.

Observação a lápis, da mão de Fernando Pessoa, no verso da segunda folha:

“Pergunte o publico a si mesmo se já leu, em linguagem portugueza, uma affirmação da ordem d’esta – positiva e superior”.

Bibliografia

- AMEAL, João (1948) (Dir.). *Anais da Revolução Nacional*, vol. I, *Diário da Revolução Nacional*. Lisboa: E. L. Guimarães e A. D. Arnaut.
- BARRETO, José (2012). "A publicação de *O Interregno* no contexto político de 1927-1928", in *Pessoa Plural*, n.º 2, Outono, pp. 175-207.
- JESUS, Geraldo Coelho de (1919). *Bases para um Plano Industrial*. Lisboa: Núcleo de Acção Nacional.
- PESSOA, Fernando (1966). *Correspondência Inédita*. Organização de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.
- ____ (1928). *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*. Lisboa: Núcleo de Acção Nacional.
- VILLAVEDE CABRAL, Manuel (1977). *O Operariado nas Vésperas da República 1909-1910*. Lisboa: Presença.

First International Symposium on Fernando Pessoa

Seven unpublished letters by Jorge de Sena

George Monteiro*

Keywords

"International Symposium on Fernando Pessoa," *The Man Who Never Was*, Jorge de Sena, João Gaspar Simões, Unpublished Sena letters.

Abstract

An account of the circumstances surrounding the first International Symposium on Fernando Pessoa, held at Brown University, Providence, Rhode Island, on October 7-8, 1977, the actas of which were published by Gávea-Brown Publications in 1982. The symposium featured talks by a number of Pessoa scholars, headed by João Gaspar Simões and Jorge de Sena. Included in this piece are the texts of the seven Jorge de Sena letters addressed to George Monteiro, leading up to the symposium and its immediate aftermath. These letters are published for the first time.

Palavras Chave

"Simpósio Internacional sobre Fernando Pessoa", *The Man Who Never Was*, Jorge de Sena, João Gaspar Simões, Cartas inéditas de Jorge de Sena.

Resumo

Um relato das circunstâncias em torno do primeiro Simpósio Internacional sobre Fernando Pessoa, que teve lugar na Brown University de 7 a 8 de Outubro de 1977 e cujas Actas foram publicadas na Gávea-Brown Publications em 1982. O Simpósio reuniu um número de eminentes estudiosos de Pessoa, com destaque para João Gaspar Simões e Jorge de Sena. Neste documento incluem-se os textos das sete cartas enviadas por Jorge de Sena a George Monteiro, imediatamente antes e após o Simpósio. Estas cartas, inéditas, têm agora a sua primeira publicação.

* Brown University.

Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, published in September 1979, presents the papers delivered in Porto, Portugal, on April 3-5, 1978. Its title is misleading, for the fact is that the very first international Pessoa conference had taken place more than six months earlier and on a different continent. The “actas” for that first international encounter were published by Gávea-Brown, Providence, Rhode Island, in 1982, under the title *The Man Who Never Was: Essays on Fernando Pessoa*. What follows herewith is an account of the Brown University symposium on October 7-8, 1977, drawn from the introduction to the published “actas,” followed by seven letters from Jorge de Sena pertaining to the symposium.

I. The Symposium

On October 7-8, 1977, Brown University was privileged to serve as the host to what turned out to be the first international Symposium on Fernando Pessoa held anywhere in the world. When in 1976 it first occurred to the faculty at the university’s Center for Portuguese and Brazilian Studies to sponsor and organize such a meeting, it did not strike us that when held ours would be the first such symposium. It could not then have been foreseen that our symposium would anticipate by almost six months to the day the congress held by the Centro de Estudos Pessoaanos, Oporto, Portugal, in the spring of 1978.

Those who planned and organized the symposium were motivated by the desire to call attention, particularly in the United States and other English-language countries, to the major poetic achievements of one of the world’s great Modernist poets. Of the stature of the work of Valéry, Rilke, Ezra Pound, and T. S. Eliot, Fernando Pessoa’s work remained, we felt then, terra incognita in the United States. Matters were a bit better in England, perhaps since Pessoa’s first significant publications, *Antinous* and *35 Sonnets* (originally in English) and *Inscriptions*, appeared in London (the first two in 1918 and the last in 1920) and since the Englishman Roy Campbell, who knew of Pessoa’s early years in South Africa, had translated some of his poems. But even in England Pessoa’s reputation was slight indeed; and although the translations of Pessoa by Jonathan Griffin, F. E. G. Quintanilha, and Peter Rickard — all in 1971 — were giant steps in redress, there was still a long way to go. In the same year, it should be pointed out, the American publisher Alan Swallow brought out its bilingual edition of Edwin Honig’s selected translations of Pessoa. Still, apart from an occasional essay in the *Luso-Brazilian Review*, in the United States Pessoa was relegated entirely to the classroom and to national and regional meetings of the various modern language associations. Yet it cannot be said that even in academia Pessoa had fully arrived. There was then no Prentice-Hall Twentieth-Century Views volume on Pessoa, no

Twayne World Authors series study, no G. K. Hall bibliographical guide — some of the tell-tale signs of academic acceptance. These simply did not exist.

But soon the weather in Pessoa studies began to turn around. In *The Poet's Work: 29 Masters of 20th Century Poetry on the Origins and Practice of their Art*, edited by Reginald Gibbons (Boston: Houghton Mifflin, 1979), several excerpts from Pessoa's prose, collected under the title "Toward Explaining Heteronymy," were given a featured place early in the volume, second only to a short poem, "Ars Poetica?" by Czeslaw Milosz. As more and more of Pessoa's work — prose as well as poetry — was translated into English, the clearer it became that his contribution to modern literature and thought was enormous.

At any rate, since Pessoa was not well enough known to English-speakers in 1977, it was decided that the program at our symposium would be conducted mainly, if not entirely, in English. Those invited, with one exception, were asked to present papers and lectures in English, and they agreed to do so. As a result we were able to present, over a two-day period, the following program:

POETRY READING

Jean Longland (Hispanic Society of America)

Nelson H. Vieira (Brown University)

OPENING LECTURE

João Gaspar Simões (Lisbon, Portugal)

"As relações de Fernando Pessoa com a revista *Presença*"

LECTURE

Hellmut Wohl (Boston University)

"The Short Happy Life of Amadeo de Souza Cardoso"

LECTURE

Alexandrino Severino (Vanderbilt University)

and Hubert D. Jennings (Republic of South Africa)

"In Praise of Ophelia: An Interpretation of Pessoa's Only Love"

COLLOQUIUM

Catarina Feldmann (Universidade de São Paulo)

"The Sun vs. Ice Cream and Chocolate:

The Works of Wallace Stevens and Fernando Pessoa"

Gilbert Cavaco (Providence College)

"Pessoa and Portuguese Politics"

Ronald W. Sousa (University of Minnesota)

"Ascendant Romanticism in Fernando Pessoa"

CLOSING LECTURE

Jorge de Sena (University of California at Santa Barbara)

"Fernando Pessoa: The Man Who Never Was"

POETRY READING

Edwin Honig (Brown University)

Lisa Godinho (Harvard University)



Fig. 1. International Symposium.

It was a great privilege and, as it turned out, a unique opportunity to include among the participants in the Symposium two of the indisputable giants of Pessoa scholarship, João Gaspar Simões and Jorge de Sena, with Simões giving the first lecture (the only one delivered in Portuguese) and Sena the last and culminating one. The program of lectures and colloquium was framed by poetry readings of Pessoa's Portuguese originals and their English translations by the translators themselves, Jean Longland on the first day and Edwin Honig on the second. For the rest of the lectures and papers, with the exception of Hellmut Wohl's (he lectured on Pessoa's contemporary, the artist Amadeo de Souza Cardoso), we chose to invite then-younger scholars—American and Brazilian—who could offer a new generation's perspectives and interests on the subject of Pessoa: Gilbert Cavaco on Pessoa within the context of Portuguese politics, Alexandrino Severino (working in collaboration with Hubert D. Jennings) on Pessoa's one known romantic relationship, Ronald Sousa on the question of Pessoa's romanticism, and Catarina Feldman's comparison of Pessoa to the American poet Wallace Stevens.

The symposium was attended by three hundred people, including the Ambassador of Portugal to the United States, Dr. Joao Hall Themido, and Dr. José Stichini Vilela, then the Consul of Portugal in Providence, Rhode Island.

From the beginning the symposium's sponsors intended to publish the papers presented on the occasion, and, happily, all but one of those appeared in *The Man Who Never Was*. We were unable to include the Severino and Jennings paper, which could not be published at the time because Ofélia Queirós's permission to quote from her letters to Pessoa was withheld. (I am not aware that this paper was ever published.) To the book, it was later decided to add interviews with Jean Longland and Edwin Honig, Pessoa's earliest American translators, as well as papers by two other young students of Pessoa: Francisco Cota Fagundes (on Álvaro de Campos's "Ode Marítima") and Joanna Courteau (on Pessoa's orthonymic poetry), and a biographical-bibliographical essay prepared by the noted Portuguese novelist and critic José Martins Garcia.

II. The Jorge de Sena Letters

Planned originally for the spring of 1977, the Pessoa symposium was put off until later in the year to accommodate Jorge de Sena, who had prior commitments. During that period Sena was kept apprised of our evolving plans and the necessary changes in their specifics. This resulted, over the months, in an exchange of letters. Sena's side of the correspondence amounted to seven letters. They are reproduced here with the kind permission of Mécia de Sena.

1.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

Jorge Sena, Chairman

January 7, 1977

Professor George Monteiro
 Director
 Center for Portuguese and Brazilian Studies
 Brown University
 Providence, Rhode Island 02912

Dear Professor Monteiro

Excuse me for only now answering your most kind letter of December 2, which I received by the middle of that month, when already being overwhelmed not only with the usual bureaucratic work of two big departments but also with scores of applications for a vacancy in Spanish that we have advertised. To screen eighty candidates, and brace myself to interview some thirty of them at the New York MLA convention, as I did, kept me busy until the end of the month. Here I am now, thanking you very much for your letter and your invitation which highly honors me, and congratulating you and your Center for the initiative of a Fernando Pessoa Symposium. If I answer in English to your Portuguese letter it is because I suppose that, for administrative purposes, it will be more convenient to you.

To be invited to deliver the closing lecture of the symposium, after the distinguished names who precede me in the tentative program, is a great honor that I cannot refuse. And so, I accept formally your invitation. But there is a problem that may be solved, if you accept me in just word and spirit (and not in "carne y hueso", like our old Garcilaso translating Petrarch would say). In April-June I will have my sabbatical leave, which I was supposed to enjoy last year when struck by a serious illness from which I am recovering very well. My research plans and other contacts require me in Europe by then, since the middle of April to the middle of June. I can send you my speech—and I would like to know if we are supposed to talk in English, as it seems better to me, or in Portuguese. That speech would be read there by someone, or distributed among the attendance. As soon as I have your answer I will concentrate on some theme and inform you of it.

You ask me about suggestions concerning other scholars who, either in Portugal or in the United States could be invited. In the United States Dr. Jean

Longland, librarian of the Hispanic Society of America, has been a distinguished pioneer in translating Pessoa. In Germany Georg Rudolf Lind, who has published also in Portugal, has contributed widely to the study of some aspects of Pessoa. As a matter of fact, for instance, Anne Terlinden, a doctoral candidate, who came from Belgium to study here under me, wrote there a splendid masters thesis on Pessoa's English poems (having worked with many of the unpublished ones, which Lind was kind enough to lend her).

As to Portugal, I must say – even if for decades I have not had any personal contact with him – that it seems to me extremely unjust not to invite, as no. 1, Dr. João Gaspar Simões, who is in fact in this world of ours, the dean of Pessoa studies whether we like it or not, and moreover, the critic who first, nearly fifty years ago, proclaimed Pessoa the great poet that even Pessoa himself by then was and was not quite sure of being. As far as I know, Dr. Gaspar Simões is in good health and spirits, and can perfectly well fly to the United States.

I have no doubt that the Gulbenkian Foundation (whose administrator, my good friend Dr. José Blanco is, being at the same time a great bibliographer on Pessoa, and whose director of the review *Colóquio-Letras*, Professor Prado Coelho is, besides being another outstanding “fernandista”), will give the best support to such an idea of mine. Other names of the highest category in Pessoa studies among Portuguese critics are Professor Eduardo Lourenço, of the University of Nice, and Professor José Augusto Seabra, I believe of the University of Porto now.

Expecting to hear from you, and sending to you and all the members of your Center my best,

I remain, sincerely yours,

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Jorge de Sena', with a long, sweeping horizontal line extending from the end of the signature.

Jorge de Sena
Professor of Portuguese & Comparative
Literature
Chairman, Spanish and Portuguese Department
Chairman, Comparative Literature Program

JS/ps

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE
Jorge de Sena, Chairman

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106
January 7, 1977

Professor George Monteiro
Director
Center for Portuguese and Brazilian Studies
Brown University
Providence, Rhode Island 02912

Dear Professor Monteiro

Excuse me for only now answering your most kind letter of December 2, which I received by the middle of that month, when already being overwhelmed not only with the usual bureaucratic work of two big departments but also with scores of applications for a vacancy in Spanish that we have advertised. To screen eighty candidates, and brace myself to interview some thirty of them at the New York MLA convention, as I did, kept me busy until the end of the month. Here I am now, thanking you very much for your letter and your invitation which highly honors me, and congratulating you and your Center for the initiative of a Fernando Pessoa Symposium. If I answer in English to your Portuguese letter it is because I suppose that, for administrative purposes, it will be more convenient to you.

To be invited to deliver the closing lecture of the symposium, after the distinguished names who precede me in the tentative program, is a great honor that I cannot refuse. And so, I accept formally your invitation. But there is a problem that may be solved, if you accept me in just word and spirit (and not in "carne y hueso", like our old Garcilaso translating Petrarch would say). In April-June I will have my sabbatical leave, which I was supposed to enjoy last year when struck by a serious illness from which I am recovering very well. My research plans and other contacts require me in Europe by then, since the middle of April to the middle of June. I can send you my speech--and I would like to know if we are supposed to talk in English, as it seems better to me, or in Portuguese. That speech would be read there by someone, or distributed among the attendance. As soon as I have your answer I will concentrate on some theme and inform you of it.

You ask me about suggestions concerning other scholars who, either in Portugal or in the United States could be invited. In the United States Dr. Jean Longland, librarian of the Hispanic Society of America, has been a distinguished pioneer in translating Pessoa. In Germany Georg Rudolf Lind, who has published also in Portugal, has contributed widely to the study of some aspects of Pessoa. As a matter of

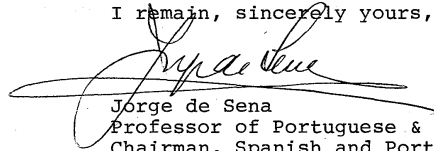
fact, for instance, Anne Terlinden, a doctoral candidate, who came from Belgium to study here under me, wrote there a splendid masters thesis on Pessoa's English poems (having worked with many of the unpublished ones, which Lind was kind enough to lend her).

As to Portugal, I must say -- even if for decades I have not had any personal contact with him -- that it seems to me extremely unjust not to invite, as no. 1, Dr. João Gaspar Simões, who is in fact in this world of ours, the dean of Pessoa studies whether we like it or not, and moreover, the critic who first, nearly fifty years ago, proclaimed Pessoa the great poet that even Pessoa himself by then was, and was not quite sure of being. As far as I know, Dr. Gaspar Simões is in good health and spirits, and can perfectly well fly to the United States.

I have no doubt that the Gulbenkian Foundation (whose administrator, my good friend Dr. José Blanco is, being at the same time a great bibliographer on Pessoa, and whose director of the review Colóquio-Letras, Professor Prado Coelho is, besides being another outstanding "fernandista"), will give the best support to such an idea of mine. Other names of the highest category in Pessoa studies among Portuguese critics are Professor Eduardo Lourenço, of the University of Nice, and Professor José Augusto Seabra, I believe of the University of Porto now.

Expecting to hear from you, and sending to you and all the members of your Center my best,

I remain, sincerely yours,



Jorge de Sena
Professor of Portuguese & Comparative Literature
Chairman, Spanish and Portuguese Department
Chairman, Comparative Literature Program

JS/ps

2.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge Sena

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL

SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

January 14, 1977

Professor George Monteiro
Director
Center for Portuguese and Brazilian Studies
Brown University – Rhode Island

Dear Professor Monteiro

You must have received in the meanwhile my previous letter, thanking you for your kind invitation and accepting it (as I say, in word and Spirit, as it cannot be otherwise). This one is just a continuation, to redress¹ a forgetfulness of mine. When I was giving you names in the U.S. – and I may be forgetting some really worthy ones – I should have mentioned Professor Joaquim Francisco Coelho, Stanford University, who can very well and in the most distinguished way represent Brazil and the good criticism of Pessoa produced there and here (in his case, also with articles printed in Portugal). Excuse me for bothering you again, but I felt that it was my duty to add this excellent name of a Brazilian critic who lives and teaches in the U.S.

Sincerely yours

¹ redress] in the original.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge de Sena

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

January 14, 1977

Professor George Monteiro
Director
Center for Portuguese and Brazilian Studies
Brown University - Rhode Island

Dear Professor Monteiro

You must have received in the meanwhile my previous letter, ~~thank~~ing you for your kind invitation and accepting it (as I say, in word and spirit, as it cannot be otherwise). This one is just a continuation, to redress a forgetfulness of mine. When I was giving you names in the U.S. - and I may be forgetting some really worthy ones - I should have mentioned Professor Joaquim Francisco Collino, Stanford University, who can very well and in the most distinguished way represent Brazil and the good criticism of Pessoa produced there and here (in his case, also with articles printed in Portugal). Excuse me for bothering you again, but I felt that it was my duty to add this excellent name of a Brazilian critic who lives and teaches in the U.S.

Sincerely yours

3.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

Jorge Sena, Chairman
 Spanish and Portuguese
 Comparative Literature

March 5, 1977

Professor George Monteiro
 Center for Portuguese and Brazilian Studies
 Brown University – Providence – Rhode Island
 02912

Dear Professor Monteiro

Please forgive me for only now, more than three weeks after receiving your kind letter of February 9, answering it. But my life as double chairman in a crucial moment of several changes which must be enacted before I start my leave of absence, has been a perfect hell, with the collapse of my entire personal work and correspondence.

Thank you very much for having accepted my suggestions about a meeting which I hope it will be the great success which Pessoa deserves and as not yet found in this country so deaf to what does not come with the blessings of France or Mittel-Europa. So, I will send you, to be read as the closing speech of your symposium, a paper written in English – you can read it yourself, doing me such favor, being so willing. Before I leave, my paper will reach you.

What an excellent idea to have the papers published! I believe that, in good time, a biobibliographical note about each of the contributors will give to the book some "pessoana" authority. Of course you have already my authorization for such an enterprise. And I expect that the Gulbenkian Foundation will help you as I think that they should, and that the invited people may come (one or another may not, either because one never knows how things are worked out in Portugal, or just because they may feel that to come to the U.S. may tarnish their socialist paint – for many, you know, quite fresh)

Keep me posted on any developments, call for my poor help if you think that I may be useful, and count on my remaining

Sincerely yours

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Jorge de Sena', is written over a long, horizontal, slightly wavy line that serves as a baseline for the signature.

Jorge de Sena

P.S. – I would appreciate very much your announcing or advertising our prosperous (but in need of even more students) Summer Session, with Gulbenkian grants, at the Symposium, and around you. Here follow some leaflets. The brochure can go, if you wish.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge de Sena, Chairman
Spanish and Portuguese
Comparative Literature

SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

March 5, 1977

Professor George Monteiro
Center for Portuguese and Brazilian Studies
Brown University - Providence - Rhode Island
02912

Dear Professor Monteiro

Please forgive me for only now more than three weeks after receiving your kind letter of February 9, answering it. But my life as double chairman in a crucial moment of several changes which must be enacted before I start my leave of absence, has been a perfect hell, with the collapse of my entire personal work and correspondence.

Thank you very much for having accepted my suggestions about a meeting which I hope it will be the great success which Pessoa deserves and as not yet found in this country so deaf to what does not come with the blessings of France or Mittel-Europa. So, I will send you, to be read as the closing speech of your symposium, a paper written in English - you can read it yourself, doing me such favor, being so willing. Before I leave, ~~xxx~~ my paper will reach you.

What an excellent idea to have the papers published! I believe that, in good time, a biobibliographical note about each of the contributors will give to the book some "pessoana" authority. Of course you have already my authorization for such an enterprise. And I expect that the Gulbenkian Foundation will help you as I think that they should, and that the invited people may come (one or another may not, either because one never knows how things are worked out in Portugal, or just because they may feel that to come to the U.S. may tarnish their socialist paint - for many, you know, quite fresh).

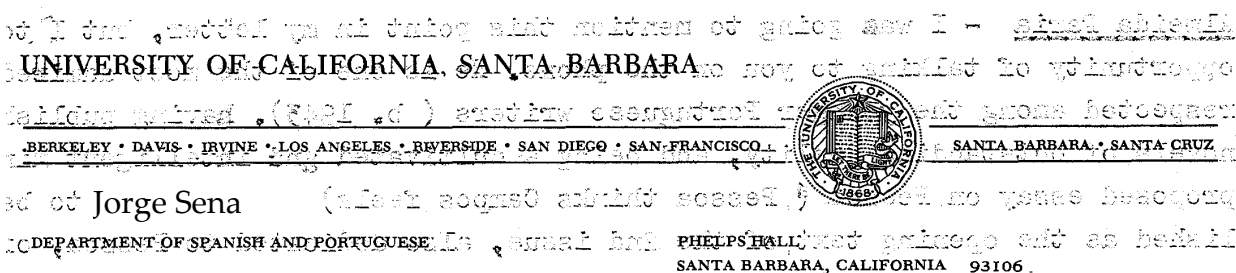
Keep me posted on any developments, call for my poor help if you think that I may be useful, and count on my remaining

Sincerely yours

Jorge de Sena

*→ The brochure
comes, if you wish*
P.S. - I would appreciate very much your announcing
an advertising our program (but in need of even
more students) Summer Session, with Gulbenkian grant,
at the Symposium, and around you. We follow some days.

4.



Personal Address:

939, Randolph Road
Santa Barbara, Ca.93111

September 3, 1977

Professor George Monteiro
Chairman
Center for Portuguese and Brazilian Studies
Brown University
Providence, Rhode Island 02912

Dear Professor Monteiro

I was going – asking your forgiveness – to answer your letter of July 29, which had the Program of the Symposium attached, when I received your phone call. Here I am now, answering the letter, confirming what I told you in our conversation, and providing you with the information that you have asked for. My silence was the result of, overwhelmed with work, having to write in good time and acceptable Spanish, the opening speech of the convention of the Asociación Internacional de Hispanistas, which I had been invited to deliver. Then, from the 21st to the 29th I was travelling or being in Toronto.

Round-trip – price and schedules

It seems that it is not quite easy from LA to reach Providence, and that there are more than one combination of routes. Anyhow, my travel agency came to the following conclusion:

We will fly (my wife goes with me) from Santa Barbara to LA, from LA to Cleveland, from Cleveland to Providence (always United Airlines), Thursday October 6, arriving there at 8.34 pm. And I will fly back. The 9th, by the 8.40 am flight to New York (?). The price of one round-trip is 431.00.

Allow me to tell you (and it is up to you and your budget to come to a decision on such question) that if the Calouste Gulbenkian Foundation is, as I believe it is, sponsoring your symposium, they know that I do not travel alone because I cannot, and not just because I like to be with my wife; and so, the Foundation, in inviting me to go to Europe, giving me any grant, etc, accepts the provision of my wife's round-trip being paid by them or included in the foreseen expenses covered by the grant.

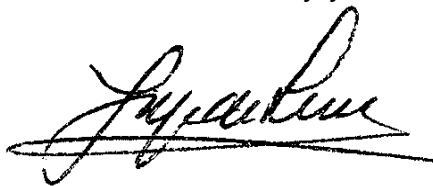
Almeida Faria – I was going to mention this point in my letter, but I took the opportunity of talking to you on the phone. He is one of the most admired and respected among the younger Portuguese writers (b. 1943), having published two novels of outstanding quality, and being a cultivated and intelligent mind. The proposed essay on Pessoa (Pessoa thinks Campos feels) is scheduled to be published as the opening text of the 2nd issue, also dedicated to Pessoa, of *Quaderni Portoghesi*, published by the Universities of Rome and Pisa. If you could extend to him an invitation, he will come on his own or with some kind of support which he may obtain having received the invitation, and he could then tour a few universities around the country. I know for sure that Stanford University will have him, like mine here. Looking at your schedule, quite crowded to be true, I feel that – even if you have to find a place for Octavio Paz, if he really will be there – it could be done, and I would be extremely pleased. Mr. Almeida Faria has been in the USA before (as a special guest and resident at Iowa writers' gathering, held some years ago for several months); and his address is Travessa Nova de S. Francisco de Borja – 5 – 1^a – Lisbon.

It was most kind of you, in sending me the flier for your recent series, "Roads etc," to tell me that my person and my works were mentioned by *several* of your lecturers. Apart from the fact of some subjects not allowing such mentions to be made, I know perfectly well who would and who would not mention me in such a list of names. In general, scoundrels and mediocre people have always been my sworn enemies, not because I have hindered them (on the contrary, many of them even owe me the money that I do not have), but just because I exist as a kind of shadow of decency falling upon them all the time (and the shadow will remain, they know, even if I die, becoming even darker).

I was extremely pleased with the possibility of Octavio Paz being present – and I do not think that he will prepare a lecture for the occasion, and perhaps you could have some special "round-table" with him and a couple of us, the others –, since I never had any occasion of meeting a poet and an essayist whom I respect, and who has been among the rare high ranking persons for whom Pessoa has been a discovery to be made. Our globe-trotters' paths never crossed – will they now? Certainly for people who have written on Pessoa for around half-a-century like Gaspar Simões or 35 years like me it will be a special pleasure to meet with an illustrious "convert," whose fame can do for Pessoa more than millions writing in Portuguese, a language that Spanish-speaking people or hispanists are not supposed to know; for fear of losing their status in a world ignoring them altogether, since a big part of that world believes that God himself speaks also only English (a language which Pessoa could write too well for not being too literary in writing English poems).

Above, I forgot to reiterate the title of my lecture, as I told it to you over the phone: *Pessoa, the man who never was*.

Most truly yours

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Fernando Pessoa', with a long horizontal flourish underneath.

P.S. – For sure, we will be in contact before my arrival. Anyhow, a tall, lean (not too much) man, with glasses and a dark beret on, and a wife at his side – it will be me.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO • SANTA BARBARA • SANTA CRUZ



DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHILIPS BUILDING, SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

Personal Address: 959, Randolph Road, Santa Barbara, Ca. 93111

September 3, 1977

Professor George Monteiro

Chairman, Center for Portuguese and Brazilian Studies

Brown University - Providence, Rhode Island 02912

with a planet and a dark forest

and a wife at his side

it will be me

Dear Professor Monteiro

I was going - asking your forgiveness - to answer your letter of July

29, which had the program of the Symposium attached, when I received your

phone call. Here I am now, answering the letter, confirming what I told you

in our conversation, and providing you with the information that you have

asked for. My silence was the result of, overwhelmed with work, having to

write in good time and acceptable Spanish, the opening speech of the conven-

tion of the Asociación Internacional de Hispanistas, which I had been invited

to deliver. Then, from the 21st to the 29th I was travelling or being in To-

ronto.

Round-trip - price and schedules

It seems that it is not quite easy from LA to reach Providence, and

that there are more than one combination of routes. Anyhow, my travel agency

came to the following conclusion:

We will fly (my wife goes with me) from Santa Barbara to LA, from LA

to Cleveland, from Cleveland to Providence (always United Airlines), Thurs-

day October 6, arriving there at 8.34 pm. And I will fly back the 9th, by the

8.40 am flight to Cleveland. The price of one round-trip is 431.00.

Allow me to tell you (and it is up to you and your budget to come to

a decision on such question) that, if the Calouste Gulbenkian Foundation is,

as I believe it is, sponsoring your symposium, they know that I do not travel

alone because I cannot, and not just because I like to be with my wife; and

so, the Foundation, in inviting me to go to Europe, giving me any grant, etc,

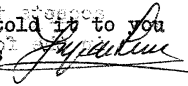
accepts the provision of my wife's round-trip being paid by them or included

in the foreseen expenses covered by the grant.

Almeida Faria - I was going to mention this point in my letter, but I took the opportunity of talking to you on the phone. He is one of the most admired and respected among the younger Portuguese writers (b. 1943), having published two novels of outstanding quality, and being a cultivated and intelligent mind. The proposed essay on Pessoa (Pessoa thinks Campos feels) is scheduled to be published as the opening text of the 2nd issue, also dedicated to Pessoa, of Quadrerni Portoghese, published by the Universities of Rome and Pisa. If you could tend to him an invitation, he will come on his own or with some kind of support which he may obtain having received the invitation, and he could then tour a few universities around the country. I know for sure that Stanford University will have him, like mine here. Looking at your schedule, quite crowded to be true, I feel that even if you have to find a place for Octavio Paz, if he really will be there - it could be done, and I would be extremely pleased. Mr. Almeida Faria has been in the USA before (as a special guest and resident at Iowa writers' gathering, held some years ago for several months); and his address is Travessa Nova de S. Francisco de Borja - 5 - 1 - Lisbon.

It was most kind of you, in sending me the flier on your recent series, "Roads etc.", to tell me that my person and my works were mentioned by several of your lecturers. Apart from the fact of some subjects not allowing such mentions to be made, I know perfectly well who would and who would not mention me in such a list of names. In general, scoundrels and mediocre people have always been my sworn enemies, not because I have hindered them (on the contrary, many of them even owe me the money that I do not have), but just because I exist as a kind of shadow of decency falling upon them all the time (and the shadow will remain, they know, even if I die, becoming even darker).

I was extremely pleased with the possibility of Octavio Paz being present - and I do not think that he will prepare a lecture for the occasion, and perhaps you could have some special "round-table" with him and a couple of us, the others -, since I never had any occasion of meeting a poet and an essayist whom I respect, and who has been among the rare high ranking persons for whom Pessoa has been a discovery to be made. Our globe-trotters' paths never crossed - will they now? Certainly for people who have written on Pessoa for around half-a-century like Gaspar Simões or 35 years like me it will be a special pleasure to meet with an illustrious "convert", whose fame can do for Pessoa more than millions writing in Portuguese, a language that Spanish-speaking people or hispanists are not supposed to know; for fear of losing their status in a world ignoring them altogether, since a big part of that world believes that God himself speaks also only English (a language which Pessoa could write too well for not being too literary in writing English poems).

Above, I forgot to reiterate the title of my lecture, as I told it to you over the phone: Pessoa, the man who never was. Most truly yours 

5.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge Sena

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL

SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

22 September 1977

Professor George Monteiro
 Chairman
 Center for Portuguese and Brazilian Studies
 Brown University – Providence – Rhode Island

Dear Professor Monteiro

Thank you very much for your letter of the 15th, which reached me yesterday (mail is using again stagecoaches, and the old country roads, I believe), and for all the copies of other letters that you were kind enough to write on behalf of my wife going with me, and about Almeida Faria's possible visit to this country and your symposium. I expect that the Gulbenkian Foundation will say yes, what will be quite a relief for me. As to AF I think that the letters of yours, the two, will help him to solve the problem. I am glad to hear that you liked my idea of a "round-table" with Octavio Paz, and that your efforts to get him there are going ahead. It came to me (and the idea of the "table" to make things easier) the awful news – are they true? – that he had just undergone some cancer surgery. But it is possible that his condition may be by then already normal, as far as it can be. Sad thing, my God.

We are looking forward at being there and meeting with you. I would appreciate, just in case, to know the name of the motel where everybody will stay. If there is any misunderstanding, delay in flights, wrong flights, etc, I will know where to go from the airport, if, in spite of your and my efforts, we do not find each other. By the way: a tall and rather lean white man, with glasses and a bérét on, and a wife at his side, that's me.

Most truly yours

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Jorge de Sena", with a long, sweeping horizontal line underneath.

Jorge de Sena
 Chairman

P. S. – From now on, use my private address to speed matters (univ. means a delay of a couple of days): 939, Randolph Road, Santa Barbara, CA. 93111

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge de Sena

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

22 September 1977

Professor George Monteiro

Chairman

Center for Portuguese and Brazilian Studies

Brown University - Providence - Rhode Island

Dear Professor Monteiro

Thank you very much for your letter of the 15th, which reached me yesterday (mail is using again stagecoaches, and the old country roads, I believe), and for all the copies of other letters that you were kind enough to write on behalf of my wife going with me, and about Almeida Faria's possible visit to this country and your symposium. I expect that the Gulbenkian Foundation will say yes, what will be quite a relief for me. As to AF I think that the letters of yours, the two, will help him to solve the problem. I am glad to hear that you liked my idea of a "round-table" with Octavio Paz, and that your efforts to get him there are going ahead. It came to me (and the idea of the "table" to make things easier) the awful news - are they true ? - that he had just undergone some cancer surgery. But it is possible that his condition may be by then already normal, as far as it can be. Sad thing, my God.

We are looking forward at being there and meeting with you. I would appreciate, just in case, to know the name of the motel where everybody will stay. If there is any misunderstanding, delay in flights, wrong flights, etc, I will know where to go from the airport, if, in spite of your and my efforts, we do not find each other. By the way: a tall and rather lean white man, with glasses and a beret on, and a wife at his side, that's me.

S. - From now on, use my
private address to speed
letters (univ. means a
'delay of a couple of days').
'39, RANDOLPH ROAD
SANTA BARBARA, CA. 93111

Most truly yours

Jorge de Sena
Chairman

6.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge Sena

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL

SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

September 28, 1977

Professor George Monteiro
Director of the Center for Portuguese and
Brazilian Studies – Brown University

Dear Professor Monteiro

I have just received your letter of the 26th, giving me, just in case, the name and address of the motel where we will be staying, and asking for my social security number. Thank you very much for that information which I had asked for and here is that number:

391-52-9446

Looking forward to be there, and expecting our symposium to be a success, with all good wishes,

A handwritten signature in cursive script, reading "Jorge Sena", with a long horizontal flourish extending to the right.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

Jorge de Sena

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

September 28, 1977

Professor George Monteiro
Director of the Center for Portuguese and Bra-
zilian Studies - Brown University

Dear Professor Monteiro

I have just received your letter of the 26th, giving me, just in case, the name and address of the motel where we will be staying, and asking for my social security number. Thank you very much for that information which I had asked for and here is that number: 391-52-9446

Looking forward to be there, and expecting our symposium to be a success, with all good wishes

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "Jorge de Sena", with a long horizontal flourish extending to the right.

7.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

November 10, 1977

Professor George Monteiro
 Director
 Center for Portuguese and Brazilian Studies
 Brown University
 Providence, R.I. 02912

Dear Professor Monteiro

Thank you very much for your letter of October 31, sending me the checks. You have not to apologize for the delay, since delays are becoming our daily bread in this era of super-sonic speeds, in which the mail service, it seems as I usually say, has returned to or revived stage-coaches: in fact, this letter of yours arrived only a couple of days ago. Be sure that in good time I will claim back the money that unduly was taken from my check by your bureaucracies, even if, nowadays, returned money is always money coming too late for such poor people, heading for the workhouse like we, scholars and teachers.

As to the Symposium, which was such an excellent event, I received from Dr. José Blanco a letter, just yesterday, in which he tells me how happy they were about the success reported to them (it seems that Gaspar Simões has talked – *urbi et orbi* about our meetings etc), and how they – meaning the Foundation are prepared to help with the publication of some *actas* perpetuating the event.

It was for me and my wife a great pleasure to visit your University, to have (unfortunately the time did not allow very much) the opportunity of visiting a most interesting area for me, which I had never seen before, and, the last but not the least, to make your acquaintance and to meet with your most kind and dynamic staff (please, extend to them all our best "*saudades*") – so you have nothing to thank me for. My pleasure and a great honor for me. I hope that one of these days we may have the occasion of getting together again.

Cordially

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "J. J. Monteiro", with a long, sweeping horizontal line extending to the right.

Jorge de Sena, Chairman

PS – Have you seen in the Fall River newspaper the attack to my wife, incredibly stupid, launched by that crazy doctor whom you have had in those parts, I suppose, since the time of the Corte-Reais, and as uncertain in his mind as they have been in their historical physicality around there?²

² Manuel Luciano da Silva (1926-2012), who practiced medicine in Bristol, R. I., was an amateurish student of history, supporting famously the fantasy that the Corte-Reais had survived their final voyages to the edge of the New World, the evidence for thinking so being the “discovery” of markings on a much-scarred and mysteriously marked rock in the Dighton River in Taunton, Massachusetts, as well as the Portuguese ascendancy of Christopher Columbus. [Editor’s Note.]

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, SANTA BARBARA

BERKELEY • DAVIS • IRVINE • LOS ANGELES • RIVERSIDE • SAN DIEGO • SAN FRANCISCO



SANTA BARBARA • SANTA CRUZ

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

PHELPS HALL
SANTA BARBARA, CALIFORNIA 93106

November 10, 1977

Professor George Monteiro
Director
Center for Portuguese and Brazilian Studies
Brown University
Providence, R.I. 02912

Dear George Monteiro

Thank you very much for your letter of October 31, sending me the checks. You have not to apologize for the delay, since delays are becoming our daily bread in this era of super-sonic speeds, in which the mail service, it seems as I usually say, has returned to or revived stage-coaches: in fact, this letter of yours arrived only a couple of days ago. Be sure that in good time I will claim back the money that unduly was taken from my check by your bureaucracies, even if, nowadays, returned money is always money coming too late for such poor people, heading for the workhouse like ~~us~~, scholars and teachers.

As to the Symposium, which was such an excellent event, I received from Dr. José Blanco a letter, just yesterday, in which he tells me how happy they were about the success reported to them & it seems that Gaspar Simões has talked urbi et orbi about our meetings etc), and how they - meaning the Foundation - are prepared to help with the publication of some actas perpetuating the event.

It was for me and my wife a great pleasure to visit your University, to have (unfortunately the time did not allow very much) the opportunity of visiting a most interesting area for me, which I had never seen before, and, the last but not the least, to make your acquaintance and to meet with your most kind and dynamic staff (please, extend to them all our best "saudades" - so you have nothing to thank me for. My pleasure and a great honor for me. I hope that one of these days we may have the occasion of getting together again.

Cordially

Jorge de Sena, Chairman

PS - Have you seen in the Fall River newspaper the attack to my wife, incredibly stupid, launched by that crazy doctor whom you have had in those parts, I suppose, since the time of the Corte-Reais, and as uncertain in his mind as they have been in their historical physicality around there ?

A Ternura Lusitana ou a Alma da Raça

Pauly Ellen Bothe*

Keywords

Fernando Pessoa, Portuguese Literature, Lyric Poetry, Walt Whitman, Verlaine.

Abstract

This text, often quoted, was only partially known until today. The finding of a second page pertaining to the same document has revealed the erroneous reading of the, until now considered, last word of the document, and in so doing a more accurate understanding of the actual idea conveyed by Fernando Pessoa.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Literatura Portuguesa, Poesia Lírica, Walt Whitman, Verlaine.

Resumo

Este texto, frequentemente citado, era conhecido até agora só de maneira parcial. A descoberta duma segunda folha relativa a este documento revela a leitura errónea daquela que até agora era considerada a última palavra do documento e o desfecho real da ideia exposta por Fernando Pessoa.

* Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM.

Em 1967, Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho publicaram uma parte do texto que se revela a seguir (BNP/E3, 19-107), em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, sem indicação de incompletude. Este não é um caso invulgar na edição dos textos de Fernando Pessoa, já que muitos dos seus textos têm sido publicados de forma parcial, quer porque uma parte não foi localizada, quer porque se considerou que uma parte era o todo. Além disso, pelo espólio pessoano passaram muitos investigadores antes do inventário oficial realizado pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), e é possível que alguns dos primeiros visitantes das arcas tenham alterado a ordem primigénia de alguns papéis e de alguns envelopes. Hoje não sabemos ao certo qual foi essa ordem ou se ela realmente existiu, mas o certo é que a ordem actual dos autógrafos pessoanos é equívoca e propicia omissões como a do caso presente.

O texto ora apresentado foi provavelmente projectado como um ensaio. Como muitos manuscritos de Pessoa, este foi redigido no verso de um impresso de *Proposta para Hypotheca*. Refira-se, a este respeito, que existem dois “espécimenes” deste tipo de impresso no espólio pessoano: um, com indicação de data de “19--”; e outro, de “191-“. A datação proposta por Lind e Coelho, “1915”, responde a um estudo da evidência material e depende da datação aproximada de outros materiais manuscritos no mesmo tipo de suporte. O texto intitulado *A Ternura Lusitana* poderá ser de c. 1913-1915.

Durante as pesquisas que me permitiram levantar os materiais necessários para uma edição de textos de Fernando Pessoa sobre literatura e arte – os quais ampliam consideravelmente o volume dos escritos já recolhidos em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* –, localizei, em 2012, a segunda folha do ensaio referido (BNP/E3, 14³-30). Esta folha revela que os leitores da *Páginas* de 1967 tínhamos lido apenas uma parte do texto manuscrito por Pessoa e que ainda desconhecíamos o desenvolvimento final desse texto e o de alguns dos seus argumentos.

Anexo¹

A Ternura Lusitana

ou A Alma da Raça

O costume de definir o portuguez como essencialmente lyrico, ou essencialmente amoroso – absurdo, porque não ha povo quasi nenhum que não seja estas duas cousas. Ao mesmo tempo vê-se que, ainda que a expressão falhe, ha qualquer cousa de verdade, que não chega a descobrir-se, n'estas phrases.

O que é que ha de² quasi-indefinivelmente³ portuguez, de portuguezmente commum⁴, excepto a lingua a Bernardim Ribeiro, Camões, Garrett, Anthero de Quental, Antonio Nobre, Junqueiro, Corrêa d'Oliveira, Pascoaes, Mario Beirão?

Em primeiro lugar, é uma *ternura*. Mas o que é uma⁵ ternura?

[107v] Ternura vaga e □ em Bernardim Ribeiro, ternura que rompe a casca de estrangeirismo de Camões, no seu auge ternura heroica □, ternura metaphysica em Anthero (curiosissima phase da ternura que⁶ dá corpo ao abstracto, e pode amar realmente um Deus⁷ que seja realmente uma formula mathematica); ternura por si proprio e pela sua terra – *esquiva, espontanea e com o lado-tristeza accentuado, em Antonio Nobre⁸, ternura pela paysagem em Fialho, ternura que chega a assomar ás janellas da alma de Eça de Queiroz □

Chamar ao sol “solsinho de Deus” é um phenomeno especial de ternura. N'essas phrases do povo está o germen de todo o pathos⁹ [143-30v] portuguez moderno, que não é a paixão feroz, verdadeiramente sexual¹⁰, que Walt Whitman tem pela Natureza.

—

A ternura não é a compaixão. É mais humilde.

—

A ausencia de ternura *insinua immediatamente uma obra como a-lusitana. A exclamação espontanea – é tão pouco nosso! –¹¹ que certas creaturas teem ante p[or] ex[emplo]¹² Eça e Antonio Patricio.

¹ Agradeço a Jerónimo Pizarro pela ajuda na decifração deste documento.

² há<,> de] *vírgula riscada*.

³ indefinivelmente] *no original*.

⁴ <commum->[↑ de portuguezmente]mente comum

⁵ essa [↑ uma] *variantes alternativas*.

⁶ (curiosissima phase da ternura<,>) que

⁷ e pode amar [↑ realmente] um Deus

⁸ *Segue-se, entre parênteses rectos, indicando hesitação, um esboço de nota: [1 *Nota sobre o S[á]-C[arneiro]]*

⁹ pathos] *Lind e Coelho lêem “pátrio” e acrescentam um ponto final para “fechar” o texto.*

¹⁰ a paixão <sexual> feroz, verdadeiramente sexual

¹¹ A exclamação espontanea <que varias ve> [↑ – <tão> é tão] pouco nosso! –

¹² [↑ p. ex.] *acrescento abreviado*.

—

Em Verlaine não haverá ternura? (Verlaine e Antonio Nobre □

[30a:]

A ternura pode ser

(1) pelas cousas.

(2) por si-proprio.

(3) □

A ternura por si-proprio dá um phenomeno immediato – o *desdobramento da individualidade*. Dois exemplos d’essa ternura existem sentidos entre nós – Antonio Nobre e Mario Beirão.

—

A ternura pelas cousas¹³ – Antonio Corrêa d’Oliveira, ou Af[fonso] L[opes] V[ieira] (em quem, ás vezes, toma fórmulas ridículas) □

¹³ A ternura <vaga> pelas cousas

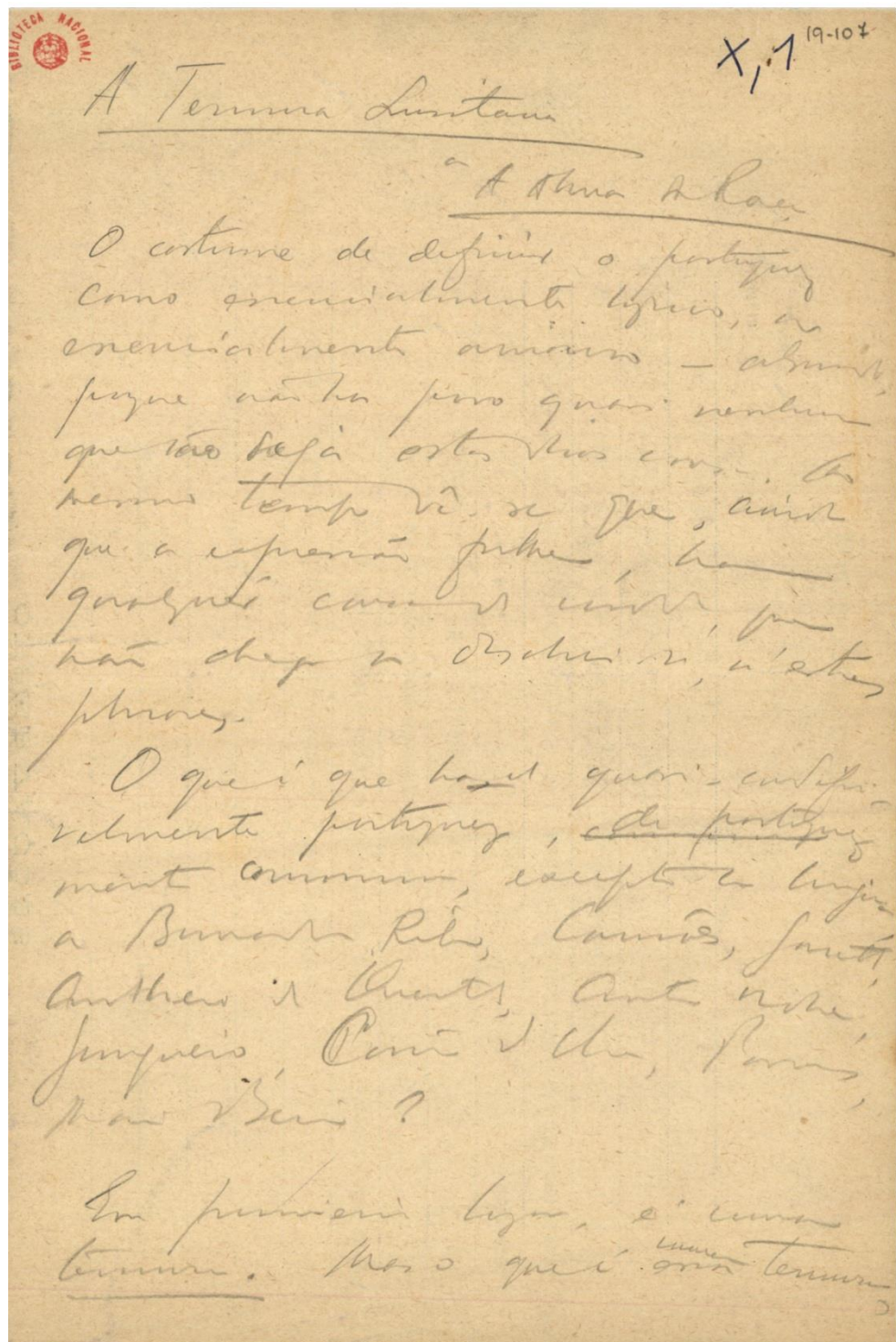


Fig. 1. BNP/E3, 19-107.

2
19-107a.

Ternura vaga e en Pauca
Pitua; ternura que rompe a
cora de estrangeirismo e canções,
no seu arce ternura herida.

Ternura metafísica em Anta
Carminismo phor de ternura
que se cope as abstracto, e por
amor e um des. por ope melito
uma primeira mathematica); ter-
nura pa si. propria e por me-
tem - enque, espontane e com
o car. bty. accento, em
Antonia hube [Ant. de o. S-C],
ternura pela progressa en Fictio,
ternura que chega a arrancar
as joias de alba d. de, de
Query

Chamar no sul "soluções de Deus"
e' um phenomeno especial de
ternura. D'uns phoras o pmo
est' o pmo de todo o fath.

Fig. 2. BNP/E3, 19-107a'.

3 31C/4 14³ - 30

Tudo ambíguo, que não é
 a paixão ~~essencial~~ fug, vinda
 de um mundo, que há
 Whitman tem pela Natureza.

A ternura não é a compaixão.
 É mais humilde.

A ausência da ternura vive
 imediatamente como de
 como a luz. A escuridão
 espanta ~~que~~ ^{tem} ~~isto~~ ^{isto} ~~para~~
 não! — que certo certo
 tem ~~antes~~ ^{antes} e Antonio R.
 Trist.

Em verdade não houve ternura
 (Vulgo e Ant. de)

BIBLIOTECA NACIONAL

Fig. 4. BNP/E3, 14²-30^o.

4
14² - 30a

A Ternura por si
 (1) pelas curvas.
 (2) por si - proprias.
 (3)

A Ternura por si - proprias de
 um phenomeno immutavel -
 o deslho do mudo de M.
 Descripto d'uma Ternura
 este mudo de mudo de
 Antonio de M. de M.
 Brum.

A Ternura ~~por~~ pelas curvas -
 Antonio de M. de M.
 Aff. L. V. (por quem se
 tem forma ridicula)

Fig. 5. BNP/E3, 14²-30a^r.

Presence of Islamic philosophy in unpublished writings by the young Fernando Pessoa

Fabrizio Boscaglia*

Keywords

Fernando Pessoa, Islamic philosophy, philosophical narrative, National Library of Portugal / Archive 3, Fernando Pessoa's private library, *Curso Superior de Letras* (University of Lisbon).

Abstract

Here published are fragments of a philosophical narrative by Fernando Pessoa, on the subject of Islamic philosophy. These are accompanied by other documents from the author's estate and private library on the same subject. Most of these documents were written by Fernando Pessoa at a young age, around 1906, in the period when he attended the university-level course of Arts and Letters at the University of Lisbon.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, filosofia islâmica, conto filosófico, Biblioteca Nacional de Portugal / Espólio 3, Biblioteca particular de Fernando Pessoa, Curso Superior de Letras (Universidade de Lisboa).

Resumo

Publicam-se aqui fragmentos de um conto filosófico escrito por Fernando Pessoa, sobre o tema da filosofia islâmica. Também vêm a ser publicados e analisados outros documentos do espólio e da biblioteca particular de Pessoa, inerentes ao mesmo tema. A maior parte destes documentos foram escritos por Pessoa por volta de 1906, no período em que o jovem Pessoa frequentava o Curso Superior de Letras na Universidade de Lisboa.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Filosofia.

Man cannot know either, unless he can worship in some way.

Thomas Carlyle¹

At the National Library of Portugal, among Fernando Pessoa's estate (Archive 3) are the fragments of a philosophical narrative written by the Portuguese author, based on his first reflections on Islamic philosophy. Fernando Pessoa wrote these texts probably around 1906, at the age of eighteen, when he was a student at the university-level course of Arts and Letters in Lisbon (from October 1905 until, probably, June 1907). That course included a philosophy class. Pessoa had returned alone to Portugal from Durban, South Africa, where he had lived with his family from 1896 until 1905 (with a stay in Portugal between 1901 and 1902).

The fragments here published have no title but it seems reasonable to assume that this material was written in accordance with Pessoa's declared intention to produce some "Arabian Tales", possibly around 1903-1904, with the following titles: "Conscience"; "The Enemies"; "The Arab's Bounty" (BNP/E3, 153-9r; Pessoa, 2009a: 112 and 313).

These fragments were written by Pessoa in English and narrate the encounter and dialogue between a young man (could this be an imaginary transposition of Pessoa himself or is it, on the other hand, one of his many literary *personas*?) and an Arab sage called Al-Cossar.² This dialogue, mostly sustained by the young man's questions to Al-Cossar about Islamic philosophy and some of its mains proponents, concerns mainly metaphysical, gnoseological and spiritual issues.

The first set of documents [26A-60^r a 61^v] describes the moment of the encounter between the young man and Al-Cossar. Narrated here is the beginning of their conversation (driven by the young man's questions) and it is important for two reasons: Firstly, it is the clearest and most well structured of the documents

¹ Thomas Carlyle, "The Hero as a Prophet. Mahomet: Islam", in *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic of History* (1903: 64 [CFP, 8-89]). The quoted sentence was underlined in pencil by Pessoa on is copy. He probably started reading it around February 1904. After the initials of the Casa Fernando Pessoa comes the catalogue reference. Fernando Pessoa's private library was digitalized and catalogued by Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari and Antonio Cardiello. Cf. Pizarro et al. (2010: 13-25); and the following webpage: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/>.

² The name of the Arab sage Al-Cossar may evoke the Arabic etymological root *qâf-ṣâd-râ*, from where the words within the general meaning of abbreviate, confine, bind, restrain – as in the word *al-qaṣr*, "castle, palace" – derive. There is some probability that Pessoa knew this word on account of it being the lemma of the word Alcácer-Quibir (*al-qaṣr al-kabîr*, "the big castle"). This is a Moroccan city where a battle – in which the Portuguese King D. Sebastian disappeared – was fought in 1578. D. Sebastian is a major figure in the Portuguese movement called sebastianism, which is addressed in a part of Pessoa's work (cf. Pessoa, 2011).

found and secondly it directly relates to the history of Islamic philosophy as several Islamic philosophers are named within the text.

The following documents [27¹⁸ A³-10^r; 15A-32^r and 32a^r; 15A-33] are sketches of another part of the narrative. These fragments describe, with some differences of terminology and meaning, the Arab sage as he explains philosophical concepts to the young man using drawings on the ground (e.g. a circumference with some lines inside it).

These documents offer us an opportunity to explore a part of Fernando Pessoa that has previously received little attention i.e. his interest in Islamic philosophy. It appears to be unlikely that other fragments of this narrative have been previously published; therefore they deserve our attention and should provide material for those wishing to examine this area of Pessoa's work in more depth.

The names of the medieval Islamic thinkers presented by Pessoa in these fragments (Al-Kindī, Al-Fārābī, Ibn Bājjah, Ibn Sīnā, Ibn Ṭufayl, Al-Ghazzālī and Ibn Rushd/Averroes) are exactly the same that can be found on *Histoire de la Philosophie* by Pierre Vallet (1897: 170-178), a book taken from Durban to Lisbon by Pessoa when he left from South Africa in 1905 (Ferrari, 2012: 370; cf. Pessoa, 2009a: 261). It is also possible that Pessoa was familiar with Averroes and Ibn Ṭufayl (the author of a philosophical novel known as *Philosophus Autodidactus*³ in the Western world) for they were also mentioned in Antero de Quental's *Causas da Decadencia dos Povos Peninsulares nos Ultimos Tres Seculos*⁴. In fact, as Pizarro argues (in Pessoa, 2009b: 222), some of Pessoa's texts written between 1916 and 1918 appear to enact a direct dialogue with this work on Peninsular decadence (cf. Pessoa, 2009b: 222-227; Pessoa, 2012: 70-74). In those texts, Pessoa praised (in a similar way to Antero, some decades earlier) the Islamic civilization, and particularly its presence in the medieval Iberian Peninsula – on account of its tolerance and for its important part on the transmission of Greek science and thought to Europe (cf. Boscaglia, 2013; Boscaglia and Pérez López, 2013). Furthermore there are several marked passages

³ The original title of this novel is *Ḥayy ibn Yaqzān* ("Alive, son of Awake").

⁴ In English: *Causes of the Decline of the Peninsular Peoples on the Last Three Centuries*. Consider the following excerpt: "Nem posso tambem deixar esquecidos os Mouros e Judeus, porque foram uma das glorias da Peninsula. A reforma da Escolastica, nos séculos 13.^o e 14.^o, pela renovação do aristotelismo, foi obra quasi exclusiva das escolas arabes e judaicas de Hespanha. Os nomes de Averroes (de Cordova), de Ibn-Tophail (de Sevilha) e os dois judeus Maimonides e Avicebron serão sempre contados entre os primeiros na historia da philosophia na Idade Media" (Quental, 1871: 10; cf. 2008: 42). In English: "I must mention the Moors and the Jews, since they were one of the peninsula's glories. The reform of the scholasticism during the 13th and 14th centuries, through the renewal of Aristotelianism, was accomplished almost exclusively by the Arabic and Judaic schools of Spain. Such man as Averroes (from Córdoba), Ibn-Tufail (from Seville) and the two Jews Maimonides and Avicebron will always be remembered between the most important ones on the history of philosophy in the Middle Ages". English translations of the titles and citations are mine. In other cases the translator's name is given.

in Fernando Pessoa's private library, which are references to Islamic philosophers as the transmitters of Greek philosophy to Europe. (cf. Benn, 1912: 4 [CFP 1-174 MFC]; Alighieri, 1915: 18 [CFP 8-139]; see Figs. 19 and 20).

It is also possible to suppose that Pessoa, while attending the university-level course of Arts and Letters, attended classes on the subject of Islamic civilization as the transmitter of Greek philosophy and Culture. This would most likely have been based on the work of Agostinho José Fortes, who had presented a dissertation entitled *O Hellenismo ou Persistencia da cultura hellenica atraves da civilização*⁵ (published in 1904), which helped him to obtain the appointment as the lecturer of the course on Antique, Medieval and Modern History in the university-level course of Arts and Letters. This dissertation included a chapter about the Islamic civilization, mostly about the middle age Islamic philosophers and their role as transmitters of Greek philosophy to Europe (Fortes, 1904: 36-44). Can we say that Pessoa had read or consulted this volume? If so, it could have happened in two places: either at the university-level course of Arts and Letters or at the National Library of Portugal where the young Pessoa used to consult philosophical texts (cf. Pessoa, 2009a: 256-257). While researching Islamic philosophy, Pessoa also consulted at least in 1906, and probably without finding representative material, one edition of the work *Histoire de la Philosophie Européenne* by Alfred Weber (cf. Pessoa, 2009a: 218, 257, 259). Pessoa mentions an English translation of this book in a manuscript note, published by António de Pina Coelho in *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*,⁶ (BNP/E3, 15³-12^r and 13^r; cf. Pina Coelho, 1971, vol. 2: 142). Pina Coelho's edition does not mention that the list of books presented by Pessoa (including "Averroës 'Commentary'") had been copied by the young Pessoa from Weber's book where it can be found (cf. Weber, 1892: 8; Weber, 1898: 9-10).

There is a possibility that the young Pessoa wanted to acquire one of Averroes philosophical commentaries, nevertheless none of them is on the list of books of Fernando Pessoa's private library compiled by Pizarro, Ferrari and Cardiello (2010). It must be noted that both Vallet's and Weber's works weren't kept at the author's private library, but undoubtedly were either in his possession or read by him.

It was possibly based on that small note about Averroes, that Pina Coelho wrote in 1968, in the introduction of *Textos Filosóficos de Fernando Pessoa*,⁷ that Pessoa "also studied the Arab philosophers", among other thinkers (Greek, German, etc.) (Pina Coelho, 1968: XV). In fact, this statement cannot be sustained by the two volumes of Pessoa's philosophical texts edited by Pina Coelho in 1968. In these volumes there are no references made to the Islamic philosophy or

⁵ In English: *The Hellenistic Period or The Perdurance of the Hellenistic Culture through Civilization*

⁶ In English: *The Philosophical Foundations of Fernando Pessoa's Work*.

⁷ In English: *Philosophical Texts of Fernando Pessoa*.

philosophers that can support the editor's statement made in the introduction to this edition. Besides from this fact, there are no works exclusively on Islamic philosophy in Fernando Pessoa's private library⁸.

There are nonetheless, a number of Pessoa's manuscripts, probably from around 1906, where it may be seen that Pessoa was trying to purchase copies of the Quran and, possibly, of the Sufi theologian Al-Ghazzālī (BNP/E3, 93-95r; 93A-3r). Such books are not found in Pessoa's private library.

Taking these documents into account, as well as Pessoa's biography, during his study years at university-level course of Arts and Letters, it is possible to assume that the fragments of the philosophical narrative here published have been written by Pessoa in a period (around 1906) in which the young author wanted to learn more about Islamic philosophy, following his general interest in philosophy. Perhaps he was unable to find suitable material on this subject, being it in short number and incomplete, in the philosophy books to which he had access at that time. Possibly, he then decided to write a narrative in which the person who questions the sage Al-Cossar about Islamic philosophy, may be seen has a projection of the young Pessoa himself, wanting to learn more about the subject. One could say that Al-Cossar's answers represent Pessoa's knowledge, studies, imagination and intuitions on the topic, during 1906.

In fact, as these documents show, while attending the university-level course of Arts and Letters, the young Fernando Pessoa, read, thought and wrote about Islamic philosophy and its most significant authors. These readings, reflections and texts had a part in the author's philosophical, cultural and historical education and would have probably contributed to Pessoa's lifelong reflections about the Islamic civilization in the philosophical realm as well as in others.

Actually, the young Pessoa's interest in Islamic philosophy is a part not only of his philosophical education. As someone who stated himself to be "a poet animated by philosophy"⁹, Pessoa would take the presence of Islamic philosophy to the literary, cultural, historic and religious aspects of his complex experience as a Portuguese "poet and thinker"¹⁰. Such presence can be seen in the existence of Arabic and Islamic themes along several textual cycles of Pessoa's work, particularly in the writings about Iberia, in which Pessoa discussed the Arabic and Islamic past of the Iberian Peninsula or Al-Andalus (ca. 711-1492) (cf. Pessoa, 2012; Boscaglia and Pérez López, 2013).

It is worthwhile noting that some of the philosophers mentioned by Pessoa on his writings of 1906 (Ibn Bājjah, Ibn Ṭufayl, and Ibn Rushd/Averroes) were born

⁸ 'Umar Khayyām was a philosopher as well as a poet and despite the fact that some of Pessoa's writings about the Persian address the intrinsic philosophy of the *Rubaiyat*, the works *Rubā'iyāt of Omar Khayyām* (CFP, 8-296) and *Omar Khayyām The Poet* (CFP, 8-662 MN), are not considered here as works on Islamic philosophy.

⁹ BNP/E3, 20-11r; cf. Pessoa, 1966: 13 (text dated "[1910?]" by the editors).

¹⁰ "E eu sou poeta e pensador!" (BNP/E3, 61B-70r; Pessoa, 2006: 208, (text dated 11-12-1933).

and lived in the Al-Andalus. The cultural and philosophical influence of Andalusian philosophers, particularly Averroes, was to be deeply felt in the Western world through the Iberian Peninsula (cf. Nasr, 2006: 150-158). Around 1918, Pessoa addressed the Arabic and Islamic presence in the history of the Iberian Peninsula, stating that it constitutes “our great Arabic tradition of tolerance and free civilization. We will maintain a unique individuality in the measure of our capability to maintain the Arabic spirit in Europe. [...] Let us atone now the crimes we committed when we expelled from the Iberian Peninsula the Arabs who civilized it”.¹¹

Fernando Pessoa’s other projects and textual cycles containing Arabic and Islamic themes (apart from the writings about *Ibéria*) include: texts about *sensationism* and *neo-paganism* written between 1916 and 1918 (cf. Pessoa: 2009b); the writings of the literary *persona* António Mora (cf. Pessoa: 2002); texts about *sebastianism* dated 1928 (cf. Pessoa, 2011), the *Rubaiyat* and the texts about the Persian sage ‘Umar Khayyām (cf. Pessoa, 2008). The latter would become an increasingly important figure to Pessoa, especially from 1926 until 1935 (the year of Pessoa’s death).

Curiously, a few months before his death, Pessoa kept a page of the newspaper *Bandarra – Semanário da Vida Portuguesa*¹² dated 1st of June of 1935, with a text entitled “In Maghreb”¹³ written by Antero de Figueiredo, where the names of “Aben-Hazan” (Ibn Ḥazm) and Averroes, two Islamic philosophers of the Al-Andalus, are mentioned (Figueiredo, 1935: 3; BNP/E3, 135C-18^r; see Fig. 16).

Incidentally, the theme of the *encounter with the Muslim sage* – present in Pessoa’s philosophical narrative of 1906, here published – is also present in a newspaper feature written by Mário Domingues,¹⁴ entitled “Ominous prophecies of an Arab”.¹⁵ This feature was published in the newspaper *Reporter X – Semanário das grandes reportagens*, in the 4th of April of 1931, and *directly involves Fernando Pessoa* (Domingues, 1931: 8, 9, 14; BNP/E3, 135C-8 and 9, 14; see Figs. 17 and 18). It is the account of a conversation between Pessoa and a man called Ernest Hermann,

¹¹ Cf. “nossa grande tradição árabe – de tolerância e de livre civilização. E é na proporção em que formos os mantenedores do espírito árabe na Europa que teremos uma individualidade aparte. [...] Expiemos o crime que cometemos, expulsando da península os árabes que a civilizaram” (Pessoa, 2012: 71-74).

¹² In English: *Bandarra – Weekly Newspaper of the Portuguese Life*.

¹³ This text is introduced as “The first chapter of the unpublished book *Granada and Córdoba*” (“Primeiro capítulo do livro inédito *Granada e Córdoba*”) by Antero de Figueiredo. (v. following footnote).

¹⁴ Mario Domingues (1899-1977), born in São Tomé e Príncipe, lived in Lisbon since he was two years old. Journalist, essayist, novelist and translator. Had a particular interest in adventure and detective stories. Editor in chief of the newspaper *Reporter X – The weekly of the Big Scoops*, founded in 1930 by the Portuguese journalist, writer and artist Reinaldo Ferreira (1897-1935) under the pseudonym Reporter X.

¹⁵ “Profecias fatídicas de um árabe” (Domingues, 1931: 8-9; BNP/E3, 135C-8 and 9).

at the Martinho da Arcada cafe in Lisbon. According to the article, in the course of this conversation Pessoa was listening “very attentively”¹⁶ to what Ernest Herrman was telling him about an encounter he (Herrman) had had in Casablanca (Morocco) with a “mysterious prophet”¹⁷, an Arab called “Abd-el-Ram” that foretold future events to take place in the world and in Portugal.

Did the encounters between Herrmann and Abd-el-Ram in Casablanca and between Pessoa, Hermann and Domingues in Lisbon really take place? Are these facts true or is it a hoax? Was Mário Domingues’s feature written with Fernando Pessoa’s help or complicity? In either case, Fernando Pessoa kept this newspaper feature in his *trunk*¹⁸ and it presents itself as another useful document to see that Fernando Pessoa’s interest in the Islamic civilization manifested itself in several ways and in several stages of his life/work, from a young man until his final years.¹⁹

¹⁶ “Fernando Pessoa, escutando com enorme atenção” (Domingues, 1931: 8; BNP/E3, 135C-8 and 9).

¹⁷ “Um misterioso profeta” (Domingues, 1931: 8; BNP/E3, 135C-8 and 9).

¹⁸ “Over the years at least two trunks were filled with papers [by Pessoa]. They were like a labyrinth of overlapping papers, whose investigation began in the late 1930s when Luís de Montalvor and other poets, editors, literary critics and friends associated with the magazine *presença* (without a capital P) initiated the posthumous publication of Pessoa’s writings – a task that is far from concluded to this day” (Pizarro and Dix, 2008: 6).

¹⁹ Regarding the Arabic and Islamic presence in Fernando Pessoa, cf. Boscaglia, 2013, 2012a, 2012b.

Critical Text²⁰

I. FRAGMENTS OF A PHILOSOPHICAL NARRATIVE ON ISLAMIC PHILOSOPHY

1 [26A-60^r to 61^v] [c. 1906]

I sat beside the tent with Al-Cossar, the Arab. The night was cool on our eyelids half-closed and there seemed to be in the air ought that favoured an easy though profound contemplation. Al-Cossar, the Arab[,] had been sitting after the way of his race, muttering strange words to himself – strange without gesture nor motion nor passiveness of eye or countenance. We had sitten thus long, when the need arose for conversation, when a topic of interest seemed to appear with the moment, synchronous¹ with the need, and involved in² it. I broke the silence in curiosity:

“Al-Cossar,” said I to the Arab, “men say thou art versed in the deep³ of poet and thinker, that thyself thou art a thinker of deep thoughts, and that thou knowest much of strange things and art learned in vague & unquiet lore. Men say thy thoughts have the newness that charms and affrights, as a snake, and the deep thoughts, that are the music of the mind. Thou art a silent man, writing nothing & of little speech. I would fain hear what thou wouldst say, if thy mind can unbend itself unto me. Speak to me of God and of the world, of the soul, of matter and of spirit, unfold to me what thy mind hath made of the deep thinker of Stagira, whom thou knowest well. Perchance the [60^v] thoughts of him can come from thee with more sweetness, perchance with more depth & more truth, as the mind that comes through the forest and through the garden brings in itself the scent of the pines and the odour of the grass and of the flowers.

“Speak to me, an thou wilt, of the ancient thinkers of Arabia; strange must be their⁴ lore.

[“]I too am not ignorant of the philosophy of ye, Al-Kindi, the philosopher⁵ by name, Al-Farabi, Ibn-Bâdja of Saragoza⁶, Ibn-Sina, who wrote of medicine, Ibn-Thofail, Al-Gazali, who findeth no truth in the words of thinkers and of sage[,] and Ibn-Roshd, whom we call Averroës, □

[“]Tell me of them. I know what they said, yet I would know what they could not say. Tell me, speak to me of the Absolute and of the Relative, and of the essence of God and of all things.” And I⁷, seeing that he⁸, Al-Cossar, said no word, descended to a question direct: “What knowest thou of Life?”

“Child⁹, thou askest well in thy intention, but otherwise¹⁰ than well in thy expectation. Beasts communicate with each other, speak to each other¹¹ what they

²⁰ I would like to thank Jerónimo Pizarro, Pauly Ellen Bothe e Patricio Ferrari for their help in the transcription of these documents.

wish, understand each other. It is man's alone to have such thought as words can girdle not with their girdle, even though it¹² hath¹³ the infinity of the universe.

[61^r] "I could say many things – many truths – that would make thee restless and sad, for untruths have little power¹⁴ to sadden the soul or to trouble it. But to what purpose should I impart these things to thee; thou art over young and over enthusiastic for them; should I make thee unhappy, because thou dost wish unwisely to know? Child, I should not.

"They call me a man of deep thoughts – rightly, for I live in thoughts. They say likewise that I am a learned man – wrongly indeed for I have read nothing at all.

["]Yet to him who thinks deeply all thoughts come¹⁵ that ever men had, or can have; in¹⁶ him lie all the philosophies of what kind or end soever that men have conceived and spoken, or have left unspoken, and these are the deepest of all. I have heard of many philosophers – names – whose theories I know not, whose works I have not read. Yet I know that it is impossible that I have not in me their theories, of whatsoever kind they may be. The thoughts of philosophers are not their thoughts but man's, men's. Wherefore what can I tell you, child, that thou¹⁷ hast¹⁸ not heard before, or that thou¹⁹ hast²⁰ not read? In the hearth of the savage lies the germ of Idealism, of Transcendentalism – names of whose meaning I guess, for I know well what thoughts they conceal.

[61^v] "Of the world everything can be said; of God nothing. Why, child? Because God alone exists and the world exists not, save in a sort of dream, a hard and bad dream, dear child."²¹

2 [27¹⁸ A³-10^r] [c. 1906]

And he traced this figure on the ground:

["]The circle thou seest (said he) is eternity, for wherever on it thou begin and whithersoever thou move, there is neither beginning nor end, there is in it no determined point. Movement in it is eternal; I have said it, it is eternity.["]

3 [15A-32^r and 32a^r] [c. 1906]

["]The lines which are traced within this circle from¹ one part of the circumference² on to another³, some smaller, some larger, some rising from the same point; crossing each other, running parallel with each other – these are human lives and thou mayest see in those particularities & diversities of these lines, the particularities & diversities of human lives.

["]Thy comparison can extend unto infinity; everything in human lives is here in these lines.

"All systems of philosophy lie herein. Observe it well.

[32a^r] ["]Yet this is but a representation. It is impossible to represent the Absolute in words, neither in figures nor in forms is it possible to give an idea of it.["]

"The circle is, then, eternity, infinity?"

"Nay, nay," replied the Arab, "it is immensity, which is infinitely higher. Infinity and eternity are the space within the circumference, & time and space are portions thereof. Yet, as ye see, this part in the centre hath no reality, none – *unless* to them that move through it, from Immensity to Immensity. The circle is the only reality; all these whatsoever therewithin & thereout, are unreal, untrue.["]

4 [15A-33^r] [c. 1906]

["]Consider the space that this circumference incloses. This is eternity, infinity, for, to them that move within, it is¹ without bound nor end. Yet, as thou seest, it has indeed bound, end, for it is enclosed in the circle, which is immensity. Yet it has not really bound nor end for ye may move in it in many ways² (even if only in circles) and move in it without cease. Oh, for the explanation thereof.["]

5 [15A-33^v] [c. 1906]

["]This inner space is eternity as men conceive it. For thou mayest cross it in straight lines broken here & there & cross it & move on¹ it straight & no end to it. Yet this space is *limited*. It is eternal in *thy* way of thinking. Measuring it with the measure of human life – a straight line here –² in truth TIME – therefore³ findest it eternal, for the straight line may be broken & twisted into angles & may⁴ move about in this circle for ever. Yet is it all in a limit. Yet is eternity diff[eren]^t from time[.] As a circumference⁵ from a right line. Dost⁶ thou understand me?["]

II. LISTS OF BOOKS

6 [15³-13^r and 15³-12^r] [c. 1906]

Weber²¹ contains all – except Hindoo, Arab & Jewish Systems.
Science is philosophy in power; ph[ilosophy] is sc[ience] in act.

—
Sources: Patristic Philosophy: polemical writings of the Fathers of the Church; especially “Lógos protreptikòs pròs “Ellēnas”, “Pedagogue” & “Stromates” of Clement of Alexandria, “Principles” & “Anti-Celsus” of Origen, “Apologeticus” of Tertullian, the “Institutiones Divinae” of Lactantius¹, “The City of God” & “Confessions”, of St. Augustin.

—
Scholastic: Scot Erigen: “De Divisione² Naturae”, “Monologium”, “Proslogium” of St. Anselm. Abelard: [12^r] “Theology”, “Ethics”, “Dialectics”. P[eter] Lombard: “Sentences”. Averroës “Commentary”. St. Thomas: “Summa³ Th[eologiae]”. “Quaestiones” of Duns Scot & Occam. Roger Bacon “Opus Major”. Works of Raymond Lully. Historic Works of Ritter, Cousin, Haureau.

Renascence. □

7 [93-95] [c. 1906]

*Dionysius*¹: “De Divinis Nominibus.”
“Theologia Mystica.”

Justinus: “Exhortatio ad Graecos.”

Athenagoras: “Legatio pro Christianis.”

Irenaeus: “Adversus Haereses.”

Tertullianus: “Apologetica.”

Clementis Alex[andrini]: “Stromates.”

Origen: “Periarchon.”

*St Augustinus*²: “Confessiones.”
“De civitate Dei³.”

²¹ The lists of authors and titles presented by Pessoa in 15³-13^r and 15³-12^r had been copied by the young Pessoa from an edition of Alfred Weber’s *Histoire de la Philosophie Européenne* (1892: 8; 1898: 9-10).

- [95^r] Scot Erigenes: "De naturae divisione."
 Al-Gazali: "Destruction of Philosophers."
 Henri de Gand: "Quodlibeta"

*Renascence.*⁴

Platonic School:

Bruno: "De immenso et innumerabilibus."
 "De infinito."

Peripatetic School:

Pomponat: "Opera."
 Cesalpino d'Arezzo: "Quaestiones peripateticae."
 Vanini: "Dialogi"
 Campanella: "City of the Sun"

8 [93A-3^r] [c. 1906]

Books Wanted.

Descartes: "Discours sur la Méthode."
 "Oeuvres" (Charpentier).

Koran: □

Talmud: □

Bossuet: Oeuvres. (Charpentier).

Fénelon: Ouvres Philos[ophiques] (Charpentier).

Leibnitz: □

Genetic notes²²1 [26A-60^r to 61^v]

Materials: *two leafs of graph paper, with horizontal creases in the middle, handwritten in black ink. On the upper half of the page 26A-61^v there is a text, handwritten with great care (see Annex 1). On the lower part of the page 26A-61^v are two incomplete sentences and one incomplete paragraph, handwritten in black ink, probably in two different moments (see Annex 2).*

Genetic notes

- 1 <at> synchronous
- 2 <wit> in
- 3 deep <lore>
- 4 <these> [↑ their]
- 5 phil<o>/oso\pher
- 6 Sarago<ç>/z\ a
- 7 she] *in the original*
- 8 I] *in the original*
- 9 "Child<">
- 10 <not> [↑ otherwise]
- 11 speak [↑ to each other]
- 12 <which is as> [↑ even though it]
- 13 ha<s>/th\
- 14 little [↑ power]
- 15 all thoughts [↑ come]
- 16 <†>/in\
- 17 <you> [↑ thou]
- 18 ha<ve>/st\
- 19 <nor> [↑ or that thou]
- 20 ha<ve>/st\
- 21 child." Ay God alone exists, not in the way men mean, not the God men conceive, □ [See Annex 2]

Annex 1 [26A-61^v – ms.]

N.º 32 – Aviso d<e>/a\ partida de um navio

Alexandria, 13 de Março de 1906

Ill.^{mo} Sr. Bernard

²² *Editorial note:* Transcriptions from the originals follow the symbols initially used in the Fernando Pessoa Critical Edition: □ blank space, * conjectured reading, // passage doubted by author, † illegible word, <> autograph segment crossed out, <>/ \ substitution by overwriting (<substituted>/substitute\), < [↑] substitution by crossing out and addition in the in-between line above, [↑] addition in the in-between line above, [↓] addition in the in-between line below, [→] addition in the right-hand margin, [←] addition in the left-hand margin, <†> illegible and crossed out.

Paris

Am.º e Sr.:

Tenho a satisfação de lhe anunciar a partida do steamer «Ville-de-Paris», capitão Caillat.
 Levantou hontem ancora com um bello tempo, em direcção a Nantes.
 A carga □

Annex 2 [26A-61^v – ms.]

Ay God alone exists, not in the way men mean, not the God men conceive, □

Sometimes professors of universities of Europe □

□ for I have them all, all in me, though often not even in mental words. I admired the words the philosophers used; how could I admire their theories when I had know them long before?

2 [27¹⁸ A³-10^r]Materials: *a fragment of a leaf of graph paper, taken from a notebook, handwritten in black ink.*3 [15A-32^r and 32a^r]

Materials: *one leaf of graph paper, folded in double folio and handwritten in black ink. On the overleaf is a text, neatly handwritten, such as in 26A-61^v (Annex to text nº1). On the upper part of 15A-32^r, on the right side, there is a note in black ink: Some running into one | another, *then continuing in *one.*

Genetic notes

- 1 *from
- 2 <end> [↑ part of the circumference]
- 3 <the> [↑ another]

4 [15A-33^r]Materials: *the left half of a leaf of graph paper, identical to the previous ones, handwritten in black ink.*

Genetic notes

- 1 is <infinite>
- 2 wa<y>/ys\

5 [15A-33^v]

Materials: *the same paper fragment of the previous description. In the upper half of the page is a part of the newspaper with a headline that reads O Palrador, which dates probably later than 1905. The published text is on the lower half of 33^v.*

Genetic notes

- 1 *on
- 2 <,>/-\
- 3 *therefore
- 4 & [↑ may]
- 5 *circumference
- 6 <Thou> Dost

6 [15³-13^r and 15³-12^r]

Materials: *two leaves of graph paper, taken from a notebook, handwritten in black ink. Published along with the excerpt in the overleaf of 15³-12 (Annex), in Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa (1968: II, 142), with some transcription errors. In the overleaf of 15³-13 is an incomplete text in rhyme, not transcribed here.*

Genetic notes

- 1 L<e>/a\ctantius
- 2 [↑ De] Divisionae
- 3 S<o>/u\mma

Annex [15³-12^v – ms.]

Sources

Thales: Aristotle, "Metaphysics." I. 3.

Anaximander: □

Anaximenes: □

—

Xenophanes: Aristotle (?) De Xenophane, Zenone et Gorgia."

V. Cousin: "Xenophane, Fondateur de l'École de l'Élée." (Nouveaux Frag.^s Phil.^s)

Mullach: "Frag.^{ta} Philosophiae Graecae." I. p. 101 et seq.

We find in this phil. the embryo of all explan. of nature afterwards attended.

Water to Thales, Air to An.^{nes} is all at one substratum, motion force <e>/&\ fatum or law of movement.

7 [93-95^r]

Materials: *a fragment of a leaf of graph paper, handwritten in black ink.*

Genetic notes

- 1 <Dion> [↓ *Dionysius*]
- 2 <s>/S\ t *Augustinus*
- 3 <d>/D\ ei
- 4 *Rena*<ssa>/sce \nce.

8 [93A-3^r]

Materials: *one leaf of graph paper, taken from a notebook, wide and not very long, handwritten in black ink. The published text can be found in the upper half. In the lower half of 93A-3^r is the following transcribed note (Annex). In the overleaf are the grades (reading grades? Class grades?) of an exam on the unity of character of man, that are not transcribed here.*

Genetic notes

Annex [93A-3^r – ms.]

Para explicar esta acceitação universal da idéia do character, os theologos catholicos teêm empregado varios argumentos deverás interessantes, mas cujo interesse é parecido com o que nos inspira <a>/o\ desastrado attentado de S. Thomaz d’Aquino para conciliar a Providencia [↑ divina] com o mal que <hav> <ha> existe no mundo.

Bibliography

I. Fernando Pessoa's Archive, National Library of Portugal (BNP/E3)

- DOMINGUES, Mário (1931). "Profecias fatídicas de um árabe", in *Reporter X - Semanário das grandes reportagens*, ano 1, nº 35, 4 de Abril de 1931, pp. 8, 9, 14 (BNP/E3, 135C-8-9).
- FIGUEIREDO, Antero de (1935). "No Magrebe", in *Bandarra – Semanário da Vida Portuguesa*, 12, ano 1, 1 de Junho de 1935, p. 3 (BNP/E3, 135C-18°).

II. Fernando Pessoa's Books

- PESSOA, Fernando (2012). *Ibéria – Introdução a um Imperialismo Futuro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Pablo Javier Pérez López. Posfácios de Humberto Brito e Antonio Sáez Delgado. Lisboa: Ática [Babel].
- ____ (2011). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática [Babel].
- ____ (2009a). *Cadernos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. XI, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2009b). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2008). *Rubaiyat*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2006). *Poesia 1931-1933*. Edição Maria Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine. Edição original Assírio & Alvim. Lisboa: Planeta DeAgostini.
- ____ (2002). *Obras de António Mora*. Edição de Luís Filipe B. Teixeira. Edição crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1968). *Textos Filosóficos de Fernando Pessoa*. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Obras Completas de Fernando Pessoa. 2 Vols. Lisboa: Ática.
- ____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.

III. Fernando Pessoa's Private Library, Casa Fernando Pessoa (CFP), Lisbon

- ALIGHIERI, Dante (1915). *The Vision of Dante Alighieri or Hell, Purgatory and Paradise*. Translated by Henry Francis Cary. With an introduction and notes by Edmund G. Gardner, 5th ed. London: J. M. Dent & Sons, Limited; New York: E. P. Dutton. "Everyman's library edited by E. Rhys; Poetry and the drama" (CFP 8-139).
- BENN, Alfred William (1912). *History of Modern Philosophy*. London: Watts & Co. (CFP 1-174 MFC).
- CARLYLE, Thomas (1903). *Sartor Resartus; On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History; Past and present*, London: Chapman & Hall, Ltd (CFP, 8-89).
- KHAYYÁM, Omar (1910). *Rubáiyát of Omar Khayyám*. The astronomer poet of Persia rendered into English verse by Edward Fitzgerald. Leipzig: Bernhard Tauchnitz. "Collection of British and American Authors, n.º 4231" (CFP, 8-296).
- WEIR, Thomas Hunter (1926). *Omar Khayyám The Poet*. London: John Murray. "The Wisdom of the East Series" (CFP, 8-662 MN).

IV. Other

- BOSCAGLIA, Fabrizio (2013). «Notas sobre a presença arábico-islâmica na Ibéria de Fernando Pessoa», in *Nova Águia - Revista de Cultura para o século XXI*, n.º 11, pp. 123-129.
- (2012a). *Considerações sobre a Presença do Elemento Árábico-islâmico no Sensacionismo e no Neopaganismo de Fernando Pessoa*. Vale d'Infante: Al-Barzakh.
- (2012b). “Fernando Pessoa leitor de Theodor Nöldeke. Notas sobre a recepção do elemento arábico-islâmico em Pessoa”, in *Pessoa Plural: a Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Spring, pp. 163-186
[http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue1/PDF/I1A04.pdf].
- BOSCAGLIA, Fabrizio, PÉREZ LÓPEZ, Pablo Javier (2013). “Iberismo e ‘arabismo’ in Fernando Pessoa”, in *Eurasia - Rivista di Studi Geopolitici*, n.º XXIX, pp. 243-253.
- FERRARI, Patricio (2012). “Meter and Rhythm in Fernando Pessoa’s Poetry”. Ph.D. dissertation presented to the Department of Linguistics, Universidade de Lisboa.
- FORTES, Agostinho José (1904). *O Hellenismo ou Persistencia da cultura hellenica através da civilização*. Dissertação apresentada ao concurso para professor de cadeira de historia antiga, medieval e moderna do Curso Superior de Letras. Lisboa: Typographia Casa Portuguesa Papelaria.
- NASR, Seyyed Hossein (2006). *Islamic Philosophy from its Origin to the Present – Philosophy in the Land of Prophecy*. New York: State University.
- PINA COELHO, António de (1971). *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*. 2 Vols. Lisboa: Verbo.
- PIZARRO, Jerónimo, DIX, Steffen (2008). “Introduction”, in *Portuguese Studies*, vol. 24, n.º 2, pp. 6-12.
- PIZARRO, Jerónimo, FERRARI, Patricio e CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa – Fernando Pessoa’s Private Library*. Lisboa: D. Quixote. “Acervo Casa Fernando Pessoa / House of Fernando Pessoa’s Collection”, vol. I.
- QUENTAL, Antero de (2008). *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Tinta da China.
- (1871). *Causas da Decadencia dos Povos Peninsulares nos ultimos tres seculos*. Discurso pronunciado na noite de 27 de Maio na sala do Casino Lisbonense. Porto: Typographia Commercial. “Conferencias Democraticas”.
- VALLET, Pierre (1897). *Histoire de la Philosophie*. Cinquième édition, revue et augmentée. Paris: A. Roger et F. Chernoviz.
- WEBER, Alfred (1898). *History of Philosophy*. Authorized Translation by Frank Thilly. From the fifth French edition. New York: Charles Scribner’s Sons.
- (1892). *Histoire de la Philosophie Européenne*. Cinquième édition revue et augmentée. Paris: Fischbacher.

26A-60

I sat beside the tent with Al-Cossar the Arab. The night was cool on our eyelids half-closed and there seemed to be in the air night, that favoured an easy though profound contemplation. Al-Cossar the Arab had been sitting after the way of his race, muttering strange words to himself - strange without gesture nor motion nor passiveness of eye or countenance. He had sat thus long, when the need arose for conversation, when a topic of interest seemed to appear with the moment, ~~at~~ synchronous with the need, and involved ~~into~~ in it. I broke the silence in curiosity:

"Al-Cossar," said I to the Arab, "men say thou art roused in the deep ~~the~~ of poet and thinker, that thyself thou art a thinker of deep thoughts and that thou knowest much of strange things and art learned in vague & unquiet lore. Men say thy thoughts have the newness that charms and affrights, as a snake and the deep thoughts, that are the music of the mind. Thou art a silent man, writing nothing & of little speech. I would fain hear what thou wouldst say, if thy mind can unbend itself unto me. Speak to me of God and of the world, of the soul of matter and of spirit, unfold to me what thy mind hath made of the deep thinker of Hagia, whom thou knowest well. Purchase the

Fig. 1. BNP/E3, 26A-60'

thoughts of him can come from thee with more sweetness, perchance with more depth & more truth, as the wind that comes through the forest and through the garden brings in itself the scent of the pines and the odour of the grass and of the flowers.

"Speak to me, as thou wilt, of the ancient thinkers of Arabia; strange must be ~~these~~ ^{their} lore.

I too am not ignorant of the philosophy of ye, Al-Kindi, the philosopher by name, Al-Farabi, Ibn-Badja of Saragosa, Ibn-Sina, who wrote of medicine, Ibn-Thofail, Al-Gazali, who findeth no truth in the words of thinker and of sage and Ibn-Rushd, whom we call Averroës,

Tell me of them. I know what they said, yet I would know what they could not say. Tell me, speak to me of the Absolute and of the Relative, and of the essence of God and of all things." And she, seeing that I, Al-Corax, said no word, descended to a question direct: "What knowest thou of life?"

"Child, thou askest well in thy intention, but ~~not~~ ^{thou knowest} than well in thy expectation. Beasts communicate with each other, ^{and} speak ^{and} what they wish, understand each other. It is man's alone to have such thoughts as words can fiddle not with their fiddle, ^{even though} ~~which is to~~ it ^{have the import of the answer.}

Fig. 2. BNP/E3, 26A-60v

26A-61

"I could say many things - many truths - that would make thee restless and sad, for untruths have little ^{power} to sadden the soul or to trouble it. But to what purpose should I impart these things to thee; thou art over young and over enthusiastic for them; should I make thee unhappy because thou dost wish unwisely to know? Child, I should not.

"They call me a man of deep thoughts - rightly, for I live in thoughts. They say likewise that I am a learned man - wrongly indeed for I have read nothing at all.

Yet to him who thinks deeply all thoughts ^{come} that ever men had, or can have, in him lie all the philosophies of what kind or end soever that men have conceived and spoken, or have left unspoken, and these are the deepest of all. I have heard of many philosophers - names - whose theories I know not, whose works I have not read. Yet I know that it is impossible that I have not in me their theories of whatsoever kind they may be. The thoughts of philosophers are not their thoughts but man's men's. Wherefore what can I tell you child that ~~you~~ ^{thou} hast not heard before ^{or that thou} ~~has~~ not read? In the heart of the savage lies the germ of Idealism, of Transcendentalism - names at whose meaning I guess, for I know well what thoughts they conceal.

Fig. 3. BNP/E3, 26A-61'

N.º 32 - Aviso da partida de um navio

Alexandria, 13 de Março de 1906

M.º Sr. Bernard

Paris

M.º Sr.:

Tenho a satisfação de lhe anunciar a partida do steamer "Ville-de-Paris," capitão Caillat.

Levantou hontem ancora com um bello tempo, em direcção a Nantes.

A carga

"Of the world everything can be said; of God nothing. Why, child? Because God alone exists and the world exists not, save in a sort of dream, a hard and bad dream, dear child." "Ay God alone exists, not in the way men mean, not the God whom men mean."

Sometimes professors of universities of Europe

for I had them all, all in me, though often not even in mental words. I admired the words the philosophers used; how could I admire their theories when I had known theirs long before?

Fig. 4. BNP/E3, 26A-61v

27¹⁸ A³-10

And he traced this figure on the ground:

The circle thou seest (said he) is eternity, for wherever on it thou begin' and whithersoever thou move, there is neither beginning nor end, there is in it no determined point. Movement in it is eternal; I have said it, it is eternity.

Fig. 5. BNP/E3, 27¹⁸ A³-10^r

15A - 32

Some running into one
another, & continuing in one

The lines which are traced
within this circle from
one ^{part of the circumference} ~~end~~ on to ~~the~~ another,
some smaller some larger,
Some rising from the same
point, crossing each other,
running parallel with each
other - these are human
lives and thou mayest
see in these particularities
& diversities of these lines
the particularities & di-
versities of human lives.
Thy comparison can extend
unto infinity; everything
in human lives is here
in these lines.

"All systems of philosophy
lie herein. Observe it
well."

BIBLIOTECA MUSEO

Fig. 6. BNP/E3, 15A-32r

15A-32a

Yet this is but a representation. It is impossible to represent the Absolute in words, neither in figures nor in forms is it possible to give an idea of it.

"The circle is, then, eternally, infinity?"

"Nay, nay," replied the Bab, "it is immensity, which is infinitely higher. Infinity and eternity are the space within the circumference & time and space are portions thereof. Yet as ye see, this part in the centre hath no reality, none - unless to them that move through it, from immensity to immensity. The circle is the only reality; all these whatsoever, therein & thereout, are unreal, untrue."

Fig. 7. BNP/E3, 15A-32a

15A-33

Consider the space that this circumference encloses. This is eternity, infinity, for to them that move within it is ~~infinite~~ without bound nor end. Yet, as thou seest, it has indeed bound and end, for it is enclosed in the circle, which is immensity. Yet it has not really bound nor end for ye may move in it in many ways (even if only in circles) and move in it without cease. Oh, for the explanation thereof.

Fig. 8. BNP/E3, 15A-33r

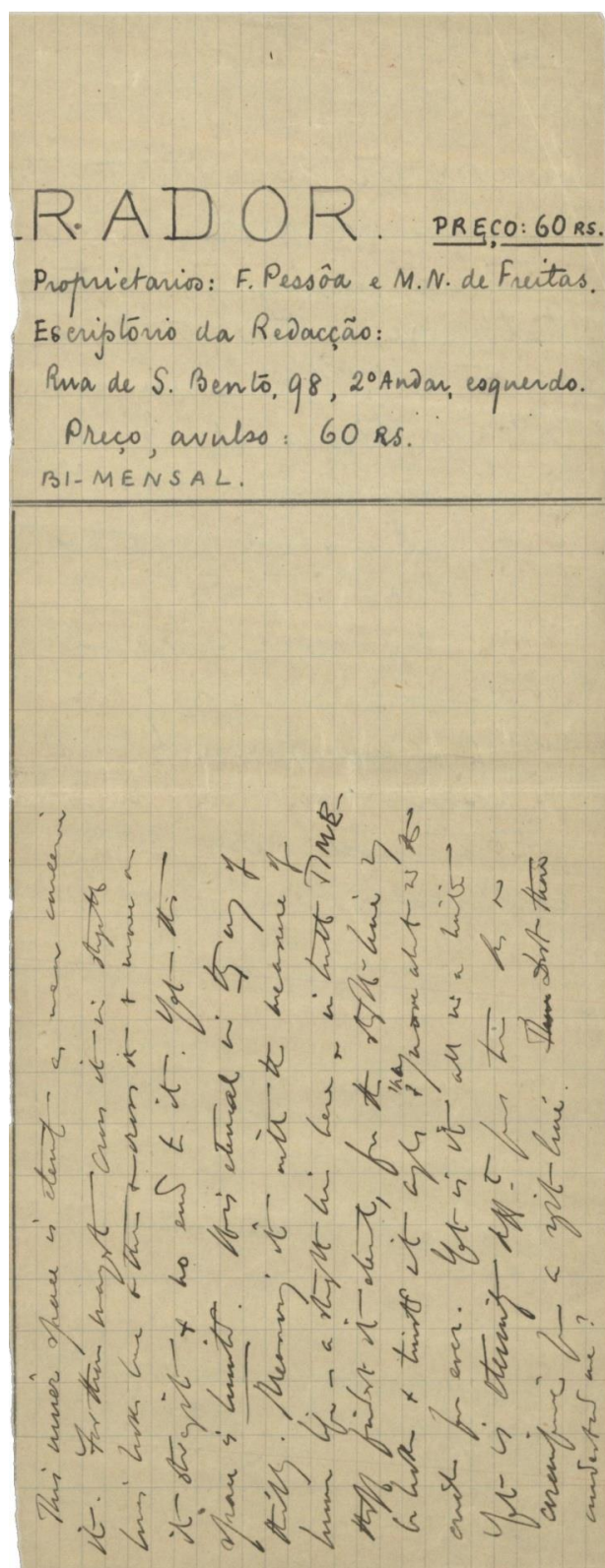


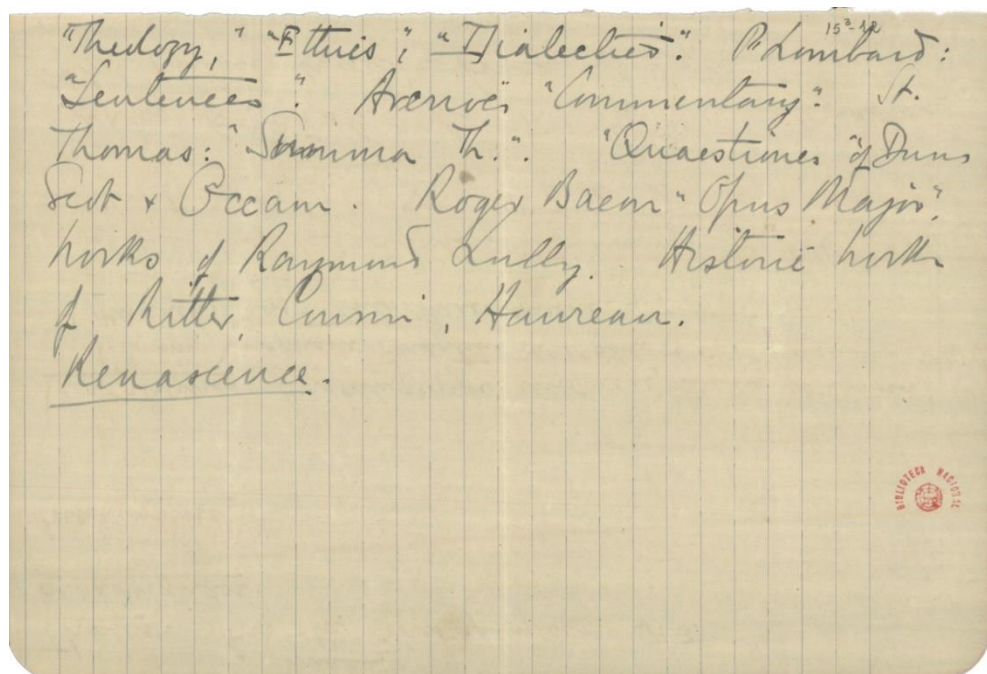
Fig. 9.1. BNP/E3, 15A-33v

This inner space is eternal - as when concerning it. For then straight across it - is straight line's look line & then across it & move on it straight & no end to it. Yet - this space is limited. This eternal is by way of stilly. Measuring it with the measure of human life - a straight line here & in truth TIME stops first at it - straight, for the straight line of to look & trust it only ^{may} prove what is the end for ever. Yet is it all as a white - Yet is eternally diff. for time has no circumference for a right line. There isn't that understood are?

Fig. 9.2. BNP/E3, 15A-33^v

15³-13
 Weber contains all - except Hindu, Arab + Jewish
 Systems.
 Science is philosophy in power; ph. is s. in act.
 Sources: Patristic Philosophy: polemical writings
 of the Fathers of the Church; especially "Logos pro-
 treptikos" pro "Ellenas," "Pedagogue" + "Stromates"
 of Clement of Alexandria, "Principles" + "Anti-Celsus"
 of Origen, "Apologétique" of Tertullian, the "Insti-
 tutum Divinae" of Lactantius, "The City
 of God" + "Confessions;" of St. Augustine.
Scholastic: Scot Eriksen "De Divisione Naturae";
 "Monologium"; "Prologium" of St. Anselm. Abbot.

Fig. 10. BNP/E3, 15³-13^r

Fig. 11. BNP/E3, 15³-12^r

Thales: ^{since} Aristotle, "Metaphysics." I. 3.
Anaximander:
Anaximenes:

Xenophanes: Aristotle (?) De Xenophane, "L'homme et l'opinion".
 V. Cousin: Xenophane, Fondation de l'École d'Élée. (Nouveaux Frag. Phil.)
 Mullach: "Fragm. Philosophae graecae." I. p. 101 et seq.

 We find in the phil. the embryo of all fables
 of nature afterwards attempted.

 Water to Thales, Air to An^{ax} is all at one
 substratum, nature free of fate or law
 & movement.

Fig. 12. BNP/E3, 15³-12^v

~~Thom~~
Thomysius : "De Divinis Nominibus".
 "Theologia Mystica".

Iustinus, "Exhortatio ad Graecos".

Attenagoras: "Legatio pro Christianis".

Irenaeus: "Adversus Haereses".

Tertullianus: "Apologetica".

Clementis Alex: "Stromates".

Origen: "Periarchon".

St Augustinus: "Confessiones".
 "De civitate Dei".

Fig. 13. BNP/E3, 93-95^v

Scot-Eugenius: "De naturae divisione" ⁹³⁻⁹⁵

Al-Gazali: "Destruction of Philosophers"

Henri de Gand: "Quodlibeta"

Renascence
Platonic School:
Bruno: "De immenso et innumerabilibus"
"De infinito."
Peripatetic School:
Pomponat: "Opera".
Cesepino d'Arzzo: "Quaestiones peripateticae".
Vannini: "Dialogi".
Campanella: "City of the Sun".

Fig. 14. BNP/E3, 93-95r

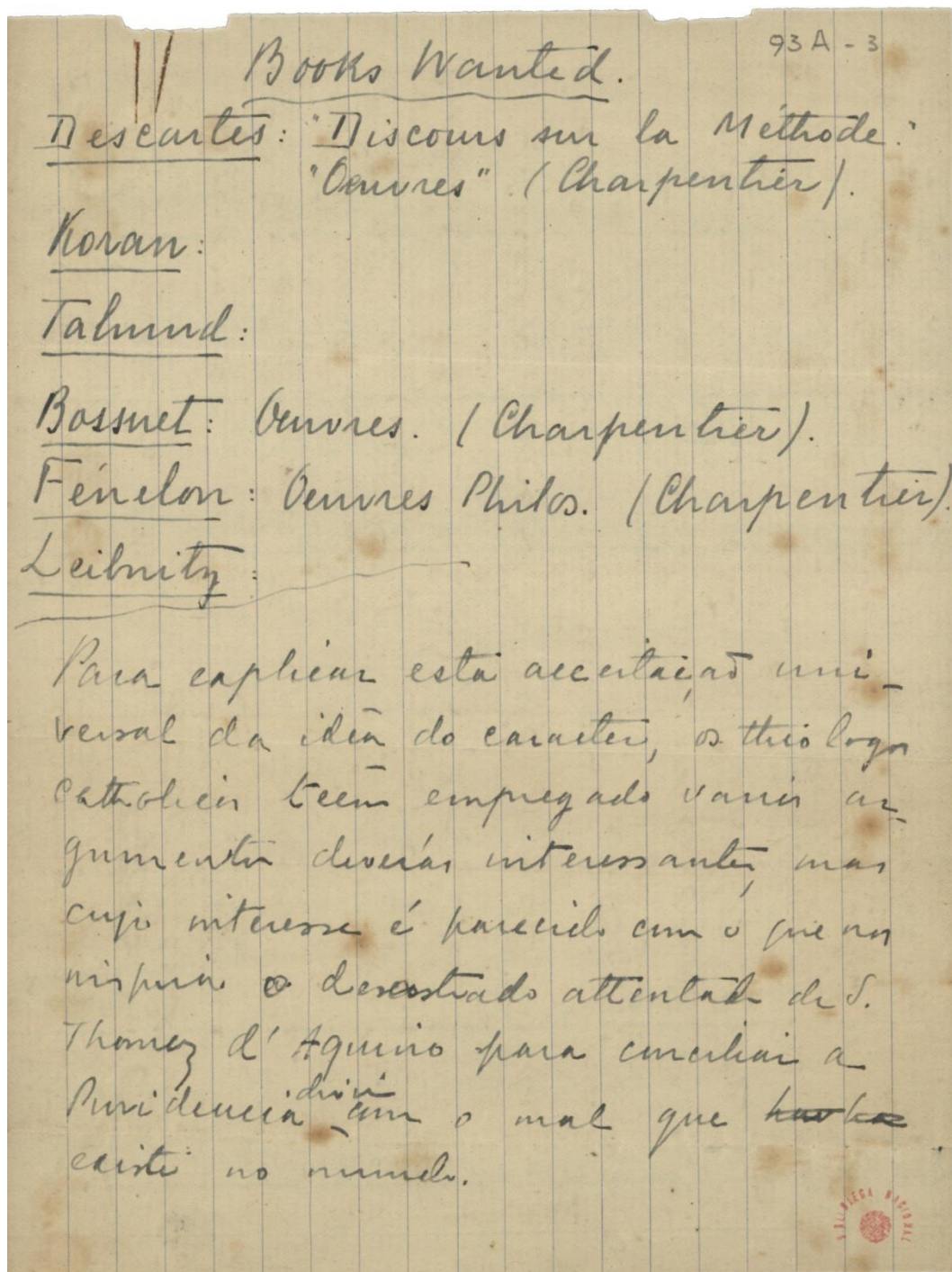


Fig. 15. BNP/E3, 93A-3r

[illegible]

Guineá-convém com este rigorosismo. Jejam do Hamam os dias que se viveu nas terras quentes e húmidas do Magrebe, nesse quaxexal. Na Guiné, a vida é mais muieta. É para me aproximar do mundo de ideias e sentimentos dessa alma esta-
tuada que me criei um mundo de ligação à história religiosa, civil, artística e literária do Islame, particularmente a da sexta meclá, e de uma cultura árabe, que dali eu la percorrer. Logo se ergueu o volume diário de mim a lingeir no tampo do monótono, e eu me lancei na tua ou fuga de fanática crente em Ma-
ma incendiária. Depois de um tempo de atiradas para o mundo em algaradas belicosas, dei nos desertos da Arabia aos países da Pérsia; depois de um tempo, de-
lante no ocidente, alastrando-se pelas fexas do sul europeu e do norte africano; depois, fim, transponto o oceano, e fui para as Colunas de Hércules, se espalharam pela América meridional e ocidental, e eu me lancei. Era, porém dos tempos de guerra e

Continuado da pág. 1

mente de haver medo de ações pessoais e decisões mediadas dos bandeirantes. A simples leitura dos documentos do Conselho Ultramarino (nos dois índices) é bastante para nos dar uma ideia precisa da unidade e coerência da política de Metrópole para desenvolver não apenas as Índias, todas as iniciativas que existissem, mas também um pensamento unitário a animar todas as iniciativas: a exploração da goela e Benguela, de Moçambique ou do Rio da Prata, não eram coisas separadas, cuidadoso do que os Ocidentais. Em todo o caso, não admitia que, dada a sua importância e o risco de desastre, fosse lançado, o Brasil preocupasse tão vivamente a Bacia e os seus Condições. Não se receer ao caso com o Brasil se ocuparam. Não a Índia, porém, não se receer a pessoa em aproveitar, pelo que elas produzem valiam e não se receer a perda de nada de mão de obra para o Brasil, as colônias africanas. Já não falo nos liberais, mas a pretensão de que a Índia e Angola iniciasse os seus ciclos, prolongando-se até o século XIX, não se receer o comércio entre as duas costas por via do Rio da Prata (Frei João).

o poderão esquecer-se os esforços de Nélson e D. Manuel de Almeida, o governador do Congo? Não se perderam totalmente essas correspondências, como se sabe, e todos os dias de Paulo Dias de Novais, o governador da Luanda correspondem a intenção de penetrar no interior da África, e de estabelecer povoações que assegurariam a dominação real e de se fixar no litoral. Os assessores de Paulo Dias, seguramente, tinham conhecimentos plausíveis. Basta notar sem descer a minúcia, alguns factos que se encontram nos documentos, que governaram Angola de 1594, e recolheu muitas informações sobre o interior da África, como o fim da expedição de Paulo Dias; em 1610, Luís Mendes de Vasconcelos, apresentou à Ilhéu, que o mandou ver o Conselho da Real Câmara de Vila Rica, o projecto de Monopólio por Angola, e provavelmente o qual chegou a ser aprovado. O governador Angola em 1617. O problema das minas do interior da África, de que tinha notícia pelos negros, e de que os portugueses queriam estabelecer povoações, preocupava já então os portugueses estabelecidos no interior da África, e os que, de Lisboa, dirigiam superior-

mente a atividade econômica. O comércio irradia de 1400 entre o El-Rei do Congo e Salvador Correira de Sa e va, que era intenso o tráfico comercial das porcelanas no Congo e que, em Angola, Angola e Benguela com os indígenas se condicionavam muitas vezes pela liberdade consentida por estes com o comércio de escravos mineiros. Também Salvador Correira de Sa procurou recolher informações que lhe permitissem tentar a exploração econômica; as que recolheu foram em 1656 impressas no Conselho Ultramarino em Lisboa, mas que não deixaram de despertar o interesse que se mantinha em ligar por terra os presidios de Angola aos do Brasil. Procurou-se, pois, aceitar o domínio dentro dos regulos indígenas, e a política de captação não foi de modo indicativo, mas no fim do século XVIII, os Governadores e Capitais Gerais de Angola dirigiram-se às autoridades indígenas em termos que não deixaram de ser uma sua incorporação efetiva no domínio

Os núvens de guerreiros apocalípticos, montados em corcéis curtos, leves e ágeis, crinas ao vento, ventas aflantes, que, em tropel, investiam contra todos e contra tudo, até que um dia outras mãos europeias, piques e lanças em riste, lhes fizeram frente, os obrigaram a estacar ou, acossando-os, a recuar e confinar-se nos primitivos lugares de onde vieram, lá, aléms extensos e fulvos desertos entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico, terras ardentes e áridas, que ninguém queria.

[illegible]

Penfenei e palácios marroquinos com
tectos calados sob céu azuis, claros azu-
rejos, frescura de água cantante em taças
de mármore entre verduras de relva pe-
luda; avistei, distante, reclusos harems
de mulheres em túnicas cor-de-rosa sob
a guarda de eunucos adiposos.

O comprido e ancho salão tinha as pa-
des cobertas de dezenas de relógios,
diversos nos formatos e nos timbres, que,
desacertados, davam constantemente de-
sacertas horas; e a um canto, a larga
ama, ricamente aparelhada e dosselada,
esperava o hóspede, com o nome emvernado. Em
frente ao salão, um enorme mar-
mó de diáspiro, coxins, tapetes, de
péda bordada e de couro lavrado, sentie-
me no chão, de pernas cruzadas sobre

macios e berrantes tapetes de Marraqueque; e, após cerimonial que tinha algo de litúrgico na maneira de acender a lâmpada de álcool sobre a poligonal mesinha de embutido, na de ferver a água na chaleira de cobre, na de partir e dosear o pão de açúcar em cone, na de servir de alto com a chaleira de prata em punho — tomel doado ora chã oriental, onde se misturaram cheirosas hortelãs mouriscas, em que havia o que fosse do perfume do âmbar da Sier.

Nas praças, nas ruas, nos restaurantes, nos bofequins, pus-me a considerar nestes dias, a morte, de certos homens, de certos arborezes, de certos bichos, de certas habuchas amarelas, modeladas feições, pelo moreno, barba negra e negros olhos grossos, búmidos, de olhos de fogo, de dentes de ferro, de dentes herileiros que se esqueçeram dos nomes dos avós, perderam os pergamínhos dos séculos, belicócos, defendiam os seus direitos com a arma maior, a língua, a palavra, a palavra na poesia, na arte, nas ciências, na filosofia e na gramática. Que distinguia estes homens, que os tornava diferentes, um vencido resignado que se contenta com a liberdade do seu bairro e das suas terras interiores onde, primitivo, regressa ao seu mundo, ao seu mundo, ao seu mundo, simplesmente se absorve na simples verdade religiosa do Alcorão.

Presença, na passividade de um povo
lazo pela raça indolente, pelo clima
esquálido, pelo domínio da conquista ou
pela essência do protectorado politico, e
que é o marasmo das gentes submissas, e
das doutrinas pregadas por um Profeta
que, junto ás leis irreduzíveis dos factos
pre-estabelecidos, ás da resignação religiosa
ao fatalismo — á força do Destino —, uma
vez que tudo o que é, é porque tem de ser,
visto que a trajectória da vida dos indi-
viduos e das nações está, antecipada-
mente, traçada no augusto e tremendo li-
vro do Eterno! E daqui a constitucional
atitude dos braços cuidados dos que con-
stitucionalmente são almas caldas!

Depois de examinar por fora esta raça morena e paciente, as minhas pupilas passaram a perscrutá-la por dentro. Se Goethe disse que o povo grego foi aquêle que sonhou o mais belo sonho, do árabe poderá dizer-se que nenhum como êle se

bambu mau mais deliciosamente no goro dos
cantos de mulheres, viôlo, narguil, perfumes,
que saboreou a fantasia de criar e en-
volver as «Mil e uma noites», a mesma do
espírito simétrico e aparentemente difu-
so que se tornou o espírito da noite, que
engenhoso os «Mil e um» desenhos de ric-
tas e laços, embreadhos de ideias e sin-
dolos, nos estiques pidos e dorados
dos tapetes de Arábia, e os arabescos
no tecido dos tapetes de las variegadas.
Nos ornatos dos cofres de marfim, no
abóbado das portas de madeira escada-
das, no mesmo espírito imaginativo,
o mesmo tempo mudo e colecionador que
se deliciava a formular aforismos, a arre-
dores de frases e palavras, a compor sen-
tenças e conceitos, a colher tradições
religiosas e históricas, novelas, ane-
dotas, tudo lançando e entrelaçando voluptuo-

Uns viviam no luxo excessivo, outros na excessiva miséria, mas todos eram igualmente ricos em misturar a sensualidade com o sonho, a fantasia com a ternura; estes poetas, aqueles estudando e alguns filosofando a filosofia já criada, de que aceitavam as teorias explicativas do Universo, ora como tradicionalistas ortodoxos, ora como teólogos, aliás suspeitos de ceticismo, onde um Aben-Hazán é o antecessor de Averróis que, repleto de neo-platonismo e aristotelismo, precede São Tomaz.

patia lusa ou um povo que amou as viagens e as aventuras, e aquele comum gosto do devaneio, foram o fundo do meu desejo de viajar retrospectivamente em terras da mourama; e a firmeza deste propósito estruturou-me a resistência à vulgaridade que, daí a pouco, eu toparia na expressão vulgar, na expressão vulgar da vida de hoje, nas cidades de Cardeiro e Granada, que meus pés iam pisar.

Assim resolvido, apenas me interessaria a vida dos tempos lúis ressuscitada pela minha visão do Ausente, que, sobre os tempos de ontem aos tempos de hoje, lê na paisagem moderna a paisagem antiga, e, destarte, ergue, anima e dá colorido ao Esquecimento,

★

Foi nesta disposição de espirito que deixei as terras altas do Magrebe, meti ao mar e cheguei à Ceuta das sete colinas brancas sobranceiras às duas encançadas baías azues, de um lado e outro, no

[illegible]

Depois, meti pela antiga Bética que os legionários romanos calcaram, os sarracenos cultivaram e os herberes conquistaram — paisagens adustas de pleiteiras bravas, que me trouxeram à memória a agitada vida política daqueles principismouros, que as habitaram, rivais permanentes sempre em luta uns com outros, enquanto, nos seus remansos, onde degavam os perfumes dos laranjais andaluzes, curiosos pensadores liam os filósofos gregos; sábios estudavam os astros; juristas perlo manuseavam o direito romano ou iscológico; e os clérigos, em nome do amor, o nabo, as veigas, extensas, húmida das vendras e a flor, est-chirva e a

E foi em tal estado de alma que, numa noite cálida de Abril, cheguei à Córdova da mesquita de jaspe, porfiro e mármore, onde, na estação sombria, a possante máquina do «rápido» estacou encarroada suada, esfalfada, como se, a deitar os bofes pela boca fora, ela tivesse vindo rodando desde os confins dos desertos da

(Primeiro capítulo do livro inédito *Graciosa e Córdova*).

*Irmãs gémeas, Brígida e Maura,
eram do pais da Escócia, filhas do Rei...*

*Suas infâncias foram cheias de milagres e prodígios,
de olhos abertos para o vitral do céu,
brincando na terra a sua graça bucólica
de pastorinhas do Paraíso...*

*Grandes da Escócia começaram a fazer-lhes
galante corte de sorrisos e de falas brandas,
e, receosas, fugiram para as terras do Sol,
levando nas pupilas azues
a saudade dos prados verdes e húmidos
e a bênção das árvores debruçadas sobre a paisagem...*

*Seguia-as seu irmão,
Passaram por França, andaram por Roma e Jerusalém.
Seus olhos leram a peregrinação das paisagens distantes.*

Um dia regressaram às Gálias
e perdidas num caminho, bárbaros as encontraram
e mutilaram seus corpos alvos de princesas góticas
e mataram-nas
e anjos do céu vieram e levaram-nas
na concha rósea das mãos...

*Irmãs gêmeas, Brígida e Maura,
eram do país da Escócia, filhas do Rei...*

Da *Alegria do Céu* — Poemas da Santidade

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA



PorterX

Profecias fatídicas de um árabe

PorterX



movimento de renovação literária dos últimos vinte anos, servido por um admirável espírito crítico e voluntariamente exclamando numa carada de feroz modernista que lhe ludena o abandono de todos os preceitos que a sua inteligência logicamente podia conquistar, grm, ali no café tristonho, a volúpia do isolamento. E quando, de novo em novo, um amigo o procura naquela espécie de círculo, onde ele sobrevive, um alívio de alegria logo se desenha no seu rosto negro e, para se vingar dos largos silêncios de antes, conversa, discute, inventa, recita poemas inéditos, conta novidades estranhas que a sua imaginação constrói e que um pouco de pinguia intelectual o induz a escrever.

A EVOCAÇÃO DE UM MISTERIOSO PROFETA

Fernando Pessoa preocupava-se demais com os problemas do Alfeu. O



esculturas, o espartilho, a transcendente tonalidade, o laborioso complicado da astrologia, a leitura do destino de cada um através do horoscopo, são para ele coisas familiares. Na verdade, só em ocasiões de excepcional boa disposição fica comete a impudência de sofrer e de disar

Abd-el-Ram, conselheiro de Abd-el-Krim, o homem que previu o terramoto de Messina, faz previsões sobre o mundo, em geral, e sobre o nosso país, em especial — O futuro grande terramoto de Lisboa — O Tejo modificará o seu curso — Um grande vulcão em Sintra — A queda da ponte de D. Luís — Desgraça sobre desgraça — Um dilúvio universal de fogo

Um decano de Fernando Pessoa tiram acintadas de caridade e eu, que estava escutando a palestra do estrangeiro, não interessei sempre crescente, não pude resistir a tempo um gesto de impaciência. Vi-se que Ernest Herman tinha qualquer coisa de fatídico na sua expressão e que, por um esquisito milagre de sobreposição, o seu rosto claro, os seus cabelos loiros e as suas lunetas fumadas, tinham sido repetidamente substituídos pelo rosto do árabe que ele evocava: lúmen, muitas frentes, olhar duro que penetrava no fundo das coisas modernas como o bisturi dum médico nas carnes de um doente. A voz de Ernest Herman tornouse crua, profunda, e as suas palavras, mais espaciais e lentas, pareciam dilatar por um momento.

— Abd-el-Ram — continuou o alentejo — evocava nessa reportagem o terramoto que em 1755 atingiu a cidade de Lisboa. E dizia: «Visitem para a grande capital portuguesa uma nova desgraça semelhante àquela que a feriu no tempo do Marquês de Pombal, dentro de um período de nove anos e mais nove vezes mais. Nessa época, felicemente, ainda afastada, Lisboa derramou de novo; e, mas, sete colinas ficaram reduzidas a um vastalho subterrâneo, perdendo-se em Tejo, cujo curso mudará, tomando uma forma mais sinuosa e abrangendo uma grande língua de água a romper sobre a cidade baixa. Mas para a luz, entre língua de água galgará sobre a margem esquerda do rio, vindo a juntar-se às águas do mar a duas leguas ao sul da sua foz actual. — Ora, esta profecia foi feita no ano de 1620 e, pelas contas de Abd-el-Ram — nove anos e mais nove vezes mais — virá a ter a sua realização em 1920.

— Então dormi descaído — disse, descorrendo pela primeira vez os lábios depois que chegara ao café.

O alentejo parou. Fernando Pessoa conservou um ar sério e enigmático que lhe por vezes custava ter quando se fala de coisas africanas. Aproximando aquela volta para mandarmos servir os clássicos

café. Mal servíamos os primeiros goles logo o alentejo se lançou na maré alta das previsões fatídicas do tal árabe misterioso.

O DESTINO DA PONTE DE D. LUÍS

— Mas porque motivo — perguntei eu — esse árabe se interessa tanto por coisas de Portugal?

— Porque — decidida Ernest — alguma das suas fotografias ficou aninhada de uma parte de Algérie em séculos idos, e ainda seu pai e seu avô mantiveram intas relações com aquela província portuguesa, visitando-a por várias vezes. Ele próprio esteve em Portugal por diversas ocasiões e conheceu a nossa história como talvez poucos portugueses a conheçam. Não foi essa apenas a profecia fatídica que ele fez acerca de Portugal. Recordo-me perfeitamente do que ele disse, por exemplo, acerca da ponte de D. Luís, na ex-



tudo o que nela se encontra sobre o momento. Só a providência de homens atidos, servindo-se dos recursos da sabedoria que o Alto Destino colocara ao seu alcance, poderá evitar tal grande desgraça. Acredito mais na repugnância individual da fatalidade do que na produção dos homens.

— E' estúpida essa profecia! — exclamou Fernando Pessoa.

— Repare, não — disse o alentejo — que tanto esta profecia como a do terramoto estão em harmonia perfeita com as mais modernas investigações científicas. A ponte, que foi construída sob a direcção do célebre engenheiro francês Eiffel, tem uma garantia de duração que não vai além de milhas anos, a não ser que se revista todo aquele arcabúrgio metálico de cimento armado e se lhe façam algumas pequenas reparações, que lhe permitam sustentar-se de pé durante tempos infinitos. Quanto ao terramoto, como está sabido, é tudo quanto lá de mais provável, porque Lisboa fica muito próxima de uma grande fenda descoberta pelas sísmas, que percorre a terra em linha sinuosa, abrangendo parte da Atlântida, das Repúblicas Sul-Americanas, galgando a terra do Pacific até ao Japão e regressando pelo Oriente através da China, parte da Rússia e dos Balcãs até à Itália.

— Então calculando a que — Abd-el-Ram fez referir — há de suceder também bem perto de nós. De lá se sua linguagem típica de profeta: «A coisa típica da velha Olisipo (Lisboa na cidade de Ulisses) um novo Venetia surgirá, das perdas de nove anos após esta profecia ser lançada nos quatro ventos do Destino. No alto de Sintra o fogo que inundará das encostas da terra atingirá grande altura, servindo de alvará à navegação entre longínquas mares que hoje cobrem a lezíria Atlântida.

— Dos períodos de nove anos sobre a época da profecia — disse Fernando Pessoa — a sua ponte mais importante com

Fig. 17.2. BNP/E3, 135C-8 and 9
Reporter X – Semanário das grandes reportagens, 4th of April of 1931, pp. 8 and 9

reporterX

Os "ardinas" ... por dentro e através do mundo Profecias fatídicas de um árabe

(Continuação da pag. 11)

O «ardina» parisiense usa da viveza característica da raça, para aumentar o seu comércio. Por exemplo. Como se sabe, as horas de saída dos jornais coincidem com as das entradas ou saídas do trabalho, do almoço ou do jantar, e por isso mesmo as bichas nos *guichets* do *Metro* são intermináveis. Perdem-se 10, 15, 20 minutos para se comprar bilhete. Os vendedores de gazetões fixos nas estações do *Metro* compram os *tickets* em grande quantidade e estacionam à entrada das portas. Os apressados podem comprar-lhes os bilhetes, sem aumento de preço, mas a condição latente desse favor é comprar-lhes também um jornal. E dessa forma vendem 10, 20, 30 vezes mais a sua mercadoria...

Tage Zeitung... Tempo... Berlim! Os jornais alemães da manhã... saem às 11 horas. É esta, pelo menos, a edição mais procurada. A esta hora estacam às esquinas das principais ruas de todos os bairros da capital alemã grandes *casinos*, logo cercados pelos vendedores. Mas os alemães são práticos, metódicos, calmos. Não correm. Vestem bem... Alguns usam uniforme. Pegam num exemplar da gazeta que vendem e fazem com ele uma espécie de chapéu, atado com um cordel à cabeça, de forma que, sobre a testa, se leia, bem claro, o cabeçalho. Os vendedores alemães não têm anecdotes! Seria anti-prussiano! São uns comerciantes como quaisquer outros...

Dos vendedores dos Estados Unidos conheço apenas uma história — a história de Mark Brenette, fundador da *Chicago Tribune* e, quando morreu, proprietário dos 112 maiores diários dos Estados Unidos. Brenette começou como vendedor de jornais. Aos 10 anos entrou como «ardina» da «*Chicago Times*», que começara então e que tinha que lutar contra um adversário poderoso, «*The Star*». «*The Star*» tirava 2 milhões e «*Chicago Times*» não chegava a 100.000. O garoto apaixonou-se pela luta dos 2 diários e acabou por chamar a atenção do seu director. Este fêz-lhe avisado de que na área de Brenette, «*Chicago Times*» multiplicava a diário os compradores enquanto que «*The Star*» os perdia. «É muito simples — explicou Brenette. — Eu ando com um pausinho terminado com um gancho, da minha invenção. Quando chego à porta dos leitores de «*The Star*», retiro, graças ao meu pai, o exemplar que lá deixaram, e ponho a substituir a nossa gazeta. O freguês que é assinante do outro jornal vendo que não o recebe e habituando-se à leitura do nosso acaba por desistir de «*The Star*» e por assinar o nosso». Como prémio do seu *truc* o director empregou-o nos escritórios do diário onde ele trepou até chefe de redacção, lugar que abandonou para fundar «*Chicago Tribune*». Eis uma lição para os nossos «ardinas»: o maior e o mais rico jornalista da América — começou, como eles, a vender jornais...

Os mais curiosos de todos, graças à sua organização, aos seus processos e à vida que levam, são os de Londres. O vendedor de jornais da grande capital não é um garoto, um pelintra: é um comerciante que mantém estreitas relações com as direcções das gazetas. O londrino não assina jornais: tem o seu vendedor. Cada vendedor tem a sua clientela. E as empresas, que sabem disso, entendem-se com ele para todos os detalhes do seu negócio. Por exemplo: raro é o jornal de Londres que não ofereça permanentes vantagens aos seus leitores. A concorrência é grande, e chega-se a uma luta feroz. *Daily Mail* oferece apólices de seguros; o *Daily Mirror* distribui canetas; outro rifá automóveis, outros, ainda, uma viagem ou um palácio. Quem é o intermediário entre os jornais e o leitor? O «ardina». Este é que conhece os fregueses de todos os dias. Se o freguês lhe compra o mesmo jornal 10, 20, 30 dias segui-

dos, conforme o estabelecido — ao final do prazo dá-lhe uma senha com o número para a lotaria — senhas essas que a empresa lhe fornece em quantidade, absolutamente confiada na sua honradez e inteligência comerciais.

Os «ardinas» lisboetas não serão tão elegantes como os alemães nem tão ricos como os ingleses — mas são dos mais trabalhadores e inteligentes de todos. Garotos de 5 e 6 anos que se esforçam e lutam pela vida como homens feitos! O que eles correm por essas ruas, as distâncias que andam numa vertigem, as escadas que trepam! E que percentagem de tuberculosos! Mas os que têm arcabouço para essa batalha — resistem, robustecem e triunfam; os outros — ficam pelo caminho e são muitas dezenas todos os anos!

Assistir, aos sábados, à venda do *Reporter X* é um espectáculo curioso e por vezes comovedor. Uma semana surgiu um «ardina» novo. Vendeu os bolsos: tinha o suficiente para 3 exemplares. Pouco depois, reapareceu a pedir-lhes 10, e depois 15, 20... A última vez que entrou na casa da venda — perto das 8 horas da noite — comprou 200, e já levava 300... Outro exemplo curioso é o de um minúsculo «ardina», tão pequeno, que mal se via... Seis anos, se tanto, mas seis anos enfezados. Uma volta de ave que não sabe cantar... Muito tímido... estendeu-nos a mãozinha com 3 tostões. Era tudo quanto tinha e pedia para que lhe fiassemos o resto... para um exemplar do *Reporter X*... O chefe da venda sorriu-se e em vez de um abriu-lhe crédito... de cinco. «Nunca mais o vêem, profetizou um novato nessas coisas». E errou. E gente honrada, os «ardinas». Quando, entre eles, surge um novato suspeito, vigiam-no e expulsam-no, à menor falcatrua. Honrados, vivos e inteligentes. Quantos ditos de espírito! Há anos, estávamos, o diplomata ilustre que é Veiga Simões, o grande caricaturista Jorge Barradas e eu, abançados a uma mesa do terraço do «Martinho», quando o «Martinho» tinha terraço. Veiga Simões mostrava-nos uma série de «fotos» de uma *Kodak* de amor; e por detrás de nós, um «ardina», de mãos nos bolsos, sobraçando jornais, apregoando-os, seguira com curiosidade a nossa conversa e ia vendo as «fotos» que passavam pelas nossas mãos, e súbito, entre vários retratos surgiu o do próprio Veiga Simões, enroscado com a farda diplomática, debruada a oiro, o espadim, e o chapéu tracejado de arminho... O «ardina» arregala os olhos negros, compara, pasmado, a «foto» do retratado, e afastando-se, crispa o rosto e exclama, sinceramente enojado:

— *Al que o garço é ministro!*
Outro detalhe magnífico da intuição agudíssima dos «ardinas» é o da própria compra dos jornais. Alguns nem lêr sabem. Chegam à casa da venda. Pedem um exemplar, dos primeiros que saem da máquina, abrem-no (muitas vezes de cabeçalho para baixo...) e envolvendo-o num só olhar, ordenam, sem hesitação: «Hoje quero cem exemplares mais...» ou então: «Hoje abate-me quarenta exemplares». E é infalível: Se eles abatem — é porque o jornal tem menos interesse e vende-se menos; se eles aumentam... é porque vem «notícia» sensacional e vai haver boa venda... Como o adivinham? Como o sentem — se nem sequer sabem ler — aqueles que não o sabem? Mistério — ou antes: espírito...

Os «ardinas» lisboetas possuem já a sua associação de classe, que é das mais inteligentemente dirigidas e das mais respeitadas no meio operário. O «Reporter X», dedicando-lhes hoje este artigo, presta-lhes não só uma homenagem justa como lhes agradece o muito que ao seu entusiasmo e ao seu esforço deve o nosso triunfo invulgar.

R. X.

(Continuação da pag. 9)

soa — vêm a recair em 1990, ou seja precisamente na altura do futuro terramoto de Lisboa. É natural, portanto, que a erupção de um vulcão em Sintra seja produto da mesma revolução cósmica que dará origem ao terramoto.

— Mas outras previsões, embora de menor vulto, fez Abd-el-Ram sobre Portugal — prosseguiu o estrangeiro. — Algumas delas são bem curiosas. Uma prevê para dentro de quarenta anos a derrocada do túnel do Rossio, outra a queda da estátua de D. Pedro IV, outra ainda, o afundamento, antes do próximo terramoto, de uma rua da Baixa que assenta sobre a velha cidade romana; outra prevê, para época não muito distante, uma furiosa invasão do Atlântico por alturas da Povoia do Varzim, e ainda outra, que me lembre, é a queda do elevador de Santa Justa.

AS GRANDES ALTERAÇÕES CÓS-MICAS NO GLOBO TERRESTRE

— Agora — disse o alemão — para ficarem com uma melhor noção da enorme ciência de previsão desse árabe estudando, vou evocar alguns dos grandes cataclismos mundiais que ele prevê para uma época mais longínqua que se perde para lá do horizonte nublado de todas as profecias: «Um novo dilúvio de fogo, e não de água, cobrirá a terra de lés a lés. O Mediterrâneo transformar-se-á num lago fechado rodeado de terra por todos os lados. As ilhas do Atlântico que la-deiam parte da Europa e da África submergirão como por encanto; a velha Albion irá repousar no fundo das águas; toda a parte leste do continente africano desaparecerá, formando-se um novo continente com uma larga faixa de terra constituída pelo norte de África ligado ao sul de Portugal, continente que se prolongará através do Oceano Atlântico, ao centro do qual ressuscitará uma grande parte da Atlântida. No Oriente, as ilhas do Japão serão devoradas pelas águas, o Mar Vermelho deixará de existir e, em seu lugar, aparecerá um grande deserto que ligará a Arábia e a Índia à costa Oriental da África.

Tive nessa noite um dos pesadelos mais alitivos da minha vida. Sonhei que sob a minha casa um vulcão estalara, arremessando-me a alturas incomensuráveis de onde tornei a cair para acordar e mal-dizer as profecias de Abd-el-Ram, inspirador de Abd-el-Krim e amigo de Ernest Hermann que Fernando Pessoa me apresentara nessa tarde melancólica de inverno.

MARIO DOMINGUES

Fig. 18. BNP/E3, 135C-14

Reporter X – Semanário das grandes reportagens, 4th of April of 1931, p. 14

study. Latin translations were made from Arabic versions of Aristotle, and in this way his doctrines became more widely known to the lecture-rooms of the Catholic world. But their derivation from infidel sources roused a prejudice against them, still further heightened by the circumstance that an Arabian commentator, Averroes, had interpreted the theology of the *Metaphysics* in a pantheistic sense. And on any sincere reading Aristotle denied the soul's immortality which Plato had upheld. Accordingly, all through the twelfth century Platonism still dominated religious thought, and even so late as the early thirteenth century the study of Aristotle was still condemned by the Church.

Nevertheless a great revolution was already in progress. As a result of the capture of Constantinople by the Crusaders in A.D. 1204 the Greek manuscripts of Aristotle's writings were brought to Paris, and at a subsequent period they were translated into Latin under the direction of St. Thomas Aquinas, the ablest of the schoolmen, who so manipulated the Peripatetic philosophy as to convert it from a battering-ram into a buttress of Catholic theology—a position still officially assigned to it at the present day. Aristotelianism, however, did not reign without a rival even in the later Middle Ages. Aquinas was a Dominican; and the jealousy of the competing Franciscan Order found expression in maintaining a certain tradition of Platonism, represented in different ways by Roger Bacon (1214–1294) and by Duns Scotus (1265–1308). In this connection we have to note the extraordinary fertility of the British islands in eminent thinkers during the Middle Ages. Besides the two last mentioned there is Eriugena (“born in Ireland”), John of Salisbury

Fig. 19. CFP 1-174 MFC

Benn, *History of Modern Philosophy* (1912), p. 4

18

The Vision

[Canto V]

Of all to speak at full were vain attempt;
 For my wide theme so urges, that oft-times
 My words fall short of what bechanced. In two
 The six associates part. Another way
 My sage guide leads me, from that air serene,
 Into a climate ever vex'd with storms:
 And to a part I come, where no light shines.

CANTO V

ARGUMENT

Coming into the second circle of Hell, Dante at the entrance beholds Minos the Infernal Judge, by whom he is admonished to beware how he enters those regions. Here he witnesses the punishment of carnal sinners, who are tost about ceaselessly in the dark air by the most furious winds. Amongst these, he meets with Francesca of Rimini, through pity at whose sad tale he falls fainting to the ground.

FROM the first circle I descended thus
 Down to the second, which, a lesser space
 Embracing, so much more of grief contains,
 Provoking bitter moans. There Minos stands,
 Grinning with ghastly feature:¹ he, of all
 Who enter, strict examining the crimes,
 Gives sentence, and dismisses them beneath,
 According as he foldeth him around:
 For when before him comes the ill-fated soul,
 It all confesses; and that judge severe
 Of sins, considering what place in Hell
 Suits the transgression, with his tail so oft
 Himself encircles, as degrees beneath

tury A.D.), the chief founder of the Ptolemaic system of astronomy which held sway until the advent of Copernicus in the sixteenth century. Hippocrates (d. circa 377 B.C.) and Galen (d. 200 A.D.) are the two most famous physicians of antiquity. Avicenna (d. 1037) and Averroës (d. circa 1200) were Arabian physicians and commentators on Aristotle; it was through a Latin translation of the work of Averroës, who was known as the Commentator by excellence, that the philosophy of Aristotle first gained its supremacy in the Middle Ages.

¹ Minos, mythological lawgiver of Crete, the judge of the infernal regions in Virgil's *Aeneid*, is here the symbol of the sinner's own guilty conscience.

Fig. 20. CFP 8-139

Alighieri, *The Vision of Dante Alighieri or Hell, Purgatory and Paradise* (1915), p. 18

Paixões Pessoanas

Onésimo Teotónio Almeida*

MONTEIRO, George (2013). *As Paixões de Pessoa*. Lisboa: Ática [Babel], 339pp.

George Monteiro é um *scholar* especializado em Literatura Americana, com uma vastíssima obra ensaística sobre autores clássicos como Henry James, Nathaniel Hawthorne, Stephen Crane, Emily Dickinson, Ernest Hemingway, Robert Frost, Elizabeth Bishop, Henry Wadsworth Longfellow, entre outros.

Na década de 70 foi responsável pela criação do Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, mais tarde elevado a Departamento, a primeira unidade nos Estados Unidos dedicada a essa área académica. Na qualidade de seu Director, tomou a iniciativa de organizar o primeiro Simpósio Internacional sobre Fernando Pessoa, em 1977. Vem daí o início de uma bipolarização dos seus interesses que levou à sua divisão profissional como Professor Catedrático em dois departamentos na Brown – o de Inglês e o de Estudos Portugueses e Brasileiros. Pessoa passou, desde então, a fazer parte da sua galáxia de interesses, e foram-se multiplicando os artigos de sua autoria sobre a vida e obra do poeta. Para além de traduções, (por exemplo, *Self-Analysis and Thirty Other Poems*, Gávea-Brown, 1981), publicou dezenas de artigos e ensaios em revistas e obras colectivas, tendo vários deles sido recolhidos no volume *The Presence of Pessoa. English, American, and Southern African Literary Responses* (University Press of Kentucky, 1998), com textos sobre Roy Campbell, Thomas Merton, Ferlinghetti, Allen Ginsberg, Joyce Carol Oates, entre vários outros. Seguiu-se-lhe o volume *Fernando Pessoa and Nineteenth-Century Anglo-American Literature* (The University Press of Kentucky, 2000), com estudos sobre a presença na obra de Pessoa de autores anglo-americanos como Wordsworth, Keats, Byron, Robert and Elizabeth Browning, Whitman, Hawthorne and Edgar A. Poe. Antes disso, havia já descoberto no espólio pessoano a tradução portuguesa de *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne, levada a cabo por Pessoa e que Monteiro prefaciou na edição portuguesa (*A Letra Escarlata*. Publicações Dom Quixote, 1988). *A Pessoaana*, de José Blanco, inclui cerca de 70 entradas da sua autoria, o que dá uma ideia da dimensão que a obra de Fernando Pessoa acabou ganhando no universo dos interesses académicos do prestigiado erudito luso-americano.

O presente livro, *As Paixões de Pessoa*, é uma recolha de vários ensaios previamente publicados, em que George Monteiro alarga e aprofunda temas pessoanos do seu interesse particular, com relevo para o estudo da produção

* Brown University.

inglesa do poeta. Com efeito, é esse provavelmente o mais importante contributo do presente livro: a revisitação serena e informada das preocupações e objectivos de Fernando Pessoa relativos à sua escrita em inglês e a sua falhada tentativa de ser considerado um autor de língua inglesa. Fica evidente que Pessoa se sentia integrado no universo literário anglo (maioritariamente inglês), e que pretendia ser reconhecido como dele fazendo parte. George Monteiro vota incondicionalmente pela aprovação desse desejo do poeta: “Embora não restem dúvidas que Pessoa se tornou na figura internacional que é hoje devido à sua escrita em português, deve reconhecer-se também que ele, como Keats e muitos outros poetas de toda a ordem, deve ser consagrado nos anais dos poetas de língua inglesa” (p. 14). Shakespeare e Poe recebem, por isso, atenção privilegiada, dada a importância das suas obras para Pessoa. São vários os capítulos – cinco, precisamente – em que o relacionamento quase obsessivo do poeta de *Mensagem* com a obra desses dois poetas de língua inglesa é meticulosamente estudado. “Meticuloso” é, aliás, um adjetivo que assenta bem às mais de 300 páginas deste volume. George Monteiro é a quintessência do *scholar* que sabe explorar magnificamente as abertas surgidas ao longo dos labirintos das biobibliografias dos escritores e tem um como que instinto natural para se aventurar no encalço de elementos novos e novas interpretações. A abertura do capítulo 7 é bem reveladora dessa atitude de fundo do investigador e, por isso, cito-a: “De início, para este estudo, despertou-me o interesse a identidade de ‘Gil Vaz’ o *nom de plume* do poeta que escreveu o memorial de Pessoa na *Presença* de 1936, mas cuja obra actualmente sobrevive apenas nas páginas dos periódicos de meados dos anos 1920, como *Contemporanea* ou *Athena*. Eu queria pistas além de referências contemporâneas num ou outro ensaio académico, informando ter Gil Vaz em tempos aderido ao grupo dos simpatizantes da causa de um Prémio Nobel para Miguel Torga [...]. Uma vez encetada, porém, a minha investigação sobre Gil Vaz conduziu-me por vários outros caminhos, para mais assuntos interessantes” (p. 237).

Todo este livro parece ter surgido desse modo, a começar pelo capítulo inicial, que descobre conexões e pistas sobre os primeiros anos de vida literária de Pessoa, revisitadas por Monteiro com um olhar sempre imensamente atento e arguto. Essa atitude transparece ao longo de toda a obra, tornando a sua leitura um autêntico deleite mesmo para quem já conhece muito sobre Pessoa, pois o mais certo será chegar ao final do volume descobrindo que afinal não conhecia assim tanto. O prazer da leitura é particularmente ajudado pelo excelente trabalho de tradução realizado por Margarida Vale de Gato.

As Paixões de Pessoa é fruto de uma inesperada paixão por Pessoa, surgida a meio da carreira de quem acabou tornando-se um dos grandes pessoanos dos nossos dias.

Fernando Pessoa, “Poeta e Pensador”

Antonio Cardiello*

PÉREZ LÓPEZ, Pablo Javier (2012). *Poesía, Ontología y Tragedia en Fernando Pessoa*. Morata de Tajuña: Editorial Manuscritos.

O livro, *Poesía, Ontología y Tragedia en Fernando Pessoa*, versão definitiva duma tese doutoral defendida pelo autor, o filósofo Pablo Jávier Pérez López, na Universidade de Valladolid, é o soberbo desfecho de anos de meticolosas pesquisas diárias em torno do espólio de Fernando Pessoa. Uma monografia que contribui para renovar e animar toda uma tradição hermenêutica, particularmente sensível ao que não deixa de ser um ponto nevrálgico da obra do maior escritor português do século XX: a inextricável junção entre o poetizar filosófico e o pensar poético.

Na cauda de Álvaro Ribeiro e do seu lema pioneiro «Fernando Pessoa era poeta e filósofo, ouvia dentro de si as falas do diálogo eterno», de Eduardo Lourenço, José Gil, Mendo de Castro Henriques e Luís de Oliveira e Silva – só para mencionar alguns dos predecessores ilustres recordados na introdução do seu estudo – Pérez López não cai na ilegítima tentação de fazer de Pessoa um filósofo à força. Nem cede, onde muitos já cederam, perante a irrefragável mania de querer extrair uma unidade universal, de procurar uma fantasmática coerência monolítica no meio de uma totalidade fragmentada. Ao invés, visa realçar, através de um percurso em 12 etapas ou capítulos, o rosto trágico e portanto intempestivo, no sentido nietzscheano, da narrativa e da poesia pessoana. Em termos mais concretos, a criatividade ilimitada e não aglutidanora da faculdade imaginativa, cunhando formas verbais para a experiência humana, longe de se opor à razão reflexiva, desconstrutiva e categorizante da filosofia constituiria, em Pessoa, a sua amplificação analógica; a sua aliada em pôr em questão o real e em propor respostas alternativas a interrogações ainda sem solução.

Para suportar a sua tese de base, Pérez López decide exordiar com uma sinopse deveras oportuna sobre a instauração da cisão, na cultura ocidental, entre o logos filosófico e o logos poético, entre ser e não-ser, entre intuição e método, remontante ao advento de Sócrates e Platão. Maria Zambrano, Heidegger, Unamuno e Machado são as vozes mais evocadas, nas secções iniciais do livro, a favor da urgente recuperação do eterno diálogo intrínseco a duas mundividências, outrora indivisas, no Homem. Todas, de alguma maneira, servem de material

* Membro investigador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Colaborador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL).

preparatório à consagração de «intérprete de excepción de la agonía de la Modernidad» que Perez López concede a Pessoa, com explicitação crescente a partir do terceiro capítulo. Da insistência em reconhecer-lhe também o epíteto de "poeta-pensador", de acordo com a definição que o próprio Pessoa dá de si num belíssimo inédito, transcrito no livro junto a outros 23, partem fulgurantes incursões na eclética dimensão filosófica e nos "ismos" mais marcantes do seu *teatro plural*.

Com uma linguagem límpida, paratáctica, de teor quase lírico sem deixar de ser incisiva, alheia às árduas construções sintácticas próprias de certas redundâncias teóricas, Pérez López apresenta-nos um laboratório poético grávido da "necessária" dor de sentir de uma consciência "feita em cacos" por tanto duvidar, por tanto analisar e por tanto «voar outro».

Encoraja-nos a vê-lo como alegoria da essência alucinatória, exuberante, terrível e ficcional dum mundo, o nosso, em que a metafísica se converte em arte e a arte é receptáculo onde o Absoluto e o Mistério ganham forma sensível.

Não se limitando à análise de molde ontológico, constrói pontes e engendra paralelismos com o irracionalismo histórico de Cioran e Schopenhauer, com a vontade de ilusão de Borges e a vontade de mentira de Nietzsche, o interlocutor mais proeminente.

Revela e estabelece instigantes aproximações com a biblioteca particular de Pessoa. Reúne, com completude e rigor filológico, listas de projectos de obras filosóficas e antologias de textos comparativos, num número de anexos superior à dezena.

Enquanto estes aparatos conferem um valor adjunto ao precioso estudo de Pérez López, nas entrelinhas de cada sua página alberga um convite, inclusive para o pessoano mais erudito, o de voltar ao gozo indescritível e arrebatador que se vive ao ler Fernando Pessoa pela primeira vez.

Agradece-se, assim, ao autor de *Poesía, Ontología y Tragedia en Fernando Pessoa*, pela oportunidade de cumprirmos o que Pierre Hadot chamaria de *exercício espiritual*.

*

O mito sebastianista revisitado

Miguel Real*

PESSOA, Fernando (2011). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática [Babel].

Desde os estudos de Yvette Centeno, Joel Serrão e Teixeira da Mota, na década de 1970, que se sabia ser Fernando Pessoa cultor do esoterismo e das mais diversas correntes da metafísica ocultista, numa pesquisa pessoal prolongada ao longo de mais de três dezenas de anos, mistura de uma fortíssima atracção pela realidade histórica hermética e de uma insaciável curiosidade filosófica.

Com a publicação de *Sebastianismo e Quinto Império*, integrado na colecção “Obras de Fernando Pessoa. Nova Série”, coordenada por Jerónimo Pizarro, com edição de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, revela-se ser Pessoa, indubitavelmente, uma das mais altas figuras da filosofia esotérica portuguesa, escrevendo sobre este tema, não de um modo despiciendo ou diletante, como um simples amador, mas de um modo empenhado, quase militante, embora, como tudo em Pessoa, de uma militância discreta, mais teórica que prática ou conspirativa.

Neste sentido, o trabalho dos dois editores e anotadores, Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, revela-se absolutamente vital para a elevação desta vertente cultural de Pessoa ao mesmo estatuto teórico e à mesma dignidade cultural que a sua vertente de poeta modernista de *Orpheu*.

Pessoa não é o grande poeta e, depois, a um nível residual, um pensador ocultista. Não. Pessoa é, também, um grande pensador ocultista, cuja filosofia anima cada verso de *Mensagem*.

Com excepção de Sampaio Bruno, em *Os Cavaleiros do Amor* (1960, ed. póstuma) e em *O Encoberto* (1904), a verdade é que no tempo de Pessoa, de um modo explícito, não existia outro pensador português a assumir o hermetismo e o esoterismo como motores de um pensamento filosófico.

Também aqui, tal como na multiplicação dos eus autorais no modernismo poético, tal como na prosa portuguesa, com a escrita de *O Livro do Desassossego*, tal como no drama estático simbolista *O Marinheiro*, Pessoa evidencia-se como o autor que revoluciona tudo em que toca, isto é, sobre o que escreve.

Neste sentido, o esoterismo não deve ser considerado o irmão menor da obra de Pessoa. Muito pelo contrário, deve ser estatuído como uma vertente tão importante quanto as outras no interior de uma nova configuração do saber cujo vértice apontaria para a criação/construção de uma nova civilização.

* Escritor, ensaísta, professor e colaborador do JL, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

É justamente através desta última visão que os dois introdutores enquadram teoricamente os textos ora compilados (não todos inéditos, como explicam), fazendo remontar o interesse de Pessoa pelo esoterismo à visão messiânica e providencialista de Teixeira de Pascoaes, bem como às ligações do autor com o grupo patriótico d'A *Águia*, revista da "Renascença Portuguesa", cujo centro ideológico se firmava na absolutização do tema da saudade como coração da identidade nacional.

Dito de outro modo, a exploração hermenêutica que se encontra na base do esoterismo de Pessoa não se firma numa mera curiosidade hermético-simbólica, relativamente amadora, como parece ter sido a interpretação cabalística do número em Almada Negreiros, mas, diferentemente, conteria uma forte cunho nacionalista.

O nacionalismo – eis a estrada larga que o jovem Pessoa, regressado da África do Sul, influenciado por Pascoaes, teria trilhado, desembocando directa e indirectamente no esoterismo. Nada de admirar – o caminho fora o mesmo em padre António Vieira: primeiro, um nacionalismo ardente ao longo da década de 1640; segundo, e em consequência, a leitura e interpretação ocultista das *Trovas* de Bandarra, na década seguinte. Neste sentido, como motor ideológico, teria sido o nacionalismo de Pessoa a conduzi-lo à teorização sobre o sebastianismo e o Quinto Império.

Com efeito, sobre a obra de Pessoa, as provas historiográficas revelam inúmeros limites hermenêuticos, como há muito Eduardo Lourenço escreveu em *Pessoa Revisitado* (1973). Produto de um decadentismo civilizacional que na poesia o faz equivaler a Nietzsche na filosofia, influenciado pelo demolidor modernismo francês do século XIX e pelo futurismo italiano, Pessoa cria para si próprio um vazio existencial e ontológico que lhe permite negativizar e anular todos os valores da civilização ocidental, sobretudo o supremo valor, Deus, unidade absoluta do pensamento e acção de dois mil anos de história europeia.

Neste sentido, refundar Portugal teria para Pessoa o mesmo valor que refundar a poesia, refundar a prosa portuguesa e refundar o teatro português. Ou seja, firmado sobre a consciência de um Nada ontológico (Eduardo Lourenço), cada frase registada por Pessoa nos seus papéis teria para si o valor de uma nova civilização em criação. Por isso, anota a data do seu nascimento (1888) como o ano de uma das maiores revoluções em Portugal, que só no futuro seria integralmente compreendido.

Nesta nova fundação de Portugal, o mito da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques na batalha de Ourique encontrar-se-ia esgotado, porque o novo Portugal não seria já católico romano. Neste sentido, seria vital a criação de um novo mito fundador (ou refundador), que estabelecesse o sentido espiritual de Portugal. Pessoa encontra esse novo mito (essa visão colectiva galvanizadora, ou essa criação mítica "artificial", segundo a tese de Onésimo Teotónio Almeida) no cruzamento entre a vitalidade histórica passada do sebastianismo e a atracção de

construção do futuro Quinto Império, fundindo ideal e miticamente passado e futuro.

Nos textos publicados em *Sebastianismo e Quinto Império*, assiste-se ao esforço ingente de Pessoa de prestar consistência histórica à criação deste novo mito, convocando estudos sobre todas as tradições esotéricas da civilização ocidental: a cabala de tradição judaica, o sufismo árabe, as lendas em torno de Nostradamus e de Bandarra, a tradição astrológica, a tradição templária, o politeísmo greco-romano e a tradição mítica europeia em torno d'“O Encoberto”.

Com efeito, na página 271, no final de “Resposta ao Inquérito *Portugal, Vasto Império*”, veicula-se a necessidade de reconstrução do mito nacional sebastianista que congregue Portugal na superação do decadentismo vivido ao longo do final da I República, expressão da decadência maior sofrida por Portugal desde o século XVII.

Se se conjugar esta entrevista com o prefácio ao livro *Quinto Império* de Augusto Ferreira Gomes, encontramos uma súpula dos fundamentos da teoria esotérica de Fernando Pessoa, síntese, finalmente, do conjunto de textos publicados no livro em análise: (a) nova interpretação das *Trovas* de Bandarra, diferente da de Padre António Vieira; (b) definição do estatuto de D. Sebastião na História de Portugal (p. 74); (c) identificação d'“O Encoberto” de Bandarra com D. Sebastião; (d) identificação d'“O Encoberto” (D. Sebastião) como “representante máximo do Quinto Império” (p. 72); (e) identificação entre a assunção nacional do mito de D. Sebastião e o início temporal do Quinto Império (de que a publicação de *Mensagem* deveria constituir momento colectivo iniciático, beneficiando da onda patriótica levantada pela instauração do Estado Novo na primeira metade da década de 1930); e, por último, (f) a identificação do Quinto Império com o império cultural da Língua (pp. 241-253).

Estes seis pontos sintéticos – todos relevados no livro em apreço –, enquadram e fundamentam a proposta pessoana do mito sebastianista como instrumento nacional(ista) de emergência futura do Quinto Império.

Nos intervalos deste enquadramento, emerge o profundo desapego que Pessoa nutre pela Igreja Católica, identificada com o mito afonsino da batalha de Ourique: “Uma nação bestializada pelo catholicismo” (p. 77); “o Quinto Império virá [...] e combaterá o Anti-Christo. Após o Anti-Christo, [combaterá] as forças espirituas, começando pela Igreja Catholica” (p. 101, comentário às profecias de São Malaquias).

Neste sentido, Pessoa propõe que o domínio ideológico e espiritual de Portugal pela Igreja Católica, potência romana, isto é, estrangeira, seja substituído por uma cultura nacional sebastianista, assumindo-se D. Sebastião como o “Christo nacional” (p. 100).

No prefácio ao livro de poemas de Augusto Ferreira Gomes (pp. 273-276), Pessoa declara que “Nós o [Quinto Império] atribuímos a Portugal, para quem o

esperamos”; ressalva, porém, ser este Quinto Império português não o referenciado na Bíblia (separando-se assim da teoria de padre António Vieira, que defendia o quinto imperialismo com origem tradicional no Livro de Daniel: o primeiro império, o da Babilónia; o segundo, o Medo-Persa; o terceiro, o da Grécia; o quarto, o de Roma, e o quinto o Português), mas aquele cujos antecessores tinham sido o Grego, o Romano, a Cristandade e a Europa laica pós-renascentista. Acrescenta Fernando Pessoa: “Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o Inglês, porque terá de ser de outra ordem”.

Conjugando o messianismo tradicional do Quinto Império com o profetismo de Bandarra (seguindo, neste caso, padre António Vieira), Fernando Pessoa analisa a primeira quadra do terceiro corpo das “Profecias” (corpo aparecido tardiamente na parede da capela de São Pedro, em Trancoso, sabendo-se hoje ser de autor anónimo, embora atribuído lendariamente a Bandarra). Pessoa, que tem consciência de a autoria do terceiro corpo da *Trovas* não ser de Bandarra, escreve a este respeito: “... Bandarra é um nome colectivo, pelo qual se designa, não só vidente de Trancoso, mas todos quanto viram, por seu exemplo, à mesma Luz. Este Terceiro Corpo não é, nem poderia ser, do Bandarra de Trancoso. Dizemos, contudo, que é do Bandarra” (p. 274). Eis a quadra em questão:

Em vós que haveis de ser o Quinto
Depois de morto o Segundo,
Minhas profecias fundo
Nestas letras que VOS pinto.

E adianta Pessoa: “A palavra VOS, no quarto verso, tem a variante AQUI em alguns textos”. Isto significa, para o autor, que, na primeira versão, VOS explicita *Vis*, *Otium*, *Scientia*; por sua vez, a palavra AQUI significa *Arma*, *Quies*, *Intellectus*. E conclui:

Temos pois que a Nação Portuguesa percorre, em seu caminho imperial, três tempos: – o primeiro caracteriza-se pela Força (*Vis*) ou as Armas (*Arma*); o segundo, pelo Ócio (*Otium*) ou o Sossego (*Quies*), e o terceiro pela Ciência (*Scientia*) ou a Inteligência (*Intellectus*). E os tempos e os modos estão indicados nos dois primeiros versos da quadra:

Em vós que haveis de ser o Quinto
Depois de morto o Segundo.

No primeiro tempo – a Força ou Armas –, trata-se de el-rei D. Manuel, o Primeiro, que é o *quinto* rei da dinastia de Aviz, e sucede a D. João, o *Segundo*, depois deste morto. Foi então o auge do nosso período de Força ou Armas, isto é, do poder temporal.

No segundo tempo – Ócio ou Sossego –, trata-se de el-rei D. João, o *Quinto*, que sucede a D. Pedro, o *Segundo*, depois de este morto. Foi então o auge do nosso período de esterilidade rica, do nosso repouso do poder – o Ócio ou Sossego da profecia.

No terceiro tempo – Ciência ou Inteligência –, trata-se do *Quinto* Império que sucederá ao

Segundo, que é o de Roma [Roma como capital da Igreja Cristã], depois de este morto.

(pp. 274-275)

Este “Prefácio” e *Mensagem* sintetizam a ideologia providencialista portuguesa das décadas de 1930 e 40 que, retomando a tese saudosista de Teixeira de Pascoaes e o veio providencialista de Sampaio Bruno, contra a teoria do racionalismo positivista de Teófilo Braga, triunfante nas três décadas anteriores, encara com orgulho a história de Portugal, quebrada pelo choque traumático de Alcácer Quibir. Tratava-se, segundo Pessoa, de tornar o Portugal presente digno do seu passado maior, fazê-lo ressurgir ignorando os momentos de vilipêndio, de materialismo grosseiro, isto é, de decadentismo.

Assim, o mito sebastianista realiza, em termos nacionais, uma nova visão da história de Portugal, eminentemente anti-racionalista e anti-modernista, postulando que o atraso português face à Europa se teria devido, não ao afastamento dos nossos pensamentos e hábitos sociais da revolução científica do século XVII, da revolução política democrática do século XVIII e da revolução industrial do século XIX, mas a uma condição divina, providencialista, um “destino” histórico milagroso, conservando Portugal para, no futuro, messianicamente, quando o racionalismo científico se esgotasse civilizacionalmente, se assumir como nova vanguarda, agora cultural (o novo “Império” “de que os sonhos são feitos”; a “nova Índia”) da Europa, evidenciando um outro modo de estar e de ser, de que a Língua seria máxima expressão.